



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

ALMIR PANTOJA RODRIGUES

ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES NAS PÁGINAS DA IMPRENSA
PARAENSE OITOCENTISTA

BELÉM – PARÁ

2019

ALMIR PANTOJA RODRIGUES

ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES NAS PÁGINAS DA IMPRENSA
PARAENSE OITOCENTISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras – Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Coorientadora: Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz.

BELÉM – PARÁ

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R696r Rodrigues, Almir Pantoja Rodrigues
Romances-folhetins portugueses nas páginas da imprensa
paraense oitocentista / Almir Pantoja Rodrigues Rodrigues. — 2019.
200 f. : il. color.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Germana Maria Araújo Sales Sales
Coorientação: Prof.^a Dra. Juliana Maia de Queiroz
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará,
Belém, 2019.

1. Romances-folhetims. 2. Escritores portugueses. 3.
Imprensa paraense. 4. Século XIX. I. Título.

CDD 869.9

ALMIR PANTOJA RODRIGUES

ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES NAS PÁGINAS DA IMPRENSA
PARAENSE OITOCENTISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará,
como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras – Estudos Literários.

Data de avaliação: 26/02/2019.

Conceito: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (orientadora), Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz (coorientadora), Profa. Dra. Simone Cristina Mendonça, UNIFESSPA (membro externo), Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto (membro externo), Profa. Dra. Maria Lucilena Gonzaga Costa (membro interno), Prof. Dr. Thiago Gonçalves Souza (membro interno), Profa. Dra. Patrícia Aparecida Beraldo Ramos (suplente externo), Profa. Dra. Tânia Maria Sarmiento-Pantoja (suplente interno).

AGRADECIMENTOS

A Deus expresso minha gratidão por ter guiado os meus caminhos e me fortalecido durante o período desta trajetória acadêmica.

Às professoras doutoras Germana Sales e Juliana Queiroz, orientadora e coorientadora desta tese, respectivamente, pelas leituras críticas e pelas contribuições para que fossem cumpridas as exigências acadêmicas necessárias para a escrita final do texto. Recebam o meu respeito, gratidão e carinho.

Às professoras doutoras Simone Cristina Mendonça, Maria Lucilena Gonzaga Costa, Benedita Celeste de Moraes Pinto e Thiago Gonçalves Souza por aceitarem o convite para integrar a banca avaliadora desta tese e pelas contribuições para o enriquecimento do estudo.

Ao quadro docente do PPGL/UFPA por me fornecer o arcabouço teórico da pesquisa, a partir das disciplinas ofertadas pelo programa.

À Universidade Federal do Pará (UFPA) pelos 13 anos de formação acadêmica e humana que recebi durante a graduação, especializações, mestrado e doutorado.

Ao Grupo de Estudos em História Literária (GEHIL) pela disponibilidade de informações e dados sobre a relação jornal e literatura no Pará Oitocentista.

A Garibaldi Parente, meu professor de literatura na graduação, por ter auxiliado na emissão de documentos necessários para que eu pudesse participar do processo seletivo do PPGL/doutorado/2014.

À Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), representada pelos professores doutores Heráclito Eugênio Oliveira da Conceição e Raimundo Thiago Lima da Silva, pelo apoio e pelo incentivo recebidos para que eu pudesse concluir meus estudos.

Ao doutor Fábio de Oliveira Júnior, professor da área de Geotecnologia da UFRA/Capitão Poço/PA, pela elaboração dos mapas que compõem a tese.

Aos meus pais, Almir e Davina, pela dedicação incondicional na educação dos filhos. A eles a expressão do meu amor e gratidão.

Aos meus irmãos Alcemir, Alciana, Maria das Graças, Aline, Ana e Daniela que, apesar da distância física, sempre estiveram próximos e afetuosamente presentes.

Às famílias SOUSA e RODRIGUES, representadas pelas professoras Oneide Sousa e Áurea Rodrigues, respectivamente, pelo incentivo e carinho recebidos.

À minha esposa Joelma e aos meus filhos Jean, João e Amanda, que compartilharam comigo os sonhos, a esperança e as adversidades que este estudo trouxe.

“O vínculo fraterno que o romance estabelece entre os seres humanos, obrigando-os a dialogar e os tornando conscientes de seu substrato comum, de fazerem parte de uma mesma linhagem espiritual, transcende as barreiras do tempo. A literatura nos transporta ao passado e nos irmana com todos os que, em tempos antigos, se entusiasmaram e sonharam com esses textos legados a nós e que, agora, também fazem com que nos entusiasmemos e sonhemos. Esse sentimento de pertence à coletividade humana através do tempo e do espaço é o maior êxito da cultura, e nada contribui tanto para renová-lo, uma geração após outra, quanto a literatura.”

(Mario Vargas Llosa, p. 22).

RESUMO

No século XIX houve profundas transformações culturais tanto na Europa quanto no Brasil. Entre essas mudanças, o surgimento do romance-folhetim, gênero publicado nos rodapés dos jornais, propiciou a difusão da leitura literária. Esse acontecimento também ocorreu no Pará, na época do desenvolvimento da borracha, quando a imprensa belenense tinha uma diversidade de jornais circulando. Considerando esse contexto, a tese tem por objetivo identificar os romances-folhetins de autoria portuguesa que circularam nos periódicos paraenses da segunda metade do século XIX e analisar as tramas narrativas, a fim de conhecermos os enredos e as temáticas abordadas, assim como observarmos as formas de representação das personagens que compõem esses romances como reflexos da sociedade. Pretendemos, assim, demonstrar que na imprensa paraense circularam romances-folhetins responsáveis pelo desenvolvimento de uma cultura literária que floresceu em decorrência do processo da imigração portuguesa, refletindo-se no desenvolvimento cultural da Província do Pará. Este estudo justifica-se por cooperar com a identificação dos romances-folhetins de autoria portuguesa que circularam na imprensa paraense, contribuindo para compreender a literatura não somente sob a perspectiva interna, mas também considerando o jornal como suporte. Além disso, traz contribuições a respeito da circulação e recepção dos romances-folhetins portugueses ao recuperar textos e reconhecer autores presentes nas páginas de periódicos paraenses que contribuem com investigações sobre a leitura literária nos Oitocentos. No presente trabalho, portanto, percebemos a circulação de romances-folhetins portugueses em três jornais noticiosos que compõem o *corpus* deste estudo, a saber: o *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), o *Diário de Belém* (1868-1892) e *A Província do Pará* (1876-1890), responsáveis pela divulgação de ideias e textos que circularam na província. Metodologicamente, o estudo consiste em pesquisa bibliográfica e na investigação de fontes documentais disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira e nos acervos da cidade de Belém do Pará. Os resultados mostram que nove romances-folhetins, assinados pelos portugueses Pinheiro Chagas (1842-1895), Luiz Magalhães (1859-1935) e Camilo Castelo Branco (1825-1890), circularam nas páginas dos jornais analisados. A conclusão aponta que a circulação desses romances na imprensa paraense do século XIX é resultado da imigração portuguesa que fortaleceu a relação lítero-cultural entre Brasil e Portugal.

Palavras-chave: Romances-folhetins. Escritores portugueses. Imprensa paraense. Século XIX.

RÉSUMÉ

Au XIX^{ème} siècle, il y a eu des transformations culturelles profondes autant en Europe qu'au Brésil. Parmi ces changements, la naissance du roman-feuilleton, un genre publié au pied de page des journaux, a permis la diffusion de la lecture littéraire. Cet événement a également eu lieu au Pará, à l'époque du développement du caoutchouc, lorsque la presse belenense faisait circuler une diversité de journaux. En considérant ce contexte, la thèse vise à identifier les romans-feuilletons de parité portugaise qui ont circulé dans les périodiques paraenses de la seconde moitié du XIX^{ème} siècle et à analyser les intrigues narratives, afin de nous faire connaître les scénarios et les sujets abordés, ainsi que nous faire observer les formes de représentation des personnages qui composent ces romans en tant que reflet de la société. Nous avons, donc, l'intention de démontrer que dans la presse paraense ont circulé des romans-feuilletons responsables par le développement d'une culture littéraire qui a fleuri grâce au processus d'immigration portugaise, en reflétant dans le développement culturel de la Province du Pará. Cet étude est justifié par coopérer avec l'identification des romans-feuilletons de parité portugaise qui ont circulé dans la presse de paraense, en contribuant à la compréhension de la littérature non seulement d'un point de vue interne, mais aussi en considérant le journal comme un support. En plus, l'étude apporte des contributions concernant la circulation et la réception des romans-feuilletons portugais quand il récupère des textes et reconnaît les auteurs présents dans les pages des périodiques paraenses qui contribuent aux recherches sur la lecture littéraire au XIX^{ème} siècle. Dans le présent travail, nous percevons donc la circulation des romans-feuilletons portugais dans trois journaux de nouvelles qui composent le *corpus* de cet étude, à savoir: le *Diário do Grão-Pará* (1853-1892), le *Diário de Belém* (1868-1892) et *A Província do Pará* (1876-1890), responsable de la divulgation des idées et des textes qui ont circulé dans la province. Méthodologiquement, l'étude consiste en recherche bibliographique et en recherche de sources documentaires disponibles sur le site de l'Hemeroteca Digital Brasileira et dans les collections de la ville de Belém du Pará. Les résultats montrent que neuf romans-feuilletons, signés par les Portugais Pinheiro Chagas (1842-1895), Luiz Magalhães (1859-1935) et Camilo Castelo Branco (1825-1890), ont circulé dans les pages des journaux analysés. La conclusion indique que la diffusion de ces romans dans la presse paraense du XIX^{ème} siècle est le résultat de l'immigration portugaise qui a renforcé la relation littéraire et culturelle entre le Brésil et le Portugal.

Mots-clés: Romans-feuilletons. Écrivains portugais. Presse paraense. XIX^{ème} siècle.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

- Figura 01** – *O Paraense*: primeiro jornal impresso da Província do Grão Pará.
- Figura 02** – Narrativa *O Sorriso* publicada na coluna *Litteratura* d’*O Beija Flor*.
- Figura 03** – Registro da expressão “continuar-se-á” publicada n’*O Beija Flor*.
- Figura 04** – Romance-folhetim *José e Elionora* ou *Os jovens paraenses*, publicado no periódico *O Beija Flor*.
- Figura 05** – Circulação de traduções francesas n’*O Beija Flor*.
- Figura 06** – Coluna literária denominada *Litteratura* nas páginas d’*O Beija Flor*.
- Figura 07** – Jornal *Diario do Comércio*.
- Figura 08** – Coluna literária denominada *Variedades* nas páginas do *Diario do Commercio*.
- Figura 09** – Jornal *O Adejo Litterario*.
- Figura 10** – Romance-folhetim *A Perseguida* no periódico *A América*.
- Figura 11** – Edição especial do periódico *Officina Litteraria* dedicada a Coelho Netto.
- Figura 12** – Romance-folhetim *Magdala* publicado no periódico *Officina Litteraria*.
- Figura 13** – Justificativa da *Officina Litteraria* sobre a não publicação do folhetim.
- Figura 14** – Romance-folhetim *A Enfermeira* publicado no periódico religioso *Apologista Christão Brasileiro*.
- Figura 15** – Romance-folhetim *Menina e Moça* publicado no periódico *O Condor*.
- Figura 16** – Espaço literário denominado *Salão Poético* no periódico *O Condor*.
- Figura 17** – Romance-folhetim *A Impressão* publicado no periódico *A Voz do Caixeiro*.
- Figura 18** – Romance-folhetim *A vingança de Carvaján* publicado no periódico *Diário do Gram-Pará*.
- Figura 19** – Crônica *O Beijo* publicada no periódico *Dário de Belém*.
- Figura 20** – Romance-folhetim *Memórias de um Sargento de Milícias*.
- Figura 21** – Crônica *Em todas as idades da religião* publicada no periódico *Jornal do Pará*.
- Figura 22** – Colunas *Litteratura* e *Variedade* no *Jornal do Pará*.
- Figura 23** – Romance-folhetim *A Filha do Sol* publicado na *Gazeta Official*.
- Figura 24** – *A Província do Pará*.
- Figura 25** – Crônica *Notícias do Céu* publicada no periódico *A Província do Pará*.
- Figura 26** – Anúncio de venda de utensílios e estoque de uma padaria.
- Figura 27** – Anúncio de leilão de duas casas no arraial de Nazaré.
- Figura 28** – Anúncio de venda de um estabelecimento de molhados na Rua do Arsenal.
- Figura 29** – Anúncio de fazendas inglesas no jornal *Diário de Belém*.

- Figura 30** – Anúncios dos produtos importados vindos pelo navio *Kóster*.
- Figura 31** – *Diário do Gram-Pará*.
- Figura 32** – Coluna *Variedades* no *Diário do Gram-Pará*.
- Figura 33** – Romance-folhetim *Coisas Espantosas* no jornal *Diário do Gram-Pará*.
- Figura 34** – Romance-folhetim *A Neta do Arcediago* no jornal *Diário do Gram-Pará*.
- Figura 35** – Romance-folhetim *O Arrependimento* no jornal *Diário do Gram-Pará*.
- Figura 36** – *Diário de Belém*.
- Figura 37** – Romance-folhetim *A mulher imortal* publicado no *Diário de Belém*.
- Figura 38** – Anúncio sobre a circulação do romance-folhetim *Os Brilhantes do Brasileiro* no *Diário de Belém*.
- Figura 39** – Romance-folhetim *Os brilhantes do Brasileiro* publicado no *Diário de Belém*.
- Figura 40** – Romance-folhetim *A segunda mocidade de Henrique IV* publicado no *Diário de Belém*.
- Figura 41** – *A Província do Pará* (segunda época).
- Figura 42** – Romance-folhetim *A Marquesa Ensanguentada* publicado n' *A Província do Pará*.
- Figura 43** – Romance-folhetim *A Corista* publicado n' *A Província do Pará*.
- Figura 44** – Crônica *Os jesuítas d'hoje* publicado n' *A Província do Pará*.
- Figura 45** – Nota do gabinete de leitura sobre circulação de livros.
- Figura 46** – Periódico *A Colonia Portuguesa*.
- Figura 47** – Galeria Lusitana – coluna do jornal *Diario do Commercio*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Jornais paraenses interioranos no período imperial.

Tabela 02 – Romances folhetins de autoria estrangeira.

Tabela 03 – Textos publicados no *Diário do Gram-Pará* entre os anos de 1863 e 1885.

Tabela 04 – Romances-folhetins portugueses publicados no *Diário do Gram-Pará* entre os anos de 1863 e 1885.

Tabela 5 - Distribuição dos capítulos do romance *A Filha do Doutor Negro* nas edições do *Diário do Gram-Pará*.

Tabela 06 – Romances-folhetins estrangeiros, nacionais e locais publicados nas páginas d'*A Província do Pará*.

Tabela 07 – Circulação de traduções, produções nacionais e locais n'*A Província do Pará*.

Tabela 08 – Presença da escrita feminina portuguesa n' *A Província do Pará*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – A IMPRENSA PARAENSE COMO SUPORTE LITERÁRIO NO SÉCULO XIX.....	20
1.1 Entre embates e ideologias: a imprensa no Pará oitocentista.....	20
1.2 Os jornais paraenses como suporte literário na segunda metade do século XIX.....	31
CAPÍTULO 2 – A CULTURA DO ROMANCE-FOLHETIM EM BELÉM DO PARÁ.....	69
2.1 A construção de uma Belém culturalmente europeia.....	69
2.2 A presença de romances-folhetins portugueses em jornais paraenses de longa duração.....	81
2.2.1 A cultura do romance-folhetim no <i>Diário do Gram-Pará</i>	82
2.2.2 A cultura do romance-folhetim nas páginas do <i>Diário de Belém</i>	93
2.2.3 A cultura do romance-folhetim nas páginas d’ <i>A Província do Pará</i>	99
2.3 As pesquisas sobre o romance-folhetim no Brasil: uma apresentação panorâmica.....	107
CAPÍTULO 3 – ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES NA IMPRENSA PARAENSE OITOCENTISTA.....	121
3.1 A contribuição letrada portuguesa como reflexo de imigração nas páginas da imprensa paraense oitocentista.....	121
3.2 Entre o entretenimento e a seriedade: os romances-folhetins portugueses na seção <i>Folhetim</i> do <i>Diário do Gram-Pará</i> , <i>Diário de Belém</i> e <i>A Província do Pará</i>	130
CONCLUSÃO.....	164
REFERÊNCIAS.....	168
APÊNDICE I JORNAIS QUE SURGIRAM NA DÉCADA DE 1870.....	173
APÊNDICE II JORNAIS QUE SURGIRAM NA DÉCADA DE 1870.....	174
APÊNDICE III JORNAIS QUE SURGIRAM NA DÉCADA DE 1890.....	175
APÊNDICE IV CATALOGAÇÃO DE TEXTOS NAS DÉCADAS DE 1860, 1870 E 1880 NO <i>DIÁRIO DE BELÉM</i>.....	176

APÊNDICE V ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES PUBLICADOS NOS JORNAIS <i>DIÁRIO DO GRAM-PARÁ</i>, <i>DIÁRIO DE BELÉM</i> E A <i>PROVÍNCIA DO PARÁ</i>.....	182
APÊNDICE VI NOTAS SOBRE OS JORNAIS PARAENSES OITOCENTISTAS.....	183

INTRODUÇÃO

O romance-folhetim, surgido no século XIX, estimulou a relação entre o jornal e a literatura e foi responsável pela difusão da leitura literária nas páginas dos periódicos, fato observado entre o público leitor paraense que, a partir de 1870, na esteira dos avanços culturais decorrentes do ciclo da borracha, passou a ter à disposição um leque variado de jornais editados pela imprensa paraense, assim como atestam pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em História Literária (GEHIL).¹

A circulação do gênero nas páginas dos periódicos paraenses popularizou-se e possibilitou maior acesso a textos literários, porque a aquisição do jornal exigia dispêndio menor em relação à compra de livros. Estes eram em boa parte publicados na Europa.

Como forma de divulgação, os jornais criaram colunas específicas para a publicação das obras literárias que estimulavam a população a ler, fortalecendo, conseqüentemente, a relação entre jornal e literatura, segundo o paradigma francês. O gênero foi responsável por inserir as narrativas no cotidiano do leitor, difundir as obras literárias e contribuir para a divulgação lítero-cultural de outros países e também da produção regional. A cultura literária portuguesa teve, assim, significativa representatividade nas páginas dos jornais paraenses ao publicar prosa de ficção, como os romances-folhetins de autoria portuguesa.

Considerando esse contexto, a presente tese tem por objetivo identificar os romances-folhetins de autoria portuguesa que circularam nos periódicos paraenses da segunda metade do século XIX e analisar as tramas narrativas, a fim de conhecermos os enredos, as temáticas abordadas e observar as representações das personagens que os compõem como reflexos da sociedade. Pretendemos, assim, demonstrar que na imprensa paraense circularam textos responsáveis pelo desenvolvimento de uma cultura literária que floresceu em decorrência do

¹ Entre essas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em História Literária (GEHIL), mencionamos, por exemplo, o estudo de Raimunda Iolanda de Oliveira, intitulado *Manifestações literárias femininas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX* (2006), que tem como objetivo principal recuperar a memória literária da produção em romance-folhetim, de autoria feminina, publicada no jornal *Folha do Norte*, na última década do século XIX, na cidade de Belém; a dissertação de Maria Lucilena Gonzaga Costa, denominada *Gazeta Oficial: Periódico Paraense Noticioso e Literário do Século XIX* (2008), cuja proposta era, além de estudar a imprensa como um espaço formador de leitores, fazer uma análise de textos relacionados ao literário no Oitocentos, bem como analisar algumas narrativas ficcionais e críticas literárias publicadas na *Gazeta Oficial* (1858 a 1866); o trabalho de Neila Mendonça Garcia Lima, intitulado *As narrativas camilianas no espaço folhetim do Diário do Grão Pará na década de 1860* (2014), que traz importante contribuição sobre a circulação de romances-folhetins na imprensa paraense e estreita os estudos acerca da relação entre literaturas brasileiras e portuguesas. Além dessas dissertações, é digno mencionar o levantamento de dados da pesquisadora Sara Vasconcelos Ferreira a respeito de *A Província do Pará*. Trata-se de estudos que nos auxiliaram no arcabouço teórico desta tese.

processo da imigração portuguesa, refletindo-se no desenvolvimento cultural da Província do Pará.

A partir de fontes primárias e estudos que compõem as pesquisas de Germana Sales sobre a prosa de ficção no Pará, podemos perceber que a produção escrita de autores portugueses, ao ser lida pelos patrícios que habitavam na Província do Pará na segunda metade do século XIX, aproximava o leitor luso da cultura letrada de sua terra natal e comprova que o jornal exercia uma função mais do que noticiosa ao alcançar os leitores de suas leituras preferidas. Além disso, a publicação dos romances-folhetins portugueses, com seus enredos e personagens, oferecia ao leitor narrativas, cujos temas aparentemente não iam além do deleite e do encantamento, mas que, no entanto, refletiam sobre o mundo cotidiano e sobre as questões morais, sociais e aristocráticas.

O trabalho com um material como os jornais e a literatura que circularam na segunda metade do século XIX permite, portanto, observar que Belém do Pará foi um dos grandes centros culturais desse período, ao lado de Recife, Rio de Janeiro, Fortaleza e São Luís, e cumpriu seu papel em relação ao desenvolvimento cultural, ao incentivo à leitura e à formação de um público leitor.

Este estudo apoia-se, assim, em três justificativas: primeiro, coopera com a identificação dos romances-folhetins de autoria portuguesa que circularam na imprensa paraense Oitocentista e que contribuíram com a divulgação da cultura literária na região; segundo, ratifica o discurso dos estudiosos dessa corrente, que investiga a relação entre jornal e literatura e defende que o texto literário não pode ser visto somente sob a perspectiva interna, mas que precisa considerar o jornal como suporte; terceiro, traz contribuições a respeito da circulação e recepção da prosa de ficção nas páginas dos jornais, uma vez que estudos dessa natureza tornam-se importantes na medida em que participam das investigações de pesquisadores que trabalham com a recuperação de textos e autores importantes ao incentivo à leitura literária no Oitocentos.

Considerando a justificativa desta proposta de pesquisa, os pressupostos teóricos que lhe dão sustentação foram assim organizados. Para fundamentar o primeiro capítulo, que tece considerações a respeito da imprensa paraense no século XIX, recorreremos aos estudos de Antonio Ladislau Baena (1838), Manoel Barata (1973) e Carlos Rocque (2001), que são leituras subsidiárias para a compreensão da circulação da imprensa na segunda metade do século XIX na Belém Oitocentista, desde o aparecimento d'*O Paraense*, primeiro jornal publicado no Pará, até a expansão e consolidação desse meio de comunicação impressa, a partir do auge do ciclo da borracha, na segunda metade do século XIX. À medida que

historiam os fatos paraenses, é inegável que a descrição que esses autores fazem dos jornais da região é determinante para a compreensão dos acontecimentos políticos e do fenômeno de popularização das colunas literárias.

Ainda no plano historiográfico, foi utilizado o trabalho da professora Maria de Nazaré Sarges, que descreve um período da história do Pará influenciado pela cultura europeia, fato que estabelece uma relação direta com esta pesquisa, cujo propósito é demonstrar a relação entre a moda *folhetim*, cultivada pelos jornais franceses, e a cultura paraense Oitocentista.

José Ramos Tinhorão (1994), ao tratar da gênese do romance-folhetim; Marlyse Meyer (1996), ao mergulhar na ascensão do romance-folhetim; Antonio Hohlfeldt (1998), ao descrever novas perspectivas de leitura existentes no Rio Grande do Sul; Yasmin Nadaf (2002), ao registrar a divulgação do gênero folhetim na imprensa do Mato Grosso, e Tânia Serra (1997), ao analisar textos que nunca foram publicados no século XX, trazem à tona um momento da história literária no Brasil e foram alguns dos estudiosos que selecionamos para substanciar o segundo capítulo, que trata da circulação da cultura do romance-folhetim em Belém do Pará por compor uma bibliografia que analisa, interpreta e teoriza a circulação do gênero no Brasil e sua relação com o contexto europeu.

O terceiro capítulo foi fundamentado nos estudos teóricos que contribuíram para o debate acerca da análise interpretativa das tramas narrativas dos romances portugueses: Antonio Candido (1963), Antonio Dimas (2003), Cleonice Hobsbawn (1994), Franco Moretti (2009), Germana Sales (2013), Jonathan Culler (1999), José Saraiva e Oscar Lopes (1989), Peter Burke (2017) e Simone Cristina Sousa (2007). São leituras que contemplam discussões sobre o romance moderno, tratam dos elementos da narrativa – a exemplo das personagens, do espaço e do narrador – e do processo imigratório.

Vale mencionar que as pesquisas desenvolvidas por Germana Sales sobre o jornal como suporte literário no século XIX e a circulação de romances-folhetins no Brasil foram fontes de informação que colaboraram para compreendermos a circulação do romance-folhetim na Província do Pará. Entre as obras que substanciaram este estudo, citamos *O romance-folhetim por entre as terras brasileiras* e *O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista*. O primeiro compõe a coletânea *A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia*², organizada por Luís Bueno, Germana Sales e Valéria Augusti, e nos ajuda a compreender o percurso do gênero no Brasil. O segundo faz parte de outra coletânea

² Cf. BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013.

denominada *Interpretação do texto – leitura do contexto*,³ organizada por Germana Sales, Marlí Tereza Furtado e Sérgio Nazar e oferece informações sobre as relações literárias entre Brasil e Portugal na segunda metade do século XIX.

A metodologia do trabalho pautou-se pela pesquisa bibliográfica e investigação de fontes documentais históricas no acervo do Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará – FCP. Complementares entre si, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental são fontes que contribuem com os estudos acerca da relação entre jornal e literatura e, de modo particular, do romance-folhetim.

A definição das fontes de pesquisa exigiu o mapeamento dos jornais que circularam na segunda metade do século XIX. Com a intenção de averiguar a circulação de romance-folhetim de autoria portuguesa em jornais de curta e de longa duração, foram identificados e descritos, a partir do Catálogo de Jornais do Setor de Microfilmagem da FCP, os jornais pertencentes a diferentes gêneros (noticiosos, literários, religiosos, revistas familiares e literárias) que constituíram a imprensa de Belém na segunda metade do século XIX.

Após a identificação e a descrição dos periódicos, foram delimitados as fontes e o *corpus* de pesquisa deste estudo. Os jornais selecionados que contêm os romance-folhetins portugueses são *A Província do Pará* (1876-1890), *Diário de Belém* (1868-1892) e *Diário do Gram-Pará* (1853-1892). O recorte desses jornais para este estudo justifica-se pela delimitação temporal, na medida em que as três épocas de circulação dos periódicos coincidem com o período de desenvolvimento econômico do Pará, alavancado pelo ciclo da borracha, responsável pelo crescimento econômico e pelo florescimento cultural de Belém, questões abordadas nesta tese.

Nessas folhas, foram encontrados nove romances: *Tristezas à Beira Mar* (1880) e *A Corista* (1890), ambos publicados n’*A Província do Pará*, de autoria de Pinheiro Chagas e Luiz Magalhães, respectivamente; *Os Brilhantes do Brasileiro* (1871), publicado no *Diário de Belém*, de autoria de Camilo Castelo Branco; e *Coisas Espantosas* (1863), *A Neta do Arcebispo* (1863), *A Gratidão* (1863), *O Arrependimento* (1863), *O Bem e o Mal* (1864) e *A Filha do Doutor Negro* (1864), publicados no *Diário do Gram-Pará*, também de autoria do escritor português Camilo Castelo Branco.

Os catálogos de livrarias e gabinetes de leitura, catálogos de editoras e dicionários bibliográficos foram fonte essencial para o rastreamento de informações sobre os romances-folhetins portugueses que compuseram este estudo, assim como os dados recolhidos no

³ Cf. SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

acervo da Biblioteca Arthur Viana (setor de obras raras e microfilmagem), localizada em Belém.

As técnicas de coleta e análise de dados foram pautadas, primeiramente, na pesquisa bibliográfica, a fim de apurar-se material teórico que proporcionasse a localização, a identificação e o registro dos dados recuperados. Afinal, a pesquisa bibliográfica é etapa fundamental de todo trabalho científico, que influencia os passos de uma pesquisa, na medida em que dá o suporte teórico no qual se baseia o trabalho. Consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa, tornando-se “imprescindível [...] antes de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva do tema em questão”.⁴

Em segundo lugar, na pesquisa documental foram selecionados textos e os dados dos jornais editados na segunda metade do século XIX. Esse tipo de pesquisa é realizado a partir de “documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudulentos)”⁵, cuja finalidade contempla o ato de “descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências.”⁶ Combinando-se as diferentes técnicas, foi possível estabelecer uma relação coerente entre os dados levantados pela pesquisa documental e a pesquisa teórica / bibliográfica.

Selecionados os romances-folhetins, foi possível constituir o *corpus* que substanciou o estudo e deu origem aos capítulos que compõem o trabalho. O primeiro aborda a história da imprensa no Pará. O segundo, por sua vez, mostra Belém como um grande centro cultural de divulgação de prosa de ficção nas páginas de jornais e, em especial, o romance-folhetim. O terceiro, finalmente, interpreta, a partir da análise de conteúdos, os romances-folhetins de autoria portuguesa que fizeram parte do grupo seletivo de leituras que contribuíram para a divulgação da leitura literária no Pará do Oitocentos.

Em relação ao primeiro capítulo, não é nossa intenção apresentar uma história da imprensa paraense, mas, a partir de historiografias elaboradas por importantes estudiosos da região, tecer considerações e discutir os elos que compõem a relação entre jornal e literatura. Do mesmo modo, a respeito do segundo capítulo, não temos a presunção de apresentar um estudo exaustivo sobre os desdobramentos do gênero, mas mostrar que, a partir de pesquisas desenvolvidas pelos projetos coordenados por Germana Sales e das pesquisas

⁴ AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Disponível em: <https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesquisa_bibliografica.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016, p. 5.

⁵ PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa**: Abordagem teórico-prática. 16. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010, p. 68.

⁶ Ibidem, p. 68.

complementares realizadas na FCP e na Hemeroteca Digital Brasileira, a capital paraense foi, no século XIX, um grande centro cultural difusor da prosa de ficção por meio das páginas dos jornais e, de modo particular, do romance-folhetim.

No primeiro capítulo desta tese, a imprensa paraense da segunda metade do século XIX é apresentada, identificada e descrita, o que nos permitiu confrontar conflitos ideológicos e políticos e desvendar seu papel no processo de transmissão de informações, de instituição de novos modos de concepção de leitura e passatempo, assim como o de auxiliar na vida intelectual e na divulgação de entretenimento. Para isso, foram identificados e descritos os jornais que circularam nas décadas 50, 60, 70, 80 e 90 do Oitocentos.

Nesse capítulo, intitulado *A imprensa paraense como suporte literário no século XIX*, os jornais paraenses são mostrados como suporte literário ao imitar as colunas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, por onde começou a moda – depois difundida para as demais províncias do país – de publicar prosa de ficção para o entretenimento dos leitores da época. Podemos constatar nas colunas literárias a circulação de gêneros narrativos, como a crônica, o conto, a novela e o romance, fato que institui o casamento entre literatura e imprensa no Pará. Ainda no primeiro capítulo, são descritas as estruturas literárias responsáveis por estabelecer a relação entre jornal e literatura: *Folhetim; Variedades; Miscelâneas; Litteratura; e Folhetim*.

Com base na leitura documental dos jornais *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Diário de Belém* (1868-1892) e *A Província do Pará* (1876-1890), assim como nas pesquisas que compõem o acervo de investigação da pesquisadora Germana Sales, o segundo capítulo do estudo mostra como se desenvolveu a cultura do romance-folhetim em Belém do Pará.

Para tanto, foi necessário resgatar da historiografia a Belém da *Belle Époque*, uma cidade afrancesada, que materializou um projeto urbanístico, cultural e social, segundo os padrões da França Oitocentista, inclusive imitando a prática de publicação de romance-folhetim nas páginas dos jornais, também reproduzida por outras províncias do país. Após mostrar como ocorreu essa inserção cultural na capital paraense, o estudo foi organizado em três seções para exemplificar a dinâmica do romance-folhetim nas páginas do *Diário do Gram-Pará*, *Diário de Belém* e *A Província do Pará*.

Ainda neste capítulo, uma revisão panorâmica da literatura aborda a circulação do romance-folhetim no Brasil para expor e discutir as pesquisas científicas em torno do assunto e, assim, contextualizar, debater, articular e compreender a cultura do gênero em Belém do Pará. A revisão da literatura apresenta estudos de pesquisadores que investigam a circulação de prosa de ficção nas páginas de jornais oitocentistas em diversas regiões do país.

No terceiro capítulo, intitulado *Romances-folhetins portugueses na imprensa paraense oitocentista*, a análise recai, na primeira parte, sobre a contribuição da cultura literária portuguesa como reflexo de imigração, considerando a vinda dos lusos em direção à Província do Pará, para apontar que no processo de “desprovincialização”⁷ veio também a história, a cultura e o pensamento intelectual dos imigrantes que se mesclaram à cultura local. Disso resultou a intensa relação cultural, intelectual e letrada no século XIX entre Brasil e Portugal.

Na segunda parte do terceiro capítulo, foram selecionadas e analisadas as narrativas dos romances-folhetins portugueses publicados nos jornais que compõem o estudo, cujos temas oscilam entre o frívolo e a seriedade, característicos, de acordo com Franco Moretti⁸, dos romances-folhetins do século XIX. A análise dos romances dispõe-se a revelar que as ações das personagens são o mote para a introdução de discursos de fundo moral, social e aristocrático, reflexo de ações humanas, que permitem a observação dos conflitos inerentes ao homem, de acordo com o que propunha o romance moderno.

O estudo desses textos levou à constatação da presença recorrente de características do romance moderno inglês setecentista: a apresentação do texto como um fato verdadeiramente ocorrido; a exaltação da moral e a crítica aos valores aristocráticos; e, ainda, a tática de instrução a partir de modelos e antimodelos de virtude, percebida por Simone Cristina Mendonça de Souza⁹ em suas impressões sobre os romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822), também presente, semelhantemente, nos romances portugueses que circularam nas páginas dos jornais paraenses oitocentistas. A reprodução desse procedimento técnico-literário, no contexto luso, mostra que os romancistas portugueses conheciam muito bem as estratégias usadas para escrever um romance e atrair seus leitores.

Dos nove romances selecionados, oito foram lidos em livros ou na versão digital publicada pela MVB E-books, em decorrência das limitações da documentação pesquisada, como a inexistência de exemplares dos jornais, páginas multiladas ou manchadas. Somente o romance-folhetim *A Corista*, de Luiz Magalhães, foi lido a partir da página impressa d’*A Província do Pará* por duas razões: primeiro, pela sua legibilidade, permitida pela

⁷ Expressão usada por Peter Burke para denominar o processo de imigração na Europa e nas Américas no período compreendido entre 1500-2000. Cf. BURKE, Peter. **Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000.** Tradução de Renato Prelorentzou. São Paulo: UNESP, 2017.

⁸ MORETTI, Franco. **A cultura do romance.** 1. ed. São Paulo: Cosacnaify. 2009.

⁹ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822).** 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007.

microfilmagem do jornal e, segundo, por não ter sido publicado em livro, uma vez que sua impressão ocorreu em revistas e jornais de Portugal e do Brasil.¹⁰

Por fim, é importante informar que as concepções sobre gênero ao qual nos referimos neste estudo não correspondem às perspectivas modernas, por ainda serem imprecisas no século XIX e, por isso, é necessário considerar os textos literários que circularam nas páginas dos jornais oitocentistas de acordo com os parâmetros da crítica da época.

¹⁰ Por levar em conta o processo de evolução escrita de uma língua, a opção, neste trabalho, foi por atualizar a grafia dos fragmentos dos jornais e dos romances, conforme recomendam os estudos linguísticos contemporâneos.

Capítulo 1

A IMPRENSA PARAENSE COMO SUPORTE LITERÁRIO NO SÉCULO XIX

1.1 Entre embates e ideologias: a imprensa no Pará oitocentista

Já é sabido que o caminho da imprensa paraense foi aberto em abril de 1822 por Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente (1798-1866), com a publicação d’*O Paraense*, primeiro jornal impresso na região Norte, que defendia a liberdade de imprensa e um pensamento político e revolucionário capaz de fazer frente às contradições sociais vividas pelo Pará na década de 1820. Estava, assim, aberto o caminho para a ascensão do jornalismo na província: “Faz-se Periodista Felipe Alberto Patroni publicando uma folha volante semanária debaixo do rótulo ‘O Paraense’. Nela começou ele a empregar a lisonja, empavonando o Presidente da Junta Provisória”¹¹. Vimos que ao mesmo tempo em que criticava os atos administrativos da colônia, a imprensa divulgava os ideais de liberdade vindos da Europa. Os primeiros idealistas que conspiravam pela liberdade conheciam muito bem a força e o poder da palavra impressa e tornaram-se os pioneiros no processo de informação, denúncia e expressão ideológica.

Em *Formação Histórica do Pará*, Manoel Barata detalha a organização dos sócios, a forma como a tipografia foi adquirida e a localização física do prédio da redação:

Foi o primeiro jornal que se publicou no Pará. A tipografia, em que era impresso, fora adquirida em Lisboa, de combinação com Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, por Domingos Simões da Cunha, então alferes de milícias, natural da Bahia, e José Batista Camecran, tenente de milícias, nascido no Pará, em 1784, de pais portugueses, que no ano antecedente tinham vindo de Lisboa, em companhia do Bispo D. Caetano Brandão, de quem sua mãe, D. Maria Clara, era irmã. Seu pai chamava-se Manoel Caetano da Silva. Com a tipografia viera de Lisboa Daniel Garção de Melo, compositor-tipógrafo e impressor do jornal, o qual aqui chegou em dezembro de 1821. Vieram também, como tipógrafos, Luiz José Lazier, francês, e João Antonio Alvarez, espanhol. A tipografia foi estabelecida em uma casa particular, à *Ilhargá do Palácio*, que assim se chamava a rua, que tem hoje o nome de *D. Thomazia Perdigão*. Patroni, natural do Pará, que de Lisboa chegara em janeiro do ano seguinte, foi o principal redator d’*O Paraense*, tendo por companheiros Simões da Cunha e Batista da Silva, associados com Daniel Garção na propriedade da imprensa.¹²

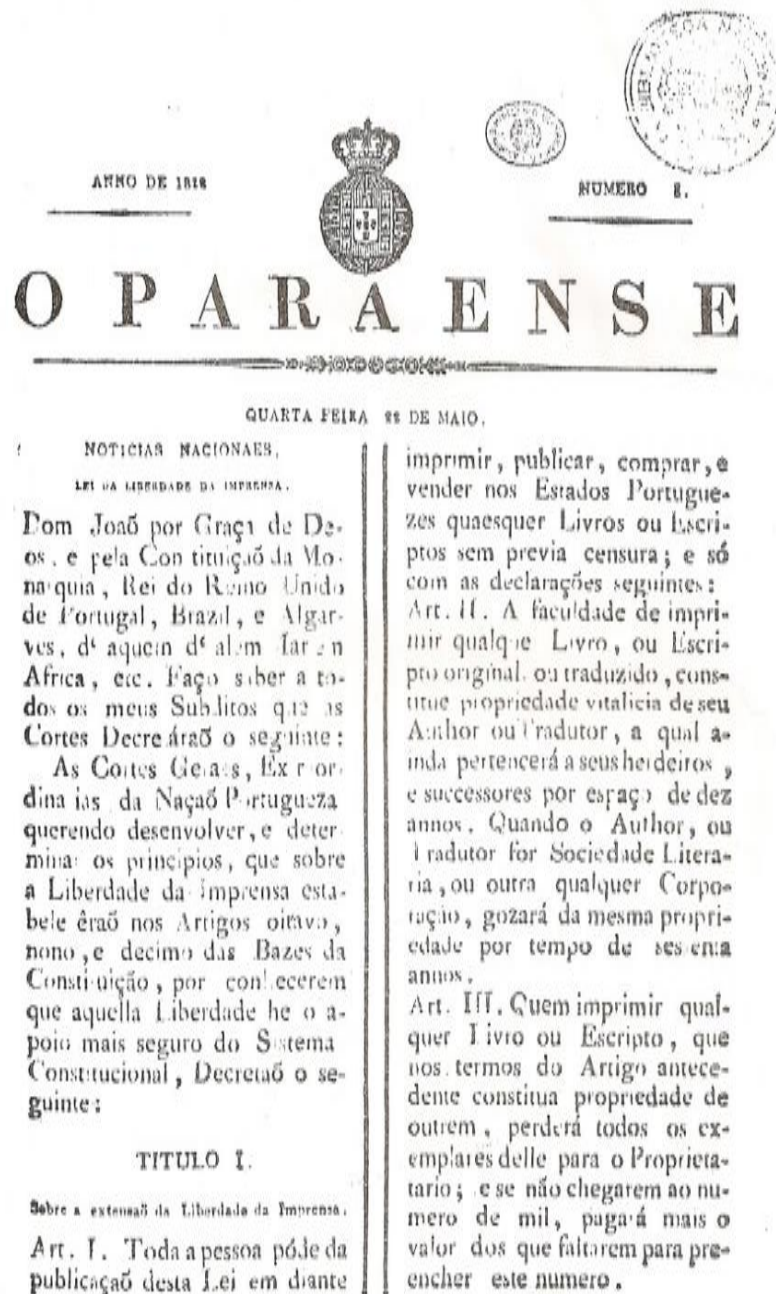
O número de estreia d’*O Paraense*, editado por Patroni, data de uma quarta-feira, 22 de maio de 1822. A edição número 1, catalogada no Setor de Microfilmagem da FCP,

¹¹ BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Compendio das Eras da Província do Pará**. Belém: Tipografia de Santos e Santos menor, 1838, p. 545.

¹² BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973, p. 225.

estampava na primeira página, na seção *Notícias Nacionais*, a matéria *Lei da Liberdade de Imprensa*, confirmando a vocação da sua linha editorial, marcada pela proximidade com o pensamento vintista,¹³ pela intransigente defesa da liberdade, inclusive a liberdade de imprensa, e pela luta em favor da adesão do Pará à Independência do Brasil.

Figura 1 - *O Paraense*: primeiro jornal impresso da Província do Grão Pará



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

¹³ Movimento político que dominou Portugal entre 1820 e 1823. Reverberou no Pará por meio do Jornal *O Paraense*, de Felipe Patroni.

Em 1823, menos de um ano após a sua fundação, *O Paraense* sucumbiu à severa pressão lusa e deixou de circular, não sem ter cumprido com um dos seus principais objetivos, que foi lutar pela adesão do Pará em relação à Independência do Brasil. O vazio deixado pelo periódico foi então ocupado pelo segundo jornal impresso na região. De orientação oposta à do antecessor, *O Luso paraense* (1823) defendia os interesses administrativos da colônia, sob o comando da Coroa Portuguesa, mas aproveitou muito da estrutura daquela publicação.

Redigido por José Ribeiro Guimarães e Luiz José Lazier, antigo tipógrafo d'*O Paraense*; e administrado por Antonio Dias Ferreira Portugal, também tipógrafo daquele jornal. A tipografia, em que se imprimia, era a antiga Imprensa Liberal de Daniel Garção de Melo e Companhia, em que se imprimiu d'*O Paraense*.¹⁴

Conforme observa Barata, a Imprensa Constitucional de Daniel Garcia de Melo utilizou-se da tipografia e dos tipógrafos d'*O Paraense* para a concepção do *Luso Paraense*. Foi a partir da criação desses dois jornais que a imprensa paraense abriu espaços de discussão ideológica entre aqueles que lutavam em favor dos nativos, excluídos dos sistemas políticos, econômicos e sociais, e os que defendiam a administração portuguesa na província. Assim, surgiu a imprensa paraense, que contribuiu para a intensificação das lutas políticas na Amazônia oitocentista.

Ainda no fim da década de vinte do período imperial, surge o jornal *A Voz das Amazonas*, que circulou entre 1827 e 1828. De periodicidade bissemanal, era também um órgão do governo administrado pelo Cônego Silvestre Antunes Pereira de Sena. Seu primeiro número saiu à luz em 3 de fevereiro de 1827. Mesmo orientado pelos órgãos oficiais do Pará, o jornal publicava em suas páginas artigos associados aos ideais liberais, que de certa maneira expressavam reivindicações sociais, econômicas e políticas da época:

A Voz das Amazonas, sem deixar de ser atrelado ao governo, retoma toda a linha do periodismo liberal, publicando notícias do que acontecia no mundo, no campo das ideias, da economia e dos problemas sociais. Transcrevia, por exemplo, da *Gazeta de Lisboa*, textos políticos importantes, sobre formas de organização de governos.¹⁵

Ocorria, assim, uma relação jornalística entre os jornais portugueses e paraenses. A *Voz das Amazonas* transcrevia notícias da *Gazeta de Lisboa* e desta forma intensificava e

¹⁴ BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973, p. 229.

¹⁵ SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992, p. 69.

mantinha a ligação entre os lusos e os paraenses, reforçando os laços que predominaram durante o século XIX.

Os periódicos que circularam nesse período não eram extensos, costumavam ter quatro páginas, formato pequeno, uma ou duas colunas e pouca diversificação no que se refere à informação e à configuração gráfica. No entanto, coube a eles a responsabilidade de implementar e consolidar a imprensa na Amazônia, especificamente em Belém.

Em *Letras & Baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará*, Geraldo Mártires Coelho registrou que a conquista da liberdade de imprensa, idealizada pelos nacionalistas na década de vinte, favoreceu o crescente desenvolvimento do jornalismo também na década trinta, fato que beneficiou os brasileiros, concedendo-lhes os mesmos direitos assegurados pelo constitucionalismo de 1820 aos portugueses metropolitanos, “fundamento do arcabouço político que haveria de conferir [...] legitimidade ao exercício da liberdade de imprensa no Brasil”¹⁶.

Assim, o jornalismo paraense ganhou espaço nos anos trinta do Oitocentos e se expandiu como veículo de comunicação impressa na Província do Grão Pará. O espírito revolucionário da década de vinte, em decorrência da adesão do Pará à Independência do Brasil, espalhou-se na essência de outros movimentos dos anos de 1830 e reforçou os embates entre os grupos detentores do poder e os que viviam excluídos dos sistemas político, econômico e social, como por exemplo, a Cabanagem, revolta popular que eclodiu na província paraense entre os anos de 1835 e 1840. O desfecho, favorável às políticas dominantes do Império do Brasil, resultou no descenso da luta cabana.

A imprensa revolucionária, forjada no calor da revolução cabana, ajudou na difusão dos discursos ideológicos e políticos sobre os interesses e lutas na região, mostrou-se comprometida com os ideais de liberdade e contribuiu na luta por uma sociedade mais justa e digna. O movimento cabano, oriundo das camadas populares, surgiu em decorrência da adesão do Pará à Independência, ter continuado com o seu *status quo* inalterado no que se refere às contradições políticas, econômicas e sociais. Pelo fato de não ter assegurado as reformas urgentes e necessárias à estrutura social no período colonial, havia um anseio da sociedade não somente por emancipação política, mas também por reformas sociais profundas.¹⁷

¹⁶ COELHO, Geraldo Mártires. **Letras & Baionetas**: novos documentos para a história da imprensa no Pará. Belém: Cultural CEJUP, 1989. p. 18.

¹⁷ SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992, p. 129-130.

As lideranças populares¹⁸ que representavam a Cabanagem conseguiram chegar ao poder, mas, diante de falhas nas estruturas políticas organizacionais, enfraqueceram e perderam a administração política da província paraense. Com a retomada de Belém em 13 de maio de 1836, o governo despótico do General Andréa suprimiu a liberdade de imprensa e praticamente aniquilou a imprensa política e revolucionária da província paraense. Ainda em 1835, circularam os últimos jornais revolucionários: o *Paquete do Governo*, o *Publicador Oficial Paraense* e *A Sabatina*.

Em 1837, dois anos após o controle do jornalismo revolucionário, surge um novo periódico na província, a *Folha Comercial do Pará*, editado pelo carioca Honório José dos Santos, que circulou sem atropelos até 1840.¹⁹ A relação entre o editor da *Folha Comercial do Pará* e o poder imperial permitiu a circulação do jornal em Belém, que tinha por objetivo ecoar a voz de um Governo avesso às ideais liberais da população desprovida de direitos políticos, econômicos e sociais que habitava a Província do Grão Pará.

Manuel Barata registra também a circulação do primeiro número d’*O Recopilador de Anedotas* no mesmo ano de circulação da *Folha Comercial do Pará*, que representam a imprensa regulada pelo governo no fim dessa década.²⁰

Além dos jornais citados, também circularam na década de 1830 outras folhas noticiosas, como *O Sagitário* (183?), *O Correio do Amazonas* (1831 e 1834), *A Sentinela Maranhense na Guarita do Pará* (1834), *O Orfeu Paraense* (1831), *O Belerofonte* (1831), *Eco Independente* (1831-1832), *Heimali* (1831), *O Soldado Liberal* (1832), *A Luz da Verdade* (1832-1833), *O Amigo da Ordem* (1832), *O Despertador* (1832), *O Publicador Amazoniense* (1832-1834), *O Federalista Paraense* (1833), *O Vigilante* (1834), *O Desmascarador* (1834), *O Correio Oficial Paraense* (1834-1835), *O Mercantil Paraense* (1834), *O Diário do Conselho Provincial* (1831), *Paquete do Governo* (1835) e o *Publicador Oficial Paraense* (1835), além das folhas que não foram catalogadas.

Na década de 1840 surge o jornal *Treze de Maio*, considerado pelos historiadores como o primeiro jornal de vida longa do período imperial. O título do periódico fazia alusão ao dia em que Soares de Andréa desembarcou em Belém, pondo fim ao movimento cabano, e enaltecia o triunfo de um Governo que, usando as “forças legais”, havia silenciado de forma

¹⁸ A historiografia paraense atribuiu a morte do cabano Batista Campos como um dos principais motivos que levou o movimento a fracassar, se considerar que ele foi o principal líder ideológico e intelectual da manifestação popular denominada Cabanagem.

¹⁹ SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992. p. 120-121.

²⁰ BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973, p. 236.

sangrenta a voz de uma população sofrida ao se apoderar da capital da Província do Grão Pará.

O título foi-lhe dado em jubilosa comemoração do dia (13 de maio de 1836), em que as forças legais, ao mando do benemérito marechal Andréa (depois barão de Caçapava), entraram nesta desolada cidade, ensanguentada e saqueada pelas hordas de sicários, conhecidos na história por *cabanos*, que, pela surpresa e pelo morticínio, dela se havia apoderado na manhã de 07 de janeiro de 1835. No *Prospecto*, inscrito no número 1º, assim o explica o seu redator: “...Nem um título nos pareceu mais adequado de que o de – *Treze de Maio* – desse dia memorável nos fatos da história Paraense, dias de doces recordações, em que a Legalidade conseguiu triunfar dos desastrosos feitos e negros planos da rebeldia, apoderando-se da capital da província.”²¹

O *Treze de Maio*, como se vê, era um órgão oficial do governo e contrário aos ideais de liberdade antes reivindicados pelos nacionalistas, fato que pode justificar a longa trajetória dessa folha no período imperial. Sua primeira publicação data de 13 de maio de 1840, tendo saído de circulação em 31 de outubro de 1862.

Para Manoel Barata, esse jornal foi “menos político, e mais noticioso, banindo de suas colunas as odiosas questões pessoais, e tratando exclusivamente do interesse geral.”²² O discurso deste historiador, no entanto, escamoteia as atrocidades de uma classe social elitizada que dominava a província paraense na década de 1840. Afinal, as leituras históricas acerca do assunto não deixam dúvida de que o *Treze de Maio* tinha, sim, caráter político e ajudou a silenciar um movimento massacrado por forças que detinham e controlavam o poder.

Ainda na década de 1840 surgiram outros jornais que deram continuidade ao desenvolvimento da imprensa paraense ao lado do *Treze de Maio*, como *O Pacote Imperial* (1840), *O Publicador Paraense* (1841-1853), *Correio da Assembleia Provincial do Pará*, *O Paraense*²³ (1842-?), *O Tribuno do Povo* (1844-1845), *O Brado do Amazonas* (1844-1845), *O Jornal da Sociedade Filomática Paraense* (1846-1847), *O Cenobita* (1847), *O Gazeta Mercantil* (1847), o *Téo-Téo* (1848-1849), *O Doutrinário* (1848-1849), *O Carapaná* (1848), *O Eco Independente* (1848-1849), *O Japim* (1848), *Sinopse Eclesiástica* (1848-1849), *O Planeta* (1849-1853) e *O Contemporaneo* (1849).

Na década de 1850, a imprensa paraense continuou seu processo de expansão e desenvolvimento. Nesse decênio, várias folhas circularam em toda a província: *A Voz Paraense* (1850-1851), *O Beija-Flor* (1850-1851), *A Marmota Paraense* (1850), *O Velho*

²¹ Ibidem, p. 236-237.

²² BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973, p. 237.

²³ Este jornal não é a folha revolucionária editada por Felipe Patroni na década de 1820. Trata-se de um periódico homônimo redigido por José Mariano de Lemos.

Brado do Amazonas (1850-1853), *O Jardim Literário* (1850), *O Piparote* (1851-1853), *O Mártir* (1851), *Correio dos Pobres* (1851-1853), *A Trombeta do Santuário* (1851-1852), *O Grão Pará* (1851-1852), *A Voz do Guajará* (1851-1852), *O Bom Paraense* (181-1852), *O Incentivo* (1851), *O Observador* (1851-1855), *O Monarquista Paraense* (1852), *O Monitor* (1852), *A Violeta* (1853), *O Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *O Comunicador* (1853), *A Aurora Paraense* (1853-1855), *Correio das Verdades* (1853-1854), *O Analista* (1854), *Diario do Commercio* (1854-1857), *O Colono de Nossa Senhora do Ó* (1855-1858), *O Adejo Litterario* (1855-1858), *O Agrário* (1856), *O Diretor* (1856-1857), *Curupira*²⁴ (1857), *O Paraense* (1857), *A Época* (1859), *A Gazeta Oficial* (1858-1866), *Curupira*²⁵ (1858-1861).

Foi nos anos cinquenta do Oitocentos que surgiu o primeiro jornal de circulação diária, intitulado *Diário do Gram-Pará*. Nasceu no período imperial e circulou até o início da República (1853-1892). Teve como fundadores Joaquim Mendes Cavalleiro²⁶, principal redator, e Antônio José Rabelo Guimarães²⁷, ambos portugueses.

Em *História Geral de Belém e do Gram-Pará*, o historiador Carlos Rocque oferece um panorama minucioso sobre o seu aparecimento: periodicidade, fundadores, proprietários e posição política do jornal, que resultou na expulsão para Portugal do seu principal fundador:

Em março de 1853 foi a vez de aparecer o primeiro jornal diário de Belém e com uma vida longuíssima, pois atravessou todo o restante do período imperial, entrando no período republicano: o *Diário do Gram-Pará*. Dois portugueses foram seus fundadores: Joaquim Mendes Cavaleiro, redator principal, e Antônio José Rabelo Guimarães. Começou com folha pequena, com duas e três colunas; depois passou para folha média, de 3 a 4 colunas; e por fim, ao formato máximo, com 6 e 7 colunas. Em 1855, por questões políticas, Mendes Cavaleiro foi deportado para Portugal; e o jornal passou a proprietários diversos, como órgão do Partido Conservador (durante o restante do período imperial; do Partido Católico, após a adesão à República) e, por fim, do Partido Nacional. Deixou de circular em 15 de março de 1892, data de seu último número. De 1865 até sua extinção, o diário teve destacados redatores, tais como José Ferreira Cantão, Antônio Gonçalves Nunes, Antônio Ricardo de Carvalho Penna, Carlos Frederico Rhossard e cônego Mâncio Caetano Ribeiro. No império, como divulgador do Partido Conservador, sua influência foi mesmo na vida da Província. Teve, como grande rival, O Liberal do Pará, que apoiava exatamente o outro partido político imperial, o Liberal.²⁸

²⁴ Periódico editado em 1857 foi um jornal crítico e jocoso, impresso na tipografia do *Diário do Comércio*, segundo Manoel Barata.

²⁵ Periódico que circulou entre 1858 e 1861 foi um jornal crítico, poético e romântico, editado na tipografia do *Jornal do Amazonas*, segundo Manoel Barata.

²⁶ Joaquim Mendes Cavalleiro era português e viveu na Província do Grão-Pará na segunda metade do século XIX. Cavalleiro atuou não somente como escritor e tradutor de folhetins, mas também como fundador, editor e redator de jornal. Foi um dos sócios e principal redator do *Diário do Grão-Pará*.

²⁷ Antônio José Rabelo Guimarães também era português viveu na Província do Grão-Pará na segunda metade do século XIX. Foi um dos proprietários e redatores do jornal *Diário do Grão-Pará*. Após a suspensão do *Diário do Grão-Pará*, passou a editar a *Gazeta Oficial*, órgão oficial do governo provinciano.

²⁸ ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001, p. 68.

Nesse mesmo período, a imprensa paraense começou a intensificar a circulação de textos literários em suas colunas, o que já era voga nos jornais *13 de Maio* e *Gazeta Official*, e simultaneamente com o *Diário do Gram-Pará*, passaram a circular outros jornais como *O Beija Flor*, *O Incentivo*, *13 de Maio*, *O Colono de Nossa senhora do Ó*, *Adejo Litterario*, *O Director*, *Diario do Commercio* e *A Época*.

Na década de 1860, acentuou-se ainda mais o aparecimento de jornais de grande circulação. Aos noticiosos *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Treze de Maio* (1840-1862) e *Gazeta Official* (1858-1866), que surgiram nas décadas anteriores, somaram-se outros periódicos, como *A Voz do Povo* (1860), *Jornal do Amazonas* (1860-1868), *O Guajará* (1860), *Revista Mensal do Ateneu Paraense* (1860-1861), *Recreio da Tarde* (1861), *O Checheo* (1862), *Correio do Norte* (1862), *A Bomba* (1862), *A Grinalda* (1862-1863), *A Estrela do Norte* (1863-1869), *Jornal do Pará* (1862-1878), *Constitucional Paraense* (1864), *A Primavera* (1866), *O Farol* (1867-1868), *Diário de Belém* (1868-1892), *O Comercial* (1868), *O Liberal do Pará* (1869-1890), *Colombo* (1869) e *O Despertador* (1869).

Nesse período, apareceram entre os jornais de cunho noticioso, político, comercial e literário, periódicos pertencentes ao gênero religioso, como *A Estrela do Norte*, por exemplo. Manoel Barata descreve essa folha como um “periódico religioso, sob os auspícios do bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa”.²⁹ De conteúdo voltado para abordagens religiosas e doutrinárias, o jornal publicava principalmente artigos de cunho ideológico cristão e, durante os seus seis anos de existência, segundo Carlos Rocque, “enfrentou ferrenha luta contra os maçons”.³⁰

O Jornal do Pará (1862-1878), *Diário de Belém* (1868-1892) e *O Liberal do Pará* (1869-1890) também foram três importantes jornais dessa década. Considerados periódicos de longa duração, tinham circulação diária. O primeiro, que substituiu o *Treze de Maio*, começou a circular em 4 de novembro de 1862 e, em 13 de novembro de 1866, transformou-se em órgão oficial do governo. Circulava diariamente e pertencia ao gênero político, comercial, literário e noticioso. Sua redação e direção eram de responsabilidade de Cypriano José dos Santos, filho de Honório José dos Santos. Ao administrar três importantes jornais - a *Folha Comercial*, o *Treze de Maio* e o *Jornal do Pará*, a família de Honório José dos Santos tinha grande influência junto ao Governo, que se refletia na hegemonia ideológica da imprensa em defesa da elite dominante da época.

²⁹ BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973, p. 246.

³⁰ ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Atualização de textos: Antônio José Soares. Belém: DistribeL, 2001, p. 69.

O segundo passou a circular na capital paraense a partir de 3 de agosto de 1868, ainda no período Imperial, como folha política, noticiosa e comercial. Posteriormente, transformou-se em Órgão Especial do Comércio. Tinha como proprietário e fundador Antônio Francisco Pinheiro. Seu desaparecimento aconteceu nos primeiros anos do período republicano, em 1892.

O último saiu à luz em Belém em 1869, no lugar do *Jornal do Amazonas*. Principal opositor do *Diário do Gram-Pará*, com o qual manteve acirrada polêmica até o fim do Império, tornou-se porta-voz dos ideais políticos do partido Liberal. Saiu de circulação em 1890, após a proclamação da República em 1889, e reapareceu em 1890 com o título de *O Democrata*, segundo informa o Catálogo de Jornais do Setor de Microfilmes da FCP.

Em 1870, as Províncias do Pará e do Amazonas experimentaram transformações econômicas e sociais em decorrência do desenvolvimento da economia da borracha na Amazônia. A historiadora Maria de Nazaré Sarges conta que o processo de urbanização experimentado por Belém nesse período está associado à função comercial, financeira, política e cultural que desempenhara durante o período áureo da borracha.³¹ No aspecto cultural, Belém passou por várias mudanças, principalmente pelo fato de a cidade ter sido dominada pelo “francesismo”³²: nessa época, a cidade deslumbrou-se com os produtos importados oriundos da Europa, em especial da França. Reflexo dessa influência, a imprensa passou por uma nova fase de expansão, com o aparecimento de sessenta e sete novos jornais noticiosos, literários, religiosos, revistas literárias e revistas familiares que se juntaram aos que já circulavam na província (cf. apêndice I).

Embalada pelas influências culturais vindas da Europa, a imprensa paraense continuou em processo de expansão na capital e no interior da província. O jornal *A Província do Pará*, cujo primeiro número circulou em 25 de março de 1876 e apoiava o Partido Liberal, foi um periódico que teve forte influência na vida política e cultural do Pará. Culturalmente, deixou registrado em suas páginas um número expressivo de prosa de ficção, como o popular romance-folhetim. Com a morte do primeiro dono do jornal, José Joaquim de Assis, em 1889, Antônio Lemos tornou-se proprietário e transformou *A Província do Pará* no melhor jornal de Belém até 1912, quando foi incendiado.³³

Em 1880, última década do período imperial, a imprensa paraense expandiu-se significativamente. Manoel Barata registrou o aparecimento de mais de noventa periódicos

³¹ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle – Époque (1870 – 1912). 2. ed. Belém: Paka-Tátu, 2002, p. 135.

³² Ibidem, p. 186.

³³ ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001, p. 79.

que se juntaram aos que já estavam em plena circulação no Pará (cf. apêndice II). Essas folhas classificavam-se em diversos gêneros: noticiosos, literários, religiosos, revistas literárias e revistas familiares.

Nesse período, *O Liberal do Pará*, em circulação desde a década 1860, foi, segundo Carlos Rocque,³⁴ um dos que mais se destacou, por sua condição de porta-voz dos ideais políticos do Partido Liberal, em oposição ao *Diário do Gram-Pará*, jornais de proprietários portugueses, de postura política conservadora. Assim, a capital da província viveu o fim do período Imperial e o início da República entre os embates políticos, ideológicos e as narrativas literárias que circularam nas colunas dessas folhas.

Em 1890, instalada a República, inúmeros jornais circularam como órgãos dos partidos políticos, associações literárias e congregações religiosas. Manoel Barata registrou o aparecimento de mais de 100 jornais na última década do século XIX que se juntaram aos dos anos anteriores. Esses periódicos também pertenciam aos gêneros noticiosos, literários, religiosos, revistas literárias e revistas familiares (cf. apêndice III).

Entre os jornais de grande porte e longa duração que circularam nas décadas anteriores a 1890, *A Província do Pará* foi o único que permaneceu atuante no período republicano e prosseguiu pelo século XX com a função noticiosa, jornalística, comercial e literária.

É importante observar que a expansão da imprensa paraense no período imperial não se deu somente na capital, mas também no interior do estado, onde deixou sua contribuição como folha noticiosa, revolucionária, comercial e literária. Além da circulação local, a imprensa da capital também oferecia assinatura para outros municípios. O *Diário de Belém*, por exemplo, continha à esquerda informações sobre o preço de assinatura para o público leitor da capital e os planos para pagamento. À direita, apareciam o preço de assinaturas, inscrições e formas de pagamento para os assinantes do interior. Esses dados relacionados à assinatura e formas de pagamento servem para ratificar que os jornais belenenses de grande porte também eram lidos pelos assinantes interioranos. A tabela a seguir registra a circulação de jornais em municípios interioranos na segunda metade do século XIX.

Tabela 1 - Jornais paraenses interioranos no período imperial

JORNAL	ANO	CIDADE
<i>O Incentivo</i>	1851	Cametá
<i>O Vigiense</i>	1852	Vigia
<i>O Tapajoense</i>	1855	Santarém
<i>O Mornaquista Santareno</i>	1857	Santarém

³⁴ Ibidem, p. 68-69.

<i>O Conservador</i>	1859	Cametá
<i>O Liberal</i>	1861	Cametá
<i>O Baixo Amazonas</i>	1872	Santarém
<i>O Jasmin</i>	1873	Cametá
<i>O Vigilante</i>	1876	Vigia
<i>O Cisne</i>	1877	Cametá
<i>O Espelho</i>	1878	Vigia
<i>A Juventude</i>	1881	Santarém
<i>O Abaeteense</i>	1884	Abaetetuba
<i>O Monte Alegreense</i>	1884	Monte Alegre
<i>Gazeta de Alenquer</i>	1885	Alenquer
<i>O Liberal da Vigia</i>	1877	Vigia
<i>O Caeteense</i>	1887	Bragança

Fonte: Do autor, 2019.

A enumeração dos jornais acima, organizada a partir dos estudos historiográficos de Manoel Barata, aponta o registro de trezentos e oitenta e cinco periódicos que circularam no Pará, durante o século XIX, excetuando as folhas jornalísticas que surgiram no interior da província, e está em consonância com dados apontados por outros historiadores que ratificam uma imprensa paraense ascendente, dinâmica e revolucionária. Segundo Carlos Rocque,

Se dermos o número de 250 para a média de jornais, revistas e outras publicações que circularam em Belém no período imperial, muita gente vai ficar surpresa. E não sem motivo: afinal, a imprensa ter tanta vida, tanta influência em uma cidade pequena como a nossa, pobre, isolada dos grandes centros, quase sem escolas, com uma população iletrada, reduzidíssima, é, sem dúvida, motivo de surpresa.³⁵

Carlos Rocque nos chama atenção ao fato de que embora muitos desses jornais fossem de curta duração, efêmeros ou jornais de momentos, muitas vezes editados para fins comemorativos ou para circular duas ou três vezes em favor de uma causa política ou religiosa, ainda assim podemos considerar um número bastante expressivo de periódicos que circularam no Pará, na época do Império.³⁶ Dessa forma, os leitores das folhas diárias, semanais e quinzenais, não somente os de Belém, mas também os de toda a Província do Pará, viveram entre Revistas literárias, religiosas, familiar e periódicos noticiosos, políticos, comerciais e literários.

Os jornais dessa época tiveram um papel importante, principalmente nos campos da política, da cultura e das belas-letas. Esses jornais deixaram uma imensa contribuição ao promover hábitos de leitura, uma vez que eram meio de comunicação essencial da população

³⁵ ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001, p. 63.

³⁶ Ibidem, p. 63.

belenense no Pará oitocentista, como suporte literário para a publicação de crônicas, contos, novelas e romances, contribuindo, assim, para a democratização da leitura. Era à imprensa que os leitores recorriam não só para buscar informações, mas também para o deleite com os textos ficcionais que eram publicados nas janelas³⁷ literárias, assunto que abordaremos na próxima seção deste estudo.

1.2 Os jornais paraenses como suporte literário na segunda metade do século XIX

Na seção anterior, foi assinalado o percurso da imprensa na Província do Pará no século XIX como meio de comunicação noticioso, informativo e político. Neste item, ajustamos o foco para revelar que essa mesma imprensa, que deu suporte aos ideários de liberdade e lutou contra os que detinham o poder, também serviu como suporte para a divulgação do literário, ao emprestar suas páginas para mesclar às lutas e aos conflitos ideológicos histórias de puro deleite para o leitor paraense. O objetivo, assim, é mostrar que, ao publicar poemas, romances-folhetins e crítica literária, seguindo o modelo francês, os jornais paraenses da segunda metade do século XIX foram instrumentos de divulgação de textos literários.

Antes, porém, da apresentação da imprensa paraense como suporte literário no Oitocentos, é necessário um breve preâmbulo para retomar o percurso dessa ideia, que teve início na França, espalhou-se pela Europa e chegou ao Brasil e, de modo particular, à Província do Grão Pará.

No século XIX, surgiu na França uma forma de comunicação que divulgou e aproximou o texto literário dos leitores. Trata-se da intensa relação entre imprensa e literatura. A publicação de textos literários, como o romance-folhetim, nos rodapés de jornais diários ou em espaços designados para este fim espalhados pelo corpo do jornal, não demorou a atrair a atenção do leitor, muito em razão dos enredos que falavam de amor, paixão, ódio, encontros e desencontros. Marlyse Meyer refere-se ao fenômeno como um “*boom* lítero-jornalístico”³⁸, nascido da ideia do jornalista francês Émile de Girardin de publicar ficção em fatias nas páginas dos periódicos na primeira metade do século XIX:

³⁷ Termo cunhado pela pesquisadora Maria Lucilena Gonzaga Costa In: **Gazeta Oficial**: periódico paraense noticioso e literário do século XIX. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008. p. 19.

³⁸ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

Com os dois novos jornais (*La Presse*, do pioneiro Girardin, e *Le Siècle*, que o pirateou de saída) vai-se ampliar o campo semântico da famigerada palavra. Lançado à sementeira de um *boom* lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. E a inauguração cabe ao velho *Lazarillo de Tormes*: começa a sair em pedaços cotidianos a partir de 5 de agosto de 1836 [...] A receita vai se elaborando aos poucos, e, já pelos fins de 1836, a fórmula “continua amanhã” entrou nos hábitos e suscita expectativas.³⁹

Na citação acima, vimos que a ideia de publicação de ficção na imprensa transformou-se em hábito e, em razão dos enredos repletos de peripécias e episódios surpreendentes, passou a conduzir os leitores ao auge da expectativa, de tal modo que a curiosidade aguçada pelo suspense com a sequência da narrativa levava-o a comprar o jornal diariamente. No processo de comunicação entre os textos literários publicados nas páginas dos jornais e os leitores, o mecanismo responsável por estimular o leitor a acompanhar a continuação das histórias em fatias era a fórmula “continua amanhã”, que funcionava como função fática da linguagem.

Eis a primeira regra do gênero: ele não deve somente admitir esses cortes, mas se alimentar deles, retirar os efeitos, uma estética – através dos elementos principais o episódio e a série [...]. É preciso que o episódio publicado seja não somente um todo – que satisfaça uma certa expectativa do leitor – mas que renove essa espera, crie o que nós chamamos hoje de “o suspense”. É sobretudo no corte, senhor, que o verdadeiro folhetinista se reconhece. É preciso que cada número caia bem, que se ligue ao seguinte por uma espécie de cordão umbilical, que ele chame a atenção, que desperte o desejo, a impaciência de se ler a continuação. O senhor falava de arte, há pouco; eis a arte. É a arte de fazer desejar, de se fazer esperar.⁴⁰

Com a estratégia do corte narrativo bem definida, o romance-folhetim tornou-se bastante lido e conhecido pelo leitor do século XIX. Estudiosos do gênero atestam que, além de seduzir e conquistar leitores, o romance-folhetim também foi responsável pela “fabricação de escritores e obras que levaram o público ao delírio da expectativa e, às vezes, ao exagero da comoção, [...] conquistando adeptos, plagiadores, tradutores e fiéis leitores”.⁴¹

Em *Rodapé das Miscelâneas*, Yasmin Jamil Nadaf também se dedicou ao estudo da gênese do romance-folhetim e, assim como Marlyse Meyer, atribui aos jornalistas franceses Émile Girardin e Armand Dutacq o mérito pela criação do espaço *Folhetim* no rodapé da

³⁹ Ibidem, p. 58-59.

⁴⁰ BORY, Jean-Louis. Premiers éléments pour une esthétique du roman-feuilleton. In: *Tout feu, tout flamme...* p. 13 apud NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 19-20.

⁴¹ NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 18.

primeira página, no qual se publicava ficção em partes, isto é, o romance-folhetim em capítulos.

Com esse perfil, a novidade jornalística chegou até a Revolução Burguesa, em 1830, quando o esperto proprietário do jornal francês *La Presse*, Émile de Girardin, de olhos voltados para a popularidade que o mesmo vinha conquistando junto ao público leitor de jornais, associou-se a um colega, Dutacq, do jornal *Le Siècle*, para lançar, nesse rodapé, a ficção em partes.⁴²

Semelhantemente a Marlyse Meyer e Yasmin Nadaf, Doris Sommer confirma que a novidade de publicar textos literários nos rodapés dos jornais fez tanto sucesso que, além de expandir-se da França para toda a Europa, alcançou outros países da América Latina como a Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e México, por exemplo. Embora contendo diferença ideológica entre os romances europeus e os latinos americanos, a exemplo do amor que nos enredos europeus tinha um sentido destruidor enquanto que na América Latina era o responsável pela felicidade, a divulgação, sobretudo de narrativas ficcionais em série, transformou-se também num mecanismo de publicação de textos literários em diferentes contextos, como podemos ver em Sommer:

Com o seu *bon mot*, o desastrado janota, recém-chegado a Santiago e tendo vindo de Paris, pondera bem sobre a principal diferença ideológica entre os romances europeus e os latinos americanos do mesmo período. A mesma diferença caracterizada entre decadência e desenvolvimento levará José Martí a advertir os leitores da ficção estrangeira. Lá, na Europa, o amor era destrutivo, representava uma ameaça para a harmonia e a prosperidade. O tema de grande parte das histórias aristocráticas, e, portanto, antiburguesas, era a separação entre desejo e dever. Em vez disso, “aqui”, no Novo Mundo lamenta com embaraço o irmão em *Martin Rivas*, o amor parece ter-se tornado o único responsável por toda a felicidade.⁴³

Conforme depreendemos da citação acima, a nova moda, mesmo com enredos ideologicamente diferentes, ultrapassou as fronteiras europeias e continuou a conquistar leitores em vários lugares do mundo onde a imprensa estava presente, como, por exemplo, a América Latina. No Brasil, é consenso entre estudiosos como Meyer e Nadaf que a publicação de textos literários em jornais começou a ser praticada a partir de 4 de janeiro de 1839, por meio do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Após percorrer as páginas dos jornais cariocas, a novidade foi assimilada pelas demais províncias do país por meio de histórias e personagens que seduziam os leitores.

⁴² Ibidem, p. 17-18.

⁴³ SOMMER, Doris. Pelo amor e pela pátria: romances, leitores e cidadãos na América Latina. In: MORETTI, Franco (org.). **A cultura do romance**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 309-310.

Pioneiro no estudo das relações entre jornal e literatura, José Ramos Tinhorão conta que a popularização e o sucesso dos romances-folhetins que ocorreram na França repetiram-se no Brasil, com implicações sobre o perfil do público leitor:

Os *romances-folhetins*, ou de folhetim, como passariam a ser chamados a partir da década de 1840, vinham representar no Brasil – repetindo o que acontecera na França – uma abertura dos jornais no sentido de conquista de novas camadas de público, principalmente o feminino, pois o tom da imprensa diária tinha sido, até então, o do comentário e doutrinação política, o que evidentemente só interessava a homens das áreas do governo, do capital, do comércio e da elite intelectual dos profissionais liberais.⁴⁴

Pesquisas desenvolvidas por Germana Sales em relação à circulação de romances-folhetins em jornais brasileiros confirmam que a ocorrência do gênero não foi exclusividade da cidade do Rio de Janeiro, mas esteve presente também em outras regiões do país, como a Província do Pará, que, ao desenvolver um jornalismo dinâmico, também publicou assuntos literários em meio a temas políticos e noticiosos.⁴⁵ Em Belém do Pará, com efeito, foi expressivo o número de jornais que serviram como suporte literário. Neles, encontramos uma intensa circulação de prosa de ficção, principalmente de romances-folhetins, publicados em periódicos noticiosos, comerciais, políticos, literários e / ou religiosos.

A partir de uma leitura sistemática, percebemos que os periódicos paraenses apresentavam seus próprios espaços⁴⁶ para a publicação de crônicas, contos, novelas e romances, os quais eram então denominadas *Folhetim*, *Variedades*, *Miscelânea*, *Litteratura*, *Solicitados*, *Sciencias*, *Letras e Artes* e *Boletim do Dia*. A coluna *Folhetim*, oriunda das páginas dos jornais franceses, foi pioneira em publicar prosa de ficção e tinha espaço exclusivo e garantido nos jornais diários: o rodapé da primeira página. No entanto, há situações em que essa coluna ocupava também o fim da segunda página e, às vezes, até da terceira, conforme se verá posteriormente. As demais colunas, diferentemente da *Folhetim*, não tinham espaço fixo e podiam aparecer em outras páginas e lugares. Sobre a coluna *Folhetim*, especificamente, Yasmim Nadaf afirma que nesse espaço se publicava tudo: artigos de crítica, crônicas e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, comentários de acontecimentos mundanos, piadas, receitas de beleza e de cozinha, boletins de moda, entre

⁴⁴ TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 13.

⁴⁵ SALES, Germana. Colunas Literárias: Variedades, Miscelâneas, Literatura, Folhetins. In: 15º COLE – Congresso de Leitura do Brasil: Pensem nas crianças mudas telepáticas, 2006, Campinas. 15º COLE – Congresso de Leitura do Brasil: Pensem nas crianças mudas telepáticas, 2006, v. 1, p. 1-5.

⁴⁶ Esses espaços dos jornais diários do século XIX, destinados à publicação de textos literários, eram denominados de *Miscelânea*, *Litteratura*, *Variedades*, *Folhetim*, *Solicitados*, *Ciências*, *Letras e Artes*, e *Boletim do Dia*.

outros assuntos de entretenimento. Devido à miscelânea, o folhetim era, a esse tempo, sinônimo de *variedades*.⁴⁷

Nas páginas dos jornais paraenses, era adotado o modelo francês de circulação de textos literários em periódicos de curta e de longa duração. Os de curta duração eram jornais literários, revistas literárias e jornais religiosos, que, ao lado dos periódicos de longa duração, serviam como suporte literário na segunda metade do século XIX. A enumeração a seguir elenca periódicos de curta duração, se considerarmos a regularidade e a frequência de circulação ou o número de publicações semanais, quinzenais, mensais ou trimestrais, que se encontram no Setor de Microfilmes da Fundação Cultural do Pará: *Adejo Litterario* (1855-1858); *A América* (1878-1879); *Apologista Christão Brasileiro* (1890-?); *A Arena* (1887); *O Beija-Flor* (1850-?); *O Binóculo* (1889-1908); *A Boa Nova* (1871-1883); *O Brasil* (1892); *O Carteiro* (1896-1897); *O Cidadão* (1889-1892); *O Colono de Nossa Senhora do Ó* (1855-1858); *O Condor* (1897); *Correio Paraense* (1892-1894); *O Crepúsculo* (1890-?); *O Dever* (1898-1901); *O Diário do Comércio* (1854-1859); *O Diretor* (1856-1857); *Eco Juvenil* (1886-?); *O Equador* (1879-?); *O Estímulo* (1887-?); *Estrela D'alva* (1880-?); *O Evoluir* (1889); *O Gládio* (1890); *O Jasmim* (1873-1877); *A Juventude* (1881-?); *Officina Litteraria* (1899-1900); *O Pará* (1897-1900); *A Pátria* (1890); *A Pátria Paraense* (1894-?); *O Pelicano* (1872-1874); *O Porvir* (1888-1889); *A Regeneração* (1873-1877); *Revista Estudantina* (1890-?); *Revista Familiar* (1883); *O Trabalho* (1889-1890); *A Vida Paraense* (1883-1884); *A Voz do Caixeiro* (1890-1892).

Ao lado dos periódicos de curta duração, circulavam outros jornais que tiveram vida longa e que, além de se autodenominarem “folha política, noticiosa e comercial”, também serviam como suporte literário e estão disponíveis no Setor de Microfilmes da Fundação Cultural do Pará, a exemplo do *Diário de Belém* (1868-1892); do *Diário do Gram-Pará* (1853-1892); da *Folha do Norte* (1896-1974); do *Jornal do Pará* (1862-1878); de *O Liberal do Pará* (1869-1889); de *A Província do Pará* (1876-1989) e de *A Gazeta Oficial* (1858-1866).

Para demonstrar o papel da imprensa como instrumento de divulgação do literário na Província do Pará e construir uma visão panorâmica sobre esses jornais, de curta ou de longa duração, apresentamos uma breve descrição de alguns conteúdos inseridos em suas páginas, no que se refere à presença e à circulação do literário. A intenção aqui não é enumerar nem descrever as publicações de cada jornal para recuperar a prosa de ficção publicada nesses

⁴⁷ NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – O Folhetim nos jornais de Mato Grosso. Rio de Janeiro, 7Letras, 2002, p. 17.

periódicos, o que certamente resultaria numa tarefa exaustiva e desnecessária para esse propósito.

É imprescindível esclarecer também que o trabalho demandou uma leitura sistemática dos periódicos microfilmados ou impressos disponíveis para leitura na FCP ou digitalizados para a consulta *online* no *site* da Hemeroteca Digital Brasileira, fontes das informações relacionadas à descrição de conteúdos e à circulação do literário nesses jornais.

Na década de 1840, a relação jornal e literatura no Pará já se encontrava instituída nas páginas dos jornais *Treze de Maio* (1840-1862) e *O Publicador Paraense* (1841-1853), como observa a pesquisadora Simone Cristina Mendonça. De acordo com ela, “a surpresa mais bem quista da nossa pesquisa foi o romance “O Preso”, impresso em fragmentos, no periódico *O Publicador Paraense*.”⁴⁸ No entanto, essa relação começa a se intensificar na década de 1850.

O jornal *O Beija Flor* (1850-1851) foi bastante representativo na publicação de textos literários. Periódico literário semanal, com cinco páginas divididas em duas colunas, saía aos domingos e publicava cartas, poesias, motes, charadas, quadras, modinhas fúnebres, epitáfios, sonetos e prosa de ficção. A propósito, Simone Cristina Mendonça afirma:

A Literatura se fará presente com maior intensidade no jornal *O Beija-flor*, publicado semanalmente entre 14 de julho de 1850 e 23 de março de 1851, na tipografia de Mendonça e Baena. A singularidade desse periódico fica por conta da presença marcante de poemas, que, a partir do número 6, de 18 de agosto daquele ano, passaram a ocupar suas páginas 2 e 3. Homens de Letras da localidade contribuía, assim, para a divulgação da Literatura na capital da Província.⁴⁹

Mesmo tendo privilegiado a divulgação da poesia, como afirma Simone Cristina Mendonça no excerto acima, “*O Beija-flor* publicou uma seção chamada “Romance (...)”⁵⁰ que divulgava prosa de ficção, como por exemplo as narrativas curtas *O Sorriso* e *A inveja* e o romance-folhetim *José e Elionora* ou *Os Jovens Paraenses*, traduções e colunas literárias.

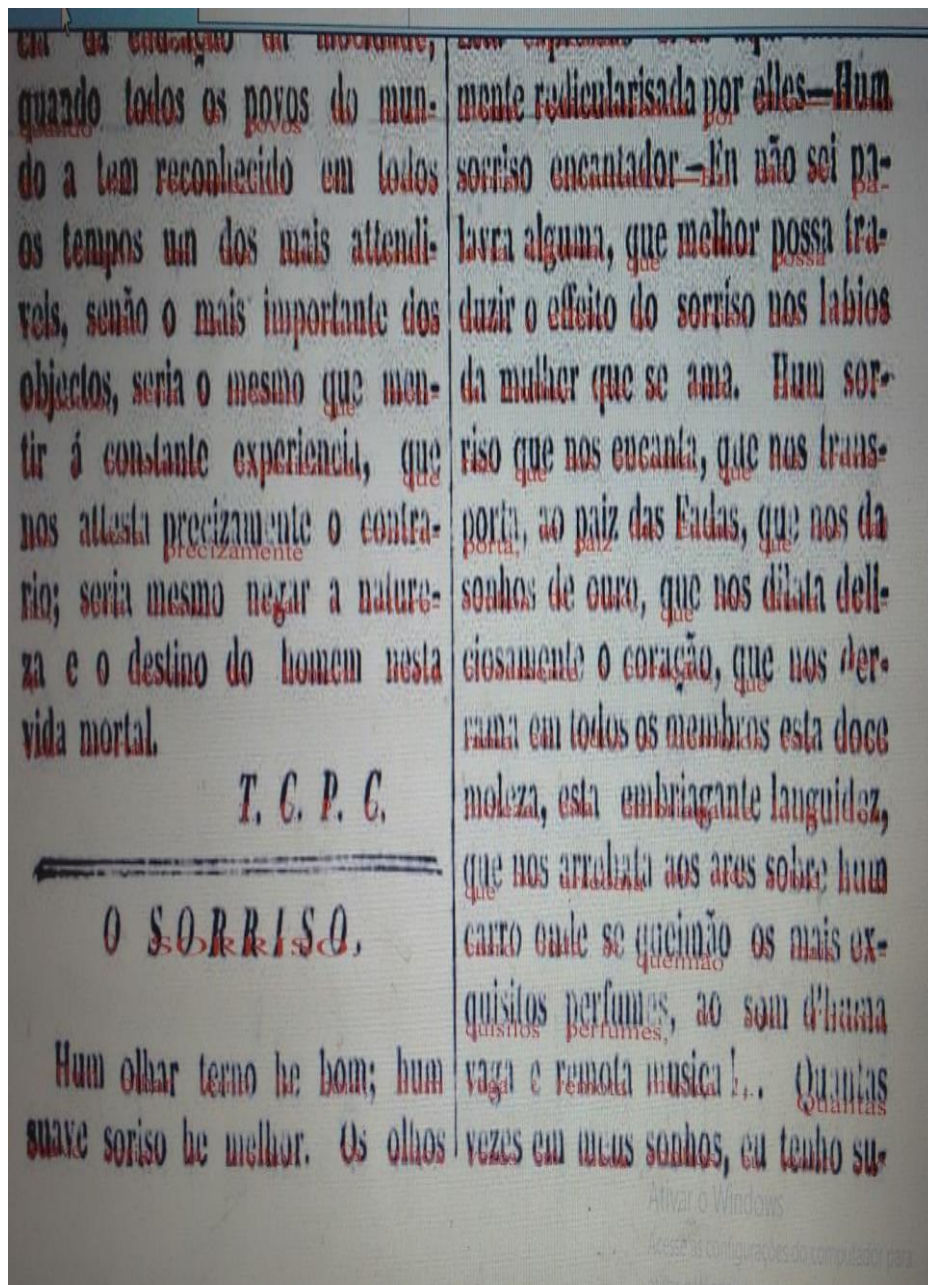
A narrativa *O Sorriso*, de l’Abeille e traduzida por J. J. Mendes Cavalleiro, aparece em duas edições: a primeira parte, em 4 de agosto de 1850, na edição de número 4, ocupou as duas colunas da segunda página e o início da primeira coluna da terceira. Na edição seguinte, de número 5, que circulou em 11 de agosto de 1850, encontra-se registrada nas duas colunas da primeira página e na metade da primeira coluna da segunda página a parte final da narrativa.

⁴⁸ MENDONÇA, Simone Cristina. **Letras e Livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Scortecci, 2016. P. 53.

⁴⁹ Ibidem, p. 50.

⁵⁰ Ibidem, p. 51.

Figura 2 - Narrativa *O Sorriso* publicada na coluna *Litteratura d'O Beija Flor*

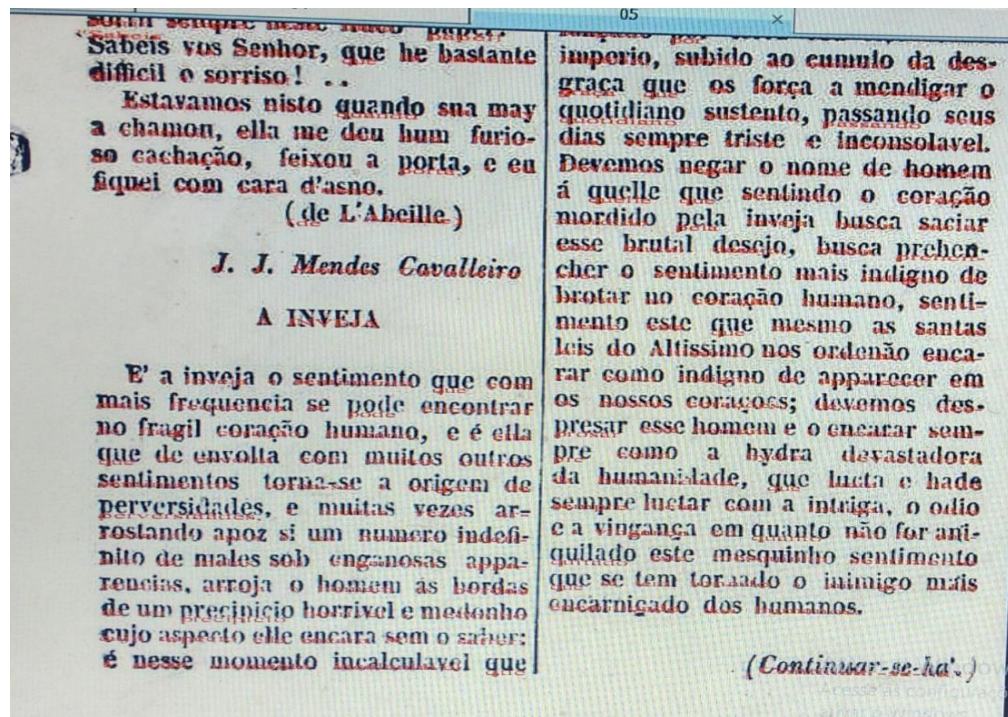


Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Assim como ocorria nos periódicos da Europa, onde a febre do folhetim eclodiu, no fim do episódio havia a informação entre parênteses “continuar-se-á”. De fato, a conclusão da narrativa dar-se-ia na edição de número 5 do jornal, datada de 11 de agosto de 1850, já introduzindo outra história, intitulada *Inveja*, também seguida da informação “continuar-se-á”, que “estabelecia uma certa cumplicidade com o leitor”.⁵¹

⁵¹ SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Revista Entrelaces*. Fortaleza – Ceará. Ano I – nº 1, p. 01-13, ago. 2007.

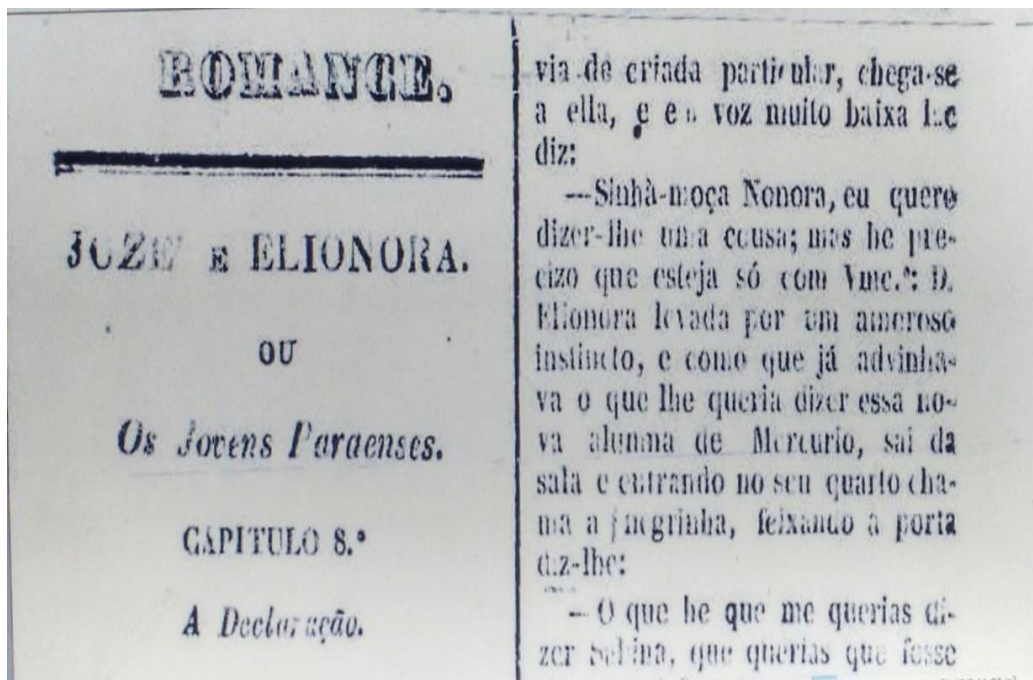
Figura 3 - Registro da expressão “continuar-se-á” publicada n’O Beija Flor



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Na edição de número 33, como se vê na imagem a seguir, *O Beija-Flor* publicava *A Declaração*, oitavo capítulo do romance-folhetim *José e Elionora* ou *Os Jovens Paraenses*.

Figura 4 - Romance-folhetim *José e Elionora* ou *Os jovens paraenses*, publicado no periódico *O Beija Flor*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Nesse capítulo, Elionora recebe um buquê de flores e uma carta na qual o seu amante José declarava corresponder ao sentimento que ela nutria por ele. Naquele dia, todos da casa perceberam que a tristeza da protagonista do romance desaparecera e a felicidade irradiava em seu rosto. Ansiosa, a moça esperou pelo silêncio da noite para responder à carta do amado.

No episódio, a exemplo do que era feito nos jornais franceses, o autor também se utilizou do corte narrativo interrompendo a trama no momento em que Elionora começou a escrever as primeiras linhas da carta destinada a José, quando então é surpreendida por uma serenata. A curiosidade despertada no leitor pelo estratégico corte no fluxo dos acontecimentos só seria saciada no próximo número do jornal.

Fazia nessa noite um luar de encantar, tudo estava entregue ao silêncio. Dona Elionora aproveitando-se dele preparou os seus objetos de escritório e começou a escrever: a pena tinha ela traçado com mão trêmula, talvez por ser a primeira vez, as primeiras linhas, quando foi interrompida por uma melodiosa voz, que lhe não era desconhecida, que acompanhada por um violão habilmente tocado cantava de baixo de sua janela a seguinte:⁵²

O romance-folhetim *José e Elionora* ou *Jovens paraenses* é ambientado no Pará, como o próprio subtítulo sugere, e, no episódio publicado na edição de número 33, o narrador faz referência à Igreja das Mercês, o que evidencia que o enredo tem como espaço físico lugares de Belém do Pará.

Recolhendo-se ao seu quarto de dormir que era uma saleta contígua ao quarto de seus pais, e que deitava para a rua (moravam na Rua da Gadêa) ela esperava com ansiedade que as duas raparigas que a acompanhavam dormissem para escrever a José, porém como se fosse de propósito elas nessa noite não tinham sono, e já tinha dado meia noite na igreja das mercês quando se entregaram ao Morpheo.⁵³

Em suas pesquisas, Simone Cristina Mendonça observa que o romance *José e Elionora* ou *Jovens paraenses* “deixou de ser publicado sem indicação de que tivesse chegado ao fim, para desapontamento dos leitores”.⁵⁴

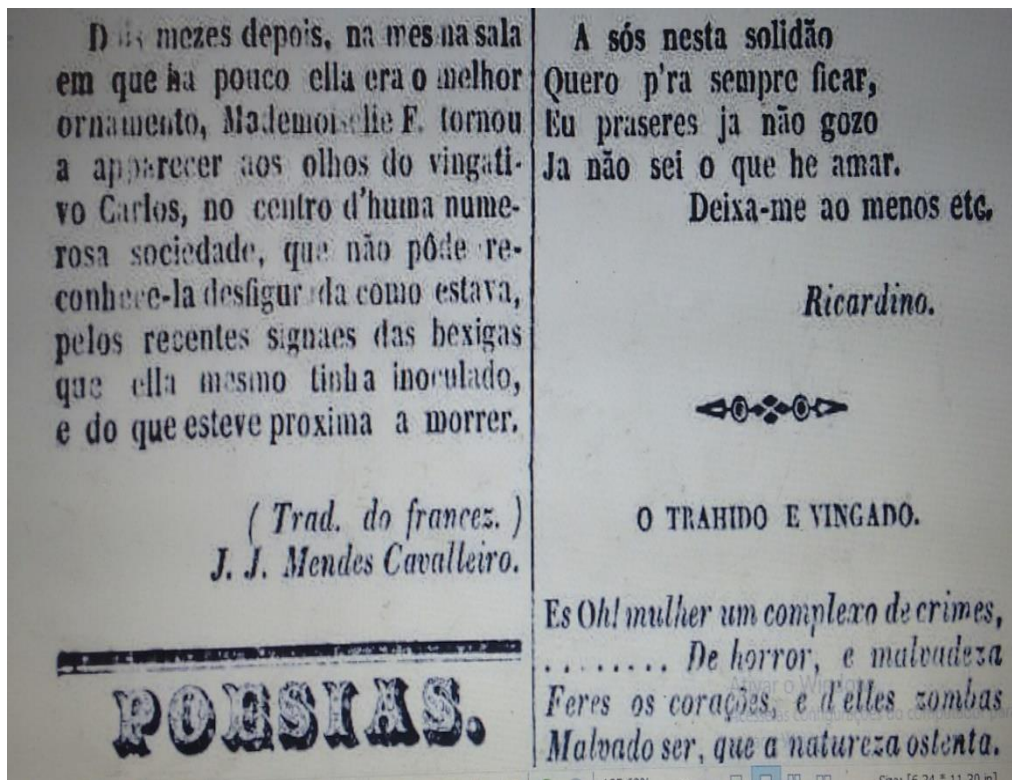
As traduções de romances-folhetins também circularam nas páginas d’*O Beija-Flor*, conforme aparece registrado na edição de número 17, na qual foi publicada a continuação da de uma tradução francesa assinada pelo português J. J. Mendes Cavalleiro. Notamos também que em certos jornais não há informações sobre os tradutores, o que era comum na época. Em algumas publicações, o nome do tradutor era mencionado, em outras, não.

⁵² *O Beija-Flor*, Belém, 23 fev. 1851, p. 2.

⁵³ *O Beija-Flor*, Belém, 23 fev. 1851, p. 2.

⁵⁴ MENDONÇA, Simone Cristina. **Letras e Livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Scortecci, 2016. p. 53.

Figura 5 - Circulação de traduções francesas n' *O Beija Flor*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A presença dessas narrativas no periódico, a exemplo de traduções e de trabalhos autorais nacionais ou regionais, confirma que, nos anos cinquenta do Oitocentos, os jornais paraenses também serviam como suporte literário e que os periódicos de curta duração foram importantes na introdução e divulgação de literatura que, posteriormente, se intensificaria nos jornais de longa duração.

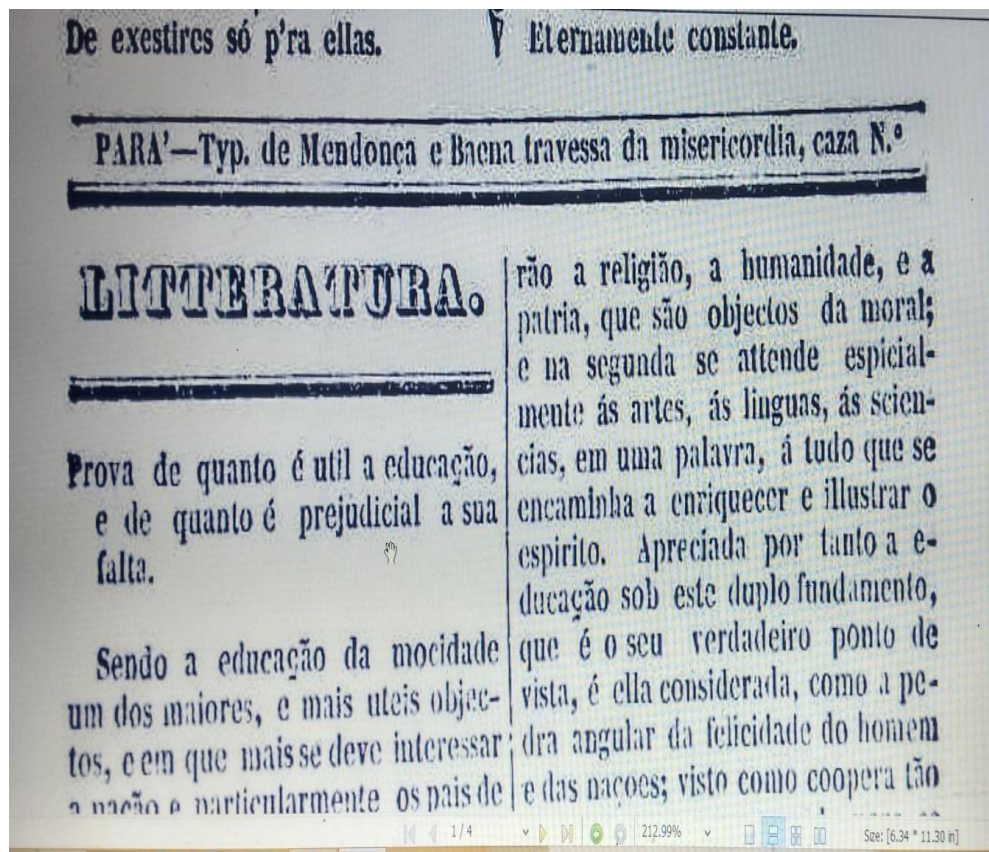
O periódico também abriu espaço para as publicações assinadas pelos leitores, desde que seguissem as regras estabelecidas. A seção de *Anúncios* convidava os assinantes a enviar artigos para a redação para serem impressos gratuitamente, conforme a nota publicada na edição de número 1, de 14 de julho de 1850:

Serão recebidos os artigos de qualquer assinante, para serem impressos gratuitamente neste periódico com tanto, que hão de guardar neles as regras da moral e decoro, e versando sobre o fim a que o mesmo se propõe; recebem os artigos nesta typ., e em casa de Manoel Vicente de Carvalho Penna, onde também se recebem assinaturas a 1\$00 reis por trimestre, pagos adiantados, e se vende folha avulsa a 80 reis.⁵⁵

⁵⁵ *O Beija Flor*, Belém, 14 jul. 1850, p. 4.

Em *O Beija Flor*, o espaço físico da coluna *Litteratura* não era o rodapé, mas o início da primeira página, logo abaixo das informações iniciais sobre o jornal. Além de prosa de ficção, nela eram publicados artigos que debatiam questões educativas, como, por exemplo *Prova do quanto é útil a educação, e de quanto é prejudicial a sua falta*, assinado pelas iniciais T.C.P.G., que circulou em 4 de agosto de 1850, na edição de número 4 e ocupou as duas colunas da página 1 e a primeira coluna da página 2, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 6 - Coluna literária denominada *Litteratura* nas páginas d'*O Beija Flor*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A presença da coluna *Litteratura* n'*O Beija Flor* enseja a reflexão sobre duas questões a respeito da literatura no Oitocentos. Primeiro, sobre a importância dada ao assunto, já que a coluna ocupa um espaço privilegiado e importante do jornal: as matérias publicadas ali abordam questões relevantes sobre educação, literatura e filosofia. Além disso, a publicação na primeira página facilita o acesso e a comunicação com o leitor. Segundo: mostra que o termo “literatura” ainda não tinha conquistado o significado que tem hoje. Nessa época, a literatura era compreendida em sentido mais amplo e alargado do que atualmente e ainda não estava institucionalizada, conforme se observa na definição da *Enciclopédia*:

LITERATURA (*Ciências, Belas Letras, Antiq.*) termo geral que designa a erudição, o conhecimento das Belas-Letras e das matérias que com ela têm relação. Veja o verbete LETRAS, em que, fazendo seu elogio, se demonstra sua íntima união com as Ciências propriamente ditas.⁵⁶

Assim, a ideia a respeito da definição de literatura no Pará oitocentista também não era compreendida conforme a concepção moderna que, como aponta Márcia Abreu em *Letras, Belas-Letras, Boas Letras*, surgiu a partir do momento em que ocorre a harmonização entre alguns elementos do contexto literário, como leitores, gêneros, escritores e formas de ler.

A definição moderna de literatura se fez no momento em que entraram em cena novos leitores, novos gêneros, novos escritores e novas formas de ler. Escritores e leitores eruditos interessavam-se fortemente em diferenciar-se de escritores e leitores comuns, a fim de reassegurar seu prestígio intelectual, abalado pela disseminação da leitura. Isso os levou a eleger alguns autores, alguns gêneros e algumas maneiras de ler como os melhores. Convencionaram chamar isso de Literatura.⁵⁷

Destarte, percebemos que já existia nas páginas dos periódicos da capital paraense um movimento organizado por jornalistas e intelectuais da época que reconheciam, discutiam e refletiam sobre a importância do conceito de literatura e das questões ligadas a ela.

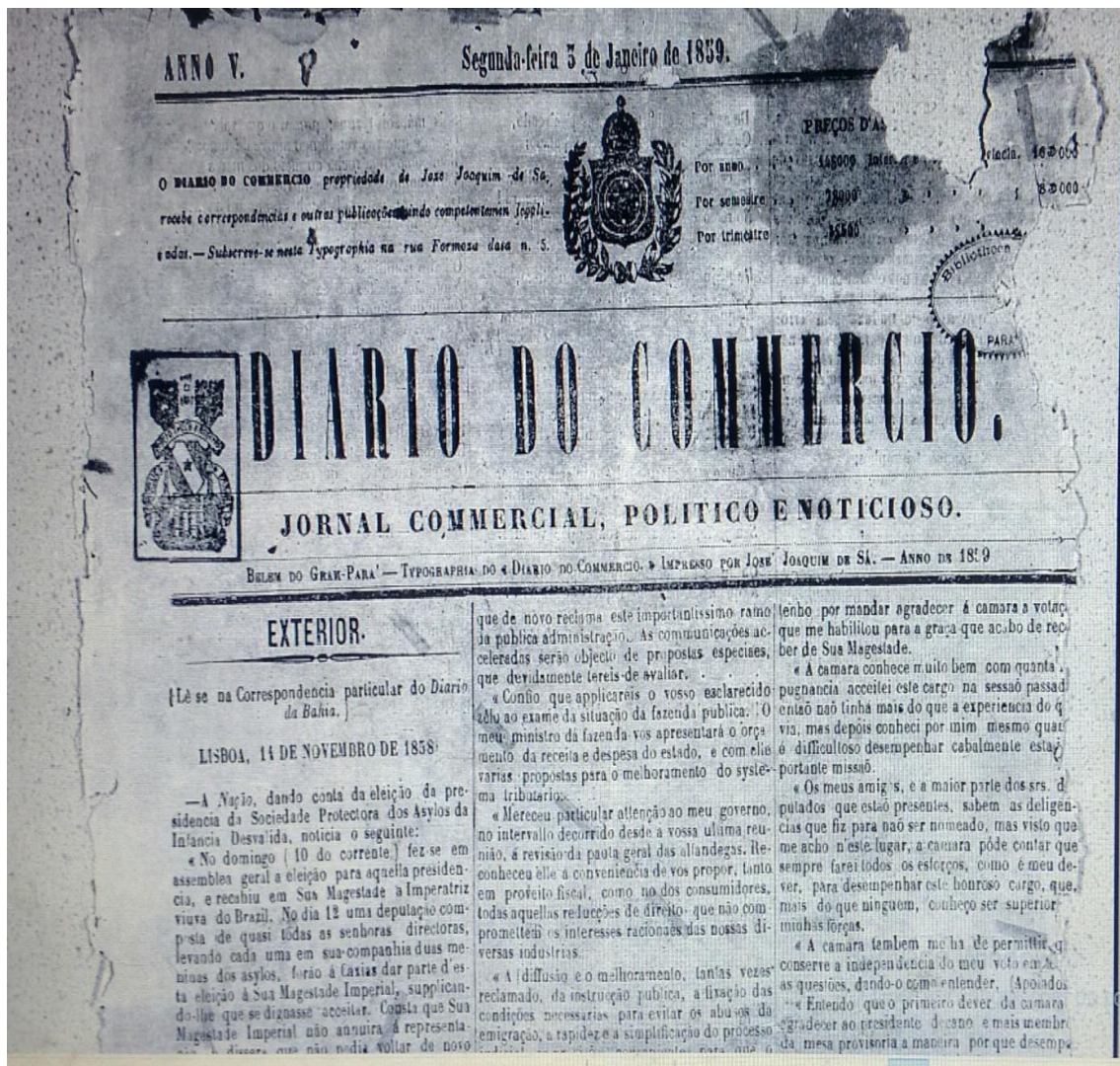
Com efeito, *O Beija Flor*, um dos primeiros periódicos a investir na divulgação do texto literário, incorpora todos os paradigmas estruturais utilizados pelos jornais europeus e de outras regiões do Brasil. Nele, são encontrados textos em versos e em prosa de ficção, publicações seriadas, traduções francesas, a seção anúncios, a coluna literatura e a já então consagrada expressão “continuar-se-á”. A publicação de folhetins ambientados em Belém pelo *O Beija-Flor* confirma a força e a intensidade que o fenômeno jornalístico e literário teve na Província.

O *Diário do Commercio* (1854-1859), outro jornal de curta duração, surgiu no cenário da imprensa paraense, aderiu à voga de publicar literatura em suas colunas e, portanto, serviu como suporte literário. Na parte superior da primeira página do jornal, o periódico intitulava-se como um jornal comercial, político e noticioso. No entanto, suas páginas registram publicações de textos que o enquadram também no gênero literário.

⁵⁶ “LITTÉRATURE” (*Ciências, Belas Letras, Antiq.*) terme general, qui designe l’érudition, la connaissance des Belles-Lettres et des matières qui y ont rapport. Voyez le mot LETTRES, où en faisant leur éloge on a démontré leur intime union avec les Sciences proprement dites”. In: D’Alembert (1751-1772). Apud: ABREU, Márcia. *Letras, Belas-Letras, Boas Letras*. In: BOLOGNINI, Carmem Zink. **História da Literatura**: discurso fundador. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB): São Paulo: Fapesp, 2003, p. 14.

⁵⁷ ABREU, Márcia. *Letras, Belas-Letras, Boas Letras*. In: BOLOGNINI, Carmem Zink. **História da Literatura**: discurso fundador. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB): São Paulo: Fapesp, 2003, p. 28.

Figura 7 - Jornal *Diario do Commercio*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Era um jornal de formato pequeno, estruturado em quatro páginas e três colunas e com as seguintes seções: *Exterior*, para divulgar notícias ocorridas fora do país, bem como notas de interesse político de Portugal; *Parte Official*, responsável por informar os assuntos oficiais da Província do Pará; *Repartição da policia*, que fazia um extrato a respeito das questões judiciárias que ocorriam em Belém; *Parte Commercial*, destinada à divulgação dos rendimentos/receitas da alfândega na província, anúncios bancários e correio geral, bem como também reservada à informação dos horários de partida e chegada dos navios nos portos de Belém e intermediários como Vigia, Bragança e Cameté. Junto a essas seções, havia espaços destinados à publicação literária, como a coluna *Variedades*, que na edição de 5 de janeiro de 1859 foi publicada na página 2. Nela, estão registrados os poemas *Camões e Jau* e *Versos a*

ela, ambos assinados por Lopes Cardoso, assim como *Eu conto a papai*, de autoria de L. B. de Castilho.

Figura 8 - Coluna literária denominada *Varietades* nas páginas do *Diario do Commercio*

PARTE OFFICIAL.
 Marechal General do Commando das Armas do Pará,
 24 de Dezembro de 1858.
ORDEN DO DIA N. 73.
 O brigadeiro comandante das armas da província determina que o batalhão 3.º de artilharia a 11.º de infantaria de linha e o destacamento Guarda Nacional, em exercicio na guarnição sejam formados em seus respectivos quartéis, o primeiro as 7 horas, o segundo as 6 h 12, e o destacamento as 7 h 12 horas da manhã do dia 3 de Janeiro proximo futuro, afim de passar se lhes a revista geral de mostra.—assignado.—Francisco José Damasceno Rozado.—Conforme. Joaquim Antonio Pereira da Cunha. 1.º tenente secretario.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.
Extracto do dia 30.
 A ordem do dr. chefe de policia da provincia foi preso o preto José, affectado do mal S. Lasero, por ter-se evadido do lazareto de Conduba e andar vagando por esta cidade.
 Relação das pessoas despachadas no dia 30.
 Alexandre Paulo de Brito Amorim, portuguez, para Manãos.
 Manoel José Ferreira de Mendonça, idem, idem.
 Antonio José Pereira Carneiro, idem, idem.
 Luiz José de Siqueira, idem, para Obidos.
 Dr. Augusto Kröll, russo, para Tabatinga.
 Dr. Vicente Nazar, peruano, idem.
 Dr. Antonio Peneda, idem, idem.
 A tripulação do barco «Faisca» para Santa-
VARIETADES.
CAMÕES E JAU.
 Pátria, ao menos juntos morreremos!
 E morrer co'a pátria.
 GABRIEL.—Camões.

VERSOS A ELLA.
 Desde essa noite para mim tão bella
 Em que eu, dozele, tuas graças vi,
 Amor ardente te votei, tão cego
 Que o meu socego desde então perdi!

Tão feliz te nessa noite estavas
 Que fascinavas com magia indida,
 E dos teus labios seductor surrao
 Tão meigo e liso julgo ver ainda.

De ti meus olhos tão d'amor lusentes
 Vistas ardentes desviar tentei;
 Baldos esforços porque mais vencido,
 Mais atraído para ti fiquei!

Das graças tuas o poder infindo,
 Meu anjo lindo, conheci emfim!
 Então cercando-me infantil rubor
 Sentii que amor se apoderou de mim;

Porém apenas nos meus olhos leste,
 Anjo celeste, que eu te tinha amor,
 Foste qual pomba para o céu voando,
 Só me deixando violenta dor!
 LOPES CARDOSO.

EU CONTO A PAPAI.
 Eu vi linda moça, formosa, innocente,
 Qual flor escondida no meigo botão;
 Sua alma era espelho de virgens pensares,
 De virgens pensares o seu coração:
 Mas quando eu ardente dizia lhe—amai—
 A moça travessa correndo fallava:
 —Eu conto a papai!

Ouvi-me, sois anjo dos anjos da terra,
 Na face mimosa scintilla a romã,
 Sois mais engraçada que as flores dos montes,
 Sois mais seductora que a rosea maubã;
 Sou louco de amores—ah! não me matai...
 —Não creio nos homens, tornava sorrindo:
 —Eu conto a papai!

Olhai para as rosas tão frescas e lindas,
 Parecem dizer-vos:—cruel, tende amores...
 E a brisa que passa, que passa gemendo,
 Beijando essas tranças da côr de amargores,
 Que diz, linda moça?—que diz? confessai...

PARTE COMMERCIAL.
 Caixa Fidei do Banco do Brazil nesta Praça.
 Taca dos descontos 10%, ao anno.
 Directores da Semana.
 Francisco Gaudencio da Costa,
 Bruno Alvares Lobo.
Rendimentos.
 ALFANEGUA
 Renda do dia 1.º a 31 138
 Coy... 1927
 R... 31148183
 R...
 R...
 SANTA CA...
 Renda do dia 1.º a 31
 PROVINCIA DO AMAZONAS
 Renda do dia 1.º a 31
 VIGIA
 Renda do dia 1.º a 31
 IGARAPÉ MERIM
 Renda do dia 1.º a 31
Correio Geral.
 PARTIDAS.
 Macapá — — — — a 1 e a 18
 Capital do Amazonas } no — — — — 1.º
 e portos intermedios } e a — — — — 18
 Vigia — — — — a 3 e a 18
 Sul — — — — de 7 a 8 e a 22
 Bragança — — — — — 13 e a 28
 Cametá — — — — — 5 e a 20
 CHEGADAS.
 Macapá — — — — de 3 a 5, e a 15
 Capital do Amazonas } de — 3 — a — 6
 e portos intermedios } e — a — — — 10
 Sul — — — — de 5 a 6 e a 24
 Cametá — — — — — 9 e a 25

MUTILADA
MANCHADA

Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

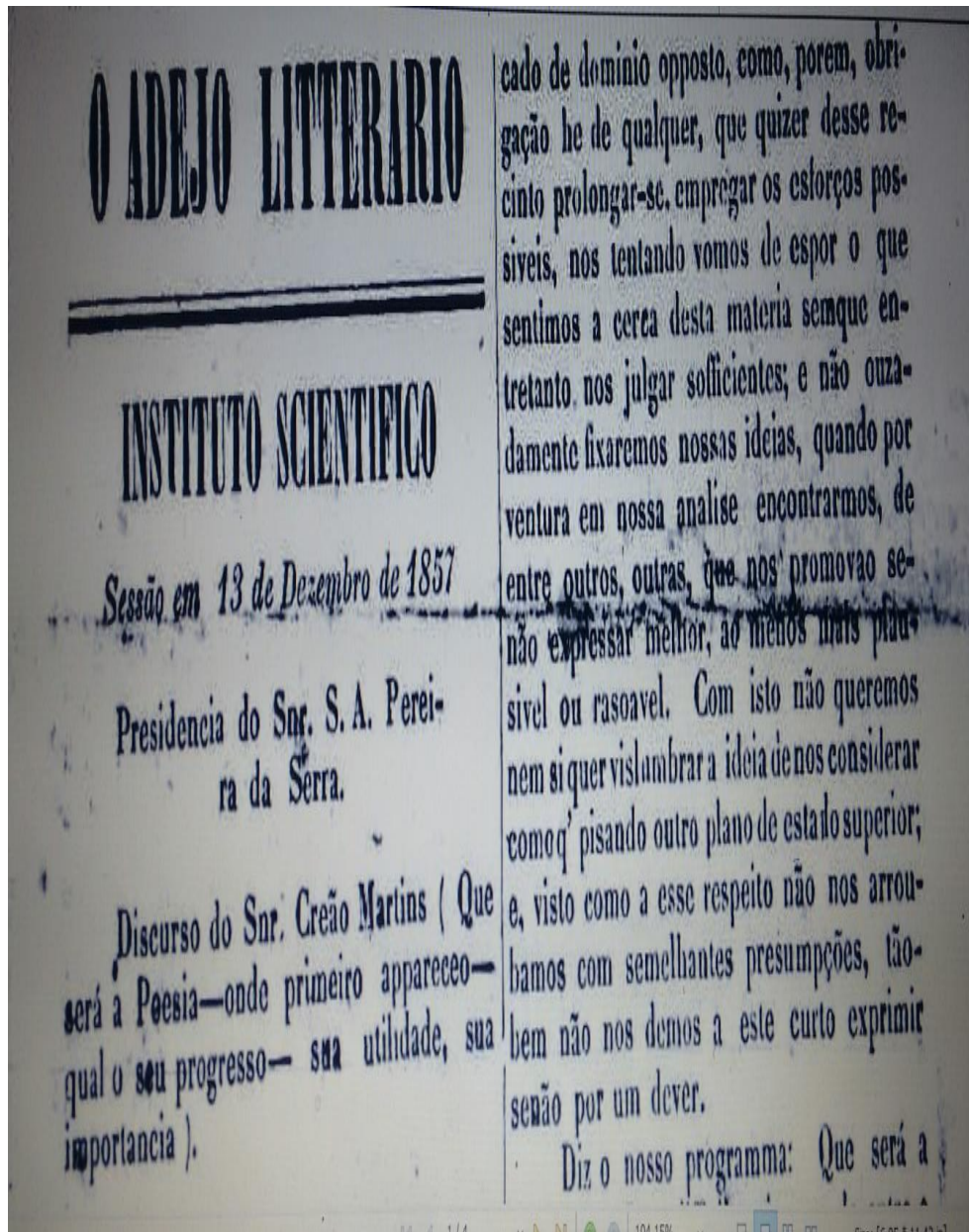
O periódico registra poemas, como *Minha Pátria*, de Aniceto de Souza Pinto e Barros, publicado na edição de número 108, de 17 de maio de 1859, e *A Guerra*, de E. Girardin⁵⁸, um texto ficcional em prosa, publicado na edição de número 124, em 6 de junho de 1859.

O Adejo Litterario (1855- 1858), de propriedade do Instituto Científico, foi um jornal de curta duração destinado à instrução e ao recreio dos leitores. Em suas páginas estão registradas “liras, charadas e poesias”. Na edição de número 50, datada de 27 de dezembro de

⁵⁸ Émile Girardin foi jornalista, político e editor francês do século XIX. Dono de jornal e revistas francesas, ele foi responsável pela publicação de prosa de ficção no rodapé do jornal *La Presse*, que deu origem à associação entre imprensa e literatura, principalmente entre as populações de massa.

1857, há a publicação de um discurso que discute a importância e a utilidade da poesia. Vejamos:

Figura 9 - Jornal *O Adejo Litterario*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

O texto faz uma reflexão sobre o conceito de poesia. Para isso, o autor apresenta a arte como um prazer puro, que precisa ser sentido, porém é algo que nem todos possuem, algo considerado indefinível, que precisa ser sentido. A partir desse conceito inicial, surgem algumas reflexões em torno do fazer poético. Ainda nessa manifestação discursiva, S. A.

Pereira da Serra discorre sobre o destino da poesia e reconhece a dificuldade em distinguir e definir o gênero:

Que será a Poesia? Bem difícil seria-nos de entender a multidão distinguir, e preferir a melhor maneira de entender se acaso não nos apoiássemos em competentes opiniões, seguindo, não obstante, o que nos aconselha a razão prática. Uns entendem que a poesia não é mais do que um prazer puro, uma delicadeza de sentir, uma coisa, que nem todos possuem, mas que podem mais ou menos reconhecer. – Entendem afinal uma coisa indefinível; e deste modo se explicam. – Assim como as flores são a poesia da terra, assim a poesia é a flor da alma. Revela confessarmos que a definição é breve, a confrontação admirável; porém que não abrange todo o objeto definido ou delimitado, é uma verdade.⁵⁹

A publicação desse artigo no *Adejo Litterario* leva-nos a inferir que a Província do Pará iniciava um singelo movimento que se preocupava em torno de questões literárias como o conceito de poesia.

O Treze de Maio, *O Publicador Paraense*, *O Beija-Flor*, *O Diario do Commercio* e o *Adejo Literário* foram, nas décadas de 1840 e 1850, pioneiros na publicação de poemas e prosa de ficção. Coube a eles a responsabilidade de incentivar a difusão da literatura entre os leitores paraenses, como apontam as pesquisas de Germana Sales sobre a relação dos três últimos jornais com o literário.

Antes de 1860, encontramos os seguintes periódicos que já reservavam espaço para a literatura: *O Beija-Flor*, periódico literário semanal, impresso na Tipografia Mendonça e Baena, publicado entre os anos de 1850 e 1951; o *Diário do Comércio*, publicação diária, de segunda a sábado, circulou entre 1854 e 1857, trazia assuntos políticos, comerciais e um espaço destinado à publicação de folhetins e romances; o *Adejo Literário*, jornal literário semanal, que circulou entre 1855 e 1858, diversificou os espaços ocupados pela literatura (com a publicação de poemas, líras e charadas, dentre outros gêneros).⁶⁰

Desse modo, os jornais de curta duração intensificaram a divulgação da literatura entre os leitores paraenses de Belém e de outros lugares da província, como Cametá, Bragança, Santarém e Vigia, por exemplo, onde os periódicos também circulavam.

Outros jornais de porte pequeno e de curta duração endossaram a iniciativa d'*O Beija Flor*, d'*O Diario do Commercio* e do *Adejo Litterario* e investiram na relação entre jornal e literatura, que vinha conquistando os leitores desde a década de 1830, na França. A publicação de poemas, crônicas, contos, novelas, romances-folhetins e crítica literária

⁵⁹ *O Adejo Literário*, Belém, 27 dez. 1857, p. 1.

⁶⁰ SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelaces**. Fortaleza - Ceará. Ano I – nº 1, p. 01-13, ago. 2007.

intensificou-se ainda mais na Província do Pará, conforme já estava ocorrendo em outras regiões do Brasil.

O jornal *A América* também deixou como legado uma farta publicação de textos literários na província paraense. Periódico classificado como de curta duração, de propriedade de Casimiro Guimarães, circulava aos domingos e apresentava crítica, propaganda pela democracia, artes e letras. A edição de número 4, de 26 de janeiro de 1879, conta com a publicação do capítulo V de uma historieta intitulada *A Perseguida*, cuja autoria é identificada apenas pelas iniciais C. M. L. Vejamos:

Figura 10 - Romance-folhetim *A Perseguida* no periódico *A América*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A coluna *Folhetim* fazia parte da estrutura d’*A América* e tinha seu lugar reservado no rodapé ou *rez-de-chaussée* (rés do chão) no fim da primeira página, seguindo a matriz francesa e as demais regiões do Brasil. Nessa edição, a coluna ocupou o rodapé das três primeiras páginas do jornal com a publicação do capítulo V de *A Perseguida*. Além do espaço *Folhetim*, há em meio aos anúncios de governo, propagandas e ideias sobre a democracia, a coluna *Litteratura*, que, nesse mesmo exemplar, divulgou um texto sem autoria, intitulado *O credo com coco*. Entre artigos de crítica, propaganda pela democracia e artes e letras, *A América* foi uma importante janela no cenário paraense da imprensa oitocentista ao propagar a arte literária em suas páginas.

A *Arena* (1887) foi um periódico literário e artístico que, mesmo enquadrado na categoria “curta duração”, provocou repercussão entre os letrados e a imprensa da época, devido à qualidade de suas publicações, organizadas pelo jovem intelectual paraense Paulino de Brito. Escritas por Paulino de Brito⁶¹, Heliodoro de Brito⁶² e Marques de Carvalho⁶³, suas páginas divertiam e encantavam os leitores belenenses aos domingos. Um dos objetivos de sua criação foi “o bom gosto na arte jornalística” por meio da intensificação, divulgação e produção literária, defendida por Paulino de Brito no *artigo programa* publicado nas páginas d’*A Arena*.

O periódico teve excelente recepção por parte dos leitores e, principalmente, da imprensa da região, que viram com simpatia o surgimento do jornal, vislumbrando as possibilidades que se abriam para a divulgação da cultura letrada. O fragmento abaixo, publicado pelo jornal *Diário de Belém* e reproduzido pela própria *Arena*, no exemplar de número 2, de 24 de abril de 1887, chancela sua qualidade jornalística e literária.

Conforme se anunciara, foi anteontem distribuído o primeiro número deste periódico já tão ansiosamente esperado pelo público.

Felizmente estão vencidos todos os escrúpulos, todos os receios de nossa mocidade talentosa.

A vida literária entre nós estava como que adormecida; as nossas melhores inteligências como que apertadas nas faixas de mal entendidos receios, é só de longe em longe, pelos jornais da terra, se assinalavam essas existências vigorosas que criminosamente continuavam a retrair-se, subtraindo assim da literatura provinciana as riquezas que lhe pertenciam.

E porque tão condenáveis escrúpulos?

Por ventura não era tempo já da Amazônia ter uma vida literária própria quando tão vastos e ricos são os seus horizontes, quando tantos são já os seus filhos talentosos?

⁶¹ Nasceu em Manaus, na data de 9 de abril de 1858 e morreu em Belém, em 17 de julho de 1919. Jornalista, professor e escritor de vários gêneros como poemas, crônicas, contos e romances. Tornou-se redator-chefe do jornal *Folha do Norte*.

⁶² Irmão de Paulino de Brito, também exerceu a profissão de jornalista na Província do Pará.

⁶³ Escritor, diplomata e jornalista paraense. Foi um dos redatores do periódico *A Arena*. Atuou como colaborador no *Diário de Belém*. É o autor do romance brasileiro naturalista *Hortência* (1888), ambientado no Pará.

Enfim só agora foram quebradas essas hesitações, esses receios.

À coragem de alguns moços foram despedaçados felizmente os elos dessa cadeia criminosa, e eis que hoje do seio da Amazônia surge pujante *A Arena*, erguendo seu valente brinde no lauto banquete da universalidade literária.

Bem vinda seja.

O Diário de Belém cumprimentando-a afetuosamente faz votos para que seus iniciadores nunca arrefeçam na luta brilhante que empenharam, afim de que a *Arena* seja o pedestal onde se erga o majestoso templo da literatura paraense.⁶⁴

O excerto certifica a preocupação do jornalismo paraense do período imperial com o desenvolvimento da cultura literária na região e com a presença de uma produção local que reproduz um discurso que almejava uma vida literária na Amazônia. Podemos sugerir, então, que nasceram nas páginas da imprensa paraense os primeiros discursos e intenções a respeito da formação de um “sistema literário” paraense que constituísse o tripé autor, obra e público, nos moldes do que bem mais tarde Antonio Candido proporia sobre a criação do “sistema literário” brasileiro.⁶⁵

O periódico *Officina Litteraria* teve um papel importante na divulgação de textos literários que circularam na segunda metade do século XIX. Órgão da agremiação *Officina Literária*, era de publicação quinzenal e, de acordo com as informações contidas nas páginas do próprio periódico, tinha um diretor literário, Péricles Moraes, e dois redatores, Luiz Alves dos Santos e José Flexa Ribeiro. Nela, há registros de publicação de textos em verso e em prosa de ficção.

A edição de número 3 do jornal, datada de 30 de julho de 1899, traz uma edição especial dedicada a Coelho Netto, escritor maranhense nascido em Caxias. A matéria é uma homenagem como forma de acolhimento pela chegada do artista na capital paraense:

Há bem poucos dias que Belém, esta elegante e importantíssima cidade, recebeu em seu seio, no meio dos mais ruidosos entusiasmos e dos mais frenéticos aplausos, aquele que foi destinado para ser o brilhantismo de uma pátria a admiração d’um povo... o genial escritor Coelho Netto.⁶⁶

Os afagos ao escritor maranhense multiplicavam-se: “não só um literato: vale uma literatura”, dizia dele Américo Santa Rosa,⁶⁷ como se vê na imagem abaixo:

⁶⁴ Artigo extraído do *Diário de Belém* e publicado n’ *A Arena*, Belém, 24 abr. 1887, p. 13.

⁶⁵ CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos, 1750-1880. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 25.

⁶⁶ *Officina Literária*, Belém, 30 jul. 1899, p. 1.

⁶⁷ Américo Santa Rosa (1860-1933), engenheiro civil, geógrafo e historiador, nasceu em Belém do Pará. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro e fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Etnológico do Pará e da Amazônia.

Figura 11 - Edição especial do periódico *Officina Litteraria* dedicada a Coelho Netto

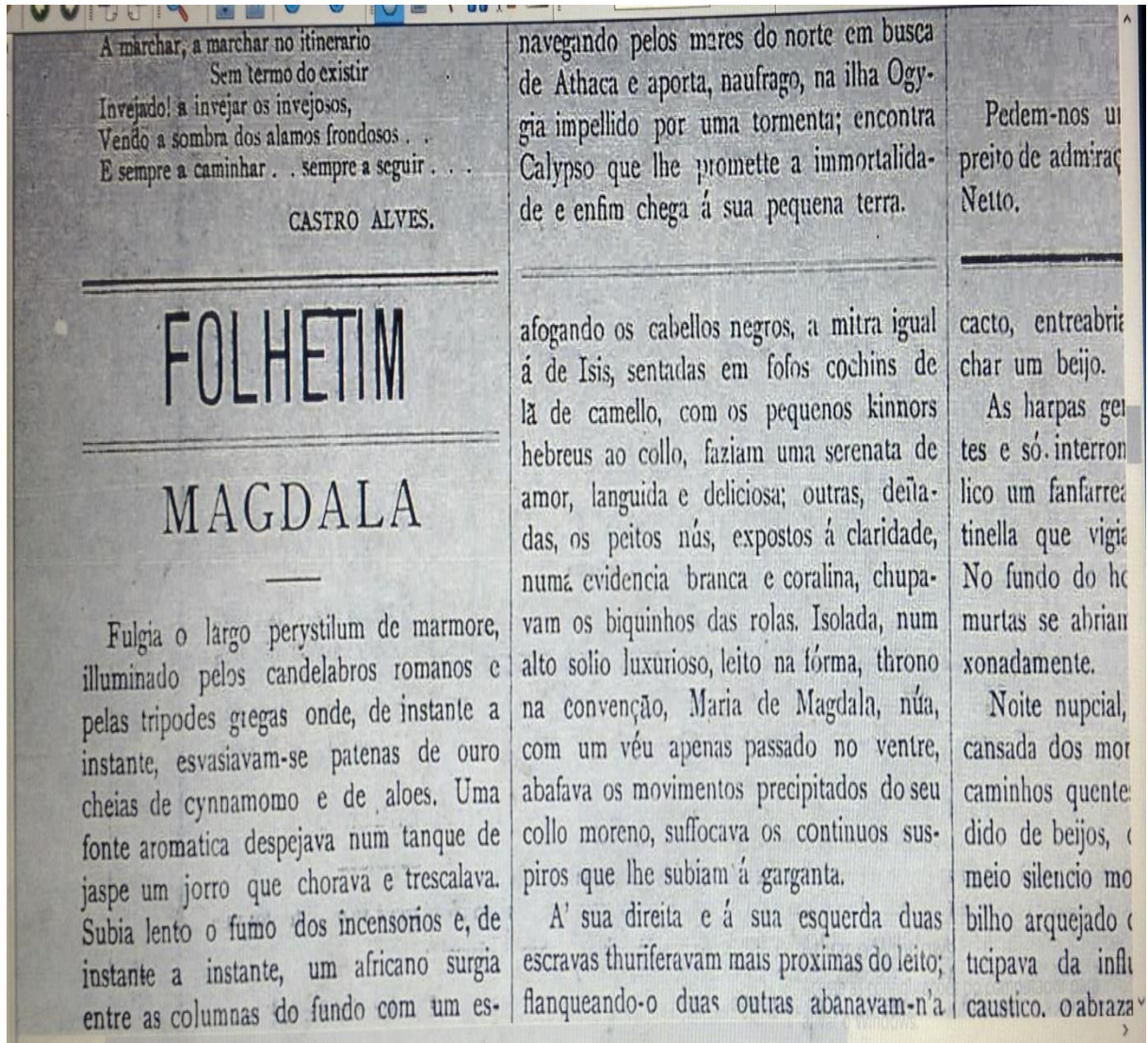


Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Coelho Netto, o homenageado pela revista *Officina Litteraria*, foi um escritor, cronista, romancista, crítico e teatrólogo reconhecido pelos manuais de História da Literatura Brasileira. Para dar ainda maior relevância à homenagem prestada ao escritor que foi membro da Academia Brasileira de Letras, essa mesma edição também publicou na coluna *Folhetim* o romance *Magdala*, assinado por ele. A importância da estada do escritor Coelho Netto na Província do Grão Pará refletiu-se na repercussão gerada pelos editores da *Officina Litteraria*,

que disponibilizaram quatro páginas do jornal dedicadas a ele. Nesse dia, a coluna ocupou o rodapé da segunda, terceira e quarta páginas do periódico para divulgar o capítulo editado para publicação.

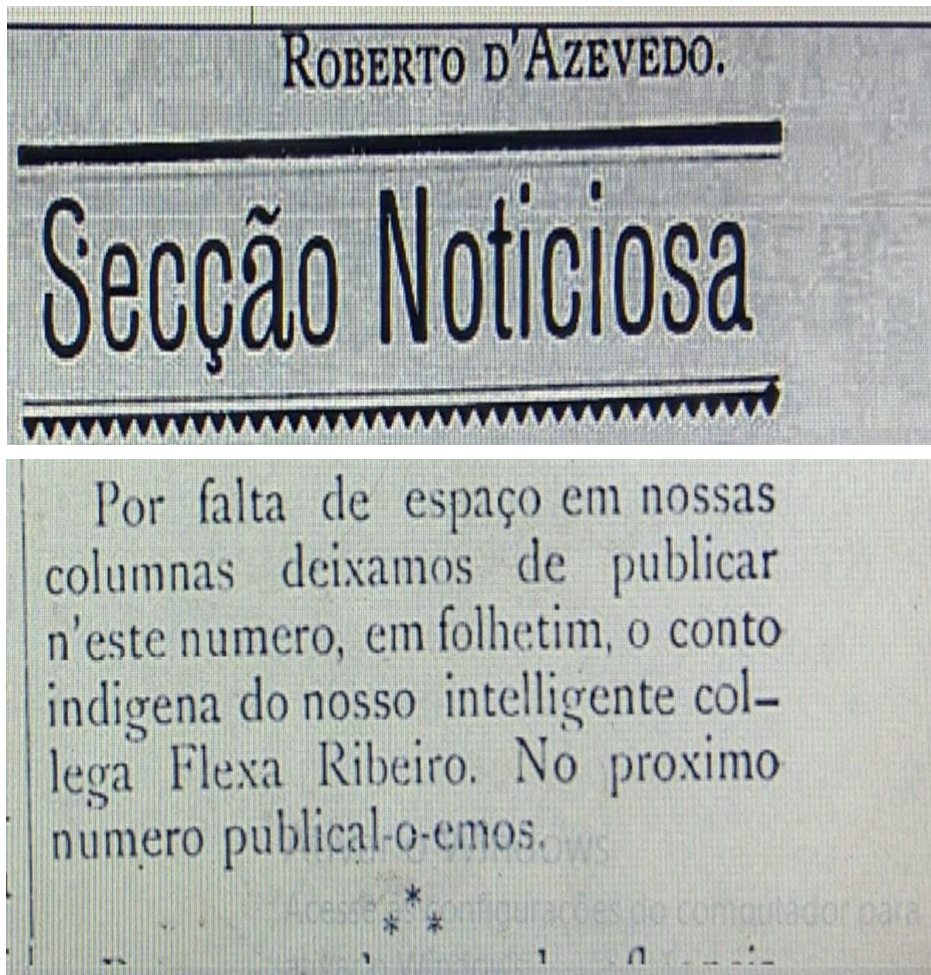
Figura 12 - Romance-folhetim *Magdala* publicado no periódico *Officina Litteraria*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Responsável pela divulgação do literário, a *Officina Litteraria* publicava poemas, críticas, homenagens a intelectuais da época, romances. Na página 4 da edição de número 12, há, na *Seção Noticiosa*, um anúncio que justifica aos leitores a não circulação, por falta de espaço, de um conto indígena em folhetim, de autoria de Flexa Ribeiro, de acordo com a reprodução a seguir:

Figura 13 - Justificativa da *Officina Litteraria* sobre a não publicação do folhetim



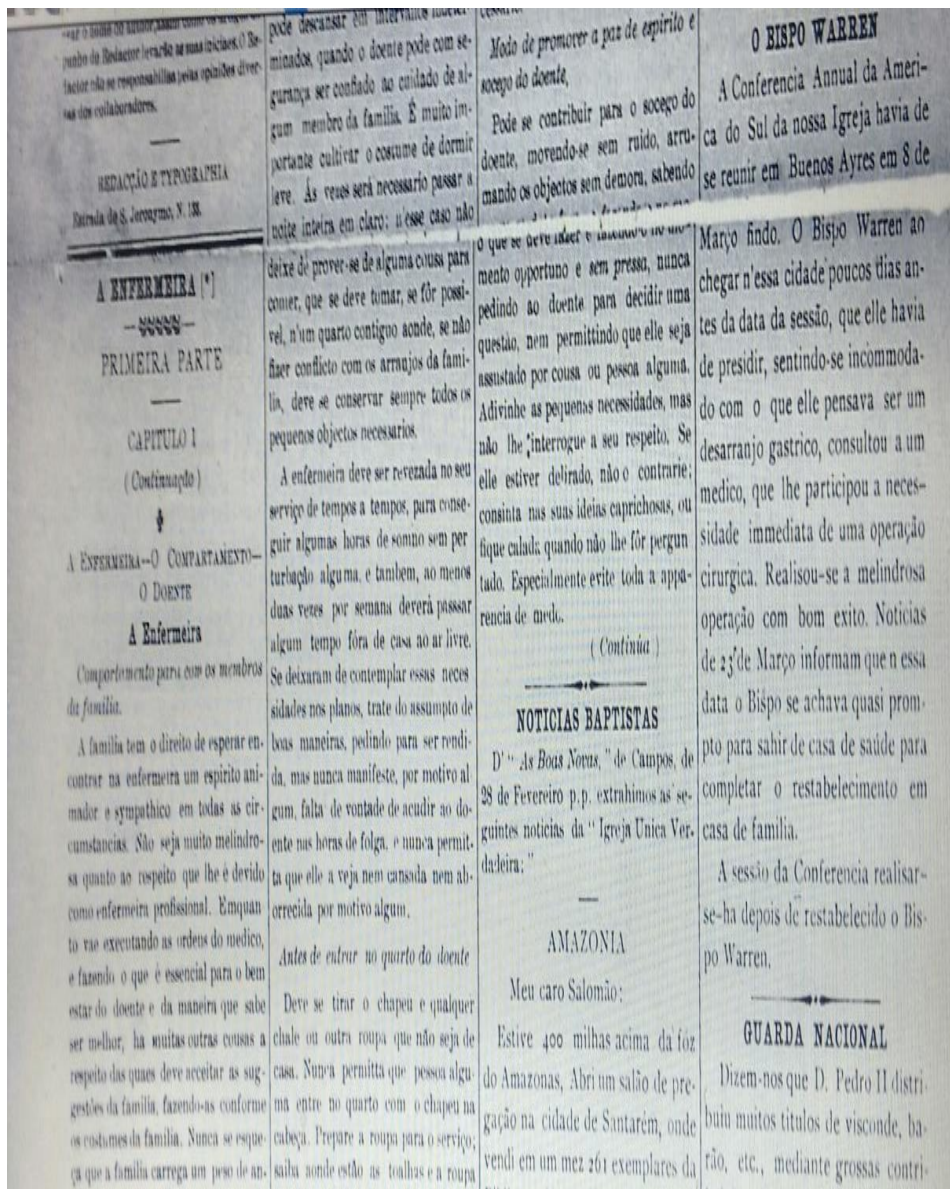
Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Legenda: Por falta de espaço em nossas columnas, deixamos de publicar n'este número, em folhetim, o conto indígena do nosso inteligente colega Flexa Ribeiro. No próximo número publical-o-emos.

Em pleno 1859, o Pará publicava narrativas de cunho indígena nas colunas literárias dos periódicos, como podemos observar a partir da escrita do anúncio acima. Inferimos, assim, que na segunda metade do século XIX havia a preocupação de registrar as experiências dos índios como forma de manter viva a cultura, a oralidade e as crenças desses povos.

“Praticar a verdade, custe o que custar” era o lema do *Apologista Christão Brasileiro* (1890-?), um dos tantos periódicos do gênero religioso que também investiu na publicação literária. De ordinário, publicava notas sobre batismo, purificação dos pecados, salvação e orientações a respeito da Escola Dominical. No entanto, apesar do conteúdo cristão conservador, a publicação de textos literários, às vezes repudiados por discursos religiosos, tinha espaço garantido nas suas páginas, como, por exemplo, na edição de número 4, que circulou em 1 de abril de 1899:

Figura 14 - Romance-folhetim *A Enfermeira* publicado no periódico religioso *Apologista Christão Brasileiro*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Tratava-se da continuação da primeira parte do capítulo I do folhetim *A Enfermeira*. O romance encontrava-se na primeira página do jornal e usava estrategicamente a fórmula “continua” para seduzir o leitor para os próximos lances da narrativa. Nesse periódico, a coluna *Folhetim* não ocupava o fim da primeira página, mas a primeira, a segunda e a terceira colunas do jornal.

O Condor (1897), jornal literário, postal e noticioso, publicava cartas, prosa de ficção e poesia. Na edição de número 1, que circulou em 15 de abril de 1897, há o registro da narrativa *Menina e Moça*, estruturada em sete capítulos curtos. Não se trata, no entanto, da novela pastoril de Bernardim Ribeiro. Vejamos:

Figura 15 - Romance-folhetim *Menina e Moça* publicado no periódico *Condor*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

O capítulo publicado nessa edição não encerra a história. No entanto, o periódico não utilizou a fórmula “continua” para informar ao leitor se haveria ou não continuidade da narrativa, expediente ao qual recorria a maioria dos periódicos.

Como modelo de janela literária paraense do Oitocentos, *O Condor* tinha uma coluna denominada *Salão Poético*, destinada à publicação de poemas, conforme demonstra a imagem abaixo:

Figura 16 - Espaço literário denominado *Salão Poético* no periódico *O Condor*

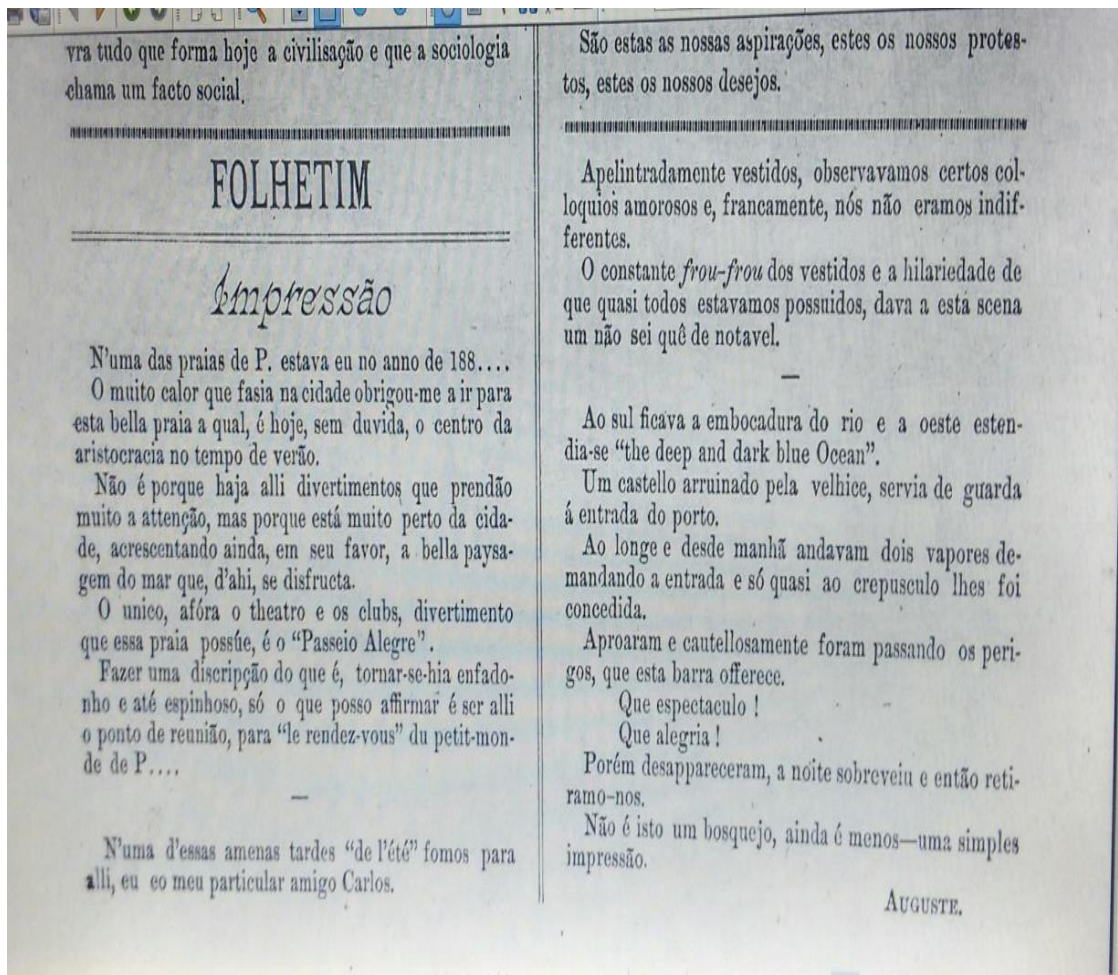


Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

No exemplar de número 1, há em *Salão Poético* a publicação dos poemas *Quinta-feira santa* (Jesus), *N' Alcova*, *A cruz*, *O que eu mais amo*, *No Jardim*, *A Tromba*, *Sereia*, *Ao pavilhão brasileiro* e *Discreto*, cujas autorias pertencem, respectivamente, a Maximiano Barbosa, Flavio Junior, Antonio Bentes, A. Corrêa Pinto, Raymundo Correia; Sérvulo Gonçalves, Ismael Martins, Medeiros Lima e L. Portugal. *O Condor* despontava, assim, como mais um espaço para a divulgação do literário, em verso ou em prosa.

A Voz do Caixeiro (1890-1828), “órgão dos empregados do commercio”, publicava artigos de diversos gêneros: informativos, noticiosos e políticos. Paralelamente, investiu na publicação de poemas, sonetos e prosa de ficção. Na edição de número 1, de 9 de fevereiro de 1890, circulou o folhetim *A impressão*, de Auguste, conforme a imagem abaixo:

Figura 17 - Romance-folhetim *A Impressão* publicado no periódico *A Voz do Caixeiro*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

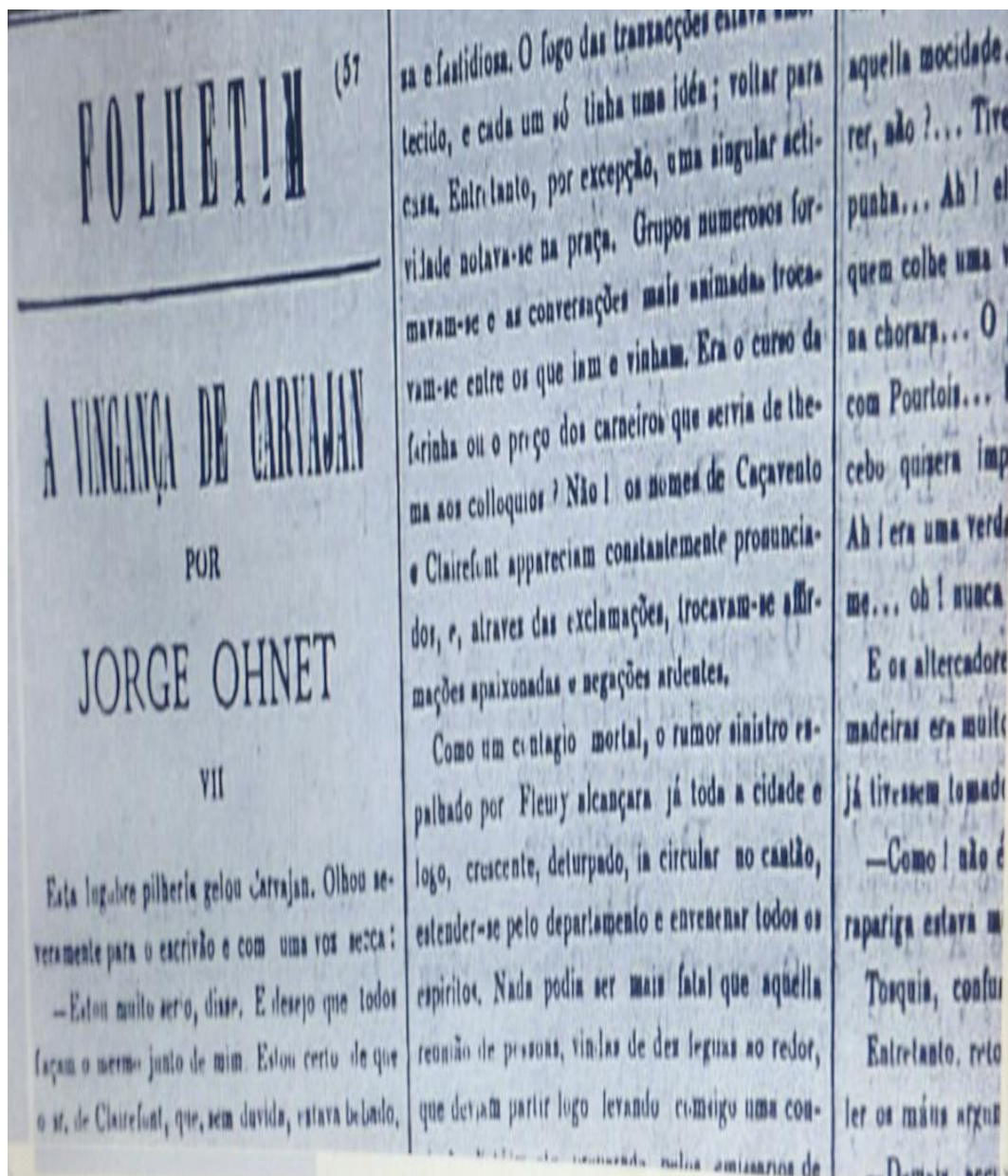
Na edição de número 6, de 16 de março de 1890, encontramos o terceiro capítulo de *Um poeta assassino*, de Armand Charpentier. O jornal, além de atender aos interesses da classe comercial, recorria à arte literária com o fito de atrair leitores.

Vemos, assim, que há um número expressivo de jornais e revistas de curta duração que, seguindo o exemplo do jornalismo europeu e das demais regiões do Brasil, recorriam ao literário como forma de diversificar e estimular a leitura. No entanto, coube aos jornais de longa duração a tarefa de intensificar a circulação do literário, conforme os paradigmas da matriz francesa, principalmente no que se refere à circulação da prosa de ficção e, de modo particular, do romance-folhetim. O jornal *Diário do Gram-Pará* foi um desses periódicos.

Considerado o primeiro jornal de circulação diária da província, o *Diário do Grão-Pará* alterou a rotina da imprensa ao oferecer circulação cotidiana, como o próprio nome do periódico sugere. Dessa forma, os leitores, que antes tinham acesso às notícias a cada semana, quinzena ou mês, passaram a receber as informações de forma rotineira e atualizada.

Inicialmente, o *Diário do Gram-Pará* era estruturado em quatro páginas com três colunas. Com a sua evolução gráfica, passou a ter cinco páginas com sete colunas e, para garantir a fidelidade do leitor, publicava textos em capítulos que se estendiam por vários meses. Na edição de 8 de outubro de 18(??)⁶⁸, sexta-feira, por exemplo, o periódico publicou o VII capítulo do romance-folhetim intitulado *A Vingança de Carvaján*, de Jorge Ohnet. A narrativa ocupou cinco colunas do rodapé da página do jornal e, ao final do capítulo, registra a fórmula “continua”. Vejamos:

Figura 18 - Romance-folhetim *A vingança de Carvaján* publicado no periódico *Diário do Gram-Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

⁶⁸ O ano de circulação do jornal encontra-se ilegível.

O *Diário do Gram-Pará* investiu na publicação de narrativas ficcionais de autores consagrados, a exemplo do escritor parisiense Jorge Ohnet, com o intuito de fisgar o leitor. O autor de *A Vingança de Carvaján* foi sucesso garantido entre os leitores franceses do século XIX e exímio em criar romances sentimentais que atraíam principalmente o público feminino. A qualidade e o sucesso do romance justificam a presença do escritor e do romance-folhetim nas páginas dos jornais paraenses.

O jornal registra também a publicação de romances do célebre escritor português Camilo Castelo Branco: *Coisas Espantosas* (1863), *A Neta do Arcediago* (1863), *A Gratidão* (1863), *O Arrependimento* (1863), *O Bem e o Mal* (1864), *A Filha do Doutor Negro* (1864). Fica evidenciada, assim, a simultaneidade das publicações no *Diário do Gram-Pará*, que no ano de 1863 chegou a oferecer ao leitor quatro romances, o que fortalece o discurso da contribuição literária portuguesa em terras paraenses, fenômeno que será abordado no terceiro capítulo.

Assim, nos anos de 1863 e 1864 o público leitor pôde acompanhar as aventuras e desventuras de Carlota e Manuel de Castro por causa da ambição descabida por bens materiais em *Coisas Espantosas*; de Luiz da Cunha, personagem que finge regeneração para poder se casar com Assucena por causa de um dote, mas abandona a moça diante do plano fracassado, em *A Neta do Arcediago*; da órfã Rosa e sua vizinha cega, que encontra esperança na viúva e dona de casa Dona Tereza, esperança para sobreviver à fome e à miséria, em *A Gratidão*; de Cristina e Casimiro Bittencourt, que, numa luta do bem contra o mal, enfrentam a proibição de Ruy de Nelas para a realização do casamento; e de Alexandre de Aguiar que, desprezado por Cristina, atenta contra a honra de Casimiro Bittencourt, em *O Bem e o Mal*; e, por fim, em *A Filha do Doutor Negro*, de Albertina, que, a despeito da luta que trava contra as barreiras sociais, não logra viver a tão sonhada história de amor com João Crisóstomo.

O espaço generoso concedido à circulação das obras de Camilo Castelo Branco justifica-se pelo fato de os editores / proprietários do *Diário do Gram-Pará* serem também de nacionalidade portuguesa e incentivarem a divulgação da cultura lusa para garantir a herança cultural entre os imigrantes, como será detalhado na seção 3.1 deste estudo.

A intensa circulação de prosa de ficção – crônicas, contos, novelas e romances – nas colunas literárias do *Diário do Gram-Pará* atesta o investimento dos seus editores em relação ao literário em meio a assuntos noticiosos, informativos e políticos e faz com que esse periódico seja o primeiro diário de longa duração a abrir suas janelas literárias para os leitores da província.

O *Diário de Belém* (1868-1892), que nasceu no período imperial, também foi um jornal diário de longa duração e um forte instrumento de publicação literária a investir em prosa de ficção para atrair seus leitores. Dividido em cinco colunas, publicava artigos políticos, noticiosos e comerciais, além de espaços que funcionavam como colunas literárias: *Folhetim*, *Miscelânea*, *Variedades*, *Litteratura* e *Publicações a Pedido*. Nessas colunas, circularam crônicas religiosas, humorísticas, noticiosas, contos, novelas, romances, cartas literárias e poemas.

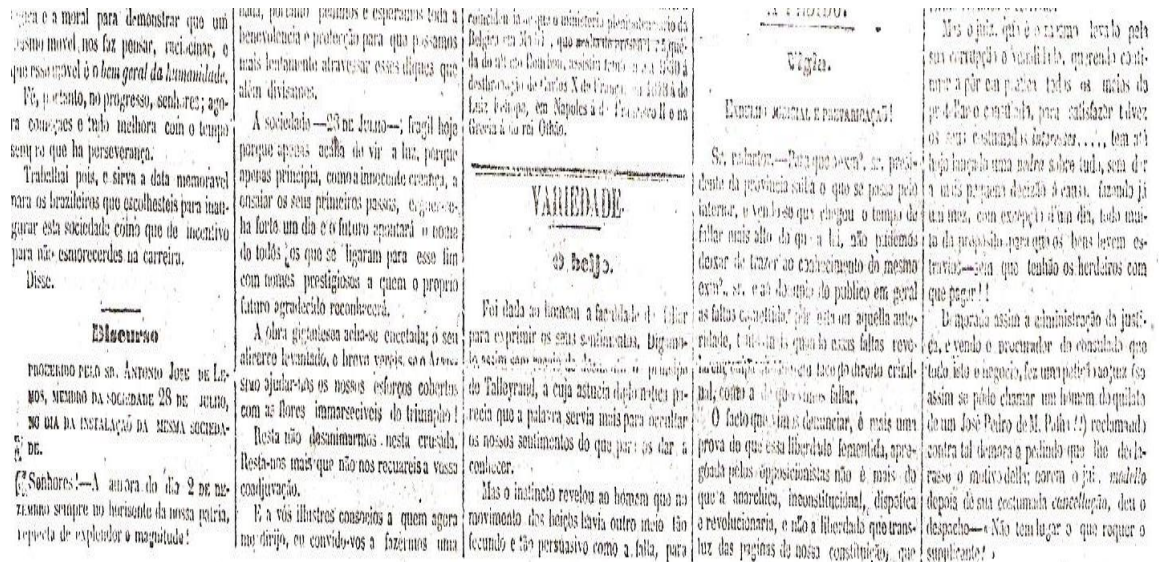
Na edição de 14 de março de 1871, terça feira, o *Diário de Belém* publicou o primeiro capítulo do romance-folhetim *Os Brilhantes do Brasileiro*, de Camilo Castelo Branco. A narrativa está localizada na coluna *Folhetim*, que ocupa o fim da primeira página e tem um enredo que envolve mistério, amor e convenções sociais temas que ajudavam a alavancar a venda dos jornais. Dividido em capítulos que circularam por vários meses no jornal, o romance narra a história da protagonista Ângela, que no decorrer da trama é pressionada pelo marido Hermenegildo F. Barrosas e pela sociedade portuense a revelar o porquê e a quem deu um conto e seiscentos réis em diamantes. O segredo era o motivo que conduzia a trama e instigava os leitores à compra dos jornais, para que, acompanhando a sequência dos acontecimentos, pudessem, finalmente, conhecer a sequência e o desfecho da história. O *Diário de Belém* soma-se, assim, ao conjunto de jornais impressos que compuseram as estruturas literárias paraenses da segunda metade do século XIX.

Além de publicar romances-folhetins, o periódico apresenta uma diversificação de gêneros literários como a crônica, o conto e a novela. Entre esses gêneros, a crônica também ganhou espaço nas páginas dos jornais e circulou entre os leitores paraenses, conforme analisou Almir Rodrigues⁶⁹ em dissertação de mestrado a respeito de *O Beijo*, do português Teixeira de Vasconcelos.⁷⁰ O texto foi publicado como crônica na coluna *Variedade* do jornal *Diário de Belém*. É uma narrativa curta que circulou no espaço *Variedade*, uma das janelas literárias do *Diário de Belém*, foi publicada na edição de número 101, de 7 de dezembro de 1868, na segunda página do jornal, e ocupou duas colunas: a terceira e a quarta. Vejamos:

⁶⁹ RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008.

⁷⁰ Teixeira de Vasconcelos foi um escritor português. Nasceu na cidade do Porto (rua escura), em 1º de novembro de 1816. Filho de Antonio Vicente Teixeira de Sampaio e Dona Maria Emília de Sousa Moreira de Barbosa. Depois de entrar na magistratura, matriculou-se em 1839 na Faculdade Jurídica da Universidade de Coimbra, onde se formou como Bacharel em Direito em 1844. Escreveu variedades políticas, históricas e críticas literárias, estudos, perfis e apontamentos biográficos, romances e jornais políticos e literários, cf. RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008. P. 40.

Figura 19 - Crônica *O Beijo* publicada no periódico *Diário de Belém*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Ao homem foi dada a capacidade de se expressar por meio da fala para exprimir o seu pensamento, diz o autor. No entanto, o instinto revelou ao homem que no movimento dos beijos havia outro meio tão fecundo e persuasivo para expressar pensamentos, manifestar afetos e até poder firmar um juramento. Esse movimento dos beijos mencionado por Teixeira de Vasconcelos trata-se do beijo, considerado a linguagem do coração por excelência.

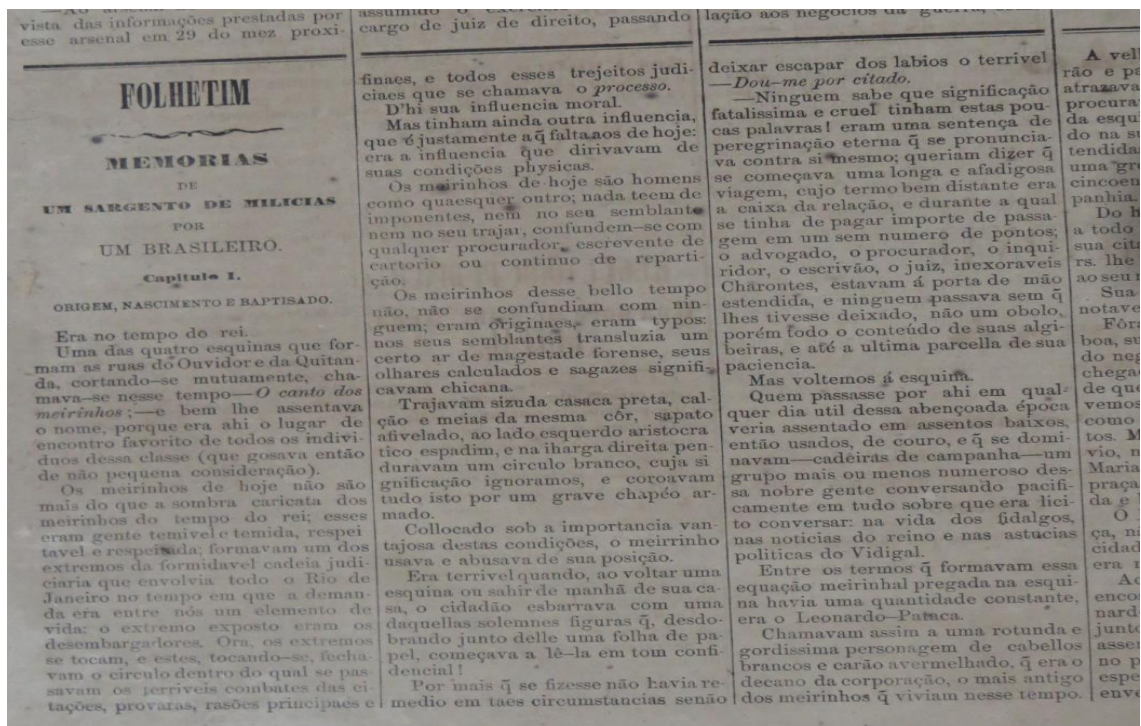
O ato de beijar, defende o autor, apresenta vários significados: respeito, amor, fidelidade, gratidão, afeição conjugal, amizade, paz, alegria, humildade, tristeza, confraternidade, inviolabilidade de juramento e respeito. É um sentimento afetuoso e resultado de uma ação natural e eloquente. A quebra de um juramento consagrado por um beijo resulta num ato de profanação culposa e traição, a exemplo do beijo do infiel Judas na face de Cristo.

Teixeira de Vasconcelos conclui reafirmando que o beijo foi inventado pelo instinto humano e que ele é e sempre será o fiel espelho dos afetos da alma, a primeira demonstração de amor e o último adeus ao mundo quando nos aproximamos da morte e da esperança do eterno.

O Beijo ilustra o quanto as narrativas publicadas nas janelas literárias do Pará tinham conteúdo agradável e ameno, fossem elas breves, como as crônicas e os contos, ou mais extensas, como as novelas e os folhetins, o que sugere que estão na origem do interesse dos leitores pelos conteúdos literários no Oitocentos, tanto na Europa quanto no Brasil, e, de modo particular, na província paraense.

Outro jornal de longa duração que circulou diariamente na Belém oitocentista foi o *Jornal do Pará* (1862-1878), periódico “político, comercial e noticioso”, órgão do Partido Liberal do Pará. Era um jornal de quatro páginas, divididas em cinco colunas e, assim como os demais jornais de longa duração que circularam por Belém, tinha em sua estrutura as colunas *Variedade*, *Literatura e Folhetim*, que, ao publicarem crônicas, contos, novelas e romances, serviam como espaço de divulgação de obras literárias conforme se observa na circulação do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel A. de Almeida⁷¹, publicado na coluna *Folhetim*.

Figura 20 - Romance-folhetim *Memórias de um Sargento de Milícias*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A obra abre as portas para a circulação de romance-folhetim nas páginas do *Jornal do Pará* por ser a primeira do gênero presente no periódico, tendo estreado em uma quinta-feira, de 3 de outubro de 1867. O primeiro capítulo, intitulado *Origem, nascimento e batizado*, foi dividido em duas partes, sendo que a primeira circulou na edição de número 225 e a segunda

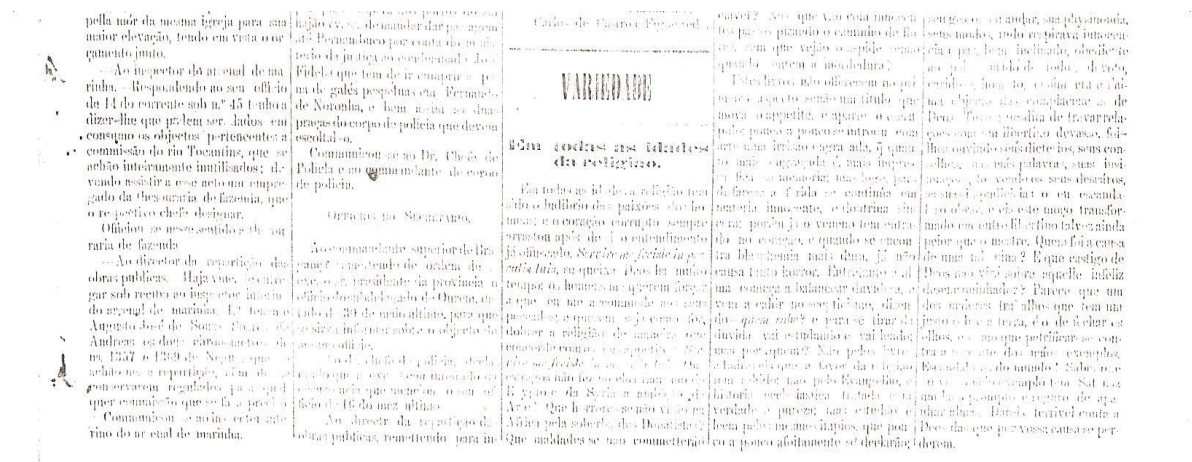
⁷¹ Manuel A. de Almeida foi um escritor pertencente ao Romantismo no Brasil, publicou um único romance, *Memórias de um Sargento de Milícias*, mas sua produção literária registra outros gêneros, como crônicas e contos.

na de número 226. O jornal também recorreu à estratégia das publicações em folhetim para publicar o romance, inclusive em relação à fórmula “continua amanhã”⁷²

Clássico do Romantismo no Brasil, o romance foi publicado primeiro em folhetim nas páginas de *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, em 1852. A história narra as peripécias de Leonardo, o Sargento de Milícias a quem se refere o título, que consegue ao fim da história ter um final feliz com Luisinha. A publicação desse romance no *Jornal do Pará* confirma que os jornais paraenses também recorreram aos autores brasileiros como estratégia para atrair seus leitores.

Além de romances, contos e novelas, esse periódico investiu na circulação de outros gêneros. O *Jornal do Pará* publicou na coluna *Variiedade* a crônica⁷³ *Em todas as idades da religião*, do português Teodoro de Almeida⁷⁴, circulou “em uma quarta-feira, dia 29 de julho de 1868 e [...] ocupou as três colunas à direita da primeira página.”⁷⁵ Vejamos:

Figura 21 - Crônica *Em todas as idades da religião* publicada no periódico *Jornal do Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

⁷² Expressão usada pelos estudiosos do romance-folhetim como Germana Sales, José Ramos Tinhorão, Marlyse Meyer e Yasmim Nadaf para designar o corte narrativo da história e anunciar ao leitor a continuidade da publicação, posteriormente.

⁷³ *Em todas as idades da religião* foi classificado como crônica considerando a ideia de gênero que se tinha no século XIX.

⁷⁴ Presbítero da Congregação do Oratório de Lisboa. Sócio Fundador de Academia Real das Sciencias de Lisboa. Membro da Sociedade Real de Londres e de Biscaia. Nasceu em Lisboa, no dia 7 de janeiro de 1722. Era filho de Ivo de Francisco de Almeida (a quem os biógrafos chamaram equivocadamente José) e de Luiza Maria. Aos trezes anos entrou para Congregação do Oratório, onde cursou humanidades (Geometria e Física), tendo como mestre no curso de Física o Pe. João Batista, considerado o primeiro que, na Corte, se dedicou à filosofia moderna ou experimental, naquela época ainda ignorada, cf. RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008. p. 39.

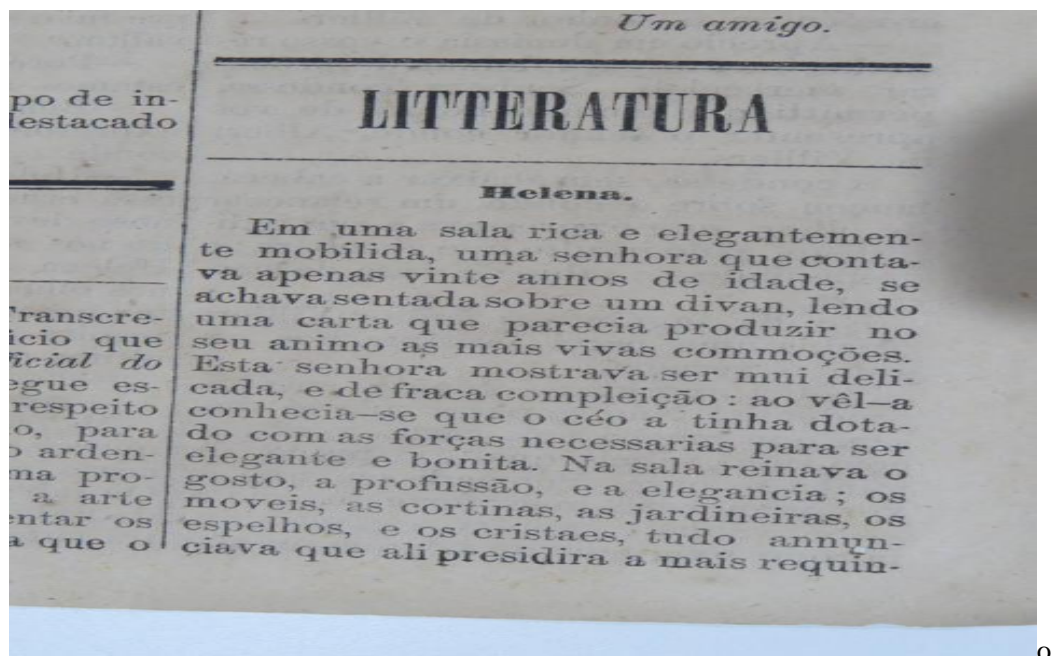
⁷⁵ RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008. p. 39.

Rodrigues, ao analisar a publicação, informa que ela

É um texto curto, cuja discussão central é o desejo sexual sob a perspectiva do pecado. Há uma discussão entre os valores morais e espirituais adotados pelo Cristianismo, que se opõem aos desejos carnis mais íntimos do homem. Uma de suas características principais é a espiritualidade.⁷⁶

A presença de janelas literárias no *Jornal do Pará* foi tão intensa que algumas edições do periódico chegaram a publicar, nas seções *Literatura* e *Variedade*, duas colunas com circulação de textos literários simultaneamente, conforme se observa na edição de número 123, datada de 29 de maio de 1867, quarta-feira. Na página 1 e 2, na coluna *Literatura*, circulou uma narrativa seriada intitulada *Helena* e, na sequência da página 2, a coluna *Variedade* divulgou o texto *A Pérola do regimento* ou *A virtude em ação*.

Figura 22 - Colunas *Literatura* e *Variedade* no *Jornal do Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A sequência da narrativa *Helena* teve espaço garantido nas edições seguintes do jornal. *A Pérola do regimento* ou *A virtude em ação* circulou apenas no exemplar de número 123, de 4 de maio de 1867. Ambos os textos não têm registro de autoria.

⁷⁶ RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (18a 60-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008, p. 40.

A *Gazeta Oficial* circulou em Belém do Pará entre 1858 e 1866. Periódico importante no contexto político, noticioso e literário do Pará, é enquadrado na categoria de jornais de longa duração. Tinha quatro páginas divididas em quatro colunas e, assim como os demais periódicos da época, nele também há a circulação de crônicas, contos, novelas e romances.

Mesmo ainda não tendo uma definição clara a respeito de gênero literário na segunda metade do século XIX, conforme enfatizamos na introdução deste estudo, a partir da abordagem de Tinhorão,⁷⁷ os estudos de Maria Lucilena Gonzaga Costa⁷⁸, em pesquisa na *Gazeta Oficial*, apontam um dado interessante sobre essa definição e consolidação de gêneros literários e, de modo particular, sobre a crônica.

Costa constata que é a partir do período de circulação da *Gazeta Oficial*, periódico Oitocentista paraense, “coincidentemente, a terminologia “crônica” passou a ser empregada para ilustrar fatos curiosos ou corriqueiros que aconteciam no decorrer da semana...”⁷⁹ De acordo com a autora, são as “pequenas anedotas contadas ao gosto do público ou do editor, as quais ganhavam nuanças pitorescas (...),”⁸⁰ conforme é demonstrado no fragmento extraído da *Crônica da Semana* do jornal *Gazeta Oficial*:

Amado leitor, venho hoje anunciar-vos um acontecimento deplorável, aí de mim! mau fado persegue-me de mim, meu coração vive ainda sucumbido depois dessa desgraça fatalíssima; as forças me faltam; mesmo não sei: como referir-vos sem que as lágrimas pulem dos olhos. Quebrou-se minha luneta! O malvado gato que Fifina deu-me, foi quem me fez esta peça; já com esta é a segunda, olhe, eu vou referi-las ambas.

Um dia que este seu criado tinha saído as três horas da madrugada, o que sucede raríssimas vezes, porque a estas horas é que mais gosto do quente; o gato estava ainda desmamando-se dessa casa, vi a porta da rua aberta e a janela cercada, e o brejeiro do gatinho por detrás da porta da janela, mal que sentia que eu ia passando faz assim: Miau, miau, miau.

Ai de mim, como fiquei!

Naquele instante se tivesse de ser sangrado por um barbeiro, minhas artérias não lançavam nenhuma gotinha de sangue. Tive muito medo...muito medo! Pensei que eram coisas de outro mundo, alguns fantasmas...sim, alguns fantasmas.⁸¹

⁷⁷ TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 37.

⁷⁸ COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **Gazeta Oficial: periódico paraense noticioso e literário do século XIX**. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

⁷⁹ Ibidem, p. 21.

⁸⁰ Ibidem, p. 21.

⁸¹ CRÔNICAS DA SEMANA. **Gazeta Oficial**, Belém, 29 mar. 1859, p. 2 apud COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **Gazeta Oficial: periódico paraense noticioso e literário do século XIX**. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008, p. 22.

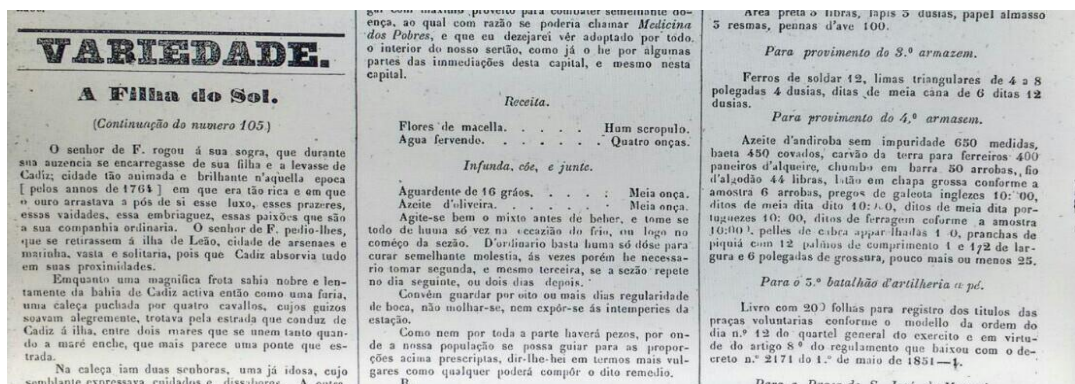
Em *Fragmentos sobre a crônica*, Davi Arrigucci Jr. tece algumas considerações a respeito do aparecimento da crônica associado às páginas dos jornais da segunda metade do século XIX.

Quando aparece entre nós, na segunda metade do século XIX, a crônica já lida com uma matéria muito misturada: a matéria do folhetim, pedaço de página por onde a literatura penetrou fundo no jornal, tratando dos temas mais diversos, mas com predominância dos aspectos da vida moderna. O cronista é primeiro folhetinista, como o Alencar de **Ao correr da pena**, colaborador do **Correio Mercantil** do Rio, em 1854 e 1855. Ali o escritor iniciante já se sentia sob o signo de Proteu: a matéria mutável e meio monstruosa obrigava o folhetinista a percorrer todo tipo de acontecimentos, com uma volubilidade de *colibri a esvoaçar em zigzague*.⁸²

A concepção de Arrigucci Jr. sobre crônica no Oitocentos corrobora com as pesquisas de Lucilena Costa e reforça mais uma vez a ideia de que artistas e intelectuais paraenses já refletiam acerca desses conceitos.

Embora a circulação da crônica seja corriqueira nas páginas da *Gazeta Official*, Costa⁸³ ressalta que são as palavras “Variedade” e “Folhetim” que melhor traduzem as páginas literárias da época, pois nessas seções encontravam-se narrativas literárias, romances, biografias e poemas, que eram publicados quase diariamente nos principais jornais do país e apresentados ao público paraense por meio da *Gazeta*. Exemplo disso é a continuação do número 105 do romance-folhetim *A Filha do Sol*, que circulou no sábado, 25 de setembro de 1858, no exemplar de número 114, conforme imagem a seguir:

Figura 23 - Romance-folhetim *A Filha do Sol* publicado na *Gazeta Official*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

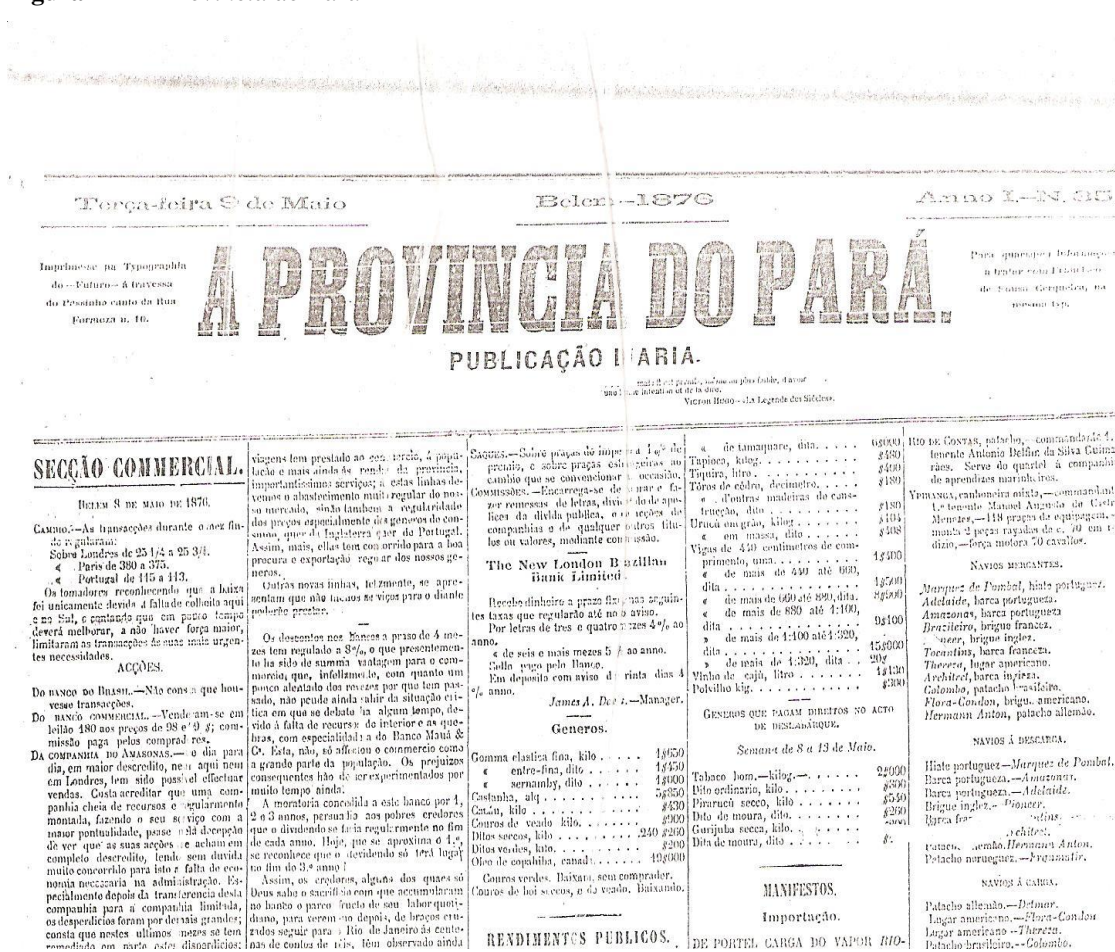
⁸² ARRIGUCCI JR., Davi. *Fragmentos sobre a crônica*. In: **Enigma e Comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 56-57.

⁸³ COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **Gazeta Official**: periódico paraense noticioso e literário do século XIX. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008, p.22.

O romance-folhetim de autoria de D. Francisco Micon aparece no espaço denominado *Variedade* e ocupa a primeira e a segunda colunas da página 2. Também há a fórmula recorrente “continua”, que anuncia ao leitor a sequência da história em edições posteriores. A narrativa apresenta uma trama que envolve amor, paixão, adultério e assassinato.

A Província do Pará (1876) é outro periódico de longa duração que tem registrado uma quantidade expressiva de textos com características literárias. Nela, as colunas *Folhetim*, *Miscelânea*, *Revista Literária*, *Variedades*, *Boletim do Dia*, *Solicitações e Ciéncias*, *Letras e Artes* publicavam poemas, crônicas, contos, lendas, fragmentos de obras, resenhas e críticas literárias. Há também textos divulgados em capítulos, tais como romances, novelas e contos, traduções, produções nacionais e locais.

Figura 24 - *A Província do Pará*



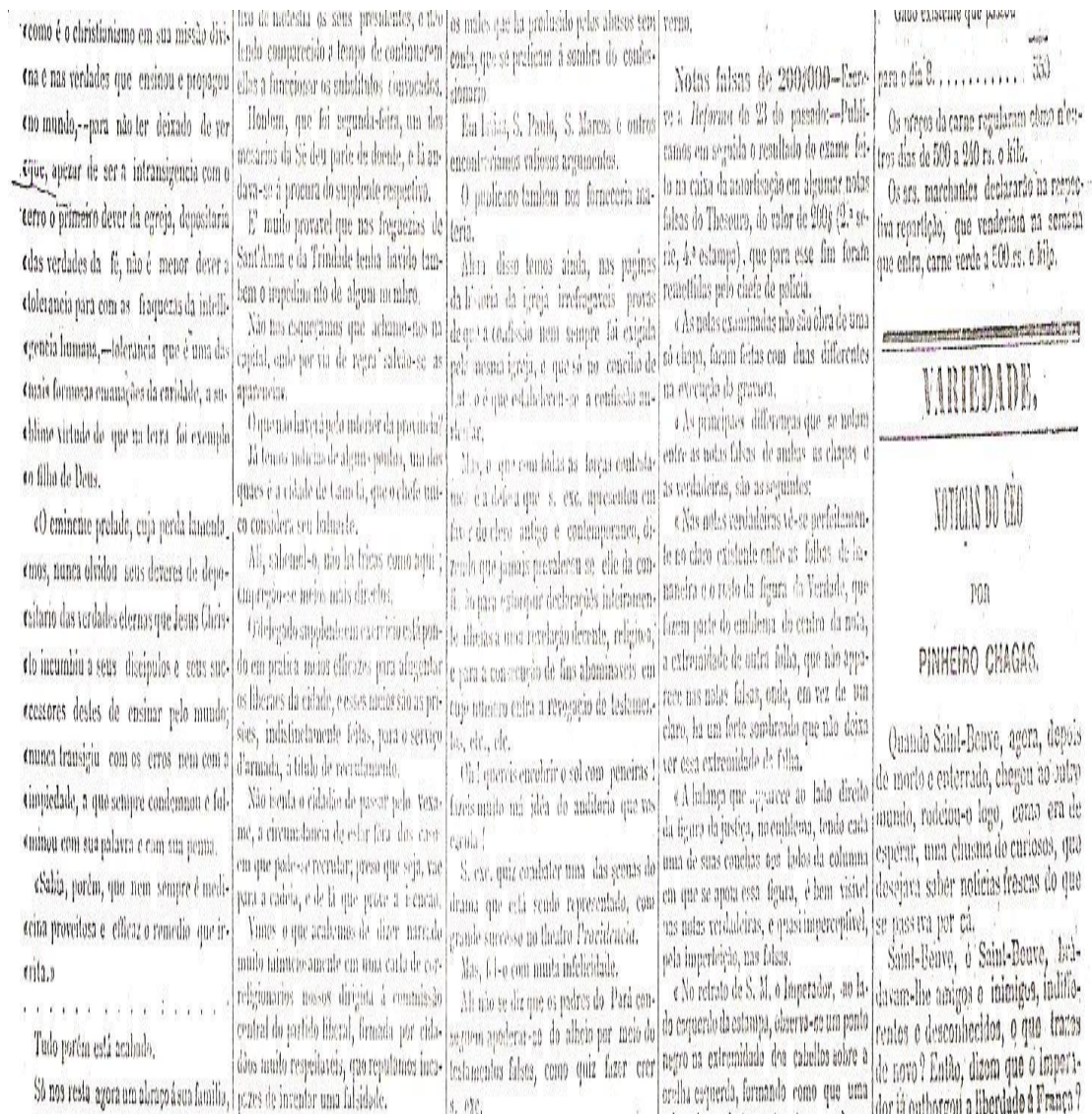
Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Entre os textos em capítulos presentes nas páginas d’*A Província do Pará*, circulou, num período de três meses, o romance-folhetim *Tristezas à beira do mar*, do escritor português Pinheiro Chagas, publicado entre 20 de julho e 2 de setembro de 1880 com a

intenção de agraciar o leitor com um enredo que contava a trajetória de Leonor e sua irmã Madalena. A narrativa trata de saudades indefinidas e melancolias que envolvem a vida das personagens, separadas após o falecimento da mãe e criadas por parentes em espaços geográficos diferentes: Ericeira e Lisboa.

Textos mais resumidos também fizeram parte do desenho literário que compôs a estrutura d'A *Província do Pará*, como, por exemplo, *Notícias do céu*, de Pinheiro Chagas, mesmo autor do romance-folhetim *Tristezas à beira-mar*.⁸⁴ Intitulado como crônica, foi publicado numa terça-feira, 9 de maio de 1876, na estrutura literária do jornal denominada de *Variiedade*, como registra a imagem abaixo:

Figura 25 - Crônica *Notícias do Céu* publicada no periódico *A Província do Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem do FCP.

⁸⁴ Nasceu em Lisboa em 13 de novembro de 1842. Começou a escrever por volta de 1863 e sua estreia na imprensa jornalística, como folhetinista e crítico, foi na *Gazeta de Portugal*.

Segundo Almir Rodrigues ⁸⁵, é um texto acentuado por um diálogo constante entre as personagens. O enredo narra a chegada de Saint-Beuve,⁸⁶ após a sua morte, em outro mundo e gira em torno das intensas indagações entre os mortos antigos que querem notícias políticas de países como França e Espanha. A ironia é um traço estilístico usado pelo autor presente na fala das personagens, principalmente nas de Saint-Beuve, quando se refere às questões políticas da Europa.

Diante de tão intensa circulação de textos dessa natureza, não se pode negar que na Província do Pará os jornais foram importantes suportes literários, conforme ocorrera na Europa e nas demais províncias brasileiras. Os editores dos jornais paraenses não perderam a oportunidade de fazer circular uma intensa produção literária estrangeira, nacional e regional e de recorrer à publicação de prosa de ficção para atrair os leitores da capital da província ou do interior, onde a imprensa teve penetração.

A presença do literário na imprensa paraense provocou primeiramente a expansão da leitura e da divulgação de textos literários, além de garantir a interação autor-obra-público. Em decorrência desse processo de interação entre imprensa e literatura, houve um crescente desenvolvimento da cultura literária no Pará, que fez do jornal “um veículo de comunicação literária, ao mesmo tempo em que provocou afinidades entre o público leitor e a leitura”.⁸⁷

⁸⁵ RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008, p. 47-48.

⁸⁶ O escritor e crítico literário francês nasceu em Boulogne-sur-Mer, no dia 21 de dezembro de 1804 e faleceu em Paris, em 13 de outubro de 1869.

⁸⁷ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013, p. 85.

Capítulo 2

A CULTURA DO ROMANCE-FOLHETIM EM BELÉM DO PARÁ

2.1 A construção de uma Belém culturalmente europeia

A cultura do romance-folhetim já tinha sido estabelecida por meio da relação entre jornal e literatura não somente na Europa, mas em algumas províncias do Brasil.⁸⁸ A partir da década de setenta do Oitocentos, Belém do Pará experimentou várias transformações em decorrência da riqueza gerada pela exploração da borracha que incidiram não somente sobre os questões econômicas, mas também sobre os aspectos culturais, urbanísticos e sociais da cidade. No plano cultural, a circulação literária provocou mudanças significativas nos hábitos de leitura, com o conseqüente incremento na recepção de textos literários na rotina dos paraenses que tinham acesso aos jornais.

De acordo com a historiadora Maria de Nazaré Sarges, as cidades amazônicas de Belém e Manaus, a partir da segunda metade do século XIX, foram favorecidas pelo progresso gerado pela economia da borracha, carreando os investimentos do capital financeiro para a execução de um projeto modernizador do espaço urbano.⁸⁹ Na capital paraense, a materialização do projeto concretizou-se nas mudanças promovidas pelo intendente Antônio Lemos:

Aos olhos de Antônio Lemos, em nome do progresso, era preciso reordenar e especializar os espaços, de modo que atendessem ao novo gosto da elite gomífera, como também mostrasse aos investidores estrangeiros que visitavam Belém ou aqui vinham estabelecer seus negócios que esta cidade além de bonita era segura em relação à salubridade e saneamento.⁹⁰

Antônio Lemos planejou transformar Belém numa “Petit Paris”⁹¹, implementando um projeto de renovação estética e higiênica da capital paraense inspirado na capital francesa: o plano incluía ruas largas ou *boulevards*, iluminação pública e espaços verdes. O discurso da implantação da civilização obrigava a uma reorganização social e exigia da administração municipal uma série de transformações.

⁸⁸ Atualmente, existem vários trabalhos desenvolvidos por estudiosos que atestam a relação entre jornal e literatura nas províncias brasileiras do século XIX como as pesquisas de Antonio Hohlfeldt no Rio Grande do Sul; Yasmin Nadaf no Mato Grosso; Germana Sales no Pará e Socorro Pacífico na Paraíba.

⁸⁹ SARGES, Maria de Nazaré. A Cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza (Org.). **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003, p. 4.

⁹⁰ Ibidem, p. 4.

⁹¹ Ibidem, p. 4.

A almejada metamorfose cidadina implicou a adoção de regras disciplinares relacionadas à higiene e a mudanças nos padrões de comportamento da população. Para isso, o poder público esforçou-se para que a reorganização da capital paraense estivesse de acordo com moldes exigidos pela florescente elite formada na esteira da extração do látex.⁹²

Além de enquadrar a capital paraense no modelo das grandes cidades europeias e de suprir as necessidades da elite endinheirada, o projeto de urbanização pretendia mostrar aos investidores estrangeiros que Belém estava apta a atender as exigências da indústria internacional. Sarges afirma que a execução desse projeto era uma tarefa laboriosa para o intendente Antônio Lemos, a quem cabia exibir uma cidade limpa, sem mazelas sociais e, principalmente, bonita:

Requeria não somente medidas profiláticas, mas também a renovação da estética da *urbe* através da transformação do aspecto dos logradouros públicos, abertura e pavimentação de ruas e construção de prédios com fachada “Art Nouveau”. Em nome do progresso, o estado transformou a cidade em um centro cosmopolita – adotando as características urbanas das cidades europeias, basicamente de Paris. A elite local, formada de seringalistas, financistas, comerciantes e fazendeiros, apropriadora de parte do excedente gerado pela economia da borracha, deixou-se seduzir pelo luxo e ostentação como forma de expressar o refinamento de uma classe.⁹³

E ainda acrescenta:

a cidade procurou se modernizar, como que estivesse se preparando para ser o porto de escoamento da produção da borracha que, em dado momento, assumiu o segundo lugar na pauta de exportação brasileira. Enriquecendo graças à borracha, muitos grupos exigiam essa modernização, sobretudo porque era na cidade que moravam os seringalistas, comerciantes e financistas.⁹⁴

Em nome da modernidade e do progresso, a *Belle-Époque* (1870-1912)⁹⁵ foi, assim, a principal responsável pela redefinição do espaço citadino. Para manter o estilo colonial português, o plano de renovação urbana e estética preservou as ruas dos bairros da Cidade Velha e da Campina, mas para eles estava planejada a criação de ruas e avenidas largas,

⁹² SARGES, Maria de Nazaré. A Cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza (Org.). **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003. p. 4.

⁹³ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. Paka-Tatu, 2002.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁵ A *Belle-Époque* (1870-1912) é uma expressão francesa que significa “bela época” e corresponde a um período da história europeia que teve início em 1871 com o término da Guerra Franco-Prussiana e se estendeu até o começo da Primeira Guerra Mundial em 1914. No Brasil, esse movimento foi incorporado a partir da segunda metade do século XIX. Na Amazônia, teve início a partir da década de 1870 e foi financiado pelo crescente desenvolvimento da economia da borracha.

semelhantes às da capital francesa, que resultou na construção do *Boulevard da República*,⁹⁶ com a intenção de simplificar o escoamento da borracha. Inúmeras foram as obras realizadas nesse período, como arrola Carlos Rocque em *História Geral de Belém e do Grão-Pará*:

Limpeza Pública e Forno Crematório, Asilo de Mendicidade, Necrotério Público, Arborização da Cidade, Mercado de Ferro, Bairro do Marco, o Bosque Municipal, Bondes Elétricos e Iluminação da Cidade, Calçamento da Cidade, Orfanato Antonio Lemos, Quiosques, Matadouro Modelo, A Rede Geral dos Esgotos, As Praças, Mercado de São Brás, Mercado Municipal.⁹⁷

O historiador aponta ainda outras realizações da moderna política paraense levada a cabo pelo projeto urbanístico de Antonio Lemos.

Reaparelhou completamente o Corpo de Bombeiros; organizou um perfeito Serviço Sanitário; embelezou o Palácio da Municipalidade (hoje Palácio Antonio Lemos); dinamizou o ensino público, criando escolas primárias; projetou um novo Palácio para a Intendência, grandioso em suas linhas, que seria construído no local onde hoje se ergue o Hilton Hotel. E muitas dezenas de outras realizações.⁹⁸

A reurbanização da capital paraense durante os catorze anos da administração de Antônio Lemos, com o emprego dos mais modernos recursos disponíveis à época para o melhoramento no campo social-urbanístico, representou, na concepção de Rocque, os melhores anos de que se tem notícia até a contemporaneidade.⁹⁹

Por outro lado, a elite beneficiada pela economia da borracha também contribuía para a reordenação do espaço e para o embelezamento da cidade. Inspirados no estilo *Art Nouveau*, os “novos ricos” compravam de Portugal azulejos, colunas de mármore de Carrara e móveis de ebanistas franceses para a construção de suas residências na capital paraense.¹⁰⁰

No entanto, as rigorosas normas decretadas por Antônio Lemos para conservar a cidade limpa e embelezada e manter o modelo de civilização provocou efeitos indesejados entre os habitantes, conforme assevera Maria de Nazaré Sarges:

O fato é que a reforma da cidade, a forma como ela foi planejada e conduzida representou o desalojamento da população pobre e a discriminação espacial das classes sociais, embora essa população marginalizada pelos mecanismos de controle do Estado, depois de um certo tempo, tenha voltado a disputar com a elite o espaço de onde fora anteriormente expulsa.¹⁰¹

⁹⁶ Hoje, Avenida Presidente Vargas.

⁹⁷ ROCQUE, Carlos. **História Geral I de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001, p. 118-119.

⁹⁸ Ibidem, p. 119.

⁹⁹ Ibidem, p. 118.

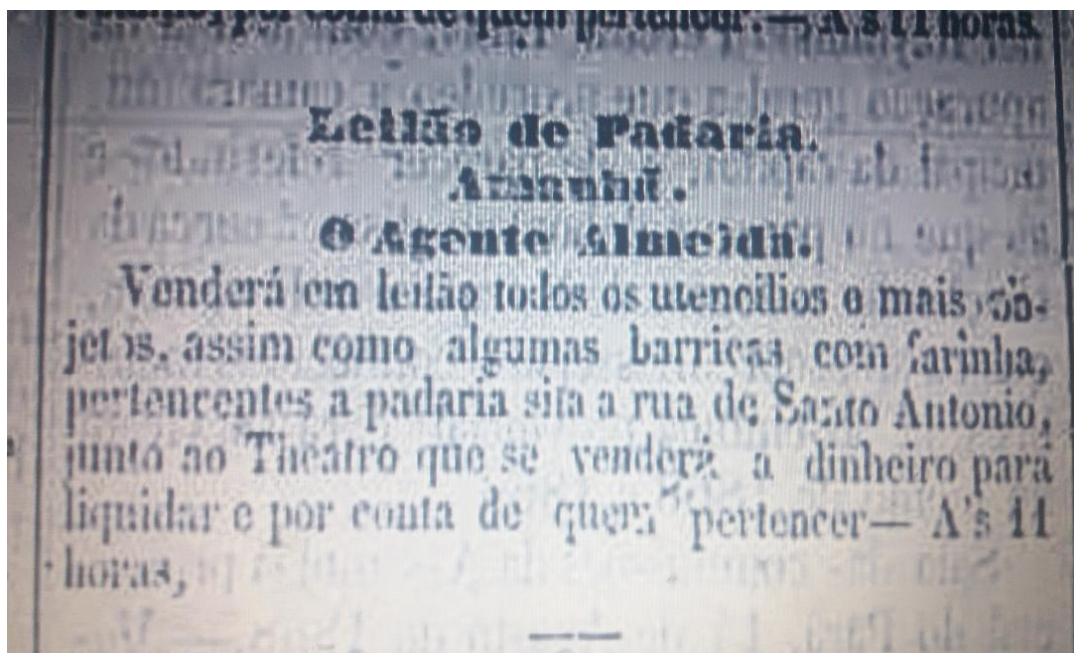
¹⁰⁰ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Paka-Tatu, 2002. p. 82.

¹⁰¹ Ibidem, p. 187.

Conforme depreendemos da citação anterior, o projeto urbanístico e paisagístico de Antônio Lemos em relação à cidade de Belém acarretou um severo processo de exclusão dos pobres, que sofreram as consequências da implementação de ordens duras, como o fechamento e a demolição de cortiços, considerados locais propícios ao aparecimento de epidemias e à geração de desordens. A medida desfavoreceu os comerciantes, que não tinham condições de adequar seus prédios à nova estética da cidade e, por isso, foram obrigados a vender e leiloar seus estabelecimentos e a reconstruir suas casas e prédios comerciais em áreas afastadas do centro da cidade.

As consequências práticas das regras aprovadas pela intendência traduziam-se na separação entre a pobreza e a riqueza ostensiva do centro de Belém: os anúncios de vendas e leilões de prédios, casas e terrenos multiplicaram-se nas páginas dos jornais paraenses a partir das décadas de sessenta e setenta do Oitocentos e refletiam o processo de exclusão social que se acentuou a partir da administração lemistá. A edição de número 19, de quarta-feira, 26 de agosto de 1868, do *Diário de Belém*, por exemplo, anuncia que às 11 horas do dia seguinte o agente Almeida leiloaria utensílios e estoques da padaria da Rua Santo Antonio. Na mesma data, o agente venderia ainda as duas casas do Sr. Victorino José Mendes, no Arraial de Nazareth e uma taberna na Rua do Arsenal.

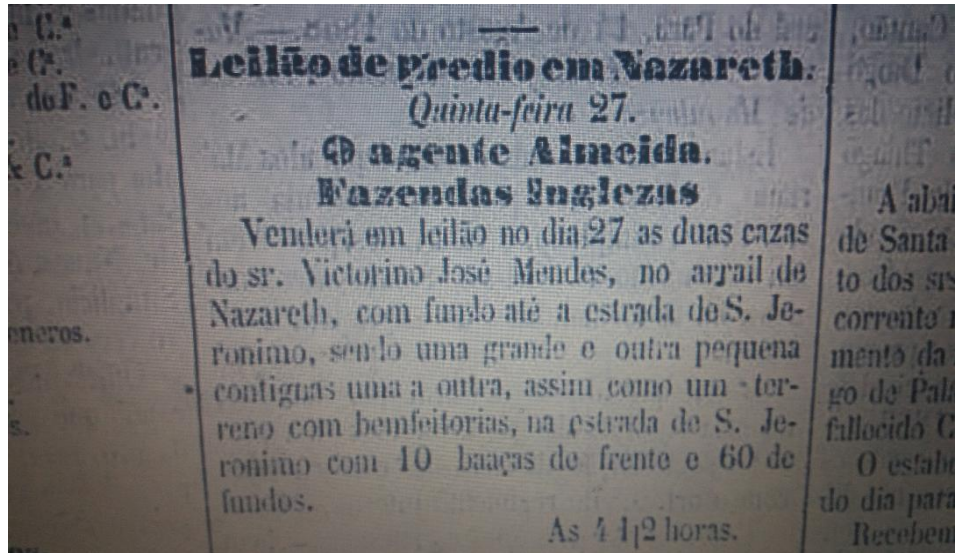
Figura 26 - Anúncio de venda de utensílios e estoque de uma padaria



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

***Legenda:** Leilão de Padaria. Amanhã. O Agente Almeida. Venderá em Leilão todos os utensílios e mais objetos, assim como algumas barricas com farinha, pertencentes a padaria sita a rua de Santo Antônio, junto ao Teatro que se venderá para liquidar e por conta de quem pertencer – Às 11 horas.

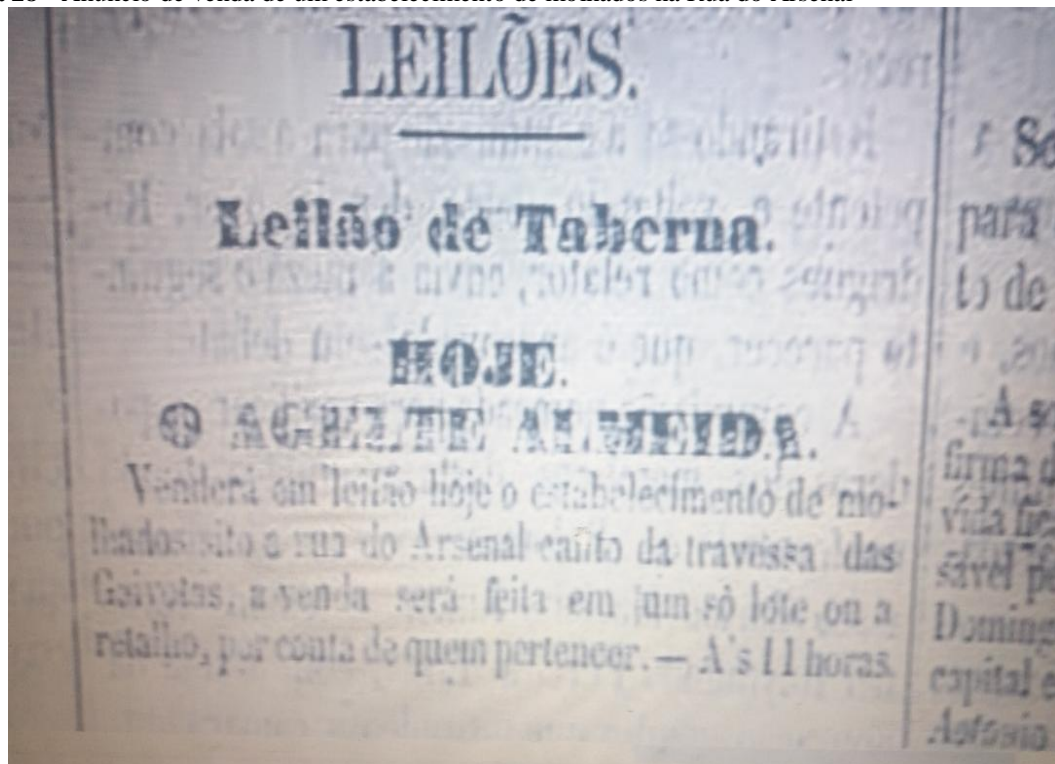
Figura 27 - Anúncio de leilão de duas casas no arraial de Nazaré



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

***Legenda:** Quinta-feira 27. O agente Almeida. Fazendas Inglesas. Venderei em Leilão no dia 27 as duas casas do sr. Victorino José Mendes, no arraial de Nazareth, com fundo até a estrada de S. Jeronimo, sendo uma grande e outra pequena contiguas uma a outra, assim como um terreno com benfeitorias, na estrada de S. Jeronimo com 10 baças de frente e 60 de fundos. As 4,2 horas.

Figura 28 - Anúncio de venda de um estabelecimento de molhados na Rua do Arsenal



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

***Legenda:** Leilão de Taberna. Hoje. O Agente Almeida. Venderá em leilão hoje o estabelecimento de molhados, sito a Rua do Arsenal canto da travessa das Gaivotas, a venda será feita em um só lote ou a retalho, por conta de quem pertencer. - A's 11 horas.

Em pesquisas desenvolvidas no jornal *Folha do Norte*, Raimunda Iolanda Sousa de Oliveira reafirma o discurso de que

a *Belle-Époque* imprimia a redefinição do espaço urbano, a redistribuição dos locais destinados aos serviços sanitários e o emprego de mecanismos de controle dos hábitos da população, tornando visível a distinção entre a área da cidade destinada aos ricos burgueses “desodorizados” e “higienizados” e as áreas “periféricas” reservadas à população trabalhadora pobre.¹⁰²

Com a consolidação da economia da borracha, a elite belenense passou a incorporar hábitos e costumes europeus, convertendo a capital da província em verdadeiro centro de consumo de produtos importados, como se conclui a partir do relato de Sarges:

Em todo esse processo modernizador o modelo adotado foi o europeu – particularmente Paris, tanto que o francês foi a língua que a elite escolheu como um dos referenciais identificadores da civilização nos trópicos. Os costumes e gostos franceses transformaram-se em símbolos desta gente *chic* que circulava pelos teatros, cafés, livrarias e pelas ruas pavimentadas e arborizadas da cidade, mesmo que isso representasse um impacto nos hábitos culturais e costumes das camadas que estavam à margem desse próspero comércio da borracha.¹⁰³

A influência francesa em relação ao Brasil, no entanto, assim como aconteceu com outros países europeus, não se deu apenas na esfera dos hábitos e costumes, mas também no campo intelectual. Segundo a historiografia paraense, tornou-se comum as famílias ricas mandarem os filhos estudar em escolas francesas. Para Sarges, é “essa elite intelectual produzida na Europa que iria determinar o novo *décor* urbano, europeizado e aburguesado”¹⁰⁴.

De acordo com a dissertação de mestrado de Raimunda Iolanda Souza de Oliveira, *Manifestações literárias femininas no jornal A Folha do Norte: romances-folhetins na última década do século XIX*,

Belém tornou-se grande centro de consumo e divulgação de produtos franceses e ingleses. Os navios franceses traziam, além do figurino, notícias sobre a última moda, sobre as peças, livros e escolas filosóficas que faziam sucesso em Paris. Por esse motivo, era frequente e comum encontrar-se produtos parisienses nos bazares de Belém, e na esteira deles os folhetins que fizeram sucesso tanto na França quanto no Brasil.¹⁰⁵

¹⁰² OLIVEIRA, Raimunda Iolanda Sousa de. **Manifestações literárias femininas no jornal A Folha do Norte: romances-folhetins na última década do século XIX**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras –, 2006, p. 36.

¹⁰³ SARGES, Maria de Nazaré. A Cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza (Org.). **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003. p. 04-05.

¹⁰⁴ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. Paka-Tatu, 2002, p. 186.

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Raimunda Iolanda Sousa de. **op. cit.** p. 36.

Vimos, assim, que a ligação entre a Europa e o Brasil se dava por meio das rotas marítimas. A partir da década de 1860, os jornais paraenses registram o trânsito das companhias marítimas, como, por exemplo, a Companhia do Amazonas e a Companhia Fluvial Paraense, que estabeleciam conexões entre Belém do Pará e outras regiões do Brasil ou entre Belém do Pará e países europeus como França, Inglaterra e Portugal.

As conexões marítimas entre o Brasil e outros países eram anunciadas nas páginas dos jornais. O *Diário de Belém*, de 26 de agosto de 1868, ano I, número 19, anunciava na coluna *Avisos Marítimos* a saída do veleiro Feliz Ventura do cais de Belém para Portugal:

Avisos Marítimos # # # # #
Para Lisboa. Seguirá até o fim do corrente agosto o mui veleiro # #
brigue português Feliz Ventura, para carga e passageiros. Trata-se # #
com os consignatários Manoel Joaquim de Faria e Comp.; ou com # #
o Capitão Sebastião dos Santos Pereira. # #
#

Fonte: O *Diário de Belém*, Belém, 26 ago. 1868, p. 2.

Essa relação entre os portos marítimos com os portos internacionais pode ser atestada a partir dos estudos de Ozangela de Arruda Silva¹⁰⁶, que, ao traçar as rotas dos livros e, de modo particular, dos romances que vinham de outros países para Fortaleza, mostra como se davam as conexões comerciais.

Na segunda metade do século XIX, com os grandes aumentos das trocas internacionais, foram estabelecidas linhas regulares de navegação a vapor no Brasil. Segundo Denise Takeya, desde a primeira metade do século XIX, as embarcações europeias e dos Estados Unidos caracterizavam-se pelo fato de realizarem rotas diretas para o litoral setentrional do País, sendo Belém, São Luís e Fortaleza localidades onde se encontram os principais portos. “O estabelecimento dessas linhas significou para muitas províncias um incremento do comércio direto com a Europa” (SILVA, 2011, p. 133).¹⁰⁷

Considerando os estudos de Ozangela de Arruda Silva,¹⁰⁸ notamos que os procedimentos são semelhantes em relação à ligação do porto de Belém com os portos internacionais. Nessa perspectiva, podemos afirmar que as rotas marítimas, sem dúvida, foram determinantes para o fomento da influência da cultura francesa e seus modismos em terras

¹⁰⁶ SILVA, Ozangela de Arruda. **Pelas rotas dos livros** Circulação de Romances e Conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 133.

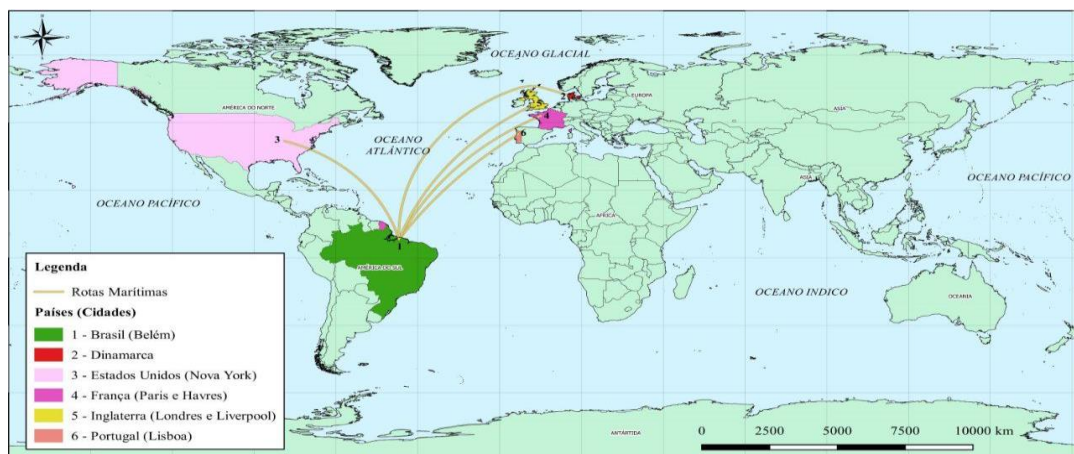
¹⁰⁸ Ibidem.

paraenses. Pelas embarcações abarrotadas vinham da Europa, em meio a passageiros e mercadorias, os romances endereçados às livrarias de Belém e aos gabinetes de leitura. Essas obras eram, então, publicadas nas páginas dos jornais como as narrativas seriadas, isto é, os romances-folhetins.

Conforme já foi informado por Silva,¹⁰⁹ na segunda metade do século XIX, os principais portos do Norte do Brasil interligavam-se ao mercado internacional por meio da navegação a vapor. Os navios, geralmente de porte grande, suportavam carga superior a 1000 toneladas.¹¹⁰ A eles coube estabelecer a relação com os mercados da Europa e dos Estados Unidos. As páginas dos jornais paraenses registraram essa movimentação fortalecida por trocas comerciais. As notas *Despacho d'Alfandega*, *Navios fundeados*, *A' descarga*, *Avisos Marítimos*, *Registro do Porto* e *Linhas de vapores*, que circulavam nas páginas do *Diário de Belém*, registram, por exemplo, o deslocamento direto de navios entre Brasil (Belém), Inglaterra (Londres e Liverpool), França (Paris e Havre), Estados Unidos (Nova York), Portugal (Lisboa) e Dinamarca.

Assim como Ozangela de Arruda Silva confeccionou um mapa¹¹¹ para mostrar a rota internacional de distribuição de livros para Fortaleza na segunda metade do século XIX, também nos propusemos, igualmente, a elaborar um mapa que identifica os principais pontos de ligação marítima entre Belém e outros países no Oitocentos, considerando a movimentação dos portos de Belém nas páginas dos jornais paraenses. Vejamos:

Mapa 1 - Rotas marítimas entre Belém e países europeus



Fonte: Do autor (2019).

¹⁰⁹ SILVA, Ozangela de Arruda. **Pelas rotas dos livros:** Circulação de Romances e Conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

¹¹⁰ Junto com as informações sobre rotas marítimas e o tipo de mercadoria transportada, os anunciantes também incluíam dados sobre a capacidade de carga que os navios suportavam.

¹¹¹ Para ver o mapa, cf. SILVA, Ozangela de Arruda. **op. cit.** p. 22.

Como em Fortaleza, de navio, também chegavam até o cais do porto principal de Belém as novidades culturais relacionadas à moda, peças de teatro, livros, utensílios, bebidas, entre outros artigos que faziam sucesso na capital francesa. Esses produtos circulavam amplamente no centro comercial da cidade, onde estavam localizados os bancos, as lojas *chics* e as casas aviadoras. Nesse período, esclarece Sarges, a capital paraense foi transformada em centro financeiro, de consumo, de luxo e de divertimentos.¹¹² A loja *Paris n'América* vendia os tecidos conforme a última moda da capital francesa e de Londres e também alimentos importados, tais como vinagre, manteiga inglesa, champanhe, estivas portuguesas e o cobiçado vinho *Piper Mint* de Rivel¹¹³. Tais novidades eram anunciadas nas páginas dos jornais com a intenção de divulgar para o leitor os produtos importados disponíveis no comércio, como se vê, por exemplo, nos anúncios estampados no *Diário de Belém* do dia 13 de agosto de 1868, p. 2, ano I, nº 9.

Figura 29 - Anúncio de fazendas inglesas no jornal *Diário de Belém*

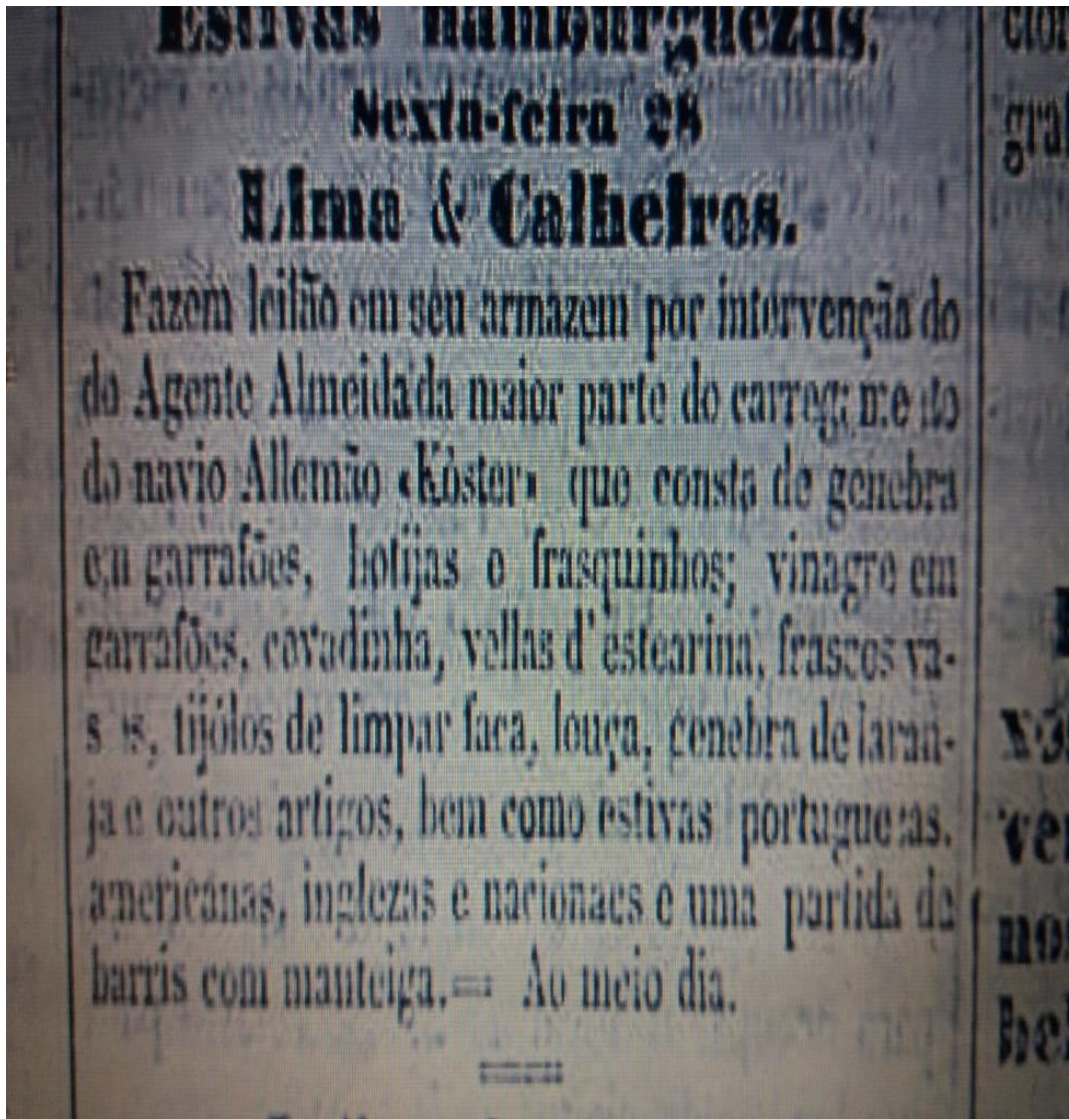
Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

***Legenda:** Fazendas Inglesas. Terça e quarta-feira. 18 e 19. O agente Almeida. Fará leilão no armazém do sr. Leão Israel, na rua do Açougue, de um magnifico sortimento de fazendas Inglesas e francesas vindas ultimamente; assim como miudezas, que tudo se venderá positivamente sem reserva de preço. Não se retira lote. Às 11 horas.

¹¹² SARGES, Maria de Nazaré. A cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza (organizadora?). **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003, p. 5.

¹¹³ Vinho premiado com a medalha de ouro numa exposição em Paris.

Figura 30 - Anúncios dos produtos importados vindos pelo navio *Kóster*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

***Legenda:** Nesta sexta-feira 28. Lima & Calheiros. Fazem leilão em seu armazém por intervenção do agente Almeida da maior parte do carregamento do navio Allemão “Kóster” que consta de genebra em garrafões, botijas e frasquinhos; vinagre em garrafões, cevadinha, velas d’estearina, frascos vasos, tijolos de limpar faca, louça, genebra de laranja e outros artigos, bem como estivas portuguezas, americanas, inglezas e nacionaes e uma partida de barris com manteiga. Ao meio dia.

Sarges assinala ainda que a nova elite endinheirada da borracha ostentava seus excessos não somente aderindo ao consumo de produtos comestíveis, mas também com a importação das famosas “cocottes”, prostitutas de luxo, sobretudo francesas, polacas e espanholas, que se empenhavam em servir aos “coronéis da borracha” nos prazeres mundanos

que o dinheiro do látex lhes proporcionava, mesmo que a peso de ouro”.¹¹⁴ O *Diário de Belém* de 13 de agosto de 1868 ilustra o ambiente de dissipação que começava a dividir opiniões na capital da província. Na seção *Publicações a Pedido*, percebemos já a preocupação com os excessos que poderiam advir do espetáculo então exibido pela Companhia Lírica Francesa.

Publicações a Pedido.

Benefício de Md. Adelle.

Companhia Lírica Francesa.

Propalões amo(.inadores da plateia do Providência de que hoje à noite no espetáculo em benefício da Sra. Adelle, haverá grande pagode, isto é, pateada, algazarra, assobios, e tudo o que possa assemelhar-se a um circo de cavalinhos ou uma praça de touros. Na verdade nada disso nos admira, porque não será senão a reprodução de outras cenas que já temos presenciado. Entretanto, que passando isso a um abuso e menosprezo as autoridades desejávamos saber se semelhantes manifestações insultuosas serão toleradas por sua Exc., o Sr. Dr. chefe de polícia?

Estamos certo que o público sensato e cortes reprova inteiramente toda e qualquer demonstração de pateada quando ela não for merecida, mas também essa parte dos expectadores que não se associam a esses turbulentos estão no direito de pedir providências enérgicas às autoridades contra os capatazes de sedições tão impróprias de uma capital que reclama os fóruns de civilizada. Os artistas quando se esmeram no desempenho dos seus papéis não devem ser insultados, por meia dúzia de esbirros quando o forem injustamente, seria conveniente exporem perante a autoridade policial as razões que a isso darão causa.

Todas as vezes que os artistas da companhia francesa desempenharem o seu papel com esmero podem ter a certeza de que o público acolherá benevolmente e serão apreciados.

Seria bom que os boatos espalhados não passem de um *Canard*.¹¹⁵

A capital paraense vivia, assim, tensões e conflitos cotidianos oriundos das transformações econômicas, como a proliferação do alcoolismo, da mendicância e da delinquência, exigindo a ação policial para reprimir os mais exaltados. Ou seja, junto com os benefícios da civilização, vinham também os malefícios, como registra a historiadora Maria de Nazaré Sarges:

O jornal “Diário do Gram-Pará” de maio de 1858 registrava diariamente em uma coluna, notícias de pessoas detidas no Distrito Policial e observa-se que regularmente os motivos eram embriaguez, briga e desordem. Por volta de 1900, a imprensa exigia da polícia uma ação mais dura em relação aos desocupados que ficavam dias bebericando no quiosque da praça da República.¹¹⁶

¹¹⁴ SARGES, Maria de Nazaré. A Cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza. **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003, p. 5.

¹¹⁵ **Diário de Belém**, Belém, 13 ago. 1868. p. 2.

¹¹⁶ SARGES, Maria de Nazaré. A Cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza. **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003. p. 32.

Em contraponto aos espaços onde o consumo e os prazeres mundanos transbordavam em ritmo vertiginoso, as companhias de teatro e música vindas da França contribuíram para a distinção social: ir ao teatro, além de opção de lazer da elite local, era sinal de elegância que levava à identificação com a elite europeia. O número de peças exibidas na época foi tão grande que Lemos passou a defender a construção de outro espaço cênico, além do Teatro da Paz. Segundo ele, era um vexame que alguns grupos de artistas tivessem que trabalhar no teatro Poytheanna, que considerava “um barraco”¹¹⁷.

Retomando as discussões sobre o modo de circulação dos romances nos periódicos, verificamos que os jornais paraenses, ao apostarem na publicação de romances-folhetins, recorreram inicialmente à autoria estrangeira, repetindo o mesmo movimento ocorrido em outras províncias brasileiras, conforme se expõe na tabela abaixo:

Tabela 2 - Romances folhetins de autoria estrangeira¹¹⁸

Gênero	Título do texto	Autor	Jornal	Origem	Ano
Romance	<i>A marquesa ensanguentada</i>	Condessa Dash	<i>A Província do Pará e Diário de Belém</i>	França	1876
Romance	<i>A Mulher Immortal</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de Belém</i>	França	1869
Romance	<i>Os brilhantes de um brasileiro</i>	Camillo Castello Branco	<i>Diário de Belém</i>	Portugal	1871
Romance	<i>Coisas Espantosas</i>	Camillo Castello Branco	<i>Diário do Gram-Pará</i>	Portugal	1863
Romance	<i>O papa negro</i>	Ernesto Mezzabott	<i>A Província do Pará</i>	Itália	1895
Romance	<i>Armando Duval</i>	N. Corazzinidi Bulciano	<i>A Província do Pará</i>	Itália	1897
Romance	<i>Lucrécia Borgia</i>	D. Manuel Fernandez y Gonzalez	<i>A Província do Pará</i>	Espanha	1895
Romance	<i>Os cavaleiros do amor</i>	Alvaro Carrillo	<i>A Província do Pará</i>	Espanha	1897
Romance	<i>A vendeta</i>	Archibald Clavering Gunter	<i>A Província do Pará</i>	Inglaterra	1890
Romance	<i>A casa das corujas</i>	E. Marllit	<i>A Província do</i>	Alemanha	1891

¹¹⁷ Idem. **Belém**: Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2002.

¹¹⁸ Os dados da tabela encontram-se em: FERRREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012.

			<i>Pará</i>		
Romance	<i>Os três corações</i>	Edouard Rod	<i>A Província do Pará</i>	Suíça	1890

Fonte: Do autor (2019).

Ao observar a circulação de textos literários estrangeiros nas páginas dos jornais, podemos encontrar obras e autores canônicos, como, por exemplo, os portugueses Pinheiro Chagas, com a publicação do romance *Tristezas à Beira Mar*, e Camilo Castelo Branco, com o romance *Os Brilhantes do Brasileiro*. Há também obras e autores que não tiveram grande notoriedade no sistema literário português, como José Victorino da Silva,¹¹⁹ que publicou os textos *Quem não gosta de dinheiro* e *O que são as mulheres nas páginas do Diário de Belém*. Ao aparecerem em “picadinhos” na imprensa local, essas narrativas atraíam o leitor por suas histórias que envolviam amor, ódio, paixão, traição, religiosidade e ambição, ou seja, nas palavras da pesquisadora Germana Sales, “essas produções apresentavam enredos com temas de amor, peripécias, desilusões amorosas e dramas familiares, mantendo a tônica do melodrama, própria do período”¹²⁰.

Assim, podemos dizer que a economia da borracha foi um dos motores do desenvolvimento cultural de Belém ao introduzir entre a sua população hábitos e costumes da cultura europeia. Entre as várias transformações experimentadas pelos paraenses, está a cultura do romance-folhetim, responsável pela mudança nos hábitos de leitura da população e pelo favorecimento à circulação de textos literários, como bem comprovam as páginas dos jornais *Diário do Gram-Pará*, *Diário de Belém* e *A Província do Pará*.

2.2 A presença de romances-folhetins portugueses em jornais paraenses de longa duração

É inegável que a relação entre jornal e literatura em Belém do Pará foi responsável por estimular o desenvolvimento de uma cultura literária na região. Os leitores de jornais, que estavam acostumados com a publicação de artigos noticiosos, comerciais e políticos, que traduziam os embates ideológicos entre as diferentes classes sociais, foram agraciados, na

¹¹⁹ Conceito aplicado pelo estudioso francês Roger Chartier que caracteriza o contato rápido do leitor com um expressivo número de textos impressos e que possivelmente não demandaria uma nova leitura.

¹²⁰ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013, p. 87.

segunda metade do século XIX, por uma prática de leitura que ainda não era popular entre os paraenses: a circulação de diferentes gêneros literários.

A partir da segunda metade do século XIX, a Província do Pará aderiu à moda do folhetim e experimentou os sabores da leitura extensiva¹²¹ que a prosa de ficção oferecia ao publicar romances como *A Corista*, *Tristezas à Beira-Mar* e *O Bem e o Mal*, assinados por Luiz Magalhães, Joaquim M. Pinheiro Chagas e Camilo Castelo Branco, respectivamente, foram responsáveis por provocar mudanças nas páginas dos jornais paraenses, como a inserção de colunas para a publicação de textos literários, cuja finalidade era adequar as folhas jornalísticas para a conquista de novos leitores.

Assim como ocorreu na origem francesa, o casamento entre jornal e literatura no Pará tornou-se sucesso na capital e cidades do interior e foi responsável por estabelecer a cultura do romance-folhetim nas páginas dos jornais e revistas paraenses, conforme mostraremos nos periódicos *Diário do Gram-Pará*, o *Diário de Belém* e *A Província do Pará*.

Então, comecemos a observar a cultura do romance-folhetim pelas páginas do *Diário do Grão-Pará*.

2.2.1 A cultura do romance-folhetim no *Diário do Gram-Pará*

O *Diário do Gram-Pará* foi o primeiro jornal de comunicação diária de Belém do Pará na segunda metade do século XIX. Anteriormente, as folhas, fossem literárias, noticiosas ou comerciais, tinham publicações dominicais, semanais, quinzenais ou mensais. Seu primeiro número circulou em 10 de abril de 1853, quando a imprensa paraense já havia sido inaugurada há três décadas, e o registro de sua última publicação, conforme informa o Catálogo de Jornais Paraenses do Setor de Microfilmes da FCP, é de 15 de março de 1892.¹²² Vale também informar que o periódico não se encontra disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com exceção dos anos de 1855 e 1886.

Periódico de longa duração, o *Diário do Gram-Pará* nasceu para registrar a história jornalística, política, noticiosa, comercial e literária, de modo particular, da Província do Pará. Desde o seu primeiro número disponível em microfilmes, o cabeçalho já anunciava que

¹²¹ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013, p. 87.

¹²² Mesmo que o *Diário do Grão-Pará* tenha circulado entre 10 de abril de 1853 e 15 de março de 1892, o Setor de Microfilmes do CENTUR tem documentado e disponível para consulta somente os números que circularam entre junho de 1857 e março de 1886.

também registraria a história cultural da região ao publicar literatura¹²³ em seu corpo, conforme se pode observar na primeira página do exemplar datado de 9 de junho de 1857, ano V:

Figura 31 - *Diário do Gram-Pará*



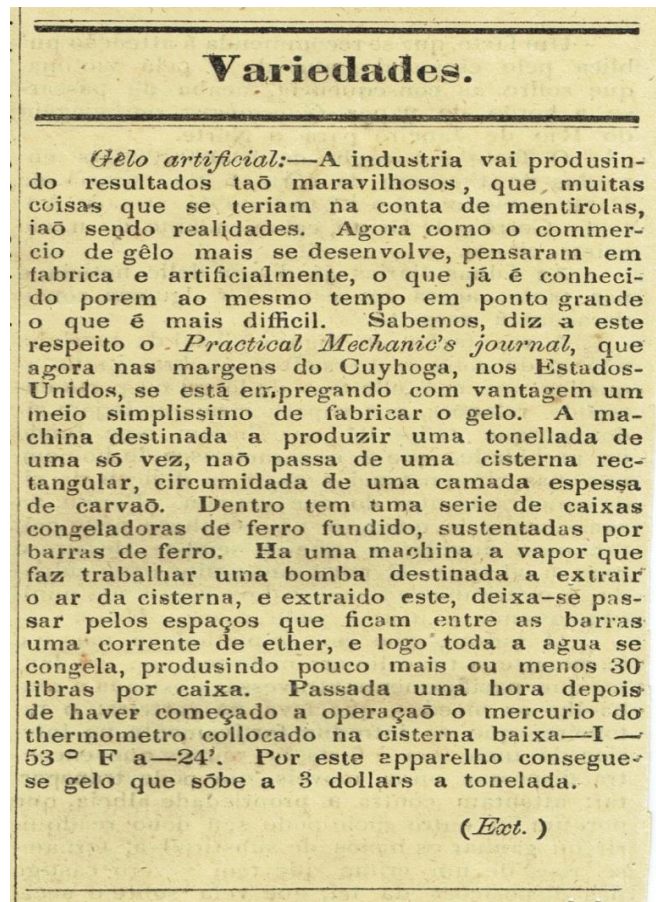
Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Os portugueses Joaquim Mendes Cavalleiro e Antônio José Rabelo Guimarães foram os fundadores dessa folha diária, que surgiu na província paraense na segunda metade do século XIX. A leitura dos primeiros anos do *Diário do Gram-Pará* que se encontram microfilmados permite inferir que se tratava de um jornal predominantemente noticioso. Suas páginas registram a publicação de editais, notícias de outras províncias, notícias vindas de Paris e Portugal, avisos, anúncios de leilões, avisos marítimos e notícias do comércio.

¹²³ Vale ressaltar que a utilização do termo “literatura” no cabeçalho do *Diário do Grão-Pará* ainda não tem relação direta com o conceito moderno de literatura, pois no século XIX essa concepção ainda era imprecisa.

Na edição de número 152, ano V, datada de 11 de julho de 1857, um sábado, está registrado, na terceira coluna da segunda página, o espaço denominado *Variedades*, que publicou um texto curto, não literário, apenas com a informação “Ext.” ao final. Tratava-se de uma matéria sobre gelo artificial, que confirma que essa coluna, assim como na matriz francesa, não publicava somente literatura.

Figura 32 - Coluna *Variedades* no *Diário do Gram-Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCPT.

Foi somente a partir de 30 de abril de 1858, ano VI de circulação do jornal, que começaram a aparecer as primeiras colunas com divulgação de textos literários. Nessa data, na página 2, encontram-se as colunas *Literatura* e *Miscelânea*. Na primeira, é publicado o texto *O crhristianismo passou!*, cuja autoria pertence a Visconde Walsak, seguido da informação “Ext.”. Na segunda, aparece a narrativa “*A cunhada*”, cuja autoria não foi possível verificar em virtude de a página encontrar-se mutilada e manchada.

Dessa forma, o jornal deu início às primeiras publicações literárias, que ganhariam impulso a partir da década de 60, com a publicação de romances-folhetins, numa época em

que se ensaiavam os primeiros passos do desenvolvimento cultural que Belém viveria a partir da comercialização da borracha na região.

O *Diário do Gram-Pará*, assim como outros jornais que circularam anteriormente na província paraense, incorporou traços da cultura francesa, ao publicar prosa de ficção em suas seções literárias, novidade que já havia sido adotada por outras províncias brasileiras da época. Os registros desse periódico, sejam impressos ou microfilmados pelo Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará, apontam que ele utilizou as páginas de cunho jornalístico para publicar crônicas, contos, novelas e romances-folhetins, cumprindo, assim, com um dos seus objetivos: disponibilizar entretenimento ao público e, ao mesmo tempo, oferecer narrativas que dialogassem com as emoções, os sentimentos, as virtudes e os vícios daqueles que as liam.

O *Diário do Gram-Pará*, a exemplo de outros periódicos que circularam em Belém na segunda metade do século XIX, difundiu a prosa de ficção e contribuiu para o avanço cultural da região na época da comercialização da borracha. Além da circulação de romances, novelas, contos e crônicas, o jornal também trazia anúncios de livros e publicava poemas de vários autores, mas coube à coluna *Folhetim* a divulgação dos textos ficcionais como o romance-folhetim.

Os dados reproduzidos a seguir foram compilados por Neila Lima¹²⁴ sobre textos publicados no *Diário do Gram-Pará* entre os anos de 1863 e 1885.

Tabela 3 - Textos publicados no *Diário do Grão-Pará* entre os anos de 1863 e 1885

Nº	Título	Autor	Mês – ano
1.	Coisas Espantosas	Camilo Castelo Branco	Setembro – 1863
2.	A neta do arcediogo	Camilo Castelo Branco	Setembro – 1863
3.	O arrependimento	Camilo Castelo Branco	Setembro – 1863
4.	O baile real	J. J. Mendes Cavalleiro	Novembro – 1863
5.	A gratidão	Camilo Castelo Branco	Novembro – 1863
6.	Espinhos e flores	Sem indicação de autoria	Novembro – 1863
7.	Viagens em Portugal	J. J. Mendes Cavalleiro	Novembro – 1863
8.	O monge negro	D. Torquato Torrogo Y Mateus.	Janeiro – 1864
9.	Crônica teatral	J. J. Mendes Cavalleiro	Janeiro – 1864
10.	O bem e o mal	Camilo Castelo Branco	Abril – 1864
11.	A filha do doutor negro	Camilo Castelo Branco	Julho – 1864
12.	A viagem no Araguaia	Sem indicação de autoria	Julho – 1864
13.	A festa das crianças	Texto assinado por S.	Julho – 1876

¹²⁴ LIMA, Neila Mendonça Garcês. **As narrativas camilianas no espaço folhetim do Diário do Gram-Pará na década de 1860**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em letras, Belém, 2014, p. 53.

		(Remetido a José T. A. D' Amorim)	
14.	A Atualidade	Magalhães Lima	Julho – 1876
15.	A vingança de Carvaján	Jorge Ohnet	Outubro – 1885
16.	Humilde pleito	Júlio Mário	Outubro – 1885
17.	O cemitério	B. J. Borges	Novembro – 1885
18.	O escravo	Carlos Gomes	Novembro – 1885
19.	Cristo e a adúltera	Rodolpho Bernardelli	Novembro – 1885
20.	Crítica literária	A. Ferreira Viana	Dezembro – 1885
21.	O natal na Noruega	Sem indicação de autoria	Dezembro – 1885
22.	O natal	Fagundes Varela	Dezembro – 1885
23.	Treva na luz	Hoffman	Dezembro – 1885
24.	Infelizmente	Dezembro – 1885	Dezembro – 1885
25.	A roleta	Maurício Jokay. Versão portuguesa de J. Gualdino.	Fevereiro – 1886
26.	A pororoca	Tibúrcio	Fevereiro – 1886

Fonte: LIMA, 2014.

Em Belém, a década de 1880 foi fortemente influenciada pela cultura literária francesa. A capital da Província vivia um momento florescente em relação à circulação do literário nas páginas dos periódicos paraenses, de modo particular em relação àqueles de autoria portuguesa, e o ano de 1885 foi, segundo as informações da tabela de Lima¹²⁵, aquele em que houve maior ocorrência de textos de cunho literário publicados em jornal. Pesquisas realizadas por Germana Sales¹²⁶ demonstram que, entre os escritores de nacionalidade portuguesa, as obras do escritor português Camilo Castelo Branco foram as que mais circularam nas páginas da imprensa Oitocentista.

Em matéria publicada no periódico dominical *A Arena*, de 24 de abril de 1887, o jornalista e escritor paraense Marques de Carvalho exalta o talento e a popularidade de Camilo Castelo Branco, não somente na Província do Pará, mas também em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

O português mais português do Portugal, compatriarca de São Miguel de Seide, o homem assombroso, cujo talento enorme infunde respeito intensíssimo a toda sua geração, acaba de publicar um novo livro que é como que uma cristalização de sua vida inteira.

¹²⁵ LIMA, Neila Mendonça Garcês. **As narrativas camilianas no espaço folhetim do diário do Gram-Pará na década de 1860**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014, p. 54.

¹²⁶ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 204-205.

A Boemia do espirito, assim denomina-se essa apreciável coleção de inéditos e de muitos opúsculos, de assumptos vários já dados a lume em diferentes épocas.

Eu não sei o que se possa dizer desse admirável volume, onde a cativante prosa hieratica do mestre [...] pelas belezas em cada linha. Qualquer qualificativo, [...] entusiástico que seja, fica aquém do alto merecimento dessa obra monumental.

É um grande consolo para eu ver surgir na imprensa um livro tão bom, tão útil, tão bem escrito como *A Boemia do espirito*.

Numa época em que o jornalismo da minha terra vilmente maculado pelas diatribes infames e mal escritas d'uns vários sem pudor e sem dignidade, sinto-me nascer a alegria no meio daquele [...] páginas melhor estilista da literatura universal contemporânea!

Eis a razão porque *A Arena* se desenvolve hoje em dar uma bela página de Camilo. É justo que os nossos leitores apreciem conosco essas linhas de onde se exalam uma intensa unção religiosa e, ao mesmo tempo, uns eflúvios, duma ironia heineana, que adormece o espírito num doce meditar melancólico.

O mais humilde e menos pretencioso dos jornalistas brasileiros vem, pela *Arena* e em nome da sociedade paraense, agradecer a Castelo Branco o conforto que as admiráveis páginas da *A Boemia do espirito* dão a todas as almas.¹²⁷

* escrita ilegível devido às mutilações na página do jornal.

Percebemos, no excerto acima, o reconhecimento estilístico que Marques de Carvalho atribui à produção literária de Camilo Castelo Branco, em particular, os romances-folhetins que ganharam destaque e gosto no *Diário do Gram-Pará*. De fato, as edições pesquisadas na Biblioteca Pública Arthur Viana revelam o quão prolífico foi o autor português, trabalho que se traduziu em um número expressivo de romances-folhetins publicados no jornal em questão: *Coisas Espantosas* (1862), *A Neta do Arcediogo* (1856), *A Gratidão* e *O Arrependimento* (1863), *O Bem e o Mal* (1864) e *A Filha do Doutor Negro* (1864), conforme descreve a tabela abaixo:

Tabela 4 - Romances-folhetins portugueses publicados no *Diário do Gram-Pará* entre os anos de 1863 e 1885

Autor	Título do texto	Jornal	Período de publicação	Ano	Seção
Camilo Castelo Branco	Coisas Espantosas	<i>Diário do Gram-Pará</i>	4 a 12 de setembro	1863	Folhetim
Camilo Castelo Branco	A Neta do Arcediogo	<i>Diário do Gram-Pará</i>	18 de setembro a 10 de outubro	1863	Folhetim
Camilo Castelo Branco	A Gratidão	<i>Diário do Gram-Pará</i>	24 e 28 de novembro	1863	Folhetim
Camilo Castelo Branco	O Arrependimento	<i>Diário do Gram-Pará</i>	20 de novembro	1863	Folhetim
Camilo Castelo Branco	O Bem e o Mal	<i>Diário do Gram-Pará</i>	29 de abril a 25 de maio	1864	Folhetim

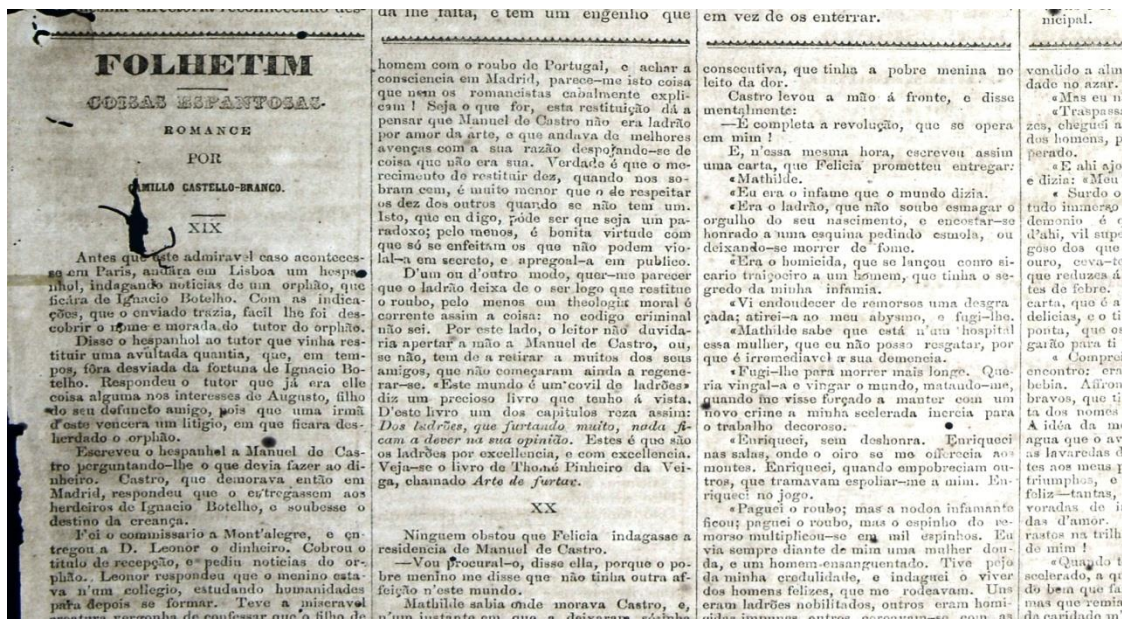
¹²⁷ *A Arena*, Belém, 24 abr. 1887, p. 15-16.

Camilo Castelo Branco	A Filha do Doutor Negro	Diário do Gram-Pará	12 de julho a 14 de agosto	1864	Folhetim
-----------------------	-------------------------	---------------------	----------------------------	------	----------

Fonte: Do autor (2019).

De acordo com a tabela acima, o romance-folhetim *Coisas Espantosas* (1862) foi o primeiro de Camilo Castelo Branco que circulou nas páginas do *Diário do Gram-Pará*, na coluna *Folhetim*, em setembro de 1863. A intensa circulação dessas narrativas nas páginas do periódico devia-se não apenas ao fato de que os donos do jornal eram portugueses, mas principalmente pela grande receptividade que o autor tinha em Portugal e no Brasil.

Figura 33 - Romance-folhetim *Coisas Espantosas* no jornal *Diário do Gram-Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Os dados levantados por Lima¹²⁸ informam que a narrativa é estruturada em torno de 35 capítulos, mais uma conclusão, e que a verificação dos arquivos disponíveis constata que a obra só aparece registrada a partir do capítulo XIX, na edição de número 200, de 4 de setembro de 1863, estendendo-se até o capítulo XXXII.

Sobre essa lacuna, Lima explica:

Do ano de 1863, apenas os exemplares de setembro a dezembro estão disponíveis, o que significa dizer que não há como garantir que a obra foi integralmente apresentada na seção folhetim do *Diário do Gram-Pará*. Mas, é bem provável que

¹²⁸ LIMA, Neila Mendonça Garcês. *As narrativas camilianas no espaço folhetim do diário do Gram-Pará na década de 1860*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014, p. 54.

tenha havido a publicação, uma vez que não faria sentido iniciar a publicação de um romance por seu 19º capítulo.¹²⁹

A *Neta do Arcediogo* (1856) também circulou entre os leitores do *Diário do Gram-Pará*, na coluna literária *Folhetim*, no período compreendido entre 18 de setembro e 10 de outubro de 1863, a partir da edição de número 210.

Figura 34 - Romance-folhetim *A Neta do Arcediogo* no jornal *Diário do Grão-Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Publicado no jornal paraense a partir da segunda edição do romance, podemos aventar que *A Neta do Arcediogo* teve boa receptividade, considerando-se as informações de publicações da narrativa.

De acordo com as observações de Lima¹³⁰, a narrativa contém dezenove capítulos, mais uma conclusão, e foram registrados nas páginas do jornal os capítulos I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XIII e XIV, estando ausentes os capítulos XI e XII, conforme descrição abaixo:

Como se percebe, faltam as edições de número 223 a 225, nas quais poderiam estar presentes os capítulos XI e XII. Também as edições de 11.10.63 a 15.10.63 não existem. Neste caso, é provável que nela pudessem estar os capítulos seguintes do romance, embora o lapso de tempo indicado não comportasse os capítulos a serem publicados – quatro dias de edições e seis necessários para os capítulos restantes e a

¹²⁹ Ibidem, p. 55.

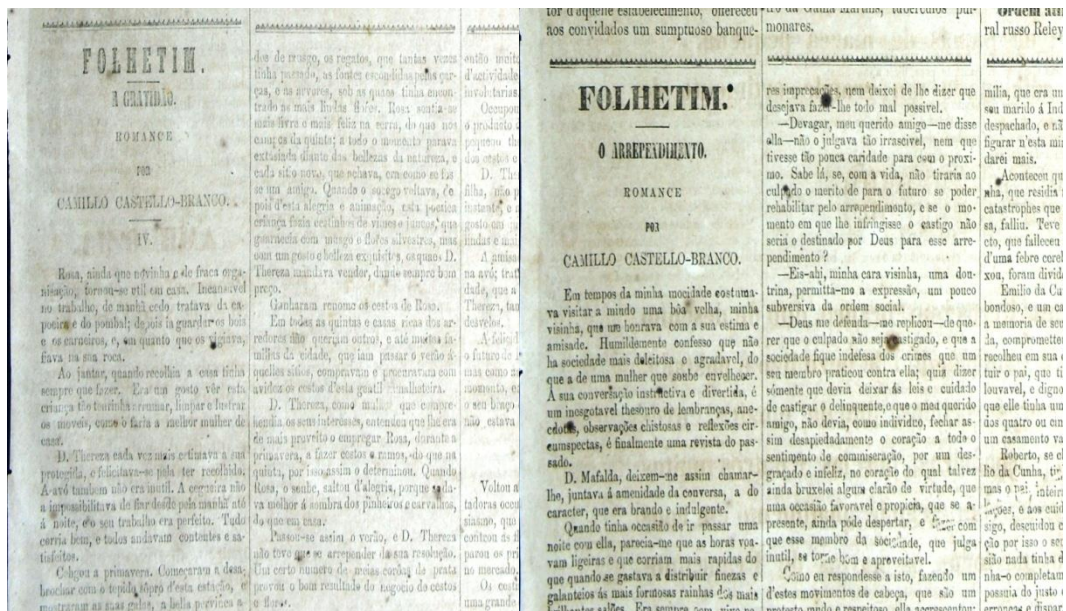
¹³⁰ LIMA, Neila Mendonça Garcês. **As narrativas camilianas no espaço folhetim do diário do Gram-Pará na década de 1860**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014, p. 55.

conclusão, considerando a publicação de um capítulo por dia – haja vista a existência da edição seguinte a estas (de nº 234, 16.10.63), na qual não houve publicação na seção folhetim.¹³¹

A Neta do Arcediago, mesmo com a ausência dos capítulos conforme aponta o excerto acima, foi um dos romances portugueses que fez parte das leituras que encantou os leitores belenenses da segunda metade do século XIX com a história de amor e sofrimento entre Assucena e Luiz da Cunha.

Os romances *A Gratidão* e *O Arrependimento* fizeram parte do conjunto de obras camilianas selecionadas para circular no *Diário do Gram-Pará*. Ambos foram publicados na coluna *Folhetim*. O primeiro circulou entre 24 e 28 de novembro de 1863 e o segundo tem registro na data de 20 de novembro de 1863. De acordo com Lima¹³², essas narrativas foram publicadas no livro *Anos de Prosa* (1863), do próprio Camilo Castelo Branco.

Figura 35 - Romance-folhetim *O Arrependimento* e *A Gratidão* no jornal *Diário do Gram-Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Sobre a autoria de *A Gratidão* e *O Arrependimento*, Lima¹³³ traz em sua dissertação a discussão do biógrafo camiliano Henrique Marques, que não identifica Camilo como autor desses romances por considerar que “o frontispício da primeira edição dos anos de prosa, em

¹³¹ Ibidem, p. 57.

¹³² LIMA, Neila Mendonça Garcês. *As narrativas camilianas no espaço folhetim do diário do Gram-Pará na década de 1860*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014, p. 57.

¹³³ Ibidem, p. 57.

que eles estão presentes, permite notar certa cautela em afirmar essa autoria”¹³⁴, pois, de acordo com a pesquisadora, “nota-se que a indicação do nome do autor, Camilo Castelo Branco, apenas aparece seguindo-se ao título do romance principal – Anos de prosa – permanecendo os demais sem essa referência”¹³⁵.

De acordo com Lima, a versão digital das narrativas publicadas pela MVB E-books no ano de 2010 atribui a autoria desses romances a Camilo Castelo Branco, fato que “exige cautela”¹³⁶ em relação à divergência.

Sobre a disponibilidade do espaço no jornal para algumas edições que destinavam mais de um espaço para publicar as obras de Camilo e de outros folhetinistas: o capítulo 4 do romance *A Gratidão*, por exemplo, ocupou o rodapé denominado *Folhetim* da primeira e segunda páginas da edição de número 267, datada de 24 de novembro de 1863, uma terça-feira. Germana Sales salienta em suas pesquisas que a disponibilidade de espaço para a publicação do romance-folhetim comprova que o gênero era bem recebido pelo leitor paraense. Se assim não fosse, os periódicos da época não dispensariam tamanha atenção para a circulação da prosa de ficção.

O Bem e o Mal (1863) foi o quinto romance de Camilo Castelo Branco a circular nas páginas do *Diário do Gram-Pará*, na seção *Folhetim*. Entre 29 de abril e 25 de maio de 1864, o jornal publicou os dezenove capítulos da obra e ainda a conclusão, que teve início na edição de número 96 e foi finalizado na edição de número 117.

Estruturado em vinte e quatro capítulos, acrescidos de uma conclusão e de um prefácio, que objetivava convencer o leitor sobre a veracidade da história narrada, *A Filha do Doutor Negro* deleitou os leitores da província entre 12 de julho, data da edição de número 156, até 14 de agosto de 1864, conforme se observa na reprodução da tabela elaborada por Lima¹³⁷, que descreve a distribuição dos capítulos do romance nas páginas *Diário do Gram-Pará*, no que concerne às edições, às datas de publicação e aos capítulos.

Tabela 5 - Distribuição dos capítulos do romance *A Filha do Doutor Negro* nas edições do *Diário do Gram-Pará*

Edição do <i>Diário</i>	Dia da Publicação	Capítulo
156	12.07.1864	Prefácio
158	14.07.1864	II

¹³⁴ Ibidem, p. 57.

¹³⁵ Ibidem, p. 57.

¹³⁶ LIMA, Neila Mendonça Garcês. **As narrativas camilianas no espaço folhetim do diário do Gram-Pará na década de 1860**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014, p. 58.

¹³⁷ Ibidem.

159	15.07.1864	III
--*	07.1864**	IV
--*	19.07.1964	V
163	20.07.1864	VI
164	21.07.1864	VII
165	22.07.1864	VIII
166	23.07.1864	IX
--*	26.07.1864	X
169	27.07.1864	XI
170	28.07.1864	XII
171	29.07.1864	XVIII
172	30.07.1864	XIV
173	31.07.1864	XV
174	02.08.1864	XVI
176	04.08.1864	XVII
177	05.08.1864	XVIII
178	06.08.1964	XIX
179	07.08.1864	XX
182	11.08.1864	XXI
183	12.08.1864	XII
184	13.08.1864	XXIII
185	14.08.1864	Conclusão
* Não foi possível identificar o número da edição.		
**Não foi possível identificar o dia da publicação.		

Fonte: Lima (2013).

De acordo com Lima e os dados contidos na tabela acima, não figuram no jornal os capítulos I e XXIV. Sobre o capítulo I, podemos presumir que ele foi publicado no número 157 do jornal, mas não há como averiguar em decorrência da indisponibilidade do exemplar em microfilmes.

Como podemos perceber, as obras de Camilo Castelo Branco tiveram ampla divulgação nas páginas do *Diário do Gram-Pará*. O destaque dado à produção liter do escritor, se comparado a outros autores portugueses, foi percebido por Germana Sales:

O anúncio de obras portuguesas durante o Oitocentos foi presente, também, em Belém, PA, quando os jornais noticiavam, com frequência, a venda de títulos de autoria portuguesa. Nos jornais *Diário de Belém*, *A Província do Pará* e *A Regeneração* foram identificados 33 (trinta e três) escritores portugueses anunciados, entre os quais se destacam Julio Diniz, Ramalho Ortigão, Almeida Garrett, Rebello da Silva, Eça de Queiroz, Faustino Xavier de Novais, Joaquim M. Pinheiro Chagas, A. M. da Cunha e Sá e **Camilo Castelo Branco, o mais presente nas folhas volantes, com 14 (quatorze) obras postas à venda.**¹³⁸ (grifo nosso)

¹³⁸ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 204-205.

A partir dessa breve descrição a respeito da circulação do romance-folhetim nas páginas do *Diário do Gram-Pará*, duas constatações importantes são possíveis: a ênfase dada à divulgação da cultura portuguesa deveu-se muito ao fato de o jornal ter editores, proprietários e responsáveis de nacionalidade portuguesa, assim como boa parte do público-leitor, que era de imigrantes residentes em Belém; a qualidade literária e a boa aceitação das obras podem ser atestadas pela frequência com que eram publicadas no periódico. Assim, é inegável que essas fontes primárias, isto é, os jornais impressos do Oitocentos, são importantes objetos de pesquisa para se entender a circulação e a recepção dessas obras na província do Pará.

2.2.2 A cultura do romance-folhetim nas páginas do *Diário de Belém*

O Diário de Belém, conforme já apresentamos no capítulo anterior, surgiu em meio a um clima de efervescência cultural e econômica que a cidade de Belém vivia durante o apogeu da borracha. Por isso, uma releitura do periódico permite-nos averiguar no interior de suas páginas traços de uma cultura europeia que se instalou em Belém na segunda metade do século XIX. De cunho político, noticioso, comercial e literário, *O Diário de Belém* apareceu em 3 de agosto de 1868. Idealizado pelo português por Antônio Francisco Pinheiro, o periódico foi um dos grandes jornais que circulou na capital paraense na segunda metade século XIX e investiu na publicação de prosa de ficção. Crônicas, contos, novelas e romances eram publicados assiduamente nas colunas literárias, responsáveis por levar entretenimento para o deleite dos leitores paraenses.

Figura 36 - *Diário de Belém*



Fonte: Setor de Microfilmagem do FCP.

De acordo com os dados levantados por Brenda de Cássia Farias Cavalcante,¹³⁹ na primeira década de circulação do jornal, especificamente no período compreendido entre 1868 e 1877, em suas páginas foram publicados, nas colunas literárias, cento e trinta e oito (138) textos em prosa de ficção, assim quantificados: sessenta e três (63) crônicas, trinta e quatro (34) contos, nove (09) novelas, quatro (04) romances, dezessete (17) textos em prosa, quatro (04) textos informativos, três (03) poemas/poesias, uma (01) lenda e três (03) cartas literárias. A ocorrência desses textos é resultado das transformações históricas e culturais que Belém vivia no século XIX, isto é, resultado de uma relação internacional vivida com a Europa no Oitocentos.

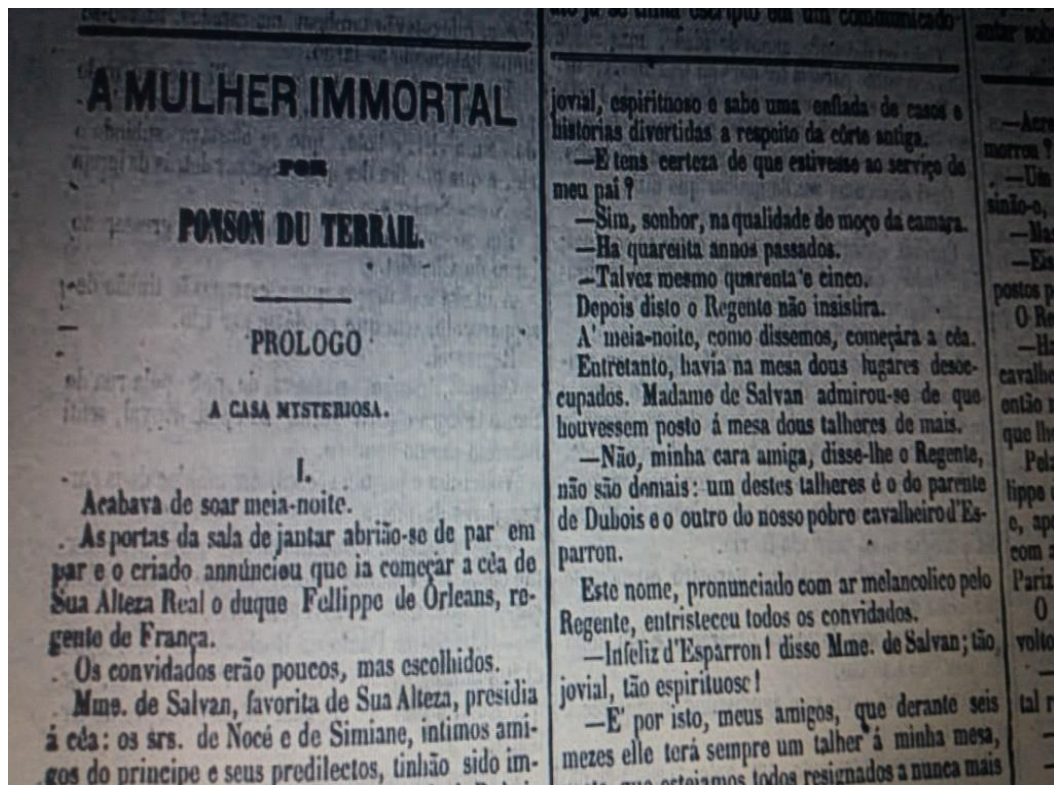
Desde o início de sua circulação, o *Diário de Belém* reproduzia as colunas literárias presentes nos jornais franceses. O primeiro número do jornal registra duas colunas que, comumente, eram usadas para a publicação de textos literários: *Miscelânea* e *Variedades*, que não ocupavam o rodapé do jornal, mas apareceram nesse número no corpo da primeira página, de modo que a *Miscelânea* está localizada na quarta e quinta colunas. Nela, havia cinco histórias curtas, mas em três delas os títulos encontram-se ilegíveis devido à má qualidade de conservação do jornal quando microfilmado. No entanto, é possível realizar a leitura parcial de *Um selvagem involuntário* e de *Um sonho singular*, sem identificação de autoria.

A seção *Variedades* ocupava a metade final da quinta coluna da primeira página e o início da primeira coluna da segunda página. Nela aparece registrado um texto intitulado *Conveniências* (Balada em prosa), de autoria de Pietro Castellamare, extraído do jornal *Semanário Maranhense*. A presença dessas duas colunas no primeiro número de circulação do *Diário de Belém* anunciava que o periódico também recorreria aos atrativos literários para fisgar e deleitar os leitores paraenses da época.

No entanto, é apropriado assinalar que no ano de 1868, primeiro ano de circulação do *Diário de Belém*, a prosa de ficção não teve divulgação intensa. Somente em 3 de janeiro de 1869, na edição de número 2, a coluna *Folhetim* começou a fazer parte do jornal ao publicar o romance-folhetim *A Mulher Imortal*, do romancista francês Ponson du Terrail. A incorporação dessa coluna no corpo do jornal e a publicação do romance aproximaram ainda mais o periódico do modelo estrutural e cultural de imprensa que circulava na Europa e em outras províncias do Brasil.

¹³⁹ CAVALCANTE, Brenda de Cássia Farias. **Memória do livro e da leitura no Pará do século XIX.** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2004.

Figura 37- Romance-folhetim *A mulher imortal* publicado no *Diário de Belém*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

Na edição foi publicado o capítulo I d'*A Mulher Imortal* intitulado *A Casa Misteriosa*, localizado no rodapé da primeira página do jornal. Notamos que no número seguinte do periódico, datado de 4 de janeiro de 1869, não houve a publicação da coluna *Folhetim*, nem a sequência de *A Mulher Imortal*. Nesse dia, a coluna *Variedade* publicou, na página 2, o conto intitulado *O pagem anão*, de autoria de Alfredo de Sarmiento. Porém, na edição de 6 de janeiro ocorreu a retomada do romance, com a publicação do capítulo II. Narrativa longa, *A Mulher Imortal* manteve a atenção dos leitores do *Diário de Belém* durante quatro meses. Publicada em 76 capítulos, divididos em subcapítulos, a história só terminou no exemplar de número 77, de 8 de abril de 1869.

Ao lado d'*A mulher imortal*, outros romances folhetins de autoria estrangeira ou de autoria não identificada circularam nas páginas do *Diário de Belém*, tais como *A segunda Mocidade de Henrique IV* (1869) e *O Pagem de Luiz XIV* (1871), ambos de Ponson du Terrail; *Os brilhantes do Brasileiro* (1871), do português Camilo Castelo Branco, e *O monge* (1873), de autoria desconhecida. Trata-se de narrativas longas, se comparadas com as publicações de outros jornais, que durante meses agraciaram os leitores paraenses com seus enredos. O prolongamento dessas tramas no tempo poderia ser estratégia de venda para atrair

o público leitor e conseqüentemente incentivá-lo a comprar os jornais para continuar acompanhando as narrativas.

Ainda na primeira década de circulação, o *Diário de Belém* também divulgou textos classificados por Brenda de Cássia Farias como conto, prosa, verso, lenda, informativo, crônica e novela (cf. apêndice IV).

Os dados do apêndice IV referentes à circulação de narrativas literárias na primeira década de existência do *Diário de Belém* confirmam que os periódicos belenenses mantinham uma estreita relação com a literatura, pois era comum encontrar diariamente nos jornais espaços denominados *Variedades*, *Miscelânea*, *Folhetim* e *Litteratura*, que publicavam prosa de ficção, a exemplo do que ocorria na Europa e nas demais províncias brasileiras.

Germana Sales, ao abordar a ocorrência do romance-folhetim na cidade de Belém, relata que

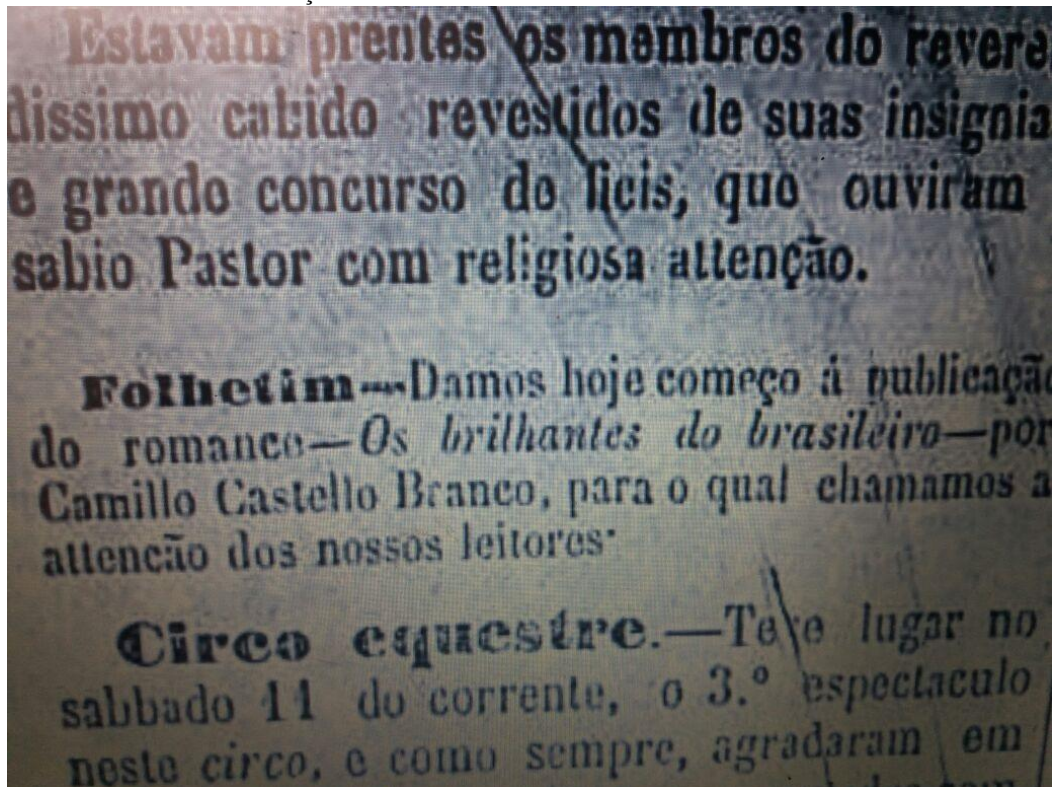
o fenômeno notabilizou-se pela inclusão de textos já publicados em outros jornais ou copiados dos próprios livros, quando a obra já havia sido impressa. Concretamente, a reprodução dos textos ficcionais anteriormente divulgados constituiu-se na opção mais viável, uma vez que o número de autores locais dedicados à escrita de prosa de ficção não era significativo.¹⁴⁰

Exemplo do que relata Germana Sales, no excerto acima, são os textos literários extraídos de outros jornais que foram reproduzidos nas páginas do *Diário de Belém: O suicida* (1869) e *Cartas a Leonor* (1869), extraídos do *Diário do Rio; Que melhora* (1873) e *O plano do general Mariones* (1873), extraídos do *Diário de Pernambuco*, e *O noivado do ar* (1876), extraído do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Essas publicações confirmam a intensa movimentação entre jornal e literatura na capital do Pará, assim como em outras províncias onde o fenômeno já estava em evidência.

Notícias e anúncios contidos no corpo dos jornais comprovam que o romance-folhetim era uma novidade aguardada pelos leitores. Na edição de 14 de março de 1871 do *Diário de Belém*, encontramos uma nota na seção *Notícias Diversas*, localizada na primeira coluna da primeira página do periódico, que anunciava o começo da publicação do romance-folhetim *Os brilhantes do brasileiro*, de Camilo Castelo Branco. A notícia sobre a publicação demonstra que o jornal estimulava o público leitor a acompanhar a circulação da obra na coluna *Folhetim*, além de enfatizar a importância da obra do escritor português.

¹⁴⁰ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013, p. 86.

Figura 38 - Anúncio sobre a circulação do romance-folhetim *Os brilhantes do brasileiro* no *Diário de Belém*

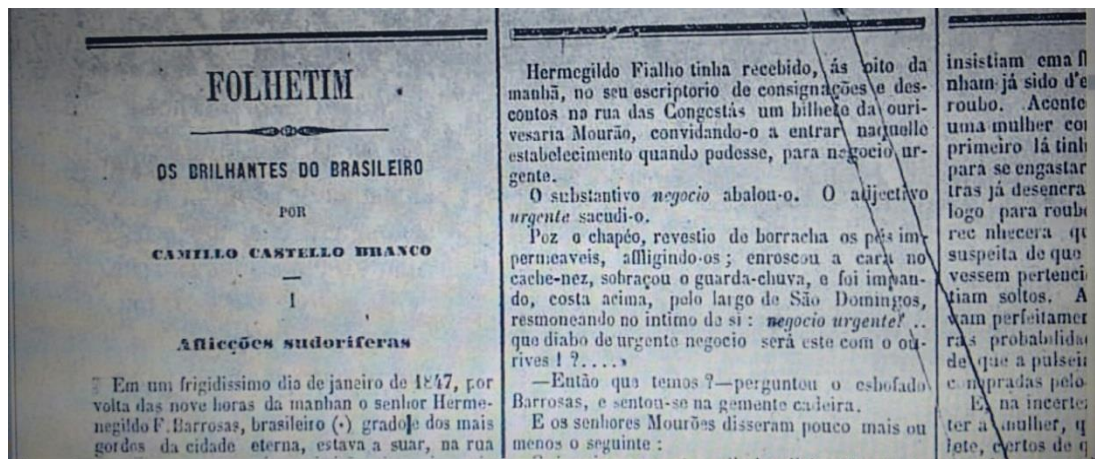


Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

*Legenda: Damos hoje começo á publicação do romance – *Os brilhantes do brasileiro* – por Camillo Castello Branco, para o qual chamamos a atençaõ dos nossos leitores*

Em seguida, abaixo da nota informativa sobre o início da publicação do romance, encontramos, no rodapé do *Diário de Belém*, na coluna *Folhetim*, a publicação do primeiro capítulo d'*Os brilhantes do brasileiro*, intitulado *Aflicções sudoríferas*, que ocupou as cinco colunas do rodapé do jornal e foi finalizado com o famoso corte narrativo (“continua”).

Figura 39 - Romance-folhetim *Os brilhantes do brasileiro* publicado no *Diário de Belém*

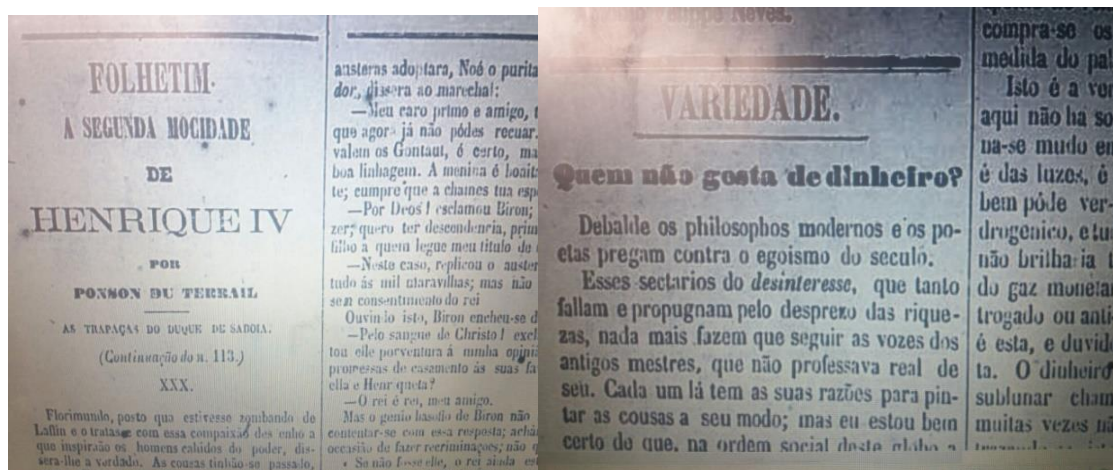


Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

O corte narrativo no fim da publicação dos capítulos d’*Os brilhantes do brasileiro* ratifica a imitação do modelo francês em relação às estratégias para garantir a fidelidade do leitor, conforme afirma Germana Sales a respeito da circulação do gênero no Pará: “A estrutura do romance-folhetim estabelecia uma certa cumplicidade com o leitor, através do uso da fórmula “continua amanhã”.¹⁴¹

Desde a década de 1850, já encontramos periódicos como a *Gazeta Official* que publicavam mais de um texto em prosa de ficção em suas páginas. Em 1860, os jornais continuam e intensificam a publicação de mais uma narrativa na mesma edição, como podemos observar no *Diário de Belém*, que também chegou a publicar mais de um texto literário diariamente. Como exemplo, citamos a publicação do XXX capítulo do romance-folhetim francês *A segunda mocidade de Henrique IV*, de Ponson du Terrail, na coluna *Folhetim*, localizada no rodapé da primeira página da edição do dia 22 de maio de 1869. (espaço extra) Ainda na mesma edição, na segunda página, na seção *Variedade*, circulou o texto do português José Victorino da Silva de Azevedo, *Quem não gosta de dinheiro?*, publicado sob a rubrica crônica. Percebemos, assim, o quanto os jornais paraenses investiram na publicação de prosa de ficção do mesmo modo como ocorreu em outros lugares da Europa e do Brasil.¹⁴² Vejamos:

Figura 40 - Romance-folhetim *A segunda mocidade de Henrique IV* e a crônica *Quem não gosta de dinheiro* publicados no *Diário de Belém*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

¹⁴¹ SALES, Germana Maria Araújo. **Folhetins:** uma prática de leitura no século XIX. Disponível em: <www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

¹⁴² RODRIGUES, Almir Pantoja. Prosa de ficção nas páginas do *Diário de Belém* (1860-1900). In: XIV Congresso internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. **Anais da ABRALIC**. Belém: UFPA, 2015. p. 2. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/?p=2&ano=2015>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Dentre os gêneros publicados no *Diário de Belém*, nos anos sessenta e setenta do século XIX, observamos que a coluna *Variedade* foi a que apresentou maior número de textos com características literárias. De acordo com os dados contidos no relatório de Brenda Cavalcante, foram registrados oitenta e dois (82) textos. Em *Miscelânea* aparecem registrados quatro (04) textos, vinte (20) em *Literatura* e trinta e dois (32) em *Folhetim*.

Assim sendo, podemos inferir que o *Diário de Belém* contribuiu para a história cultural da capital paraense ao divulgar em suas páginas textos como o romance-folhetim, que incentivavam a leitura e a divulgação do conhecimento literário em uma época na qual a cidade vivia uma realidade semelhante a dos grandes centros culturais, que difundiam a cultura do país no Oitocentos.

2.2.3 A cultura do romance-folhetim nas páginas d'A *Província do Pará*

Do mesmo modo que o *Diário do Gram-Pará* e o *Diário de Belém*, *A Província do Pará* também investiu na publicação de textos literários. Fundada em 25 de março de 1876, por Joaquim José de Assis,¹⁴³ Francisco de Sousa Cerqueira¹⁴⁴ e Antonio José de Lemos,¹⁴⁵ nela encontramos uma movimentação intensa de prosa de ficção e uma variedade de obras de diversas nacionalidades publicadas regularmente na coluna *Folhetim*, espaço do periódico que foi privilegiado na divulgação de literatura.

Figura 41 - *A Província do Pará* (segunda época)



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCPTN.

¹⁴³ Redator político.
¹⁴⁴ Tipógrafo.
¹⁴⁵ Redator gerente.

A análise sistemática dos números microfilmados d'A *Província do Pará* mostra várias colunas como *Ciências*, depois denominada de *Letras e Artes*; *Miscelânea*; *Variedades*; *Litteratura*; *Folhetim*. A regularidade diária, no entanto, coube a essa última, que já tinha uma história consolidada nas páginas impressas tanto na Europa quanto no Brasil.

O aparecimento da coluna *Folhetim* n'A *Província do Pará* data de 30 de março de 1876, cinco dias após o nascimento do jornal, com a publicação do conto *O Noivado no mar*, sem autoria e extraído da coluna *Folhetim* do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, além de ser o primeiro registro de literatura na folha noticiosa. Nela, encontramos não somente textos literários, mas também outras variedades de publicações que ratificam a ideia enfatizada pelos estudiosos sobre o assunto de que o folhetim era, inicialmente, um espaço sinônimo de variedades, como já dissemos anteriormente.

Trinta e cinco dias depois da estreia do jornal na capital paraense, em 30 de abril de 1876, *A Província do Pará* inaugura a história da coluna *Folhetim* com a publicação de um romance-folhetim, gênero já em voga pelo mundo afora. É no exemplar de número 28 do jornal que aparece registrado na página 2, nas colunas 1, 2, 3, 4 e 5, o primeiro capítulo de *A Marquesa Ensanguentada*, de autoria da Condessa Dash, seguido da conhecida fórmula “continua”.

Figura 42 - Romance-folhetim *A Marquesa Ensanguentada* publicado n'A *Província do Pará*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A imagem registra o capítulo XLII, o último do romance, isto é, a conclusão da narrativa francesa publicada no rodapé d'*A Província do Pará*, na edição de número 221, de 23 de dezembro de 1876. A obra garantiu oito meses de suspense, deleite e entretenimento ao leitor paraense.¹⁴⁶

Além da presença de romances-folhetins franceses, obras pertencentes às nacionalidades portuguesa, brasileira, suíça, inglesa, alemã, italiana e espanhola também circularam nas páginas do periódico, como se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 6 – Romances-folhetins estrangeiros, nacionais e locais publicados nas páginas d' *A Província do Pará*

Autoria	Título do texto	Gênero	Ano de publicação	Origem
Condessa Dash	<i>A marquesa ensanguentada</i>	Romance	1876	França
Pinheiro Chagas	<i>Tristezas à beira-mar</i>	Romance	1880	Portugal
Marques de Carvalho	<i>A leviana: história de um coração</i>	Romance	1885	Brasil
Edouard Rod	<i>Os três corações</i>	Romance	1890	Suíça
Archibald Clavering Gunter	<i>A vendeta</i>	Romance	1880	Inglaterra
E. Marllit	<i>A casa das corujas</i>	Romance	1891	Alemanha
E. Mezzabott	<i>O papo negro</i>	Romance	1895	Itália
D. Manuel Juan Diana	<i>A rua d'amargura</i>	Romance	1898	Espanha

Fonte: FERRIRA (2012).

De acordo com o Relatório Técnico Científico do PIBIC/UFPA¹⁴⁷, de Sara Vasconcelos Ferreira, no que se refere à circulação da prosa de ficção no jornal *A Província do Pará*, 776 publicações foram registradas entre romances, novelas, contos, crônicas e outros gêneros de textos, com a predominância de contos traduzidos. A tabela abaixo revela ainda outros dados interessantes para a interpretação do movimento desses textos nas páginas do periódico, como o número de traduções, de publicações portuguesas, nacionais, locais ou de origem não identificada de cada um dos gêneros – romance, novela, conto, crônica, entre outros.

¹⁴⁶ Para aprofundamento a respeito da circulação do romance *A Marquesa Ensanguentada*, cf. SILVA, Shirley Lianne Medeiros da. **A Marquesa Ensanguentada**: o romance de condessa Dash nos periódicos brasileiros de norte a sul. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

¹⁴⁷ FERRREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012, p. 11.

Tabela 7 – Circulação de traduções, produções nacionais e locais n' *A Província do Pará*

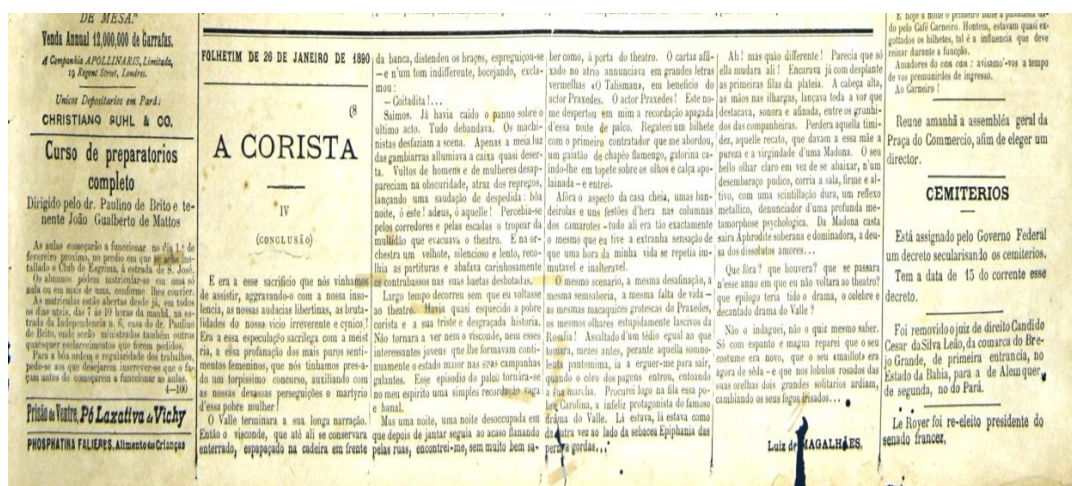
Gênero	Total	Tradução	Publicação Nacional	Publicação Local	Portugal	Não identificado
Romance	54	50	-	02	02	-
Novela	13	11	-	-	01	01
Conto	429	156	48	59	25	141
Crônicas	222	28	24	58	18	94
Outros	58	12	15	08	06	17
Total	776	257	86	127	52	254

Fonte: FERRIRA (2012).

Entre os dados coletados por Sara Vasconcelos Ferreira, chama a atenção a circulação dos dois romances de autoria portuguesa. É entre o conjunto de obras registrado nas páginas d'*A Província do Pará* que se encontra, entre 20 de julho e 2 de setembro de 1880, no espaço *Folhetim*, o romance-folhetim *Tristezas á beira-mar*, do escritor português Pinheiro Chagas, que já havia sido publicado em livro, anteriormente. Em todas as impressões a obra ocupou sempre as seis colunas da página 2 do rodapé do jornal. Os dois últimos capítulos, XVIII e XIX, circularam simultaneamente com a publicação do capítulo I da novela *O Mandarin*, do também português Eça de Queiroz, que teve início em 29 de agosto de 1880, na página 3. Encerradas as peripécias de *Tristezas á beira-mar*, *O Mandarin* passou a ser veiculado sempre na página 3, ocupando as seis colunas do fim da página.

A Corista, de Luiz Magalhães, foi outro romance-folhetim de autoria lusitana que divertiu e deliciou os leitores paraenses da época e contribuiu para a divulgação da cultura do romance-folhetim.

Figura 43 - Romance-folhetim *A Corista* publicado n'*A Província do Pará*



te: Setor de Microfilmagem da FCP.

Fon

O romance circulou no período compreendido entre 17 e 26 de janeiro de 1890, na página 1 do rodapé do jornal, e, em todas as edições, ocupou as colunas 2, 3, 4, 5 e 6, exceto a conclusão do romance, que foi publicada nas colunas 2, 3, 4 e 5. A coluna 1 foi reservada à divulgação de cursos preparatórios e à venda de medicamentos e de outros produtos e a coluna 6, por sua vez, destinada às demais notícias que faziam parte da folha, conforme se pode observar na imagem acima.

Considerando as informações da tabela elaborada por Sara Ferreira¹⁴⁸, observamos o registro de dois romances-folhetins de autoria local, isto é, escritos por paraenses. São os romances *A Leviana: história de um coração*, de Marques de Carvalho, e *A herdeira dos seringais*, de Florival e Ruy Brabo, que circularam entre 25 de março e 1º agosto de 1885 e entre 17 de novembro de 1889 e 19 de janeiro de 1890, respectivamente. Os dois romances que compõem a produção local somam-se ao quadro de publicações literárias que circularam n'A *Província do Pará*, juntamente com a ficção estrangeira e nacional.

A *Província do Pará* também ofereceu espaço para a circulação de obras cuja autoria pertence a mulheres. Os registros indicam, por exemplo, que a portuguesa Maria Amélia Vaz de Carvalho teve espaço garantido ao lado de Pinheiro Chagas e Luiz Magalhães.

Tabela 9 – Presença de obras da portuguesa Maria Amélia Vaz de Carvalho n'A *Província do Pará*

Autor	Texto	Período	Ano	Gênero
Maria Amélia Vaz de Carvalho	Os últimos amores de Goethe	18 de novembro	1877	Fragmento
Maria Amélia Vaz de Carvalho	Goethe	20 de novembro	1877	Fragmento
Maria Amélia Vaz de Carvalho	Em casa de Mme. X.	8 e 9 de abril	1880	Conto

Fonte: Do autor (2019).

Os dados até aqui apresentados confirmam a intensa circulação de leitura no Brasil na segunda metade do século, conforme enfatiza Germana Sales:

Os dados apontam para uma significativa circulação de leitura no Brasil, durante o Oitocentos, fato que contraria os inúmeros discursos que proclamaram o Brasil como um país sem livros e sem leitores. As notícias sobre a movimentação de livros no século XIX demonstram um panorama de comércio livreiro, no qual os romances faziam parte dos produtos mais anunciados neste mercado.¹⁴⁹

¹⁴⁸ FERREIRA, Sara Vasconcelos. *A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará*. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012. p. 11.

¹⁴⁹ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In:

Outras colunas também publicaram prosa de ficção e fizeram parte da estrutura do jornal, como *Miscelânea e Variedades*, porém com menos frequência se comparadas à coluna *Folhetim*, à qual coube a função de janela literária que brindou o olhar e as fantasias dos leitores da capital paraense da segunda metade do século XIX. Vejamos:

Figura 44 - Crônica *Os jesuítas d'hoje* publicado n'A *Província do Pará*

The image shows a page from a newspaper with a column titled "VARIEDADE" containing the article "Os Jesuítas d'hoje". To the right of the article is a list of items for sale under the heading "Fogos de Sala".

VARIEDADE

Os Jesuítas d'hoje.

Assim não estamos ainda livres da estirpe negra! Li nos prospectaram outros filhos, combatidos outros inimigos, julca nos lutamos n'um campo diverso, quando da subita vulto a incommodar-nos o rugo a grido de guerra d'estes sobejos de Santo Ignácio, pagavamos contra umas adereças, mis o campo em que se travava a pelaja humitava-o a plen' luz, quando de repente arrebatete contra nos vult matilha de animas d'as trévez, que julga que decaer a noiva d'onde sobre o mundo, porque o fano dos incendios de Paris canabaira por instantes o sol da liberdade. Onde é que isto se escondia? Por onde vagavam estes capões do Syllabus, que roubaram a S. Francisco Xavier o nome aureola de missionarios? Onde

Deus abençoará os obreiros que semearem e cultivarem essa rica sementeira de regeneração na terra pátria; o o povo, com a sua futura gratidão, dará testemunho da benigna Providência.

Fôrça e Matéria; os materialistas sagrados não apresentam á abstração e ao terror das turbas, sendo duas cousas os Bentinhos do céu e o ablatido do inferno. E os uns elles dizem-se discipulos de Jesus! A religião de Christo é a mais espiritalista de todas as philosophias; elles são os mais estupidamente materialistas de todas os pregadores do materialismo. Os materialistas scientificos, egualmente com o ventipello o cultivar, declararam dogmaticamente que não encontram a alma; os materialistas sacerdotales, estes encontram-na a abstracção inferno como um bragoado de lenha verde. Uma alma, que se quanta com pez, carvão e humar, pode ser avolta perfeitamente pelo crebro materialista. Um poeta americano, que se revelou ha tempos, original, mas prosaico, occupando nos seus versos as ideas mais arrastadas, como é tao dizer-se em antes as ideas mais lindas, do materialismo contemporaneo, encontra-se com os missionarios nos quindis acerca da alma.

«Deixa alguém ser a alma? Vede a vossa propria forma e a vossa physionomia. Como é que o verdadeiro corpo moveira e seria supellido?»

«O voso verdadeiro corpo ha de escapar ás mãos dos emeiros, e ha de passar para as espheras que lhe são proprias.

«O corpo encerra o espirito; encerra a

de barca, lenços de seilo, merlim, melhar, manteiga ingleza, massa preparada, mastro de lutha, oleo de lutha, ca, pregos santidos, pregos de ferro, pregos de cobre, pregos de arame, pregos de meia galvota, pregos do ferragem, pregos de galvota, pregos de meia ferragem, pregos de caverna, pregos de meia caverna, pregos de meio ferro, pregos americanos, parafusos, pao fresco, pao torrado, pao cravo, pavios para piarol, remos de lutha, rosa terra, sebo em rama, sabão da terra, sabão americano, sapatos de couro, stearina em gallas, sal, sella da Bolivia, liphos inglezes, lathas de cobre, linta preparada em latão, tapetes serfilidos em padreez, tomelino portuguez, taboas de palho, verniz copal, vernis de espirito, rasoiras, vernellão da China, vinagre, zarcão.

Os preços dos objectos fornecidos na razão do peso e medida seriao calculados pelo systema metrico decimal.

São obrigados os fornecedores ás seguintes condições:—fornecerem os generos da primeira qualidade que houver no mercado, com a precisa

horas 2000
A SPRINGE, 2000
PACOTILHA POETICA, 1200
SEGNETOS DO Famoso FETICHAO, 150-
MATA HORAS ABONDEADAS, . . 200.
Livraria Classica.

Fogos de Sala.

Agradavel divertimento para as noites S. João e S. Pedro. Estes fogos de uma composiçao mysteriosa e de surpreendimento effeito, podem ser jogados por senhores e crianças sem causar danno algum.

Denominação

ESTRELLAS CHINEZAS. (prosa) 2000.
FOSTE DAS PEROLAS. (caixa de 6/2500)
OVOS DE SERPENTE. (caixa) 300.
OVOS DE SERPENTE ESCANTADA. (caixa) 300.
TRICINAS CHINEZ, (março) . . . 400.
CAGA LEGUAS, intratenimento interessante para despertar o riso. (uma caixa, 15000-
PAPEL DE FOGO D'ARTIFICIO, produzindo cores variadas, elegante passio-

Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A imagem acima registra a coluna *Variedade*. Nela podemos perceber a circulação da crônica *Os jesuítas d'hoje*, do escritor português Pinheiro Chagas, publicado em uma quinta-feira, 22 de junho de 1876. Rodrigues¹⁵⁰ informa que a narrativa é uma crítica à ação dos jesuítas, que então se introduziram nas instituições públicas usando o Evangelho como discurso. O conteúdo apresenta os eclesiásticos como seres hipócritas por recorrerem à fé e à

SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVI, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 205.

¹⁵⁰ RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2008, p. 49.

pregação da palavra de Cristo apenas como artifício para alcançarem objetivos materialistas. São os “petroleiros da eternidade”.

O seu materialismo é grosseiro como o fetichismo dos Hettontotes, e não requintado como o das escolas modernas. Bochner não reconhece senão dois elementos criadores, a Força e a Matéria; os materialistas sagrados não apresentam à adoração e ao terror das turbas, senão duas coisas: os *Bentinhos* do céu e o alcatrão do inferno. E ousam eles dizer-se discípulos de Jesus! A religião de Cristo é a mais espiritualista de todas as filosofias: eles são os mais estupidamente materialistas de todos os pregadores do materialismo. Os materialistas científicos, explorando com o escalpelo o cadáver, detectaram desdenhosamente que não encontraram a alma; os materialistas sacerdotais, esses a encontram a arder no inferno como um braçado de lenha verde. Uma alma, que se queima cota pez, enxofre e betume, pode ser aceita perfeitamente pelo credo materialista. Um poeta americano que se revelou há tempos, original, mas grosseiro, compediando nos seus versos as idéias mais avançadas, como é uso dizer-se eu antes as idéias mais brutais, do materialismo contemporâneo, encontra-se com os missionários nas opiniões acerca da alma. Deseja alguém ver a alma? Vede a vossa própria forma e a vossa fisionomia. Como é que o verdadeiro corpo morreria e seria sepultado? O vosso verdadeiro corpo há de escapar às mãos dos coveiros, e há de passar para as esferas que lhe são próprias. O corpo encerra o espírito; encerra a alma, e é a alma; quem quer que tu sejas, quão soberbo e divino é o teu corpo na sua mínima parte! Não é esta a alma corporal, que os materialistas eclesiásticos tisnam e requeimam nos caldeirões do inferno? Ah! é justo que, apesar de trocarem entre si algumas palavras mais ásperas, venham afinal hipócritas e ateus e lançar-se nos braços uns dos outros. Que diferença há entre eles? Uns queimam os seus inimigos na terra, queimam-nos os outros nas regiões de além-mundo. Uns adoram o petróleo na terra, outros fornecem de enxofre e alcatrão as fogueiras infernais. Se essa diferença de combustível abre um abismo entre as duas seitas, transijam os missionários com o progresso, e mandem petróleo a Satanás. Poderemos então chamar-lhe os petroleiros da eternidade.¹⁵¹

Além da presença das colunas *Variiedade*, *Miscelânea* e *Folhetim* no corpo do jornal, outras também fizeram parte de sua estrutura, como o *Boletim do Dia*, *Solicitados*, *Literatura*, *A Revista Literária*, *Ciências*, *Letras e Artes* e *As Noites Amazônicas*. Sobre essas seções, Sara Vasconcelos Ferreira¹⁵² afirma:

Essas colunas sofreram intensas modificações [...]. Por diversas vezes, desapareceram e somente a coluna *Folhetim* permanecia. *Miscelânea*; *Litteratura*; *Revista Litterária*; *Variiedades*, *Boletim do dia*, *Solicitados* e *Sciências*, *Letras e Artes* são as seções nas quais eram feitas publicações de poemas, crônicas, contos, lendas, fragmentos de obras, resenhas e crítica literária.¹⁵³

¹⁵¹ Fragmento extraído da crônica *Os jesuítas d'hoje*, de Pinheiro Chagas.

¹⁵² FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012, p. 09.

¹⁵³ FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012, p. 09.

E completa:

Nas seções *Miscelânea* e *Variedades* as publicações de prosa ficcional foram poucas, pois nessas seções geralmente eram veiculadas notícias ou textos de política. Da mesma forma, *Boletim do Dia* e *Solicitados* se dedicavam a comentários das ocorrências diárias, homenagens e sonetos; algumas vezes publicavam pequenas narrativas em prosa classificadas como conto. Essas seções aparecem apenas nos primeiros anos do jornal. A seção *Literatura* veicula poesias, principalmente sonetos, e a *Revista Literária* publicava na maioria das vezes fragmentos de obras, capítulos de romances ou crítica literária. O mesmo acontece com a seção *Ciências, Letras e Artes*, que publica artigos científicos e capítulos de romances. Em 1885, por exemplo, publica o capítulo de *Os Maias*, de Eça de Queiroz. Mas a partir da década de 90, ela é dividida em *Ciências* e *Letras e Artes*; porém esta última não aparecia com muita frequência. Em 1808, aparece no rodapé do jornal a seção *As Noites Amazônicas*, na qual são publicados principalmente crônicas e crítica literária, mas logo é extinta.¹⁵⁴

O registro dessas colunas, da prosa de ficção e, de modo particular, do romance-folhetim, confirma a influência e a forte relação entre jornal e literatura no Pará da segunda metade do século XIX:

Belém define-se, portanto, como centro cultural, onde a presença da imprensa, associada à circulação de textos em prosa de ficção, auxiliou a identificação de um espaço profícuo de difusão de leitura, particularizado pelo espaço folhetim em seus jornais. Independentemente da corrente ideológica que seguiam, esses jornais foram fiéis à moda promissora que garantiu a presença de inúmeros textos entre os leitores, proporcionando-lhes diversidade de autores, gêneros e temas. Inserida no quadro intelectual brasileiro do século XIX, a capital do Pará pode ser reconhecida, também, como um dos polos culturais do País, marcadamente pela circulação do romance-folhetim, sem deixar a desejar às ocorrências fluminenses.¹⁵⁵

Seguindo a matriz francesa, as narrativas atraíam o público leitor, voga que não ficou restrita somente ao Rio de Janeiro, mas disseminou-se também em outras regiões do país, conforme fundamentam os estudos de Marlyse Meyer¹⁵⁶, José Ramos Tinhorão¹⁵⁷, Germana Sales¹⁵⁸, Socorro Pacífico Barbosa¹⁵⁹, Antônio Hohlfeldt¹⁶⁰ e Yasmim Nadaf,¹⁶¹ referências no assunto.

¹⁵⁴ FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012, p. 9.

¹⁵⁵ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.) **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013, p. 97.

¹⁵⁶ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁵⁷ TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

¹⁵⁸ SALES, Germana. op. cit.

¹⁵⁹ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história**. Disponível em:

É consenso entre esses estudiosos que as pesquisas em periódicos contribuem para a revisão da literatura do país, dando destaque para a descoberta de uma literatura local ou estadual registrada em centros periféricos, como sugere Hermenegildo Araújo¹⁶², e trazem à tona textos que ficaram no esquecimento das histórias literárias passadas e que repousam no silêncio e na ignorância. A esse respeito, José Ramos Tinhorão afirma que “várias centenas de romances e novelas jazem ignorados em numerosas revistas literárias ou jornais dos mais diferentes pontos do país, à espera desse recenseamento tão esclarecedor”.¹⁶³

2.3 As pesquisas sobre o romance-folhetim no Brasil: uma apresentação panorâmica

Da busca por referências para a constituição da história do romance-folhetim no Brasil, surge a necessidade de uma revisão da literatura disponível sobre estudos importantes acerca do gênero, por tratar-se de um fenômeno literário que vem modificando contemporaneamente aquilo que se entendia por literatura nos séculos anteriores. Germana Sales relata que, a partir da década de 30 do Oitocentos até o início de 1900, ocorreu a expansão do gênero em regiões do Brasil consideradas periféricas e que, a partir do final século XX, surgiram várias pesquisas com a finalidade de recuperar dados sobre a circulação de textos publicados na imprensa, cuja abrangência não se restringiu à capital do Império.¹⁶⁴ Sob essa perspectiva, são imprescindíveis os trabalhos de José Ramos Tinhorão, Marlyse Meyer, Tânia Rebelo Costa Serra, Yasmim Nadaf, Antônio Hohlfeldt, Socorro Pacífico Barbosa e Germana Sales. Os estudos esclarecedores desses pesquisadores ajudaram a constituir o mapa do romance-folhetim no Brasil.

No Brasil, José Ramos Tinhorão foi o primeiro a estudar o assunto e provocou uma revolução a respeito da história da leitura e da literatura. Nos cinco capítulos de *Os romances*

<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf>
. Acesso em: 2 dez. 2018.

¹⁶⁰ HOHLFELDT Antônio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900. 1998. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

¹⁶¹ NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

¹⁶² ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de (Orgs.). **Literatura Brasileira**: Região, Nação, Globalização. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013, p. 109.

¹⁶³ TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em Folhetins no Brasil**: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 35-36.

¹⁶⁴ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria. (Orgs.). **A tradição literária brasileira**: entre a periferia e o centro. Chapecó: Argos, 2013, p. 82.

*em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)*¹⁶⁵, o autor constrói a genealogia do gênero no Brasil ao abordar questões relacionadas ao espírito do romance romântico: o romance romântico no Brasil, o início do romance e do folhetim, as influências “inconfessáveis” deste último, sua popularidade e trajetória do jornal à TV. Por fim, apresenta a ficção em capítulos (ou folhetins) no Brasil a partir da análise de 308 periódicos elencados, o que faz das pesquisas desenvolvidas por ele um estudo substancial para a compreensão da circulação e recepção do gênero nas páginas da imprensa oitocentista.

O trabalho de Tinhorão, baseado em estudos apresentados por Brito Broca, traz à tona, em essência, o espírito do romance romântico que, segundo ele, tem a sua gênese provavelmente nos melodramas vindos do teatro popular:

Os melodramas, de fato, dirigindo-se a um público novo e sem tradição cultural, exploravam no palco não situações que levassem a pensar ou exigissem algum nível de informação paralela, mas as ações mirabolantes e situações patéticas, fazendo repousar o interesse de seus enredos em torno de um trio de personagens típicos: a vítima (que sofria as injustiças particulares ou sociais e excitava a piedade), o vilão (que encarnava a maldade humana ou a prepotência do poder e inspirava horror, medo ou revolta) e o herói ou vingador (o representante do Bem que, contando às vezes com a Providência, interferia em favor das vítimas e provocava admiração).¹⁶⁶

Tinhorão enfatiza que o uso desses três elementos, a vítima, o vilão e o herói ou vingador, levou o romance romântico ao encontro do povo no que ele considera como a primeira expressão ficcional de massa da era moderna¹⁶⁷. Foi dessa maneira que, inicialmente por meio das traduções francesas, depois com as publicações de Teixeira e Sousa¹⁶⁸ e Joaquim Manuel de Macedo,¹⁶⁹ até se expandir para outros escritores como Machado de Assis, que o romance-folhetim configurou-se como leitura literária nas páginas dos jornais brasileiros.

A leitura da obra é referência para aqueles que pretendem compreender o percurso do romance-folhetim no Brasil e para os pesquisadores que reconhecem as lacunas deixadas

¹⁶⁵ Cf. TINHORÃO, José Ramos. op. cit.

¹⁶⁶ Sobre as lacunas deixadas pelas primeiras histórias literárias do século XIX, cf. TINHORÃO, José Ramos. **Os Romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)**. São Paulo: Duas cidades, 1994, p. 8.

¹⁶⁷ TINHORÃO, José Ramos. **Os Romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)**. São Paulo: Duas cidades, 1994, p. 9.

¹⁶⁸ Nasceu em Cabo Frio, no dia 28 de março de 1812 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1 de dezembro de 1861. Apesar do não reconhecimento pela crítica literária do Oitocentos, foi autor do primeiro romance romântico brasileiro, intitulado *O filho do pescador*, publicado no formato folhetim antes de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo.

¹⁶⁹ Nasceu em Itaboraí, no dia 24 de junho de 1820 e faleceu em Itaboraí, em 11 de abril de 1882. Durante a vida, exerceu várias profissões: médico, jornalista, romancista, poeta, teatrólogo, memorialista brasileiro, político e professor. É o autor do romance *A Moreninha*, considerado pela crítica literária Oitocentista como o primeiro romance brasileiro.

pelas primeiras histórias literárias do século XIX ao excluírem romances e novelas publicados em periódicos por todo o país.

A proposta do autor, lançada no fim do século XX para identificar e mapear as obras publicadas nas páginas dos jornais e não registradas pelas histórias literárias, resultou numa ação conjunta projetada por pesquisadores de várias regiões do Brasil que investigam meticulosamente os arquivos e bibliotecas do país em busca dessas obras.

Ao lado de Tinhorão, Marlyse Meyer foi uma das precursoras em pesquisas acerca do romance-folhetim no Brasil por meio da obra intitulada *Folhetim, uma história*¹⁷⁰. Nesse estudo, a autora apresenta a trajetória do gênero que, paradoxalmente, nasceu e viveu no século XIX desprezado por uns e atraídos por outros, ou seja, não teve o reconhecimento da crítica literária da época, mas seduziu o coração daqueles que se deixaram conquistar pelos enredos abundantes em aventuras inverossímeis. É um mergulhar no mundo da “baixa cultura”¹⁷¹, tendo como *corpus* de estudo textos literários que circularam em rodapés de jornais do Brasil.

O estudo descritivo e objetivo sobre a ascensão do gênero folhetim contou com um extenso percurso metodológico: Meyer consultou bibliotecas, arquivos e acervos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Campinas, Paris, Londres e fontes historiográficas, histórias literárias, catálogos de bibliotecas públicas, gabinetes de leitura, bibliografias, o circuito de livreiros, imprensa, almanaques, tanto do Brasil quanto da França e da Inglaterra. O trabalho resultou em *Folhetim, uma história*, que aborda o folhetim não só do ponto de vista historiográfico, mas que também percorre as narrativas publicadas na imprensa, revelando o mundo das personagens e analisando a participação dos leitores em relação ao prolongamento e ao sucesso das histórias nos jornais. Outro aspecto relevante encontrado na obra da autora é a tarefa de estabelecer a importância social e cultural da literatura em folhetim.

O estudo divide-se em dois capítulos: *O Folhetim na Matriz* e *O Folhetim no Brasil*. No primeiro, a autora estabelece três fases iniciais para o romance-folhetim. A primeira, compreendida entre 1836 e 1850, mostra as etapas do romance-folhetim, sua origem na França, como foi inventado e como se espalhou pelo mundo como romance rocambolesco, romântico ou democrático. A segunda fase vai de 1851 a 1871. Nessa parte da obra, Meyer aponta as transformações que ocorreram em Paris, no contexto das belas-letas ou das histórias de causos de heróis e dos *Dramas de Paris* ou *As proezas de Rocambole*. A terceira fase, de 1871 a 1914, trata das novas conquistas do gênero por meio de romances que

¹⁷⁰ Cf. MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁷¹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

discutem os dramas da vida ou elencam tramas por meio de “frívolos livros”¹⁷² que aludem a temas como loucura, adultério, dinheiro e crime, entre outros. De forma conjunta, os três capítulos oferecem uma visão geral sobre a trajetória do gênero na Europa.

No segundo capítulo, a pesquisadora mostra como o romance folhetim atravessou os mares e chegou ao Brasil, influenciando, pela imitação do gênero e por meio da associação entre jornal e literatura, os prazeres e os hábitos da leitura. Trata-se da trajetória e da consolidação do gênero no país.

A obra tem um valor apreciável, tanto pelo leitor comum, ávido pela busca de conhecimento, com pretensões assistemáticas, como por aqueles que recorrem ao estudo do romance-folhetim com interesse acadêmico, universitário e sistemático. Tal mérito da obra e da autora tem o reconhecimento de Antonio Candido, que considera a pesquisa uma experiência rara para o leitor e uma lição de crítica para o especialista, como ressalta em nota prévia sobre a importância do livro para a investigação e a revisão da história literária brasileira:

Aqui está um livro notável sob muitos pontos de vista: é a contribuição pessoal a um assunto mal estudado no Brasil; é a prova de rara capacidade de investigação; é revisão a fundo de noções mal apreendidas por todos nós que, no passado e no presente, estudamos a literatura brasileira. Sobretudo em relação às suas fontes europeias.¹⁷³

Candido aponta para a necessidade de investigação acerca de um assunto, muitas vezes, mal interpretado e carente de estudos sistemáticos pela história literária contemporânea, como os que já vêm sendo desenvolvidos desde o fim do século passado por pesquisadores de várias regiões e cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, Paraíba, Ceará, Pará, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, por exemplo.

Assim, *Folhetim: uma história* “demonstra a máquina do folhetim e mostra sua coerência através da análise de temas e situações, elaborando uma verdadeira anatomia do gênero”.¹⁷⁴

Outra contribuição para o estudo de romances-folhetins é a pesquisa de Tânia Rebelo Costa Serra,¹⁷⁵ *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*, publicada em 1997. Trata-se de

¹⁷² Expressão usada por Marlyse Meyer para denominar um dos subcapítulos do *Folhetim: uma história*, que se refere às diversas temáticas abordadas pelo romance-folhetim que aparentemente são superficiais.

¹⁷³ CANDIDO, Antonio. Nota prévia. In: MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13.

¹⁷⁴ CANDIDO, Antonio. op. cit. p. 14.

¹⁷⁵ SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. **Antologia do romance-folhetim (1839-1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

um trabalho que, de acordo com a autora, além de oferecer um interesse didático, principalmente para a comunidade universitária, traz à tona um momento da história literária do Brasil ao analisar textos que nunca foram publicados no século XX, isto é, o romance em folhetim que no século XIX foi “devorado pela massa operária em busca de divertimento para um dia-a-dia estafante”.¹⁷⁶

O romance-folhetim, retrato idealizado do cotidiano, é, portanto, já no século XIX, um gênero popular, por atender mais à necessidade de divertimento do leitor do que à sua reflexão filosófica-metafísica. Ele é uma das primeiras manifestações da cultura de massa que emerge do seio do capitalismo na Europa industrializada, reutilizando a velha fórmula conhecida desde o romance bizantino. No Brasil, vem preencher as mesmas lacunas psicológicas, embora em uma sociedade situada na periferia do capitalismo, o que em nada lhe modifica a estrutura.¹⁷⁷

Para a autora, é nessas três características do romance-folhetim – o popular, a finalidade de provocar divertimento para o leitor e a expressão de uma cultura de massa – que reside, atualmente, o interesse das pesquisas sobre o gênero, que, se por um lado pecava em relação à estética tradicional, se forem considerados os modelos clássicos como referência, por outro tem um interesse fundamental para a sociologia da literatura, além do seu valor no plano histórico-literário.

É esse último aspecto que traz à baila a necessidade de recuperar textos dos romances-folhetins do século XIX para fins de pesquisas acadêmicas. O estudo de Serra está pautado nesse aspecto histórico-literário ao propor a publicação de uma antologia dos textos no âmbito do Romantismo brasileiro.¹⁷⁸

A antologia divide-se em duas partes. Na primeira, a autora apresenta os autores e textos precursores na técnica do romance-folhetim, como João Manuel Pereira da Silva¹⁷⁹, que publicou o romance histórico *O aniversário de Dom Miguel* (1828); Justiniano José da Rocha, que publicou *Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes* (1839) e Domingos José Gonçalves de Magalhães, que publicou o romance *Amância* (1844). Na segunda parte, estão aqueles considerados os consolidadores do romance-folhetim no Brasil, a exemplo de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa¹⁸⁰, com a obra *O Filho do Pescador* (1843); Joaquim Norberto de

¹⁷⁶ Ibidem, p. 19.

¹⁷⁷ SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. **Antologia do romance-folhetim (1839-1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 25.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 25.

¹⁷⁹ Nasceu em 1817 e morreu em 1898. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e é considerado um dos mais importantes precursores do romance-folhetim do começo do Romantismo brasileiro.

¹⁸⁰ Autor de *O filho do pescador* (1843), considerado por diversos críticos o primeiro romance da literatura brasileira, embora prevaleça *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, como o primeiro romance brasileiro. Nasceu em 1812 e morreu em 1861.

Sousa e Silva, que publicou os romances *Maria, ou vinte anos depois* (1844) e *Januário Barbosa ou as sete orelhas* (1852), e, por fim, Joaquim Manuel de Macedo¹⁸¹, com as obras *Voragem* (1867) e *Nina* (1870).

A coleção de textos publicados na imprensa oitocentista resgata os antepassados que aguçaram a curiosidade do público leitor de jornais no período do Romantismo no Brasil, cujos autores são João Manuel Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Joaquim Manuel de Macedo. O trabalho de Serra traz, além dos romances-folhetins selecionados, uma vasta bibliografia de apoio ao leitor universitário interessado em aprofundar os estudos sobre o gênero no século XIX.

Seguindo os passos de Marlyse Meyer e de outros estudiosos que se dedicaram a desenvolver pesquisa sobre o romance-folhetim no contexto brasileiro, Yasmin Nadaf também desenvolveu um estudo sobre a divulgação do gênero na imprensa do Mato Grosso, intitulado *Rodapé das Miscelâneas – o folhetim nos jornais do Mato Grosso (séculos XIX e XX)*¹⁸². Nessa obra, a autora elege como objeto de pesquisa os folhetins publicados nos jornais do Mato Grosso.

Nadaf justifica que a opção pelos folhetins mato-grossenses surgiu da necessidade de suprir as lacunas existentes na história oficial da região em relação à circulação da literatura nas páginas dos jornais e, ao mesmo tempo, desenvolver pesquisas capazes de preencher essas lacunas para a contemplação da memória escrita regional.¹⁸³ Segundo a autora, há um discurso comum entre os pesquisadores que se debruçam sobre o romance-folhetim do século XIX: o de preencher as lacunas deixadas pelas histórias literárias, que excluíram textos publicados em diversas regiões do país consideradas periféricas. Tais textos estão em processo de descoberta por estudiosos do folhetim para compor um novo projeto histórico-literário que atente para a revolução e para a importância que o gênero teve na formação de uma cultura letrada e no desenvolvimento da civilização oitocentista.

Ao escolher o citado folhetim, prevíamos a riqueza do material a ser investigado. O seu conteúdo acha-se impresso em jornais, o único veículo de divulgação das ideias da sociedade local no século XIX e começo do século XX. Longe estávamos da era do rádio, do cinema e da televisão, e publicar um livro nesse período era tarefa muito onerosa.¹⁸⁴

¹⁸¹ Nasceu em 1820 e morreu em 1882. Lançou-se na literatura com o romance *A Moreninha* (1844).

¹⁸² NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 11.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 11.

Conforme percebemos, não havia no século XIX outro meio de comunicação que publicasse as narrativas seriadas, a não ser o jornal, fato que explica o papel da imprensa na relação entre jornal e literatura, pois é nos periódicos da época que se encontram os textos e seus conteúdos disponíveis para serem interpretados, a fim de constituir uma nova historiografia literária que recupere o que o passado deixou no esquecimento e se faça justiça a uma memória literária ávida por se inserir no universo acadêmico-universitário.

No capítulo I, na primeira parte da pesquisa, Nadaf expõe as origens e as fases do romance folhetim na França, com o objetivo de registrar como ocorreu o desenvolvimento do gênero no seu lugar de origem, e descreve o processo de assimilação do gênero na Corte brasileira, tendo como referência inicial a imprensa do Rio de Janeiro na época do Império. Na conclusão de seu estudo, mostra que o folhetim na imprensa carioca circulou simultaneamente à estreia do romance-folhetim na matriz francesa.

No segundo capítulo, a autora trata diretamente do objeto de estudo do *Rodapé das Miscelâneas*: o folhetim que circulou nos jornais de Mato Grosso, com a finalidade de estabelecer relações entre o modelo francês, carioca e o mato-grossense. Os estudos de Nadaf apontam que o destaque não está na escrita dos gêneros nas diferentes matrizes, mas sim na variedade discursiva e estilística dos textos, que abordam assuntos heterogêneos e cuja autoria pertence a estrangeiros, nacionais e regional.

Na segunda parte do trabalho, além das explicações metodológicas, a autora apresenta os índices que compõem a obra. O índice geral, organizado em ordem alfabética, apresenta o título do jornal, um verbete com o título do folhetim ou rodapé, seguido do nome do responsável pela matéria, data e página de publicação e um resumo do conteúdo. Para Nadaf, o índice possibilita a “recuperação e a divulgação didática de um gênero jornalístico nacional, e que resulta em uma nova fonte de pesquisa histórica”¹⁸⁵.

O trabalho de Nadaf traçou o perfil da circulação do folhetim na imprensa de Mato Grosso, contribuiu para preencher as lacunas da história da imprensa no Brasil e das histórias literárias, além de dar ao leitor a oportunidade de conhecer um pouco mais a respeito da imprensa do Mato Grosso na segunda metade do século XIX.

Do Rio Grande do Sul surge outra contribuição para a história da literatura e do folhetim no Brasil. Assim como Nadaf faz uma revisão sobre a literatura do Mato Grosso, Antonio Hohlfeldt descreve novas perspectivas de leitura existentes no Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX, a partir da circulação do romance-folhetim naquela região.

¹⁸⁵ Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 12.

Trata-se da obra *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*.¹⁸⁶

Metodologicamente, Antônio Hohlfeldt fez um levantamento dos romances-folhetins pertencentes ao acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa publicados a partir do surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul em 1827 até a virada do século. A seleção do *corpus* da pesquisa teve como parâmetro textos inéditos, isto é, que tiveram, de acordo com o autor, apenas a publicação em jornal. Desse modo, Hohlfeldt selecionou três narrativas que se enquadraram nos critérios metodológicos da pesquisa: *A Filha da Cigana*, de Carlos Jansen; *Paulo Lopes*, de João Carlos Moré, e *A casa de Tio Pedro*, cuja autoria, de acordo com o pesquisador, pertence a três jornalistas porto-alegrenses, colaboradores do jornal do *Comércio*, do Rio Grande do Sul, que utilizaram o pseudônimo de Júlio, Lemos e Rosa.¹⁸⁷

A fundamentação teórica da pesquisa foi embasada nos estudos de Antonio Gramsci, Boris Tomachevski e Jesús Martín-Barbero. Para a análise específica de cada um dos romances-folhetins que fazem parte do estudo, foi selecionado um teórico. Para *A Filha da Cigana*, o autor recorreu à tradição do romance gótico, enquanto que *Paulo Lopes* dialogou com a teoria sobre o romance histórico de Georg Lukás e *A casa de Tio Pedro* seguiu as discussões em torno do *fait divers*, na perspectiva de Edgar Morin e Roland Barthes. Segundo o autor, a culminância dessa pesquisa no campo dos estudos culturais permitiu a aproximação com a tradição literária da experiência jornalística.

Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900 foi estruturada em cinco capítulos. Na primeira parte, Hohlfeldt aborda a trajetória e tipologia do romance-folhetim na França, considerando o contexto cultural e político da época em que o hábito de ler estava inserido. No segundo capítulo, mostra como o folhetim chegou à terra das “bombachas”¹⁸⁸ ao refazer o percurso do gênero, de modo especial no Rio Grande do Sul, a partir do surgimento da imprensa em 1827. Nos capítulos seguintes, o autor dedica-se à compreensão e à interpretação das narrativas que compõem a pesquisa, associando-a às teorias previamente estabelecidas: no terceiro, analisa *A Filha da Cigana*; no quarto, *Paulo Lopes*; e no quinto, *A casa de Tio Pedro*. A obra oferece ainda um rico anexo

¹⁸⁶ HOHLFELDT Antônio. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900**. 1998. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

¹⁸⁷ HOHLFELDT Antônio. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900**. 1998. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 190.

¹⁸⁸ Expressão utilizada por Antônio Hohlfeldt para se referir ao Rio Grande do Sul.

que possibilita ao leitor uma visão detalhada sobre a maneira como a técnica folhetinesca se desenvolveu no Rio Grande do Sul.

Dessa forma, Antônio Hohlfeldt insere o Rio Grande do Sul no mapa do romance-folhetim no Brasil, junto de outros estados, além de dar sua contribuição acerca do gênero no Oitocentos que, de acordo com os especialistas, sempre foi mal interpretado pela crítica e história literárias dos séculos anteriores.

O valor da obra é enfatizado no prefácio. Affonso Romano de Sant'Anna inicia sua prefação afirmando que Antônio Hohlfeldt “não apenas dá uma grande contribuição à história da leitura, do jornalismo e da escrita no Brasil, mas obriga críticos e historiadores literários a fazerem uma série de revisões e acréscimos em seus trabalhos”¹⁸⁹. Para o crítico literário, este livro é a reafirmação da maioria crítica e intelectual de Hohlfeldt.

A Paraíba também publicou romances-folhetins em jornais brasileiros do século XIX. Em *Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história*, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa¹⁹⁰ aponta importantes considerações a respeito da circulação dos periódicos no século XIX e apresenta como propósito do seu estudo “tornar visível as manifestações culturais e literárias, bem como o importante papel desempenhado pelos periódicos na circulação, divulgação e na formulação da cultura escrita e letrada da Paraíba, no século XIX.”¹⁹¹

Entre os quatro pontos abordados pela pesquisadora na antologia – a saber: características sobre a circulação dos periódicos no século XIX; notas sobre a crítica literária; os romances-folhetins e os folhetins, variedades, miscelâneas em jornais paraibanos –, reportarmo-nos ao primeiro e terceiro que têm relação com nosso estudo.

Sobre a circulação dos periódicos no século XIX e, de modo particular, dos paraibanos, a partir de comparações desses periódicos com outros jornais da época como os do Rio de Janeiro, Socorro Pacífico conclui que não havia um padrão de escrita jornalística, fato que levou a pesquisadora atestar que “é um equívoco não reconhecer as particularidades dos jornais paraibanos, e por isso tomá-los apenas como uma imitação servil dos da Corte ou do Sul”¹⁹².

¹⁸⁹ SANT'ANNA, Affonso Romano de. Redescobindo o folhetim. In: HOHLFELDT Antônio. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900**. 1998. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 13.

¹⁹⁰ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2018.

¹⁹¹ Ibidem, p. 1.

¹⁹² Ibidem, p. 1.

O resultado comparativo dos estudos da autora corrobora com o discurso de que “havia um padrão, um modelo de jornal, encontrado tanto em Mato Grosso (NADAF, 2002 RODRIGUES, 2005), como no Pará (SALES, 2006) ou no Rio Grande do Sul (HOHLFELDT, 2003, VAZ et al, 2005)”¹⁹³, ou seja, a imprensa local da segunda metade do século XIX, mesmo diante de um padrão de escrita jornalística e literária, tinha um estilo e identidade próprios.

Na terceira parte, Socorro Pacífico traz à baila ponderações sobre os romances-folhetins paraibanos que, de acordo com a autora, estiveram presentes desde 1856, com a publicação d’*O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas. A autora também demonstra que o último registro do gênero foi o romance *Rajah de Pendjab*, de Coelho Neto, datado de 10 de maio de 1900.¹⁹⁴ Assim sendo, os dados apresentados pela autora confirmam que a cultura do romance folhetim, assim como em outras províncias do Brasil, deixou importante contribuição para a cultura letrada nessa região.

Com propriedade, Socorro Pacífico expõe considerações a respeito da circulação do romance-folhetim na imprensa paraibana do Oitocentos que reiteram a ideia de que se trata de fontes documentais, que recuperadas servem como suporte para a escrita de uma nova história literária.

O Pará também apresenta contribuições importantes a respeito da circulação do romance-folhetim, como atestam os estudos de Germana Sales:

O movimento de dispersão do romance-folhetim entre as cortes e as demais províncias do Império se deu graças à ampliação da imprensa, quando os jornais passaram a fazer parte da vida privada, estando fortemente ligados ao cotidiano do público, que acompanhava as notícias e acontecimentos, os fatos políticos e se interessava pelos temas culturais – então eles seguiam a leitura seriada da prosa de ficção cotidianamente nas folhas volantes.¹⁹⁵

Observamos, assim, que foi graças ao movimento de dispersão entre as províncias brasileiras que a coqueluche de publicar prosa de ficção chegou ao Pará. No ensaio *O romance-folhetim por entre as terras brasileiras*¹⁹⁶, Sales traça o percurso do romance-

¹⁹³ Ibidem, p. 1.

¹⁹⁴ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história.** Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf> . Acesso em: 2 dez. 2018, p. 14.

¹⁹⁵ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro.** Chapecó: Argos, 2013, p. 83.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 83.

folhetim no Brasil desde o início, no Rio de Janeiro, até a sua expansão por outras províncias brasileiras, a exemplo da província do Pará.

Os estudos de Sales evidenciam que a circulação do romance-folhetim na capital paraense intensificou-se a partir da segunda metade do século XIX e “notabilizou-se pela inclusão de textos publicados em outros jornais ou copiados dos próprios livros, quando a obra já tinha sido impressa”¹⁹⁷.

Concretamente, a reprodução dos textos ficcionais anteriormente divulgados constituiu-se na opção mais viável, uma vez que o número de autores locais dedicados à escrita de prosa de ficção seriada não era significativo. As colunas literárias entraram em voga na maior parte dos jornais locais, mas foi nos periódicos *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Jornal do Pará* (1867-1878), *Diário de Belém* (1868-1888), *O Liberal do Pará* (1869-1889), *A Província do Pará* (1876-1892), *Diário de Notícias* (1881-1898) e *Folha do Norte* que os espaços *Variedades*, *Miscellanea*, *Litteratura* ou *Folhetim* circulavam com maior assiduidade.¹⁹⁸

A autora acrescenta ainda:

Nesses jornais paraenses, há episódio de uma produção em prosa de ficção constante, ao pé da página ou nas colunas literárias, localizadas, algumas vezes, no meio do jornal. Os escritos diversificavam-se numa variedade de práticas de escrita, classificadas em diversos gêneros pelos próprios autores e/ou pelo editor do jornal, que não correspondem, exatamente, aos conceitos e classificações dos dias atuais.¹⁹⁹

Seguindo o paradigma dos melodramas franceses, as publicações de romance-folhetim que deleitaram o leitor belenense nas folhas diárias “apresentavam enredos com temas de amor, peripécias, desilusões amorosas e dramas familiares, mantendo a tônica do melodrama, própria do período”²⁰⁰.

Assim, Sales²⁰¹ define a capital paraense como um centro cultural que recorreu à imprensa por meio da circulação de textos em prosa de ficção e tornou-se um espaço produtivo para a divulgação da leitura, proporcionado pela coluna literária folhetim. A pesquisadora ratifica ainda que “independentemente da corrente ideológica que seguiam, os jornais foram fiéis à moda promissora que garantiu a presença de inúmeros textos entre os leitores, proporcionando-lhes diversidade de autores, gêneros e temas”²⁰².

¹⁹⁷ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro**. Chapecó: Argos, 2013, p. 86.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 86.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 86.

²⁰⁰ Ibidem, p. 87.

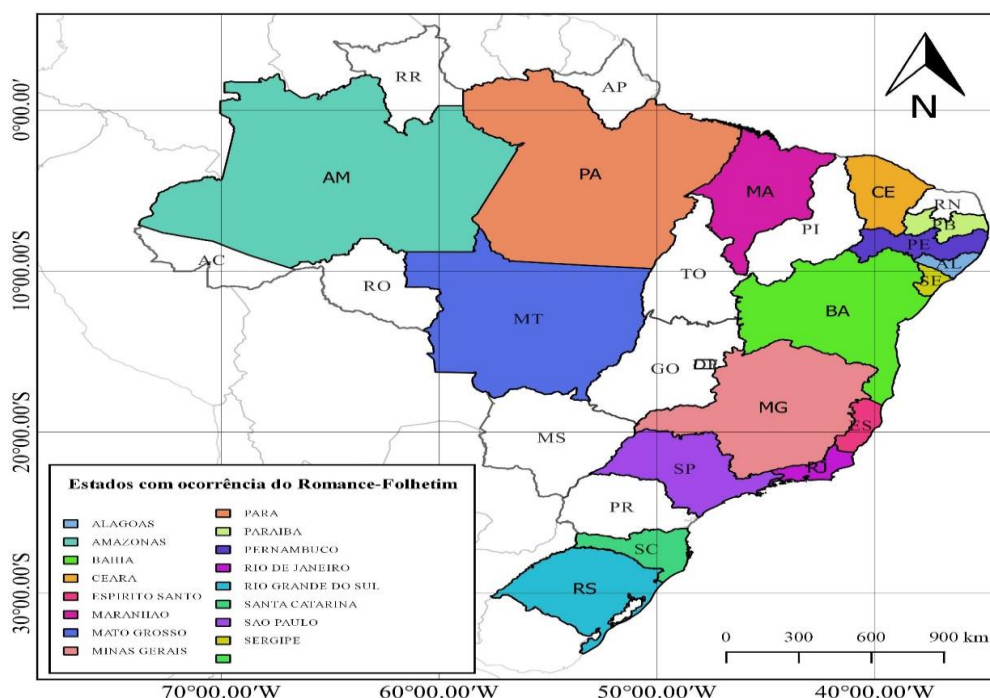
²⁰¹ Ibidem, p. 97.

²⁰² Ibidem, p. 97.

Sobre essa relação cultura estabelecida pela relação entre jornal e literatura na imprensa oitocentista, Germana Sales concluiu que “inserida no quadro intelectual brasileiro do século XIX, a capital do Pará pode ser reconhecida, também, como um dos polos culturais do País, marcadamente pela circulação do romance-folhetim, sem deixar a desejar às ocorrências fluminenses”.²⁰³

O fenômeno do romance-folhetim foi registrado em várias regiões do Brasil oitocentista e contribuiu para o avanço cultural divulgando a leitura literária nas páginas dos jornais. Tinhorão²⁰⁴ identifica a ocorrência do romance-folhetim em Salvador (BA), Recife (PE), Florianópolis (SC), Vitória (ES), Fortaleza (CE), Diamantina (MG) São Luís (MA), Belém (PA), Maceió (AL), Santos (SP), João Pessoa (PB), Bagé (RS), Aracajú (SE), entre outras localidades do interior do país. O mapa a seguir aponta as regiões em que as pesquisas registram a circulação dos romances-folhetins:

Mapa 2 - Mapa do romance-folhetim no Brasil



Fonte: Do autor (2019).

As pesquisas aqui apresentadas a respeito da relação entre jornal e literatura no século XIX divulgam dados determinantes para a organização de uma nova história literária e

²⁰³ SALES, Germana. O romance-folhetim por entre terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro**. Chapecó: Argos, 2013, p. 97.

²⁰⁴ TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

permitem vislumbrar novas perspectivas sobre a circulação, a recepção e a produção de textos literários, pois muitos autores e obras publicados pelos jornais deixaram de ser incluídos pela crítica literária da época no quadro que compõe o “sistema literário brasileiro”.²⁰⁵

Os estudos com fontes primárias como o jornal impresso confirmam, por exemplo, que, além das publicações nacionais, estrangeiras e traduções, a produção local ou estadual foi importante para a disseminação da cultura literária. Nessa perspectiva, o ensaio *As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes*, de Humberto Hermenegildo de Araújo²⁰⁶, contempla a literatura publicada nos jornais e dialoga com ela, se considerarmos que nas folhas diárias está inserida uma variedade de textos cuja autoria pertence a autores locais.

São produções regionais que se fizeram presentes nos periódicos oitocentistas em diversas regiões do Brasil e não foram registradas, em sua maioria, no quadro que compõe a literatura brasileira. Exemplo disso é o romance-folhetim *A herdeira dos seringais*, de Florival e Ruy Brabo, que integra as pesquisas de Germana Sales.

Os estudos de Humberto Hermenegildo de Araújo refletem a respeito das produções locais do século XIX e contribuem para o desenvolvimento das pesquisas em periódicos oitocentistas, ajudando a compreender como a circulação e a recepção de uma literatura classificada como estadual ou local, situada no que ele considera como a periferia dos grandes centros culturais, políticos e financeiros, ganham uma função histórica na formação do sistema literário brasileiro.

Os resultados dos esforços dos pesquisadores que se dedicam a estudar essa temática não deixam dúvidas sobre a importância da literatura caracterizada como periférica que ratifica, insere e modifica o que há décadas vem se consagrando como história literária brasileira. Afinal, “a leitura da história da literatura de um lugar determinado ganha uma complexidade capaz de gerar hipóteses para a análise de outras histórias de processos locais relacionados à discussão do processo nacional”²⁰⁷.

A partir de pesquisas já existentes sobre representações literárias periféricas, é possível organizar bancos de dados sobre o material literário e cultural produzido localmente, de fundamental importância para o estudo das questões relacionadas neste ensaio. Em tal processo, busca-se uma compreensão do sistema nacional instituído, debate nem sempre compreensível para a maioria dos sujeitos sociais

²⁰⁵ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Verde, 2006, p. 25.

²⁰⁶ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes*. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de (Orgs.). **Literatura Brasileira: Região, Nação, Globalização**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 108.

destinatários. Faz-se necessário, no debate, considerar o conhecimento acumulado sobre as produções locais, verificando os modos como estas produções se articularam historicamente ao processo formativo e como se deu essa articulação na fase de consolidação do sistema literário, ou seja, como os movimentos locais responderam aos movimentos mais amplos, nacionais ou mesmo regionais da literatura.²⁰⁸

Percebemos, assim, que há ainda muitas histórias que permanecem silenciosas nas páginas dos jornais oitocentistas esperando para serem ouvidas, discutidas e interpretadas no âmbito literário-acadêmico.

É inquestionável, portanto, a relevância das pesquisas apresentadas nesta seção, quer como referências essenciais para a constituição da história do romance-folhetim no Brasil, quer como contribuição para a revisão de uma nova historiografia literária que estabeleça, complete e dialogue com o que se tem por literatura nacional, capaz de expressar a cultura, a identidade e a sociedade brasileira.

²⁰⁸ Ibidem, p. 109.

Capítulo 3

OS ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES DA IMPRENSA PARAENSE OITOCENTISTA

“Um romance é uma vida considerada livro. Toda vida tem epígrafe, título, editor, preâmbulo, prefácio, texto, notas etc.”

(Novalis)

3.1 A contribuição letrada portuguesa como reflexo de imigração nas páginas da imprensa paraense oitocentista

A migração dos povos pelo mundo em decorrência de motivos políticos, étnicos ou religiosos sempre fez parte da história da humanidade e tem influenciado com “perdas e ganhos”²⁰⁹ a vida social, cultural e histórica das nações que recebem os imigrantes. Peter Burke (2017)²¹⁰, ao analisar o percurso de exilados e expatriados na Europa e nas Américas entre 1500 e 2000, mostra que, junto com os povos que se dispersam do seu lugar de origem, vão a história, a cultura e o pensamento intelectual que se fundem ao país estrangeiro.

Sob essa perspectiva, podemos discutir a influência da imigração portuguesa acolhida pelo Brasil no século XIX e no início do século XX sobre a economia, a política, o comércio e a cultura e, de modo particular, a cultura letrada difundida pelas páginas dos jornais, e sua contribuição para as diversas áreas dos costumes e do conhecimento humano. No Pará, o fenômeno se repetiu e será tratado, nesta seção, não de forma exaustiva, mas sim a partir de estudos existentes e abordará as contribuições significativas no campo lítero-cultural.

Tudo começou com as grandes navegações portuguesas que, em 1500, venceram as limitações marítimas e desembarcaram em terras brasileiras. Estava aberto o caminho para a imigração, que se intensificou no século XIX com a vinda da Família Real, ao fugir da invasão das tropas de Napoleão Bonaparte, forçando o príncipe regente a mudar-se para o Brasil.

De acordo com Anndrea Tavares (2015), no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o movimento migratório da população estrangeira, favorecido pelo

²⁰⁹ Expressão utilizada por Peter Burke para mostrar que num processo de expatriação existem perdas e ganhos, tanto para imigrantes como para o país que os recebe.

²¹⁰ BURKE, Peter. **Perdas e ganhos:** exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: UNESP, 2017.

desenvolvimento da borracha, intensificou-se em direção à região amazônica, com forte presença representativa dos portugueses, em busca de emprego e melhores condições de vida:

A expansão da economia gomífera estimulou o deslocamento dessa população estrangeira para a Amazônia. Entre idas e vindas da capital para os municípios do interior e demais estados da região, um grande número de migrantes permanecia em Belém, a principal cidade amazônica, à época. A emigração estrangeira, dirigida ou espontânea, embora considerável, não se mostrou tão acentuada quanto em outros estados do sul do país. O português, seguido do espanhol, formaram os grupos étnicos mais presentes no cenário da capital.²¹¹

E completa:

Na virada do século XIX para o XX, o estado do Pará se constituiu como o terceiro maior local de atração de imigrantes portugueses para o Brasil, o que é refletido claramente na presença significativa desses imigrantes no contexto atual, seja em suas sociedades beneficentes, grêmios literários e recreativos, times de futebol, firmas comerciais ou nos pequenos comércio espalhados pelos bairros.²¹²

A ideia do Pará como lugar de atração de imigrantes portugueses no fim do século XIX e no início do século XX pode ser comprovada a partir dos dados contidos no *Anuário Estatístico do Brasil*, de 1912, conforme discorre Tavares:

Os dados acerca do movimento imigratório no porto de Belém, no século XX e que se encontram registados no Anuário Estatístico do Brasil de 1912, representam uma imagem aproximada da imigração internacional na Amazônia. De acordo com o Anuário Estatístico do Brasil, entre os anos de 1908 e 1910, chegaram a Belém aproximadamente 13.500 estrangeiros de diversos países, sobressaindo os portugueses com uma porcentagem de 48,67%, à frente dos espanhóis (15,98%), ingleses (7,18%), turcos-árabes (4,69%) e dos italianos (4,15%).²¹³

Confirmamos, assim, a presença dos portugueses em Belém a partir da segunda metade do século XIX em porcentagem significativamente representativa para legar uma herança cultural apreciável para a região, por meio da relação entre jornal e literatura. Esse fato histórico, que resultou no processo de mudança espacial e cultural dos imigrantes portugueses, culminou no que Peter Burke chama de “desprovincialização”, em que se dá o encontro da educação e cultura de dois povos, os “exilados” e os “anfitriões”²¹⁴. Os imigrantes criam formas de resistência para manter viva a cultura da comunidade de origem

²¹¹ TAVARES, Anndrea Carolyn da Costa. **A imigração portuguesa nos inventários post mortem: vivências e lucros em uma capital amazônica (Belém, 1850-1920).** XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis –SC. p. 7.

²¹² Ibidem, p. 5.

²¹³ Ibidem, p. 6.

²¹⁴ Expressão usada por Peter Burke para denominar o processo de imigração na Europa e nas Américas no período compreendido entre 1500-2000.

entre o seu povo e, conseqüentemente, a introduzem entre os pares que os recebem. Exemplo disso é a representação portuguesa junto à imprensa paraense ao se constituírem donos ou editores de jornais e, nessas folhas, inserem conteúdos culturais de teor luso em meio às matérias paraenses.

Entre “perdas e ganhos” que o sistema de imigração oferece, Germana Sales afirma que o Brasil beneficiou-se com a vinda da família real em 1808 e com a Independência em 1822, resultando daí a instalação da Imprensa Régia, considerada referência para o progresso da colônia, não somente para a impressão de documentos oficiais, mas também para o início da produção livreira no Brasil²¹⁵. Ratificamos, então, a ideia de que o processo migratório português foi positivo para a colônia porque permitiu, por meio da Imprensa Régia, o aparecimento da imprensa brasileira, além favorecer o crescimento cultural em relação ao florescimento das nossas letras.

Para Sales,

durante o século XIX, os enlaces entre Brasil e Portugal ultrapassaram questões políticas e econômicas e a comunicação entre os dois povos se estabeleceu por meio da cultura letrada que mediou a relação entre duas nações e franqueou aos leitores o direito ao acesso a textos literários.²¹⁶

Em Belém, podemos perceber a influência cultural e/ou letrada portuguesa de diversas maneiras: por meio da fundação do Grêmio Literário Português; da atuação de livreiros, tipógrafos e editores portugueses de jornais; da importação de livros trazidos de Portugal para o Brasil; dos anúncios e da circulação de obras portuguesas na imprensa oitocentista.

Forte instrumento de propagação da cultura portuguesa no Brasil e, de modo particular, em Belém do Pará, os jornais “apresentavam para os leitores os romances-folhetins e os anúncios de vendas de títulos recém-chegados à cidade”²¹⁷, como podemos perceber no excerto abaixo:

A despeito dessas informações, os portugueses ocuparam grande parte tanto nos romances aos pedaços, publicados ao pé da página, como nos anúncios de vendas de livros. Nomes como Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco eram corriqueiros entre os anunciantes, também entre os livros postos à venda, nas mais importantes folhas diárias, como ocorre no já citado *Diário do*

²¹⁵ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVI, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 203.

²¹⁶ Ibidem, p. 208-203.

²¹⁷ Ibidem, p. 206.

Gram-Pará (1857-1867), quando anuncia as vendas do livreiro Godinho Tavares, em 05 de agosto de 1857.²¹⁸

Para ilustrar a intensa circulação de conteúdos literários entre a metrópole e a colônia, a pesquisadora também transcreve a lista de livros à venda anunciados pelo *Diário do Gram-Pará*:

Anúncio 1 – Venda de livros no *Diário do Gram-Pará*

Livros muito baratos

- Na loja de Godinho Tavares & C. no Ver-o-Pezo, achao-se a venda, chegados ultimamente de Lisboa os seguintes livros:

Mistérios de Lisboa, por Camilo C. Branco,
 Mistérios de Pariz, por E. Sue,
 Três Mosqueteiros, por A. Dumas,
 Ascanio ou o Reinado de Francisco 1º por A. Dumas,
 Rainha Margot por A. Dumas,
 Filho do Diabo por Feval,
 Guerras das Mulheres por Dumas,
 Miss Mary por E. Sue,
 Nodda de Sangue pelo Visconde de Arlincourt,
Alfageme de Santarém por Garret,
 Albina por A. Dumas,
 Filhos de Minha Mulher por Koch,

Fonte: SALES (2013, p. 206).

Anúncio 2 – Venda de livros no *Diário do Gram-Pará*

Vendas

Rua do Açogue n. 7

No armazém João José Dias da Costa, existe à venda um grande sortimento de livros, e entre eles os seguintes:

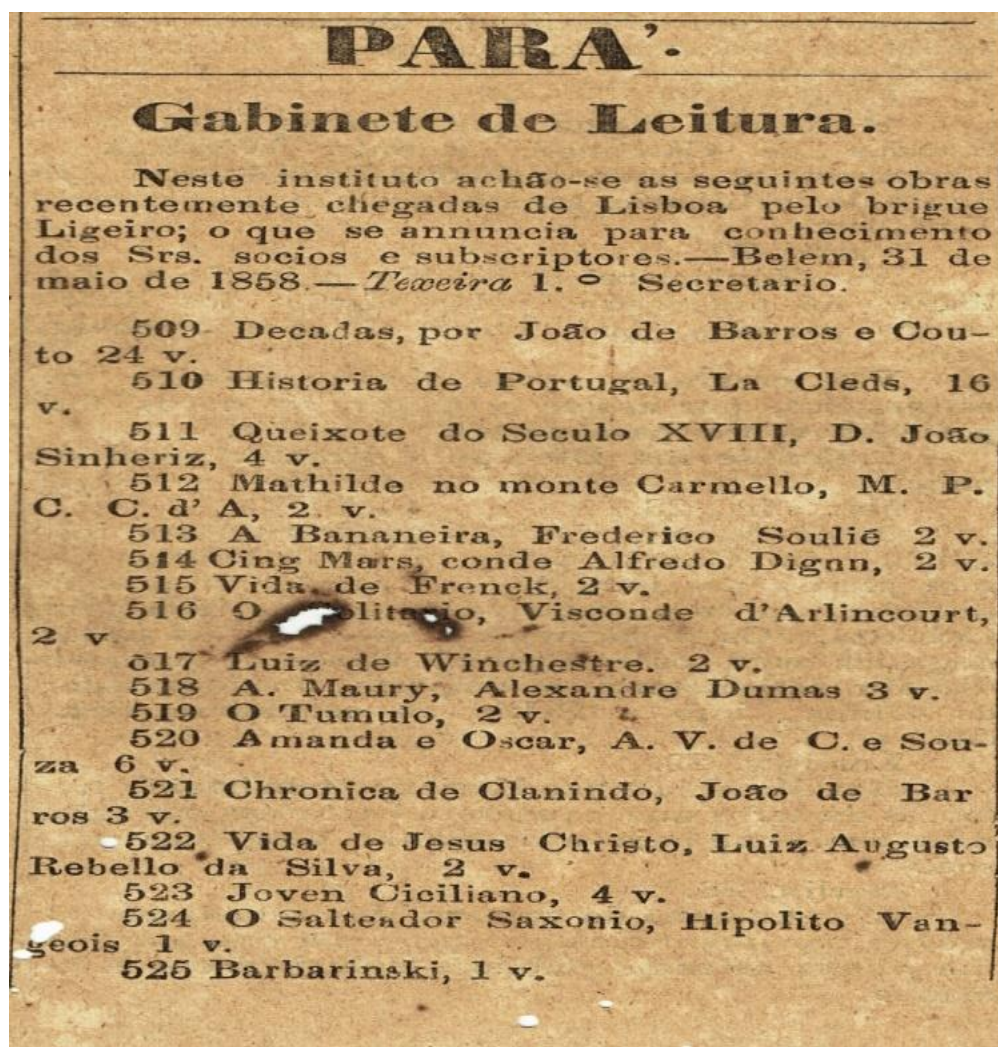
Recordações da minha vida por Dumas,
 Cartas d'Heloísa e Abeilard,
 Celestina ou Os Esposos Sem o Serem,
 História dos Girandeiros por Lamartine,
 Collar da Rainha por Dumas,
 Olímpia de Chaves por Dumas,
 Mystérios de Paris,
Anathema por Castello Branco,
 A Moreninha,
 Nem Sempre Nem Nunca por Paulo de Kock,
 O Filho de minha Mulher pelo mesmo,
 Sceneas Contemporâneas por Castelo Branco,
 Um Bom Rapaz por Paulo de Kock.

Fonte: SALES (2013, p. 206).

²¹⁸ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVI, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 206.

Ao lado dos anúncios publicados nos jornais, outro instrumento de divulgação da cultura letrada portuguesa foram os gabinetes de leitura. De origem europeia, esses espaços destacaram-se no século XIX como parceiros do mercado livreiro ao tornarem-se facilitadores na divulgação de livros, periódicos e romances-folhetins. Com a inserção da cultura europeia no Brasil no século XIX, os gabinetes foram decisivos na difusão da leitura em diversas regiões do país. O *Diário do Gram-Pará* comprova que, na Belém oitocentista, imprensa e gabinetes de leitura alimentavam-se mutuamente, noticiando e gerando conteúdo para os anúncios. A edição de 2 de junho de 1858, por exemplo, divulga obras recentemente chegadas de Lisboa à capital paraense para compor o acervo do Gabinete de leitura e para agraciar os leitores da época. Entre os títulos e autores, mencionamos *História de Portugal*, La Cleds, A. Maury e *Cavaleiro d' Harmental* de Alexandre Dumas, e *História de Carlos XII*, de Voltaire, por exemplo, conforme se observa na imagem abaixo:

Figura 45 - Nota do gabinete de leitura sobre circulação de livros



Os gabinetes de leitura foram, assim, um forte aliado na divulgação da literatura portuguesa e, de modo particular, dos romances-folhetins que circularam no Pará. Sales considera a existência desses locais um termômetro para a confirmação do hábito de ler na segunda metade do século XIX:

Os gabinetes de leitura, fundados por portugueses em diversas cidades brasileiras, foram, ao lado dos jornais, um importante espaço para a propagação de romances. O hábito de ler nos anos oitocentos pode ser confirmado à medida que os gabinetes de leitura espalharam-se de Norte a Sul do país. Há registros da fundação do Gabinete de Leitura Rio-Grandense a 15 de agosto de 1846. No ano de 1867, há a inauguração de mais dois novos gabinetes no Brasil: no dia 29 de setembro de 1867 na cidade de Belém, foi inaugurado o Grêmio Literário e Recreativo Português de Belém e no Nordeste há notícias do Gabinete Português de Leitura no Maranhão, também em 1867 e do Gabinete de Pernambuco, no ano de 1871. Em 1875, surge, na cidade de Avaré, o Gabinete de Leitura de Avaré, conhecido como a primeira instituição cultural da cidade.²¹⁹

Associada ao crescente desenvolvimento econômico gerado pela comercialização da borracha, a inauguração do Grêmio Literário e Recreativo Português em Belém, no ano de 1867, inscrevia a capital no modelo de cultura europeia e reforçava a divulgação da literatura portuguesa.

De acordo com Germana Sales, o aparecimento dos gabinetes de leitura teve grande importância para a história do leitor do Oitocentos pelo fato de eles terem sido espaços para a propagação do romance.²²⁰ Daí a importância da parceria com os jornais impressos como instrumento de divulgação, de modo particular da literatura portuguesa.

Para Sales, é surpreendente que essa forma de divulgação do texto literário estrangeiro tenha alcançado tamanha agilidade, considerando-se as limitações tecnológicas da época:

parece inimaginável que, num século sem grandes tecnologias, fosse possível uma comunicação relativamente rápida como aquela acordada nos anos oitocentos, patrocinada, principalmente, pelas relações de jornais e seus correspondentes, que se constituíam como uma das mais importantes fontes de divulgação da leitura naquele período.²²¹

De certo, o jornalismo foi um instrumento importante no processo de divulgação da cultura letrada portuguesa em Belém e nos municípios do interior que tinham acesso ao jornal. Por meio da imprensa, homens de nacionalidade portuguesa usaram os periódicos como aparelho ideológico, principalmente nos embates políticos, e como difusores da cultura

²¹⁹ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo. FURTADO, Marlí Tereza. DAVI, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 208-209.

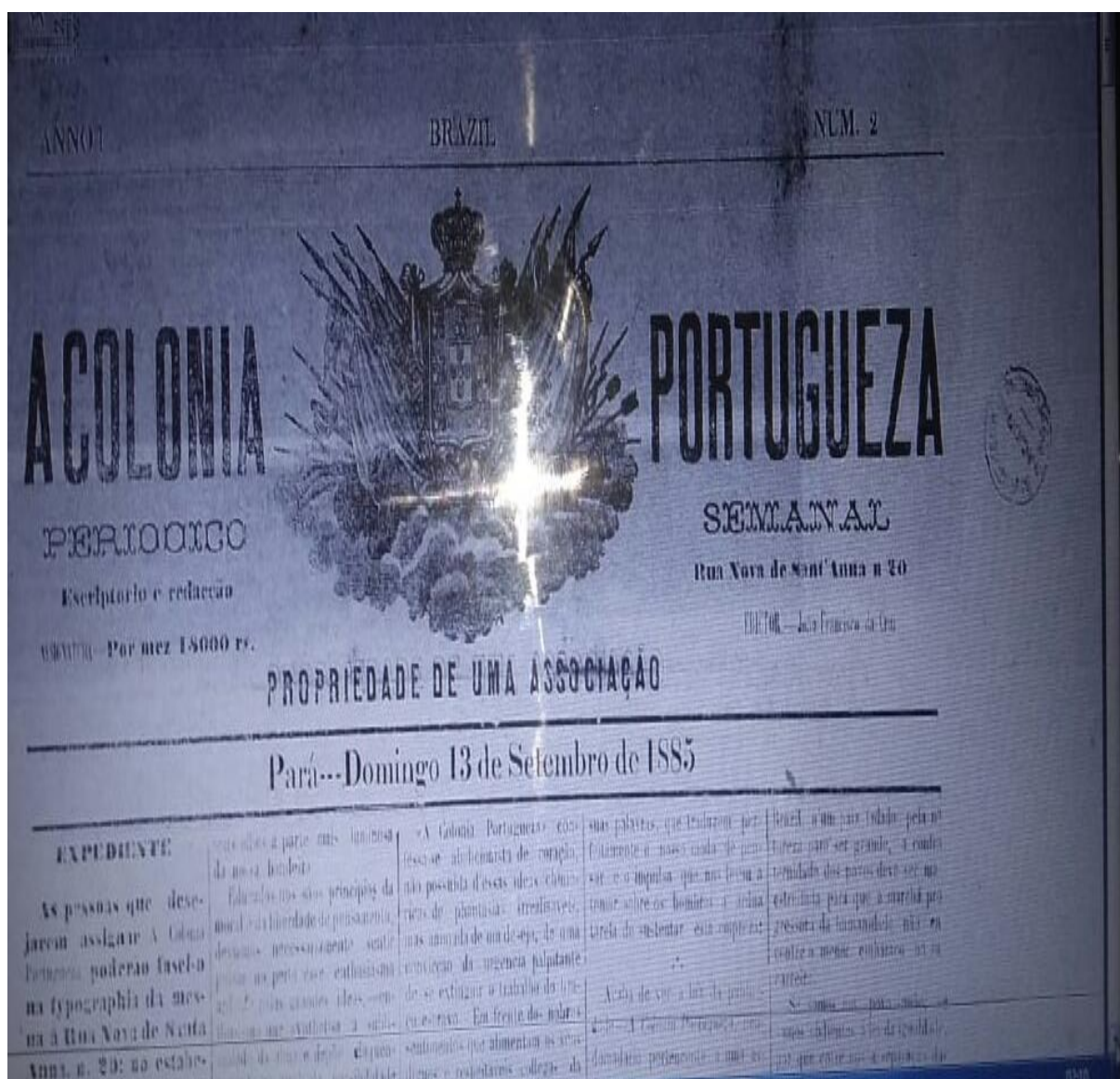
²²⁰ Ibidem, p. 208-209.

²²¹ Ibidem, p. 205.

lusitana. Na década de cinquenta, por exemplo, Joaquim Mendes Cavaleiro e Antônio José Rabelo Guimarães, ambos portugueses, fundaram e editaram o jornal *Diário do Gram-Pará* e a *Gazeta Official*, que contribuíram para o processo de alteridade portuguesa, assim como *O Diário de Belém*.

Assim, num período em que a borracha estava no auge de comercialização na Amazônia, surgiu em 1885 o periódico semanal *A Colonia Portuguesa*, editado por João Francisco da Cruz, que tinha entre os seus objetivos manter viva a ligação dos portugueses daqui e de além-mar por meio da divulgação dos principais acontecimentos ocorridos em Portugal.

Figura 46 - Periódico *A Colonia Portuguesa*

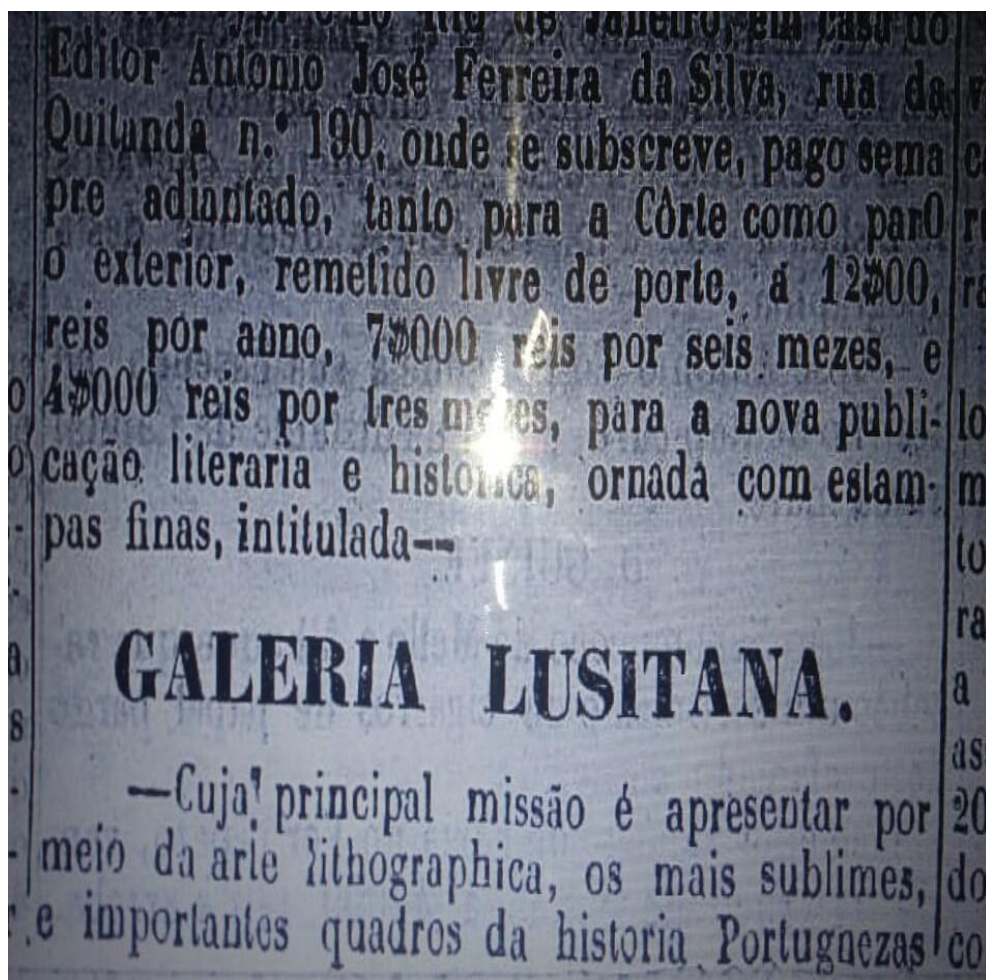


Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A folha veiculava notícias sobre Portugal, informava os principais acontecimentos ocorridos em Lisboa, divulgava notas a respeito da Associação Commercial de Lisboa e sobre o funcionamento dos portos da capital lusitana, responsáveis por estabelecer a rota marítima da migração portuguesa para o Brasil. Ali também havia, como parte da estrutura d'A *Colônia Portuguesa*, as indefectíveis colunas *Folhetim* e *Variedade*, a exemplo do que se via nos jornais europeus.

A preocupação em manter acesa a chama da cultura materna é percebida também nas páginas do *Diario do Commercio*, datado de 4 de janeiro de 1859, ano V, edição de número 2. A matéria sugeria a criação de uma Galeria Lusitana, com a divulgação e descrição, por meio da arte litográfica, de biografias dos mais “sublimes e importantes quadros da história portuguesa”, representados por varões ilustres, antigos e modernos de Portugal, e propunha publicações mensais, para que ao fim de cada ano os leitores formassem um rico volume de páginas e estampas, quadros e retratos no formato de coleção impressa.

Figura 47 - Galeria Lusitana – coluna do jornal *Diario do Commercio*



Fonte: Setor de Microfilmagem da FCP.

A iniciativa do *Diario do Commercio* revela a preocupação em transmitir o conhecimento do mundo luso por meio do jornalismo, instrumento de propagação e consolidação entre culturas de diferentes povos migrantes. A extensa relação de obras literárias de autoria portuguesa de diversos gêneros, como a crônica, o conto, a novela e o romance, atualmente é uma importante fonte documental para pesquisas que objetivam a revisão da história da literatura nacional e exemplifica o papel dos portugueses na propagação e consolidação dos valores lusitanos. Sobre a dinâmica de circulação dessas obras no Pará oitocentista, Sara Vasconcelos informa que:

Os portugueses foram, depois dos franceses, os mais frequentes; fato que é possível de entender, pois nesse período houve uma relação mais estreita da Província do Grão-Pará com Portugal. O que era publicado em terras lusitanas geralmente era divulgado na folha paraense em forma de crítica, resenha e comentários. Foi possível comprovar, também, que parte dos textos ficcionais divulgados nas colunas literárias do jornal eram republicações de livros ou de folhetins dos jornais portugueses e que algumas revistas lusitanas circulavam em Belém nesse período.²²²

Além dos anúncios nas páginas dos jornais paraenses e da disponibilidade de obras nos gabinetes de leitura, a cultura letrada portuguesa também foi difundida por meio das colunas literárias dos jornais. As colunas *Varietades, Litteratura, Folhetim e Miscelânea* faziam chegar até os leitores textos de variados gêneros e, de modo particular, os romances-folhetins de autoria portuguesa, que, lidos também pelos portugueses que viviam em Belém do Pará, evocavam reminiscências e provocavam empatia. A leitura dessas obras era uma oportunidade de perceber e rever a língua, os costumes e a cultura. Reencontrar, pois, a pátria pelas páginas dos romances-folhetins portugueses era um processo psicológico que permitia experimentar as vivências portuguesas. Afinal, “os bons romances ensinam a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do patrimônio humano e valorizá-las como a manifestação de sua múltipla criatividade”²²³.

Os dados aqui apresentados permitem concluir que a presença dos imigrantes portugueses no Brasil trouxe várias contribuições para as regiões em que habitaram, como, por exemplo, a Província do Pará, onde a cultura letrada portuguesa, divulgada por meio do movimento entre jornal e literatura no século XIX, oportunizou ganhos expressivos para a região, com a fusão da educação, da cultura e do pensamento intelectual de dois povos

²²² FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012, p. 7.

²²³ LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, 2009, p. 21.

distintos. Nesse fato, reside um campo de pesquisa prolífico para os estudos literários, que ainda têm muito o que investigar no campo da circulação e recepção de obras impressas e biografias dos escritores que tiveram o nome registrado nas páginas dos jornais, além de ser também um dos objetos de investigação da relação entre estudos literários e estudos culturais modernos para compreender “como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas”.²²⁴

Assim sendo, identificamos uma relação muito forte entre o Pará e Portugal “não somente pelo viés político, mas pela publicação de prosa de ficção. Essas relações com Portugal estavam pautadas política e culturalmente e ratificam a forte influência portuguesa no Pará e a existência de leitores da ficção portuguesa”.²²⁵ É nesse contexto histórico, cultural e letrado, resultado da migração portuguesa em direção ao Brasil, que se encontram nas páginas dos jornais paraenses as tramas narrativas de romances-folhetins de autoria portuguesa, nas quais viajaremos na próxima seção.

3.2 Entre o entretenimento e a seriedade: os romances-folhetins portugueses publicados na seção Folhetim dos jornais *Diário do Gram-Pará*, *Diário de Belém* e *A Província do Pará*

Os capítulos anteriores deste estudo mostraram que, desde a primeira metade do século XIX, a imprensa paraense recorreu à literatura, entre outras artes, como forma de divulgação cultural. É sabido que essa relação se intensificou a partir da segunda metade do Oitocentos, quando Belém, vivendo o auge da comercialização da borracha, absorveu a moda europeia de publicar romances-folhetins nas folhas noticiosas. Ao utilizar a imprensa para fazer circular textos literários que ilustravam o cotidiano humano, a capital da Província do Pará cumpriu um papel relevante em relação ao desenvolvimento cultural, ao incentivo à leitura e à formação de um público leitor, tornando-se, assim, um dos grandes centros culturais do país da segunda metade do século XIX.

Foi no período em que a cultura do romance-folhetim já estava consolidada que circularam na província as obras literárias de autoria portuguesa *Tristezas à Beira-Mar*, de

²²⁴ CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Limitadas, 1999, p. 49.

²²⁵ FERRREIRA, Sara Vasconcelos. A presença de obra e autores portugueses no fim do século XIX no jornal *A Província do Pará*. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2014, p. 17.

Pinheiro Chagas; *A corista*, de Luiz Magalhães; e *Os Brilhantes de um Brasileiro, Coisas Espantosas, A Neta do Arcediogo, O Arrependimento, A Gratidão, O Bem e o Mal e A Filha do Doutor Negro*, de Camilo Castelo Branco, publicados nos jornais *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Diário de Belém* (1868-1892) e *A Província do Pará* (1876-1890). Eram romances que apontavam para a dicotomia entre o entretenimento e a seriedade.

Na perspectiva do entretenimento, essas narrativas, inspiradas na matriz francesa, circularam nas páginas dos jornais com a finalidade de distrair o público leitor burguês ávido pelos assuntos aparentemente frívolos das histórias. Tinham, pois, como função primeira, o divertimento e o passatempo. Por outro lado, os enredos, escritos em linguagem ordinária, tinham como componente a seriedade, com a abordagem de temas cotidianos e a descrição de ações humanas centradas na vida real, que relatavam fatos passíveis de ocorrer ao mais comum dos homens, permitindo observações e reflexões sobre o despertar da vida e das emoções, consideradas, no mundo moderno, funções básicas do romance.

Conforme já foi mencionado na introdução deste estudo, podemos verificar a partir da tese de doutorado de Simone Cristina Mendonça de Souza que as características dos romances setecentistas ingleses, presentes nas páginas dos romances que circularam pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822), também foram percebidas e copiadas pelos escritores lusos, o que confirma que eles conheciam as técnicas utilizadas na produção do discurso moderno, conforme enumeração a seguir:

Nos romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro, percebemos várias das características dos romances setecentistas ingleses, comentadas nos itens anteriores, como a apresentação do texto como um fato verdadeiramente ocorrido, técnica que aparece nos prefácios e se desdobra pelos enredos; a exaltação da moral e a crítica aos valores aristocráticos, marcante em alguns deles; a justificativa de que a obra seria útil ao leitor, por deleitar e instruir, tópica utilizada desde a Poética de Horácio; e, ainda, a tática de instrução a partir de modelos e anti-modelos de virtude, com desfechos que indicavam o castigo para as personagens viciosas e a recompensa para as virtuosas.²²⁶

Esses procedimentos técnicos citados por Mendonça compõem um dos objetivos deste capítulo, que procura mostrar e discutir, a partir das narrativas portuguesas, as ações humanas centradas na observação dos conflitos inerentes ao homem, conforme as proposições do

²²⁶ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 122-123.

romance moderno e seus reflexos, começando pela apresentação do texto como um fato verdadeiramente ocorrido, técnica que aparece no prefácio e se desdobra pelo enredo.²²⁷

O romancista Pinheiro Chagas recorreu a essa estratégia para atribuir aos escritos valor de verdade com o intuito de mostrar aos leitores que suas histórias não eram inventadas. No parágrafo introdutório do prefácio de *Tristezas à Beira-Mar*, o autor retoma suas reminiscências, suas saudades e melancolias da infância para evocar a memória do pai e sublinhar a ideia de autenticidade na narrativa romanesca.

Fala de tristezas este romance, de saudades indefinidas, de vagas melancolias. Muitas vezes, quando a pena me corria vertiginosa pelo papel, no meio do silêncio da alta noite, parecia-me que a sua sombra, meu pai, se debruçava sobre mim, triste, triste como quando, na minha infância, poisava um beijo na fronte desta criança, órfão de mãe, e que no seu anseio, sombra querida, que és hoje de um anjo, encontrava o calor e os afagos do seio maternal.²²⁸

Em seguida, reitera que o romance havia sido fruto de inspiração de uma convivência com o pai, acentuada por tristezas e saudades. As características sentimentais exploradas por Pinheiro Chagas no romance ativavam lembranças dos imigrantes portugueses que viviam em terras paraenses e encontravam nas páginas dos jornais a construção da própria história e identidade sociocultural.

Pareceu-me que o bafejava um sopro de inspiração, doce poeta, todo meiguice e afetos, de tão grande, de tão nobre, de tão santa alma. Escrevendo-o, sentia-se ressoar-me ao ouvido o vago murmúrio das ondas, e o eco da tua voz serena e meiga, que, diante da imensidade, falava ao meu espírito, apenas desabrochado, de Deus, de família, de poesia, de tudo quanto há nobre e puro neste mundo, quando, sentados ambos nas rochas de Ericeira, víamos quebrar as ondas aos nossos pés, ressaltar-nos a espuma das faces, e molhar a minha loira cabeça, e a tua cabeça alva de neve, tão alva e tão sem mácula como o teu imaculado espírito!²²⁹

No excerto acima, a ideia de verdade é ratificada quando Pinheiro Chagas estabelece relação entre o espaço físico das suas memórias e o espaço da narrativa ficcional, Ericeira,²³⁰ ou seja, o romancista oferece ao leitor uma mistura de realidade e ficção. Mesmo sendo um prefácio curto, organizado em três parágrafos, o recurso à inspiração em um acontecimento real, fruto da saudade de uma infância triste, é bem sustentado pelo autor e deixa claro o

²²⁷ Sobre a apresentação do texto como um fato verdadeiramente ocorrido, técnica que aparece no prefácio e se desdobra pelo enredo, cf. SOUZA, Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 103.

²²⁸ CHAGAS, Manoel Pinheiro. **Tristezas à Beira-Mar**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973, p. 3.

²²⁹ CHAGAS, Manoel Pinheiro. **Tristezas à Beira-Mar**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973. p. 03-04.

²³⁰ Ericeira é uma vila portuguesa, situada próximo de Lisboa, que serviu de cenário na composição de romances escritos por Camilo Castelo Branco. Atualmente é uma vila turística.

propósito de verdade, seja em relação à história contada, seja em relação às personagens, seja em relação ao espaço físico da narrativa.

Assim como o português Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco repete o artifício de apresentar o texto como relato de um acontecimento autêntico em *A Filha do Doutor Negro*. Nesta obra, o romancista também utiliza o prefácio do romance e dialoga com uma personagem para convencer o leitor sobre a veracidade da narrativa. Ele narra que em 1845, quando era estudante na Academia do Porto, ao voltar de uma das pequenas férias do ano, foi despedir-se do patrício Antônio da Silveira, que o encarregou de entregar quatro peças de dinheiro a uma mendiga que vivia na calçada do Mirante. Silveira prometeu a Camilo que no retorno das férias seguintes lhe contaria a história da Mendiga do Mirante, que poderia servir-lhe como matéria para a escrita de um romance.

Vá, pois, concluiu Antonio da Silveira, disfarçando as lágrimas, e volte-me a contar-me que romances lhe sugeriu a visão dessa mulher andrajosa, para qual a própria caridade olharia sem interesse, em quanto eu lhe estou apresentando entre umas nevoas misteriosas, que parece esconder alguma princesa incógnita, assim à semelhança das ilustres penitentes da Idade Média. Escreva-me do Porto a dizer-me se a pobre do Mirante ainda vive.²³¹

A leitura do fragmento, extraído do prefácio de *A Filha do Doutor Negro*, mostra que o romancista atribui fidedignidade ao enredo. Assim, a ideia de que o romance não havia sido inventado facilitava a aceitação do leitor e, de certa forma, ajudava a refutar a acusação de histórias imaginadas. Em outras palavras, o leitor acreditaria que se tratava de uma narrativa verdadeira, nascida de uma história de amor malograda entre Antonio da Silveira e Albertina.

Os prefácios dos romances, portanto, eram usados para convencer o leitor de que os acontecimentos narrados tinham origem verdadeira, prática disseminada entre os romancistas modernos que, de acordo com os Estudos Literários, fortalecia a defesa do romance contra aqueles que o acusavam de narrativa fantasiosa, numa época em que o gênero tentava garantir sua importância e espaço como literatura.²³²

A dissertação de Vanessa Santos, intitulada *Ideias preliminares sobre o romance: uma leitura dos prefácios Camilianos*²³³, ratifica a utilização dos prefácios no século XIX como forma de comunicação entre autor e leitor, conforme aponta a citação a seguir:

²³¹ BRANCO, Camilo Castelo. **A Filha do Doutor Negro**. 2. ed. Lisboa: Livrarias de Campos Júnior, 1870, p. 2.

²³² Sobre a ascensão do romance e a discussão em torno dos defensores e detratores do romance, cf. WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo, Editora Schwarcz, 1990.

²³³ SANTOS, Vanessa Suzane Gonçalves dos. **Ideias preliminares sobre o romance**: uma leitura dos prefácios Camilianos. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014.

Os prólogos, portanto, serviam como meio de comunicação entre autor e leitor, legitimando a palavra do seu escritor e exercendo papel fundamental no espaço dos romances em que estavam presentes, pois buscavam orientar o leitor, apontando caminhos, expondo o produto e funcionando também como espaços de debates e definição de ideias.²³⁴

Camilo Castelo Branco, conhecedor e hábil seguidor dessa estratégia, recorreu a ela em *A Filha do Doutor Negro*, utilizando o prefácio para conferir ares de verdade à narrativa.

Fiquei eu imaginando o que viria a ser a história desta mulher. Já naquele tempo me andava o cérebro, o coração, ou o espírito – não sei bem o que o era – a fermentar a massa de volumes que saíam depois mal levedados, alguns azedos, outros insípidos, e Deus sabe se outros hão de sair piores na substância e no feitio. O certo é que eu, em 1845, há quase vinte anos, bem que não se quer entressonhasse o céu e o inferno de escritor, já me empenhava em tecer enredos de romances [...]. O entrecho de novela, que eu fantasiava por conta da maltrapida Albertina, era injurioso à pobre mulher. Queria a minha derrancada imaginação que ela tivesse descido as escaleiras de uma vida precipitosa até se atolar de onde saíra para se assentar nas lajes das ruas, estendendo a mão à caridade dos transeuntes.²³⁵

Além de tentar convencer o leitor sobre a veracidade da história narrada, o prefácio teorizava sobre o gênero. Ainda em *A Filha do Doutor Negro*, Camilo Castelo Branco mostra que a prática do folhetim popularizou o romance moderno, já em voga no século XIX, utiliza o próprio prefácio para enumerar as suas obras literárias que circulavam na imprensa portuguesa e, ainda mais, referencia a existência de uma crítica que estabelecia critérios entre o que era ou não literatura, demonstrando a familiaridade do autor com a arte de produzir romances.

Cabe a propósito neste ponto declarar eu à crítica bem intencionada de alguns avaliadores dos meus livros, editados em folhetins do *Comércio do Porto*, que nem levemente me constroem as condições, que me pauto e imponho, no desenvolvimento da ideia moralizadora, ou, pelo menos, intuito social e humanitário de cada um dos romances. Tais são os publicados com os títulos: *Três irmãs*, *Estrelas Funestas*, *Estrelas Propícias*, *O bem e o mal*. E, afora estes, que a crítica irrefletida cuidou me havia sido assim prescritos e agorentados pela seriedade daquele jornal, escrevi com igual intento e desassombrada espontaneidade o *Amor de perdição*, o *Romance de um homem rico*, e outro, que está no prelo, chamado *Amor de salvação*.²³⁶

Em *O Arrependimento* não há prefácio, porém o propósito de convencer o leitor sobre a verdade dos fatos narrados se dá no corpo do texto. O romance explora os conceitos de perdão e arrependimento ao contar a história de Roberto, rapaz de 15 anos, cuja educação

²³⁴ Ibidem, p. 12.

²³⁵ BRANCO, Camilo Castelo. *A Filha do Doutor Negro*. 2 ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870, p. 4.

²³⁶ BRANCO, Camilo Castelo. *A Filha do Doutor Negro*. 2 ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870, p. 8-9.

havia sido negligenciada pelo pai, que em vida não se preocupava senão com seus problemas pessoais. Com a morte do pai, o rapaz foi morar com o tio, Emílio da Cunha.

Roberto, se chamava o sobrinho de Emilio da Cunha já tinha 15 anos de idade, mas o pai, inteiramente entregue às especulações, e aos cuidados, que elas trazem consigo, descuidou completamente da sua educação, por isso o seu retrato moral, n'esta ocasião, nada tinha de vantajoso; o espírito tinha-o completamente inculto; as noções que possuía do justo e do injusto eram as mais errôneas e disparatadas; o respeito aos direitos doutrem era para ele uma invenção estúpida dos homens, condenada pela natureza, e a verdadeira liberdade consistia em fazer o mal impunemente. Se algum bom instinto, ou algum vislumbre de virtude, existia no coração de Roberto, ainda estava em embrião, porque se não tinha demonstrado. Quantas e quantas vezes, em quanto que o pai, cego pelas especulações, concentrava todas as suas faculdades intelectuais na realização de um impossível, não deixou Roberto de ir ao colégio, fazendo o que em termo escolar, se chama *gazear*, e gastava as horas de estudo em andar a vagabundear pelos campos e praças. Daí proveio o tomar relações com meia dúzia de garotos, ou vadios, permita-me a frase, para quem nada era sagrado nem nas ações, nem nas palavras. Daí nasceu a falta de respeito pela propriedade alheia, roubando os pomares; e o endurecimento de coração, castigando barbaramente animais inofensivos.²³⁷

Após passar por um processo de regeneração e mudança de caráter durante o desenvolvimento da trama, Roberto arrepende-se dos erros cometidos, consegue o perdão do tio e torna-se um homem honrado.

Para contar essa história d'*O Arrependimento* e convencer o leitor sobre os fatos narrados, o romancista recorre a uma técnica muito usada pelos escritores do romance moderno: o narrador testemunha²³⁸ usado como estratégia para consagrar a ideia de verdade, se considerarmos a tão discutida relação desde Platão e Aristóteles “entre o modo de narrar, a representação da realidade e os efeitos exercidos sobre os ouvintes e/ou leitores”²³⁹.

O Arrependimento começa quando o narrador afirma ter tido conhecimento da história pela voz de D. Mafalda: “A história que vou contar-vos, minhas caras leitoras, foi-me dita por D. Mafalda num destes serões em que vos falei”²⁴⁰. Ao concluir a história, o narrador sugere que o enredo que ouvia poderia ser ficção: “ – Ah! – lhe disse eu com admiração sincera – V. Ex.^a. podia facilmente escrever um romance”²⁴¹. Diante de tal declaração, D. Mafalda

²³⁷ BRANCO, Camilo Castelo. **O Arrependimento**. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b17590437.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 3.

²³⁸ Narrador testemunha é aquele que observa o que passa no interior da trama a partir de uma perspectiva externa.

²³⁹ LEITE, Lígia Chiappini Morais. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática. 1985, p. 6.

²⁴⁰ BRANCO, Camilo Castelo. **O Arrependimento**. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b17590437.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 2

²⁴¹ *Ibidem*, p. 10.

retrucou: “Isso quer dizer que me faz a honra de julgar esta minha história como produção da minha imaginação e fantasia?”²⁴².

Como forma de convencer o narrador – e o romancista ao leitor – sobre a veracidade da história, D. Mafalda convida-o para conhecer o sobrinho, comerciante honrado e afortunado que vivia no Porto, homem feliz, bem casado e pai de um filho lindo.

No dia seguinte D. Mafalda ofereceu-se para me apresentar a um seu sobrinho, proprietário de um estabelecimento industrial importante nos subúrbios do Porto. Aceitei gostosa e prontamente. Fui recebido com extrema bondade e franqueza. O sobrinho de D. Mafalda gosava uma felicidade digna de ser invejada; era casado com uma mulher, que era um anjo de beleza e bondade, e tinha um filho o mais lindo e traquinas que se pode imaginar; o seu estabelecimento florescia e prosperava; o seu nome figurava entre os principais e os mais honrados do mundo comercial e industrial, n'uma palavra nada faltava à sua glória, fortuna, e felicidade doméstica.²⁴³

Postos frente a frente o narrador personagem e o sobrinho, D. Mafalda revela que este último é o Roberto da história narrada, cujas ações reprováveis foram transformadas em virtudes humanas. Nessa ação, reside mais uma estratégia para convencer o leitor sobre a verdade dos fatos apresentados.

Outro recurso utilizado pelos romancistas foi a intervenção do narrador em relação à arte de narrar, num momento em que o gênero romance já havia extrapolado o paradigma de contar um acontecimento, característica da narrativa épica que insistia na objetividade, conforme sugere Hegel, citado por Lígia Chiappini Morais Leite, e já desfrutava da liberdade em que “o narrador fala pessoalmente para um leitor também pessoal, individual...”²⁴⁴.

Os romancistas e, de modo particular, os escritores de romance-folhetim, conhecendo muito bem essa técnica, recorreram a ela como forma de evocar a atenção do leitor e estabelecer um processo de interlocução narrativa entre autor, narrador e leitor, como sugere Yasmim Nadaf: “Dessa interlocução resultou igualmente o caráter de familiaridade entre o autor-narrador e o receptor, que passou a ser chamado de ‘caro leitor’, ‘atencioso leitor’, entre outras amáveis expressões depois incorporadas ao romance tradicional”²⁴⁵.

Nos romances camilianos, o recurso à interlocução é frequente. No capítulo IX d’*Os Brilhantes do Brasileiro*, o narrador dirige-se ao leitor para fazê-lo lembrar de Victorina, uma

²⁴² Ibidem, p. 10.

²⁴³ Ibidem, p. 10.

²⁴⁴ LEITE, Lígia Chiappini Morais. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática. 1985. p. 11.

²⁴⁵ NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 28.

das personagens da trama mencionadas anteriormente: “Victorina, aquela criada que o leitor já conhece, lá estava, e nas mãos desta, a carta”²⁴⁶.

Em *O Arrependimento*, no capítulo I, o narrador, ao justificar a origem do enredo, utiliza-se do discurso direto para dirigir-se ao leitor: “A história que vou contar-vos, minhas caras leitoras, foi-me dita por D. Mafalda num destes serões em que vos falei”²⁴⁷. O diálogo com o leitor também é registrado em *A Filha do Doutor Negro*: “Eu não sei se este dizer é erva sardônica nos beijos de algum dos meus leitores, cuja inépcia possa a ser superior a minha boa fé”²⁴⁸.

Em *O Bem e o Mal*, também de Camilo Castelo Branco, o tom de familiaridade entre o narrador e o leitor é recorrente, como se vê no episódio contado no capítulo XIV. Para relatar as aventuras da condessa D. Eugênia, que não fazem parte do enredo principal, o romancista pede licença para explicar que se trata de uma narrativa secundária, além de prevenir o leitor para que não se desvie da história central.

Estranhara o leitor que entre aqui mal cabido o episódio de uma das aventuras de D. Eugênia de Nelas, condessa de Azinhoso. Conto, porém, com a sua atenção; e peço licença para me desvanecer de apontado em não me desviar da história principal, sem ao depois me justificar do efeito.²⁴⁹

Pinheiro Chagas também dialoga com o leitor. Em *Tristezas à Beira-Mar*, o narrador justifica-se para as leitoras do folhetim sobre o perfil psicológico traçado para Leonor, consequência do meio natural e rústico no qual ela vivia:

Leonor ia assim, criada à lei da natureza; a sua educação física, moral e intelectual faziam-na as ondas e os fragedos; o infinito do mar ensinou-lhe a ideia de Deus, os relâmpagos mostraram-lhe essa palavra santa escrita em letras de fogo nas nuvens da procela; a sua inteligência ali se desenvolveu sem cultivo, não tendo por mestre senão a rude poesia desses selvagens ermos. Estou que as leitoras protestam contra semelhante educação, e preveem na heroína uma aldeã bronca e malcriada; não tentarei dissuadi-las nem granjear, á custa da verdade, simpatias para Leonor. Tal ela era, assim a retrato fielmente.²⁵⁰

²⁴⁶ BRANCO, Camilo Castelo. *Os Brilhantes do Brasileiro*. 9. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1922, p. 55.

²⁴⁷ BRANCO, Camilo Castelo. *O Arrependimento*. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b17590437.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 2.

²⁴⁸ BRANCO, Camilo Castelo. *A Filha do Doutor Negro*. 2. ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870, p. 13.

²⁴⁹ BRANCO, Camilo Castelo. *O Bem e o Mal*. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 183.

²⁵⁰ CHAGAS, Manoel Pinheiro. *Tristezas à Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973, p. 12.

Como se depreende das narrativas portuguesas, o diálogo entre a tríade autor, narrador e leitor, característico do romance-folhetim, foi generosamente utilizado para estabelecer a familiaridade e a ideia de verdade.

A descrição do espaço físico, outro expediente costumeiro utilizado pelos romancistas lusos para afirmar a autenticidade da narrativa, pode ser observada em *Tristezas à beira-mar*. O romance conta a trajetória das irmãs Leonor e Madalena, separadas após a morte da mãe. Amparadas, uma pelo avô e outra pela tia, as irmãs perderam o contato em razão da inimizade que ambos os parentes tinham entre si. Leonor foi morar com o avô Bartholomeu em Ericeira, uma aldeia portuguesa à beira-mar, e Madalena foi acolhida em Lisboa por Dona Úrsula, irmã do avô.

O narrador descreve em minúcias a simplicidade do ambiente familiar em que vivem as personagens Leonor e Madalena, e os locais onde a narrativa é ambientada – o ambiente campestre, em oposição ao espaço urbano.

Era uma casa situada à beira-mar, pendurada, como um ninho de gaivota, na solitária fraga, eu- já* base minavam as ondas no incessante combate. As janelas do poente deitavam para o Oceano, as de leste para uma estéril planície, que terminava ao fundo numa cortina rareada de pinheiros enfezados; das meridionais divisava-se a branca vila da Ericeira, com as suas pobres casas de pescadores; quem se encostasse ao parapeito das que deitavam para o norte não via se não a longa fileira de penedos que se apumavam como fantásticas vedetas, postas ali por Deus para repetirem às vagas a ordem: “Não passareis daqui” e para receberem, nas noites tempestuosas, a senha da procela. A praia ficava embaixo, orla estreita de areal, que as vagas cobriam na maré cheia, e que só na vazante mostrava timidamente os seus verdes limos e as conchas cinzeladas. Uns grosseiros degraus, cavados na face rugosa dos penedos, estabeleciam a comunicação entre a pseudo-praia e a casa que descrevemos. De cima ouvia-se constantemente esse vago murmúrio que a onda entoa quando acaba de bater na rocha, depois de erguer o seu primeiro bramido de desespero e fúria.²⁵¹

O fragmento é o início de *Tristezas à Beira-Mar*, romance que revela um autor preocupado com os ambientes que emolduram a narrativa e visivelmente influenciado pela Antiguidade Clássica, valorizando os espaços que sugerem como paradigma ideal o culto à vida simples, à tranquilidade e à calma das paisagens campestres – o *locus amoenus*.

A descrição da casa à beira-mar, o embate das ondas, a posição das janelas – as do poente em frente ao oceano, e as do leste em frente aos pinheiros enfezados – e a branca vila de Ericeira são imagens sensoriais cuja intenção é aproximar o leitor de uma atmosfera de verdade. No processo de escrita de um romance, o ambiente ganha relevância, conforme propõe Antonio Dimas, em *Espaço e Romance*, em que teoriza sobre a importância do

²⁵¹ CHAGAS, Manoel Pinheiro. *Tristezas à Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Três, 1973, p. 5-6.

ambiente físico para a construção do enredo. Para o autor, o lugar onde se desenvolve o enredo é considerado como tocaia, ou seja, armadilhas espalhadas ao longo da narrativa, que alcançam estatuto importante ao lado do foco narrativo, personagens e tempo.

Entre as várias armadilhas de um texto, o *espaço* pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura, etc. É bem verdade que, reconhecemos logo, entre certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem mais fascinante, é a de ir-se descobrindo-lhe a *funcionalidade e organicidade* gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo.²⁵²

O espaço é, assim, um dos múltiplos recursos à disposição do romancista para compor o universo ficcional. Carregado de representatividade e simbologia, é essencial para estabelecer a comunicação com o leitor e a aceitação ou não da história narrada. A propósito da qualidade do espaço como armadilhas construídas e sua relação com o leitor, Antonio Dimas afirma:

A qualidade delas dependerá, antes de mais nada, de quem as espalhou ao longo do caminho. Alguns preferem disseminá-las em quantidade, de forma abusiva e representativa, deixando-as expostas demais, o que poderá provocar a adesão do leitor fácil ou repulsa do leitor inteligente. Outros, optando pelo camuflamento, tornam-se quase imperceptíveis, excitam a curiosidade do leitor preparado e aborrecem aqueles cuja curiosidade se satisfaz com o mero desenrolar de uma estória. A estes não importa o *como* se monta um relato, mas sim o processo de encadeamento até o final. Saciada esta curiosidade básica, este leitor atira de lado o livro, escolhe outro bombom na caixa e o próximo volume na estante.²⁵³

A se considerar a influência do espaço no processo de comunicação com o leitor, podemos sugerir que, em relação aos romances portugueses, o lugar das histórias provocava empatia, de modo particular, entre os lusos que habitavam a Província do Pará, pois o contato com as narrativas que circulavam nos jornais da segunda metade do século XIX evocavam as reminiscências daqueles que estavam distantes da sua pátria (cf. seção 3.1 deste capítulo).

Antônio Dimas, ao discutir sobre verismo fotográfico, estabelece duas tendências para os diferentes tipos de espaço: o *ilustrativo* e o *analítico-interpretativo*.²⁵⁴ Para o autor, a geografia ilustrativa pouco acrescenta aos estudos literários, pois o que está em pauta não é a

²⁵² DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática. 1987, p. 5-6.

²⁵³ DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo. Editora Ática. 1987. p. 5.

²⁵⁴ Ibidem, p. 6.

visão transfigurada e remodelada pelo artista, dotada de aspectos semânticos, mas simplesmente a obsessão pelo detalhe, paralela ao empenho documental, que, de acordo com a crítica literária contemporânea, caracteriza-se como um reducionismo realista.

Do conjunto de romances portugueses abordados nesta tese, os de Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco e Luiz Magalhães não lançaram mão da primeira tendência. Quando não utilizam o espaço como estratégia de sedução do leitor, como no caso de *Tristezas à beira-mar*, valem-se da descrição do espaço físico como recurso narrativo necessário à composição do enredo, mas não “com o empenho documental, apoiado no virtuosismo técnico da câmara fotográfica, [...] empregada de modo também realista. Isto é, uma câmara que fixa o instante de uma rua, um beco, [...] ou um outro incidente urbano qualquer”.²⁵⁵ Essa forma de apresentação do espaço pode ser percebida em *Os Brilhantes do Brasileiro*: “Estava Ângela na janela da sua casa na rua do Bispo, quando o marido surgiu da esquina da Praça nova”.²⁵⁶

Em *A Corista*, de Luiz de Magalhães, as linhas introdutórias apresentam a descrição do espaço físico onde a trama acontece.

Representava-se solenemente uma ópera estafada e gasta entre um velho cenário esburacado e em frente de uma sala quase vazia. O gás, à meia-luz, aumentava a melancolia dessa reprise tentada como o último esforço de uma empresa infeliz, a dois paços da ruína.²⁵⁷

A descrição do cenário esburacado e vazio, associada ao enredo, representa a decadência do homem que se deixa corromper pelo meio social no qual está inserido. Percebemos, dessa forma, que o espaço foi utilizado como estratégia pelos romancistas portugueses para atrair/seduzir o leitor, dando a essa categoria da narrativa um aspecto analítico interpretativo cuja intenção é “apreender o significado novo que brota desses mesmos espaços, a partir da manipulação pessoal e artística da palavra”.²⁵⁸

Natureza e cenário também são dois componentes utilizados pelos romancistas para atribuir veracidade à história e se entrelaçam como recursos utilizados para a harmonia entre os fatos, ainda que os elementos imaginosos sejam determinantes no texto. Em *A Gratidão*, de Camilo Castelo Branco, verificamos a descrição do espaço físico como um dos recursos narrativos que integra a relação entre natureza e sentimento: “O ar, sombrio e carregado,

²⁵⁵ Ibidem, p. 5.

²⁵⁶ BRANCO, Camilo Castelo. *Os Brilhantes do Brasileiro*. 9. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1922, p. 12.

²⁵⁷ MAGALÃES, Luiz de. *A Corista. A Província do Pará*, Belém, 17 jan. 1890, Folhetim, p. 1.

²⁵⁸ DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo. Editora Ática. 1987, p. 13.

indicava que mais neve não tardava a cair. Os ramos nus das árvores dos montes tremiam soprados pelo vento norte gelado. Estava tudo n'um perfeito sossego, e tristeza; nem o mais leve murmúrio se ouvia".²⁵⁹ A natureza descrita de forma sombria remete, assim, à ideia de tristeza associada à atmosfera melancólica e funciona como pré-anúncio ao leitor dos intermináveis infortúnios que a sofrida menina Rosinha, de apenas 10 anos, teve de suportar com a perda precoce dos pais: a responsabilidade de cuidar da avó cega; o convívio com o orgulho e o desprezo de D. Bertha, para quem a órfã não passava de uma lavadeirazinha e camponesa; a dor pela morte de D. Thereza e D. Júlia, as únicas pessoas que a acolheram em meio aos dissabores da vida; e, por fim, a crueldade, o ódio e a ganância de D. Eusébia.

Para escrever *Tristezas à Beira-Mar*, Pinheiro Chagas também se inspirou na natureza. O cenário do romance é melancólico e mais agreste que ameno. A descrição dos ambientes naturais tem destaque na escrita do romance, como podemos vislumbrar, por exemplo, no segundo capítulo, quando Jorge lê um poema à beira-mar.

Um dia fora Jorge sentar-se nos fragedos da beira-mar, levando consigo um poema, como bastantes vezes costumava fazer, porque saboreava melhor a poesia comentada por esses magníficos espetáculos e a harmonia das vagas era delicioso acompanhamento para o ritmo dos versos. Desmaiava já o sol no horizonte distante, iluminando com os últimos raios o árido cume das rochas, incendiando os vidros de uma capela isolada, aureolando o vulto melancólico da cruz, e espraiando uma longa faixa de ouro pela terra esverdeada das ondas. No ponto extremo em que o mar se confunde com o céu, a vela branca de um barco de pesca surgia como que imersa num oceano de esplendor. Aquela hora, à beira-mar, tem menos suavidade, porém mais grandeza, do que nos campos. Não se ouve ali nem murmúrios indefiníveis, nem canto longínquo dos lavradores, nem mugido dos bois que voltam para o curral, nem balidos de ovelhas que o pegureiro junta para as conduzir ao aprisco. Ali ouve-se apenas o eterno bramido do oceano. A terra, sáfara e nua, não tem um canto, um hino, um murmúrio com que se vá embalando antes de adormecer no regaço da noite. O crepúsculo nos campos é como que o despedir saudosos do moribundo das delícias da existência, que até nessa última hora lhe estão suavizando o cálice amargo do trânsito. O crepúsculo à beira-mar é o momento solene em que o homem, balouçado entre a dúvida e a esperança, encara, tremente e pávido, o assombroso mistério da eternidade.²⁶⁰

A leitura do excerto mostra que o narrador direciona a atenção para o horizonte: dos raios de sol entre as rochas, da terra esverdeada pelas ondas do mar, da terra nua, do cair da noite à beira-mar, onde Jorge contemplava a natureza, à paisagem natural, tudo é descrito minuciosamente.

O romancista usa a natureza para estabelecer pontos de interseção entre o cenário e as características das personagens ao descrever pessoas tristes em conformidade com o ambiente

²⁵⁹ BRANCO, Camilo Castelo. **A Gratidão**. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b34988592.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 2.

²⁶⁰ CHAGAS, Manoel Pinheiro. **Tristezas à Beira-Mar**. Rio de Janeiro: Três, 1973, p. 21-22.

melancólico em que vivem, como se observa em relação à protagonista do romance: “Leonor se chamava ela, e era neta do velho, que, tão próximo da eternidade, se fora a esperar a morte junto dessa vastidão solitária, cuja voz tremenda tem como que um eco das formidáveis palavras que encerram o enigma de além-túmulo”²⁶¹; ou em Bartolomeu: “depois o velho Bartholomeu contava alguma história das suas navegações, alguns dos trances aflitivos em que vira o espectro da morte surgir-lhe lívido, ante os olhos, dos seios das ondas”²⁶²; ou ainda em Jorge, que “embevecido nesta melancolia austera, contemplava ora o desmaiar da luz no seio das ondas, ora murmurava alguns versos”²⁶³. A descrição da paisagem, percebemos, era essencial na composição do romance, especialmente nos romances românticos, e tinha a finalidade de estabelecer pontos de interseção entre natureza, personagens e sentimentos.

Nesse romance, há ainda a meticolosa descrição psicológica ao retratar as saudades indefinidas, de vagas melancolias²⁶⁴ vividas por Leonor e pelo avô. Assim como os romancistas ingleses²⁶⁵ dos setecentos recorreram a essa estratégia para conferir veracidade à trama, Pinheiro Chagas também utiliza desse recurso ao descrever com precisão o mundo interior, por exemplo, das personagens ao mostrar que a casa de ambos tornou-se ainda mais triste e melancólica após a partida da irmã Madalena. Com precisão de detalhes, o narrador transpõe para o leitor a dor e a saudade das personagens, que viviam em profunda solidão. Melancolia e tristeza eram inseparáveis de Leonor e do avô até mesmo quando os dois saíam a passeio. A descrição dos sentimentos que permeiam a narrativa do início ao fim do romance torna-se mais detalhada e profunda com a morte de Bartolomeu Soares:

A casa é triste e desamparada; em noites de invernã a asa do vendaval açouta-lhe os vidros e o vento engolfa-se nas escadas, uivando lugubrememente. As melancólicas lendas do mar, as lamentações dos náufragos, tudo se confunde nesse grito longo e plangente que as vagas erguem, quando a tormenta as açouta, para as sombrias paredes dessa isolada habitação.²⁶⁶

A casa revestira-se da mais profunda melancolia do que tinha mesmo antes da chegada de Madalena. Então havia um raio de sol que alegrava as tristezas daquela noite; esse raio de sol, que era a infantil vivacidade de Leonor, apagára-se também. A morte reinava sem rival nessa casa ou antes nesse túmulo da beira-mar. As aves marítimas vinham pousar às vezes nos parapeitos das janelas, e dali, mirando as ondas e espreitando a preza, soltavam um grito lúgubre e prolongado, que era a

²⁶¹ Ibidem, p. 7.

²⁶² Ibidem, p. 11.

²⁶³ Ibidem, p. 22.

²⁶⁴ Ibidem, p. 03.

²⁶⁵ Em *Pâmela* (1740), romance inglês, Richardson utilizou como estratégia para estabelecer a ideia de verdade uma atmosfera psico-social.

²⁶⁶ CHAGAS, Manoel Pinheiro. *Tristezas à Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Três, 1973, p. 6-7.

única voz que sabia daquele recinto. Casava-se bem com as selváticas tristezas dos seus habitantes.²⁶⁷

Além do espaço físico, a personagem também é uma categoria narrativa importante para a construção do romance, de acordo com Arnaldo Franco Junior, que a define como “um ser construído por meio de signos verbais, no caso do texto narrativo escrito [...]. As personagens são, portanto, representações dos seres que movimentam a narrativa por meio de suas ações e/ou estados”.²⁶⁸ É, pois, um dos principais elementos constitutivos da narrativa pelo fato de recair sobre ela a atenção do leitor, se considerarmos sua aproximação de semelhança com a pessoa.

A partir do conceito que estabelece uma relação de semelhança entre seres fictícios e reais na narrativa, os romancistas recorreram à descrição física das personagens como recurso para que, junto aos elementos espaciais, psicológicos e sociais, o leitor construa uma imagem mental e obtenha a sensação de realidade repassada pelo romance, conforme percebemos na citação abaixo:

Não julguem que, contudo, que é desabitada essa casa, colocada em tão estranhas condições. A casa tem moradores, e moradores que muito de sua vontade a escolheram para residência. Um velho quase octogenário, uma velha ainda mais idosa sua irmã, dois criados e uma criada, que entre si colaboram para perfazerem a respeitável conta de século e meio, e junto deste grupo decrepito uma rapariga de vinte e dois anos, flor dos alcantis, que desabrochava e crescia ao sopro agreste da brisa do alto mar.²⁶⁹

De forma geral, há, no conjunto de romances selecionados nesta tese, a preocupação com os traços físicos²⁷⁰ das personagens, característica presente na maioria dos romances do século XIX, como observamos em Antônio Silveira, personagem do romance *A Filha do Doutor Negro*, que tinha “o porte esbelto e marcial”²⁷¹; Francisco Simão de Alpedrinha “era mulato, filho de um preto”²⁷²; *Em Tristezas à Beira Mar*, a personagem Leonor era “gentil,

²⁶⁷ Ibidem, p. 174.

²⁶⁸ FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2003, p. 38.

²⁶⁹ CHAGAS, Manoel Pinheiro. **Tristezas à Beira-Mar**. Rio de Janeiro: Três, 1973. p. 7.

²⁷⁰ Em tese de doutorado, Simone Cristina Mendonça também reconhece um trabalhado apurado de descrição das personagens em relação às características físicas. Cf. SOUSA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 113.

²⁷¹ BRANCO, Camilo Castelo. **A Filha do Doutor Negro**. 2. ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870, p. 10.

²⁷² Ibidem, p. 9.

alta, espigada, elegante, com a tez um tanto queimada pelo vento da costa...”²⁷³; Carlota, no romance *Coisas Espantosas*, era “esbelta rapariga de dezesseis anos...”²⁷⁴; *Em Os Brilhantes do Brasileiro*, Victorina era “baixa, gorda, mais de meia idade, vestida limpamente”²⁷⁵; a protagonista Rosa, personagem do romance *A Gratidão*, “levantou para D. Thereza os seus lindos olhos azuis...”²⁷⁶; e a avó de Rosinha “parecia ter sessenta anos. Estava corcovada mais pela miséria, do que pela idade, e tinha no rosto profundas rugas. Pelo modo como andava, e tateava o caminho com a muleta, via-se que era cega”²⁷⁷; D. Julia d’Andrade, também personagem do romance *A Gratidão*, tinha “o cabelo preto muito comprido, e naturalmente encaracolado, fazia-lhe sobressair ainda mais a palidez do rosto. Os olhos castanhos tinham um brilho de febre. A fisionomia demonstrava um padecimento interno”²⁷⁸; no romance *O Bem e o Mal*, Peregrina tinha “compleição menos robusta que o ordinário das moças aldeãs, [...] rica de negros cabelos, [...] parece em sorrisos meditativa, laboriosa”²⁷⁹, e Rosália, personagem de *A Corista*, era “uma magrizona [...], de linhas angulosas, muito caída, mas com uma cara picante, dentes soberbos e dois grandes diabos de olhos negros”²⁸⁰.

A leitura dos romances permite-nos observar a preocupação dos romancistas em construir a imagem física das personagens, cuja finalidade é torná-las verossímeis para o leitor, como, por exemplo, a descrição que o autor de *Os Brilhantes do Brasileiro* faz de Ângela no capítulo V:

Alta e refeita; cabelos castanhos; testa larga e escantuda; sobrolhos pretos; pálpebras adormecidas com aquele doce cansaço do sono irresistível; faces que as rosas não deixam ser trigueiras, mas mais que um primoroso apreciador do belo desejaria menos carminadas; beijos arqueados pelo molde da pequena boca, ainda pequena quando o riso mostra o esmalte dos dentes; pescoço alto, quebrando em ondulações de jaspe e torneios de espáduas e noutras ondulações que o cantor da Ilha dos Amores sabia descrever lindamente colhendo nos pomares as suas graciosas analogias: tal era Ângela. Tal era?! Que presunção! **Quem soube aí descrever uma beleza mediana por maneira que vingasse retratá-la no espírito do leitor?**²⁸¹ (grifo nosso).

²⁷³ CHAGAS, Manoel Pinheiro. op. cit. p. 10.

²⁷⁴ BRANCO, Camilo Castelo. *Coisas Espantosas*. 6. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1917, p. 8.

²⁷⁵ Idem. *Os Brilhantes do Brasileiro*. 9. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1922, p. 10.

²⁷⁶ Idem. *A Gratidão*. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b34988592.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 5.

²⁷⁷ Ibidem, p. 2.

²⁷⁸ Ibidem, p. 15.

²⁷⁹ BRANCO, Camilo Castelo. *O Bem e o Mal*. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 23.

²⁸⁰ MAGALÃES, Luiz de. *A Corista*. *A Província do Pará*, Belém, 17 jan. 1890, p. 1.

²⁸¹ BRANCO, Camilo Castelo. *Os Brilhantes do Brasileiro*. 9. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1922, p. 33-34.

No final da sequência, é flagrante a preocupação do escritor em descrever com perfeição a figura da protagonista, técnica bastante comum na construção do romance moderno.

De modo geral, a preocupação dos romancistas com a construção das personagens para garantir verossimilhança reside no fato de elas representarem “a possibilidade de adesão seletiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeções e transferência”, conforme defende Antonio Candido em *A personagem do romance*.²⁸²

Em sua análise sobre os romances publicados na Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822), Simone Cristina Mendonça de Souza alude à caracterização individualizada das personagens, proposta por Ian Watt, que recebiam nome e sobrenome e compunham o realismo formal. De acordo com a pesquisadora, “a ocorrência desse quesito nos romances da Imprensa Régia do Rio de Janeiro é pequena, com algumas exceções de citação de sobrenomes”²⁸³. No entanto, esse procedimento notado por Mendonça é mais recorrente entre os lusos. Notamos que os romancistas utilizaram ou não o sobrenome em suas personagens como forma de marcar a simbologia social da época, conforme se verificou na

s narrativas publicadas pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o realismo formal como “postura crítica, antitradicional e inovadora” permite a “experiência individual”, à qual Mendonça se reporta, em consonância com a proposição de Watt:

A postura geral do realismo filosófico tem sido crítica, antitradicional e inovadora; seu método tem consistido no estudo dos particulares da experiência por parte do pesquisador individual, que, pelo menos idealmente, está livre do conjunto de suposições passadas e convicções tradicionais; e tem dado particular importância à semântica, ao problema da natureza da correspondência entre palavras e realidade. Todas essas particularidades do realismo filosófico têm analogias com os aspectos específicos do gênero romance – analogias que chamam a atenção para o tipo característico de correspondência entre vida e literatura obtida na prosa de ficção desde os romances de Defoe e Richardson.²⁸⁴

Assim sendo, o realismo formal que contribuiu com a ideia de verossimilhança pode ser observado também no primeiro capítulo de *A Filha do Doutor Negro*: a personagem que se apaixona por Francisco Simões de Alpedrinha não tem o nome mencionado, é apontada

²⁸² CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 54.

²⁸³ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p.114-115.

²⁸⁴ WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14.

pelo autor do romance apenas como uma menina pobre, para traçar as linhas que demarcam o prestígio que nome e sobrenome têm na sociedade aristocrática.

Em contrapartida, Francisco Simões de Alpedrinha, mesmo sendo negro, é erudito e tem *status* social, assim como Antônio da Silveira é militar. Ambos têm nome e sobrenome enfatizados no desenvolvimento da trama. Tal expediente também pode ser observado em relação à personagem Rosa, de *Coisas Espantosas*, que, após ascender socialmente ao lado do esposo, o galego Gregório, conquista o direito de ser chamada de “Dona”, tratamento então dispensado apenas às mulheres inseridas numa classe social de prestígio. Em *Os Brilhantes do Brasileiro*, a personagem Ângela, mesmo acusada de adultério, tem o direito de ser tratada por “Dona”, pois é respeitada socialmente por ser esposa de um rico comerciante da cidade do Porto: “D. Ângela já descia as escadas, encaminhando-se à administração...”²⁸⁵. Nesse mesmo romance, a tia de Ângela também é apresentada como “Dona”. Afinal, ela era irmã do general Simão de Noronha Barbosa, pai de Ângela: “D. Beatriz, a irmã do general, tinha sido a medianeira dos primeiros pretendentes”²⁸⁶. Guiomar de Nelas e Mafalda de Nelas também são distinguidas no romance com o mesmo título. Ambas pertenciam a uma importante família de linhagem tradicional de Pinhal: “D. Guiomar de Nelas, fugitiva do marido, que a martirizava”²⁸⁷; “D. Mafalda de Nelas, voltando de Miranda a Pinhel, trazia a escalavrar-lhe o coração e espinho do despeito”²⁸⁸.

A leitura dos romances permite identificar o papel que os escritores portugueses atribuíam à mulher, ao dar destaque à perspectiva da figura feminina nas narrativas, como se vê, por exemplo, em *A Gratidão*, romance constituído predominantemente por personagens femininas.

Em *A Gratidão*, a utilização do termo “dona” é bem evidente no desenrolar da trama. As mulheres de posses invariavelmente recebem o tratamento com D maiúsculo: “Agora, Rosinha, – disse D. Thereza, ameigando-a, – conta-nos, como a esta hora, e com este tempo vieste até aqui com esta boa mulher”²⁸⁹, ou “Sua mãe, a viscondessa do Candal, receiando pela vida de D. Júlia, tinha consultado os mais acreditados médicos de Lisboa e Porto”²⁹⁰.

²⁸⁵ BRANCO, Camilo Castelo. *Os Brilhantes do Brasileiro*. 9. ed. Lisboa: Livraria Editora, 1922, p. 30.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 53.

²⁸⁷ BRANCO, Camilo Castelo. *O Bem e o Mal*. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 251.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 127.

²⁸⁹ *Idem*. *A Gratidão*. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b34988592.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 5.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 15.

Em contraposição, as personagens femininas do romance que não pertencem à elite social são tratadas apenas pelo nome ou por uma característica pessoal. A protagonista do romance, por exemplo, é apenas Rosa ou Rosinha e sua avó, durante todo o enredo, é sempre a “vozinha”, a “velha” ou a “cega”: “Descrever a aflição de Rosa e de sua avó é-me impossível; bastará dizer que a dor as tinha quase enlouquecido”²⁹¹; “Uma velha, e uma criancinha, apesar do rigor do frio, seguiam com dificuldade o caminho, que da serra de Vallongo conduz a S. Cosme”²⁹²; “A felicidade da pobre cega, e bem assim o futuro de Rosa poder-se-iam julgar seguros; mas como nada n’este mundo é imutável, o momento, em que a adversidade ia estender o seu braço de ferro sobre as duas infelizes, não estava longe”²⁹³.

O mesmo procedimento é observado nos romances *O Bem e o Mal* e *A Corista*. No primeiro, Peregrina é mencionada, durante toda a narrativa, apenas pelo nome; ela é mulher comum, irmã do pároco e não pertence a nenhuma família tradicional de Pinhal: “Ladislau tinha as mãos erguidas quando encarou o rosto de Peregrina”²⁹⁴. No segundo, Rosália e Carolina também têm apenas o primeiro nome citado no decorrer da trama. Esta é moça pobre, mãe de família, que passa a integrar a companhia de teatro. Aquela é uma artista de teatro, dependente do vício do álcool e envolvida em relacionamentos carnais que contribuem para sua ascensão profissional. São simplesmente Rosália e Carolina, mulheres comuns com nomes e sem sobrenomes.

O uso do termo como marco de distinção de classe social torna-se evidente quando Rosa deixa de ser a lavadeira camponesa. Aprovada num exame avaliativo, é promovida à categoria de professora, o que dá a ela o direito de ser chamada de “Dona”. No fim da narrativa, recebe até sobrenome, tornando-se a D. Rosa de Jesus e Sousa: “Dois meses depois, a nossa, hoje, D. Rosa de Jesus e Sousa comparecia perante o júri nomeado para proceder ao exame das concorrentes ao professorado. O título de capacidade, em grau superior, foi-lhe concedido por unanimidade e com distinção”²⁹⁵.

A ascensão social experimentada por Rosa, em *A Gratidão*, e por Gregório e Rosa, em *Coisas Espantosas*, ocorre, semelhantemente, em *Os Brilhantes do Brasileiro*, com o marido de Rosa Catraia, que, afastado da terra onde nasceu, Cabeceiras de Basto, se tornaria influente

²⁹¹ Ibidem. 2018, p. 32.

²⁹² Ibidem, p. 2.

²⁹³ Ibidem, p. 12.

²⁹⁴ Branco, Camilo Castelo. **O Bem e o Mal**. 11. Ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 24.

²⁹⁵ BRANCO, Camilo Castelo. **A Gratidão**. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b34988592.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 50.

político, principiando em regedor, depois camarista, presidente do município e, por fim, administrador substituto do conselho.

Ainda no mesmo romance, Camilo Castelo Branco torna possível a ascensão social de Francisca Ruiva. Retirada de um bordel, casa-se com Pantaleão Mendes Guimarães, homem honrado do Porto, transforma-se em D. Francisca Mendes e passa a ser reconhecida como mulher virtuosa. Dá-se, assim, a ascensão social pela aproximação com pessoas de extratos mais elevados:

Pantaleão Mendes Guimarães, quarenta e cinco anos, capitalista, armador, antigo negreiro e “engajador” moderno. Há doze anos que uma frescassa loureira, chamada Francisca Ruiva, lhe coou filtros cupidineos através das enchundias do peito, e lhe atorresmou os toicinhos da alma. Pantaleão trasladou do bordel às alcatifas de sua casa a Ruiva saudosa do lundum chorado, investiu-a da governança da dispensa, e mais tarde espousou-a, no intento de condecorar socialmente a lama que trouxera do alcouce. E, de feito, D. Francisca Mendes, neste ano de 1847, já logrou a satisfação de ver também caluniada de “esposa virtuosa” nas gazetas.²⁹⁶

Francisca Ruiva, além de ser exemplo de ascensão social pela proximidade com pessoas influentes, mostra a capacidade de mudança e transformação do ser humano. Subiu de classe social, passou a ter poder aquisitivo e obteve o respeito das pessoas que a cercavam.

O uso de títulos também estava associado à condição privilegiada na qual as pessoas se encontravam na sociedade. Em *Os Brilhantes do Brasileiro* usufruíam de título de nobreza Simão de Noronha Barbosa, o Conde de Gondar; Ângela, a Condessa de Gondar; Atanásio José da Silva, o Barão da Silva; Pantaleão Mendes Guimarães, o Barão de Mendes Guimarães; e Rosa Catraia, a Baronesa de Vilar d’amôres.

Ao narrar a influência que a Condessa de Azinhoso detinha no meio social em que vivia, Camilo Castelo Branco mostra, em *O Bem e o Mal*, que a posse de títulos conferia a quem os possuía poder e condição privilegiada: “Disse-me um deputado que a condessa vive lá no último fausto, e é visitada por tudo que tem um nome grande na aristocracia e na política”²⁹⁷.

A descrição minuciosa dos cenários²⁹⁸ e das personagens por meio de representações físicas, psicológicas ou sociais foram importantes ferramentas para fixar no leitor a ideia de verdade em torno do enredo e na recuperação dos leitores luso-paraenses, recurso observado em romances portugueses do século XIX, publicados na imprensa paraense oitocentista.

²⁹⁶ Idem. *Os Brilhantes do Brasileiro*. 9. ed. Lisboa: Livraria Editora, 1922, p. 22-23.

²⁹⁷ BRANCO, Camilo Castelo. *O Bem e o Mal*. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 219.

²⁹⁸ Sobre a descrição minuciosa dos cenários, cf. SOUSA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 111.

A tática de instrução a partir de modelos e anti-modelos de virtude, com o castigo para as personagens viciosas e a recompensa para as virtuosas, foi outra característica do romance moderno explorada pelos romances que circularam na Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822), conforme já informamos anteriormente, e pelos romancistas lusitanos oitocentistas, como pode ser constatado em *Coisas Espantosas*, *O Arrependimento* e *O Bem e o Mal*.

Em *Coisas Espantosas* as personagens Carlota e Manuel de Castro, que extrapolam os limites e as regras sociais em nome da ambição e da ganância que substancia o mundo interior delas. O romance narra a história de Augusto, um menino que no início da trama tem nove anos; Carlota, uma jovem de vinte anos; Gregório Redondella, o fiel escravo; seu amo, Ignacio Botelho, e Manuel de Castro, homem ambicioso e dissimulado. A trama apresenta personagens materialistas que permitem ao autor explorar os modelos e anti-modelos de virtude em relação ao comportamento humano. Nessa obra, Camilo Castelo Branco observa com argúcia os costumes da sociedade portuguesa oitocentista e a hipocrisia humana que permeia as relações sociais e os valores morais da época. O romance dissecou a miséria humana representada pela ambição e pela ganância de Carlota e Manuel de Castro, que lutam inconsequentemente por dinheiro, poder, joias, ouro e *status* social. Essas personagens constituem uma arte literária característica do romance moderno, que oferece ao leitor a oportunidade de examinar os comportamentos da alma humana:

- É muito dinheiro, não é, Manuel? Disse Carlota com alegria.
- Eu te digo, menina... isto deve somar para mais de cinco contos, não falando nos quatro da dívida do governo, e nos dez mil cruzados depositados em a mão do conde; estas duas quantias não há remédio senão perdê-las.²⁹⁹

O excerto refere-se ao momento em que Carlota descobre que seu amo e amante, Ignacio Botelho, haveria de lhe deixar uma fortuna em dinheiro, joias e patrimônio assim que agonizasse e tivesse a última convulsão de vida, o que não tardaria a acontecer. Esse ponto do enredo pode ser considerado o conflito que determina o nível de expectativa aplicado à narrativa, responsável por gerar a dicotomia vício-virtude.

Os estudos sobre o romance apontam a valorização da moral³⁰⁰ como uma das principais características do romance moderno inglês e francês dos Setecentos. Essa é uma

²⁹⁹ BRANCO, Camilo Castelo. *Coisas Espantosas*. 6 ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1917. p. 22.

³⁰⁰ Sobre o desejo de simular a verdade e a valorização da moral, cf. SOUSA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f.

característica comum também aos romances portugueses produzidos no século XIX, nos quais a moral está representada nos enredos pelos comportamentos considerados exemplares para a sociedade. É pelas ações de Gregório e Rosa, em *Coisas Espantosas*, que Camilo Castelo Branco aborda as contradições entre origem social e caráter.

Gregório é o galego trabalhador, que honestamente constrói fortuna até enriquecer. Sua mulher, Rosa, também ascende socialmente e é elevada com dignidade pelo narrador: mulher de baixa extração econômica e social, conquista o direito de gozar em pé de igualdade das condições com que eram tratadas as mulheres da elite. Há, pois, aqui duas questões. A primeira: Gregório e Rosa são usados pelo narrador como representação do bom caráter e da moral, ao viverem socialmente com dignidade. A segunda: as mesmas personagens são usadas como contraste em relação ao comportamento inescrupuloso e dissimulado de Carlota e Manuel de Castro.

A pureza de Gregório e o espírito de humanidade que reside na alma do galego são descritos pelo narrador quando a personagem deixa-se enganar pela terceira vez por Carlota e Joana. Numa dessas situações, diz o narrador:

Esta terceira queda de Gregório é menos desculpável que as outras: atendendo, porém, a que o coração humano, despojado das galas do amor, se veste de preto, repele o doce alimento das sensações generosas, e ama nutrir-se de vícios e indignidades, tem desculpa o coração de Gregório como o de tantos Manfredos, que o leitor festeja e imita, porque não nasceram em S. Thiago de Compostella. Sempre injustos e inconsequentes, olhamos com certa seriedade e acatamento para o homem bem nascido e educado, que sofreu reveses na luta do coração com a sociedade, ou tragou o fel da perfídia, e protestou depois vingando-se da espécie humana, seja imolando no altar da sua vingança inocentes virgens de quem se fez adorar, seja afrontando perigos da guerra, e barateando a vida contra a morte que lhe a respeita, e devolve cheia de invejáveis triunfos.³⁰¹

Ao lermos o excerto, depreendemos que a literatura proporciona as mais variadas experiências humanas vividas por meio da obra de ficção. Em especial nas páginas dos romances, é possível perceber a supremacia dos fortes sobre os fracos, desprovidos dos poderes que a sociedade pode oferecer; a astúcia dos espertos sobre aqueles que têm na essência da alma valores considerados quase obsoletos no mundo moderno, como a crença e a

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 115.

³⁰¹ BRANCO, Camilo Castelo. *Coisas Espantosas*. 6. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1917, p. 18.

inocência. As atitudes de Carlota e Manuel de Castro em *Coisas Espantosas*, representadas pela literatura, permitem conhecer as “verdades ocultas da realidade humana”³⁰².

O romance mostra como Camilo Castelo Branco desenvolve seus modelos de personagens. Notamos a defesa do respeito ao indivíduo, que paradoxalmente pode ser bom e tomar atitudes impensadas e condenáveis, ou pode ser mau e mudar de comportamento, passando a praticar gestos nobres. A mudança de comportamento independe de origem e posição social, como podemos perceber em Carlota e Manuel de Castro, que, no desenvolvimento do enredo, mostram a possibilidade de regeneração humana.

Carlota e Manuel de Castro apresentam o que Arnaldo Franco Júnior, baseado em E. M. Forster, chama de alto grau de densidade psicológica, por se tratar de uma personagem que é: “imprevisível, surpreendendo o leitor ao longo da narrativa, pois representa de modo denso a complexidade, os conflitos e as contradições que caracterizam a condição humana e, nesse sentido, não é redutível aos limites de sua categoria social”.³⁰³

Nessa perspectiva, Carlota e Manuel de Castro podem ser enquadrados na categoria de personagens que, depois de atos inescrupulosos cometidos contra outrem, recebem a punição dos vícios e se transformam, humanizando-se e arrependendo-se das malvadezas que praticaram. Esse tipo de construção de personagens confere ao texto um efeito moralizador sobre o leitor. De fato, a serem consideradas as proposições de Jonathan Culler (1999), a prosa de ficção tem na relação com a sociedade uma das funções básicas da literatura:

Uma razão por que os leitores atentam para a literatura de modo diferente é que suas elocuições têm uma relação especial com o mundo – uma relação que chamamos de “ficcionalidade”. A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos, um público implícito (um público que toma forma através das decisões da obra sobre o que deve ser explícito e o que se supõe que o público saiba). As obras literárias se referem a indivíduos imaginários e não históricos.³⁰⁴

A relação entre literatura e sociedade é responsável pela comunicação estabelecida entre o leitor e as múltiplas ideias explícitas e implícitas no texto literário, fato que conduz à reflexão sobre comportamentos, virtuosos ou não, que influenciam de forma positiva na formação ou melhoria do seu caráter. Segundo Llosa, podemos compreender a função do

³⁰² LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 30.

³⁰³ FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2003, p. 39.

³⁰⁴ CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Limitadas, 1999, p. 37.

romance como resultado de uma experiência compartilhada capaz de moldar o caráter de quem o lê: “O romance não começa a existir quando nasce, por obra de um indivíduo; só existe realmente quando é adotado pelos outros e passa a fazer parte da vida social, quando se torna, graças à leitura, experiência partilhada”.³⁰⁵ Nessa perspectiva, reside o fato da circulação e recepção das obras portuguesas terem aceitação entre os leitores luso paraenses.

O jogo com a moral é explorado também em *O Bem e o Mal*. Nesse romance, a moral da história, representada por dois grupos de personagens, esboça “uma face do bem e outra do mal desta vida, tão infamada por uns como glorificada por outros”.³⁰⁶ O bem está na conduta de Ladislau, Peregrina, Padre João, Casimiro, Cristina, José Pastor e D. Eugênia, enquanto que a face do mal é percebida no comportamento de D. Alexandre, D. Soeiro, Vasco e Gonçalo. Essas personagens, organizadas em grupos que representam o bem e o mal a partir de uma visão maniqueísta, são caracterizadas por um conjunto de ações antagônicas expressas por meio dos vocábulos “amizade”, “amor”, “justiça”, “perdão”, “amor”, “respeito”, “justiça”, “caridade”, “construção”, “paz” e “vida”, em contraposição com as palavras “inimizade”, “ódio”, “injustiça”, “vingança”, “impiedade”, “destruição”, “violência” e “morte”.

Como se vê nas entrelinhas das cartas de Condessa de Azinhoso a Duarte Bittencourt, no duelo entre o bem e o mal, as intenções de D. Alexandre de destruir a vida do pobre jovem acadêmico Casimiro e da fidalga Cristina, que lutavam pelo direito de sobreviver e de serem felizes, e de Vasco e Gonçalo, em relação ao martírio imposto à vida amorosa de Eugênia, são representativas de como a opressão priva o homem de liberdade.

A segunda carta dizia:

“É horrível esta opressão. Tenho medo de morrer abafada pela angústia. Vem, aproxima-te, dá-me alentos, se não prefiro antecipar a morte. Ai! Que soledade! Que abandono nesta hora! Vem, vem, D. que eu queria ver-te antes de morrer! E.”³⁰⁷

Excetuando-se o fim trágico da história de amor de Eugênia e Duarte, paralela ao enredo principal do romance, a face do bem sai vitoriosa. Graças às atitudes de Ladislau, Guilherme Lira e D. Eugênia, compassivos com seus semelhantes, os protagonistas do

³⁰⁵ LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, 2009, p. 23.

³⁰⁶ BRANCO, Camilo Castelo. **O Bem e o Mal**. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 255.

³⁰⁷ BRANCO, Camilo Castelo. **O Bem e o Mal**. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946. p. 247.

romance vencem as opressões sociais e garantem o direito à liberdade, conforme propõe a filosofia de Jean-Jacques Rousseau no seu *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*.³⁰⁸

Camilo Castelo Branco também não hesitou em demonstrar antipatia pelo estilo de vida burguês e o expôs de forma sarcástica na descrição de Manuel de Castro, personagem que representa, na primeira parte do enredo, o homem boêmio que circulava na sociedade de Lisboa:

Era o amante clandestino de Carlota, um desses centenares de homens, sem profissão conhecida, ou conhecidamente honesta, que vagamundeam nas ruas de Lisboa, umas vezes ostentando uma prosperidade misteriosa, outras vezes mostrando nas coçadas casacas e na maceração das caras o outro bico do dilema, em que trazem bifurcada a existência, tão irrisória na grandeza como na miséria.³⁰⁹

Chamava-se Manuel de Castro, era filho de um brigadeiro realista, que se estava batendo nas linhas de Lisboa, enquanto ele, desde os vinte anos vadio, vivia das alternativas do jogo, e desbaratava os poucos recursos de sua mãe, quando a sorte lhe era adversa.³¹⁰

A propósito da capacidade dos romancistas portugueses de registrarem o estilo de vida burguês e os conflitos humanos, especialmente percebida nas páginas dos romances camilianos por meio de personagens como Manuel de Castro, por exemplo, Antônio José Saraiva afirma que

a sua [Camilo Castelo Branco] obra traz até nós o palpitar humano das províncias nortenhas no seu tempo, com uma vida e uma densidade que nenhum outro ficcionista voltou a captar. É o nosso grande mestre da narrativa densa, rápida, de objetividade inteiramente persuasiva e pungente nas melhores páginas que escreveu.³¹¹

O estilo de vida burguês também aparece como elemento de crítica por Camilo Castelo Branco em *A Neta do Arcediogo*, romance que narra a história de Luiz da Cunha, personagem debochada, que se envolve em situações de perigo. Uma de suas principais peripécias é fingir que se regenerou, a fim de casar-se com Assucena e conseguir um bom dote. Após o fracasso do seu plano, Luiz abandona a moça, envolve-se em uma briga e é preso. Para sair da prisão, tem a fiança paga por Liberata, uma cortesã. Ambos passam a viver juntos e a mulher sustenta-lhe o luxo e o vício do jogo. Seu final é trágico: depois de se

³⁰⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Clássicos Filosofia.

³⁰⁹ BRANCO, Camilo Castelo. **Coisas Espantosas**. 6. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1917, p. 11.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 11.

³¹¹ SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 16. ed. Lisboa: Porto, 1989, p. 813-814.

envolver em vários crimes, é morto em uma tentativa de invasão à casa de Assucena, que morre louca, ao descobrir o corpo sem vida de seu amado Luiz da Cunha.

Assim como fez com Manuel de Castro, em *Coisas Espantosas*, o romancista critica o estilo de vida burguês vivido por Luiz da Cunha, personagem galhofeira, fingida e interesseira. Ambas as personagens sobrevivem da exploração financeira de mulheres para desfrutarem de uma vida boêmia e sustentarem o vício do jogo. Da mesma maneira, o autor denuncia o comportamento de Roberto, personagem do romance-folhetim *O Arrependimento*, que tem uma *performance* viciosa caracterizada pelo comportamento amoral e inculto: tratava-se de pessoa injusta, mal educada, ladra, cuja personalidade fora moldada por meia dúzia de amigos vadios.

Essas personagens eram capazes de edificar os leitores por serem elas a representação de padrões ou não de conduta moral, princípio bastante explorado pelos romancistas da época. Afinal, a moralidade era considerada critério de avaliação do romance pela crítica literária do século XIX, como notamos nos escritos de Andrea Müller:

Os críticos de até meados do século XIX tinham critérios bastante diferentes dos atuais na avaliação de um texto. A maior parte dos homens de letras, tanto brasileiros quanto estrangeiros, tinha na moralidade o principal parâmetro para avaliar romances: o bom romance era, sobretudo, aquele capaz de edificar seus leitores. Essa diferença de critérios ajuda a explicar o fato de muitos romancistas hoje consagrados não terem agradado aos críticos seus contemporâneos.³¹²

Da mesma maneira, Márcia Abreu, ao desenvolver pesquisas sobre os problemas de História literária e interpretação de romances, afirma que a moral, no caso dos romances, era um critério de avaliação central, princípio que dava aos textos uma finalidade prática, principalmente na primeira metade do século XIX, mas que se estendeu por todo o Oitocentos, conforme podemos examinar na citação abaixo:

No caso dos romances da primeira metade do século XIX, isso significa considerar a moral como um critério de avaliação central. Os leitores (que poderiam ser subdivididos, grosso modo, em leitores comuns e letrados) estavam convencidos de que a leitura tinha efeitos sobre o comportamento daquele que lê, de modo que um dos quesitos mais presentes na avaliação da qualidade de um romance era a moralidade interna à narrativa e sua capacidade de provocar comportamentos virtuosos nos leitores (ALMEIDA, 2013; MULLER, 2012; DONEGÁ, 2013). É verdade que, na segunda metade do XIX, alguns autores começaram a se recusar a identificar finalidades externas aos textos, centrando seu interesse em aspectos formais. Entretanto, a difusão social dessas ideias no XIX foi pequena e custou a se tornar hegemônica. Por isso, é um anacronismo flagrante olhar para a produção literária da primeira metade do XIX com essa perspectiva, uma vez que todos

³¹² MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. **Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista**. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/440/405>>. Acesso em: 8 dez. 2018, p. 41.

naquele momento estavam convencidos de que os romances deveriam ter uma finalidade prática: moralizar e instruir, ao mesmo tempo em que deleitassem e emocionassem os leitores.³¹³

Assim, é possível perceber que os romancistas portugueses trabalham a poetização dos acontecimentos por meio de um projeto literário moral, quando traz à tona questões sociais inseridas no cotidiano do homem moderno, como, por exemplo, a ambição por bens materiais, em *Coisas Espantosas*, e o casamento por conveniência e suas consequências numa sociedade patriarcal, em *Os Brilhantes do Brasileiro* e mudança comportamental de caráter em *O Arrependimento*.

A circulação dessas narrativas estava fundamentada na premissa de que o romance tem função moralizadora, por ser considerado “um dos denominadores comuns ao reproduzir experiências humanas”³¹⁴, com alguns desfechos que apontam para a valorização da moral, tal como o arrependimento de Carlota e Manuel de Castro em *Coisas Espantosas*; a regeneração e a mudança de caráter de Roberto, fruto da convivência com a prima Valentina, em *O Arrependimento*; a loucura e morte de Carlota e Assucena, personagens de *Coisas Espantosas* e *A Neta do Arcediago*, respectivamente; e os casos de Albertina, que viveu seus últimos dias como mendiga às margens do Mirante, e João Crisóstomo, que, como punição, morreu encarcerado, vítima de tuberculose, ambas personagens em *A filha do Doutor Negro*. Essas histórias apresentam desfechos que expressavam arrependimento ou punição dos vícios e davam ao texto um efeito moralizador, capaz de proporcionar ao leitor a reflexão sobre suas atitudes na sociedade.

Situação contrária, em que a virtude é recompensada, também dava sustentação aos argumentos a favor do romance, como podemos perceber em *A Gratidão* e *O Arrependimento*. No primeiro, Rosinha tem uma vida marcada por tragédias, sofrimentos e humilhações, porém é recompensada quando ascende socialmente, deixando para trás a vida de menina pobre, mendiga, lavadeira e camponesa para receber o título de professora. Aqui reside a ideia de que o esforço, o caráter, a força de vontade e a educação vencem as barreiras sociais.

No segundo, Roberto, ao abandonar a vida de malandragem e injustiças, consegue transformar-se em um homem íntegro e honrado. A valorização das virtudes que predomina no fim da história leva à conclusão de que a regeneração do homem pelo arrependimento não

³¹³ ABREU, Márcia. **Problema de História Literária e interpretação de romances**. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7364/5035>>. Acesso em: 8 dez. 2018, p. 42.

³¹⁴ LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 21.

é utopia e de que o meio pode influenciar de maneira positiva ou negativa. E assim o autor encerra o romance:

Recolhi-me à casa fazendo para mim as seguintes reflexões: Que a regeneração do homem pelo arrependimento não é utopia, e que a sociedade e a sua organização é que são as causas principais, que ocasionam que muitos de seus membros não se regenerem, por lhe embargarem ou matarem logo algumas centelhas de virtude, que ainda tinham no coração.³¹⁵

A reflexão do narrador de *O Arrependimento* remete à ideia de que a literatura não é “um passatempo de luxo”. Mais que isso, Llosa a considera essencial para a formação humana:

é uma das ocupações mais estimulantes e fecundas da alma humana, uma atividade insubstituível para a formação do cidadão numa sociedade moderna e democrática. De indivíduos livres, e que, por isso, deveria ser inculcada nas famílias desde a infância e deveria fazer parte de todos os programa de educação como uma das disciplinas básicas.³¹⁶

No contexto de vícios e virtudes reunidos nas páginas dos romances portugueses oitocentistas que circularam na imprensa paraense, encontram-se inseridos o deleite e a instrução, máxima de Horácio. De acordo com Simone Cristina Mendonça, “instrução e deleite foram, assim, duas justificativas utilizadas pelos romancistas, que tiveram papel importante na legitimação de seus escritos, inserindo defesa nos prefácios ou mesmo em trechos dos romances”.³¹⁷ O deleite reside no fato de as narrativas folhetinescas, num primeiro momento, provocarem prazer no leitor por meio das histórias narradas, ao passo que a instrução se dá pela valorização do aspecto moral, em que o romancista explora os temas sociais depois do plano ficcional como forma de evidenciar virtudes e vícios, levando o leitor a repensar atitudes, ou seja, usando a literatura como instrumento de mudança de comportamento e humanização.

A crítica aos valores aristocráticos³¹⁸ foi também um recurso utilizado pelos romancistas setecentistas ingleses em romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de

³¹⁵ BRANCO, Camilo Castelo. *O Arrependimento*. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b17590437.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018, p. 10.

³¹⁶ LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 20.

³¹⁷ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)**. 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 96.

³¹⁸ Sobre as convenções culturais aristocráticas, cf. Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)**. 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 119.

Janeiro. Esse recurso também foi explorado pelos lusos para denunciar a sociedade patriarcal em que predominava, principalmente, a supremacia do homem nas relações sociais e familiares e vai de encontro à proposta de uma sociedade na qual a mulher poderia exercer o papel de liderança nos grupos nos quais está inserida e nas próprias decisões em relação à vida pessoal.³¹⁹

O comportamento patriarcal é o tema de *A Filha do Doutor Negro*, de Camilo Castelo Branco, que mergulha na história de amor entre Albertina, filha de Francisco Simões de Alpedrinha, e João Crisóstomo, um espanhol de variadas profissões, uma delas relacionada aos estudos de língua francesa.

Albertina e João Crisóstomo são impedidos pelo doutor negro de ficarem juntos, mesmo após empreenderem fuga. O pai da moça tinha uma imensa afeição pelo militar Antônio da Silveira, a quem dava o consentimento para que cortejasse a filha: “Disse ao cadete que não se reprimisse, quando tivesse que dizer com referência a Albertina”.³²⁰ A moça, contudo, não tinha nenhum sentimento de amor pelo homem: “A filha do doutor negro não amava o hóspede, nem mesmo lhe admirava o porte esbelto e marcial”.³²¹ Recusando-se a casar-se com o pretendente escolhido pelo pai, Albertina é levada ao convento dos Remédios, em Braga, e, após uma tentativa de fuga frustrada, João Crisóstomo é encarcerado sob a acusação de raptar a moça.

A diferença de classe social entre os amantes é o obstáculo entre a filha do nobre doutor negro e o plebeu João Crisóstomo, mesmo este gozando de bom nome na sociedade:

Este moço, chamado João Crisóstomo, gozava todo o bom nome que pôde ter-se naquele modo de vida, e era benquisto. Fora em menino para o Brasil, enviado por seu pai, lavrador das cercanias do mosteiro de Vairão. Esteve lá uns dois anos bem acreditado com o patrão! Porém, como a saúde lhe escasseasse, voltou para Portugal. O pai, que não era dos mais razoáveis, e tinha outro filho a quem deveras queria, recebeu-o de má sombra. João pedia-lhe que lhe deixasse ordenar; o pai deu-lhe uma enxada, e mandou-o roçar tojo. Era o moço débil e enfermiço: não pôde com as asperezas da lavoura, e fugiu para o Porto.³²²

³¹⁹ Sobre as relações familiares na sociedade burguesa do século XIX, cf. SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 121.

³²⁰ BRANCO, Camilo Castelo. **A Filha do Doutor Negro**. 2. ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870, p. 12

³²¹ Ibidem, p. 10

³²² BRANCO, Camilo Castelo. **A Filha do Doutor Negro**. 2 ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870. p. 28-29.

Albertina enfrenta todos os percalços que impedem a concretização de sua história de amor: desobedece ao pai e entrega-se a um relacionamento cujo final é infeliz. Da mesma maneira, a desobediência ao pai ocorre com Adelaida, a protagonista de *A filósofa por amor*, romance da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, analisado por Simone Cristina Mendonça. A semelhança de atitudes entre as protagonistas Albertina e Adelaida leva-nos a sustentar o ponto de vista da autora, que, baseada nos estudos de J. Paul Hunter, afirma que:

As atitudes da protagonista revelam outra característica do romance moderno, inserida numa sociedade burguesa, na qual as relações familiares foram, de certa forma, abaladas pela diminuição do peso da autoridade paterna, enquanto os jovens filhos, retratados de decisões importantes, como o amor e a carreira, ganharam espaço, apontando para o rompimento de algumas tradições aristocráticas.³²³

Em *O Bem e o Mal*, o tema é o patriarcalismo. Trata-se da história do amor proibido vivido por Cristina e Casimiro: de classes sociais diferentes, ela era filha de um homem honrado e conceituado, conhecido por Rui de Nelas; ele, filho órfão, sobrinho de um carpinteiro, considerado por D. Alexandre, o prometido da moça, como “o cão imundo”.³²⁴

Condenada pelo pai a ser isolada num convento, castigo comum para punir as filhas desobedientes, Cristina resolveu ir de encontro às regras sociais e fugiu com o homem que amava. A atitude da protagonista desencadeou no seio da família o ímpeto opressor em relação à condição feminina da mulher do século XIX, responsável por provocar o mal disseminado durante a narrativa. Houve na ação de Cristina a quebra do patriarcalismo e da sujeição da mulher ao poder do homem. Tal procedimento pode ser reconhecido no contexto do Pará Oitocentista, especialmente numa época em que os abastados seringalistas negociavam o casamento das filhas com os portugueses que pretendiam fazer fortuna na província paraense.

A educação em convento é assunto nas páginas dos romances portugueses. Geralmente, as moças eram enclausuradas em uma casa de comunidade religiosa para serem educadas ou por terem se tornado órfãs, como no caso da condessa de Azinhoso – “Eugênia, muito mais nova que seus irmãos, saiu também de Pinhel, aos doze anos, em 1806, para ser educada em convento, visto que sua mãe tinha morrido, e sua cunhada a tratava

³²³ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões**: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822). 2007. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007, p. 121.

³²⁴ BRANCO, Camilo Castelo. **O Bem e o Mal**. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 104.

asperamente”³²⁵ –, ou por punição, quando a mulher desobedecia a vontade do pai em relação ao casamento. A criada Brites narra a perpetuação do poder patriarcal na família de Eugênia, que por mais de seis décadas internara aquelas que contrariavam os Nelas: “E conta três idênticas e desventurosas histórias, que ela presenciou em sessenta anos de serviço naquela família: três mulheres sepultadas em conventos onde nunca entrou raios de contrição nem conforto.”³²⁶

Em *Os Brilhantes do Brasileiro*, também há o relato de um amor contrariado, como ocorreu entre Albertina e João Crisóstomo. A trama conta a história da jovem fidalga Ângela de Noronha Barbosa, filha do general Simão de Noronha Barbosa, o Conde de Gondar, apaixonada por um plebeu pobre, estudante de medicina, mas obrigada pelo pai a casar-se com um brasileiro rico. Ao contrário de Albertina e Assucena, a protagonista do romance mostra-se inicialmente submissa e obediente à autoridade paterna, que representa a supremacia do homem nas relações sociais da família, aceitando casar-se com um homem que não amava.

A obediência de Ângela confirma o poder patriarcal. Como o matrimônio entre pessoas de classes sociais diferentes não era tolerado, ela aceita casar-se sem amor com Hermenegildo, tornando-se infeliz, apenas para satisfazer a vontade do pai, pois unir-se ao homem que amava lhe era negado. Entretanto, no decorrer da narrativa, a protagonista rompe com os paradigmas sociais quando resolve ajudar o homem que amava a concluir o curso de medicina. Para isso, manda a sua criada Victorina vender os brilhantes que ganhara de Hermenegildo, o marido brasileiro, como prenda de noivado. O estratagema, no entanto, não demora a ser descoberto pelo marido.

Ângela cobrou alento, ergueu a face, enxugou as lágrimas, e disse serenamente:
 – Não prendas a criada que ela está inocente!
 – O quê?!
 – Victorina não roubou os brilhantes.
 – Então quem diabo os roubou?
 – Mandei-os eu vender.
 – Tu?! Pra quê? O dinheiro deles que lhe fizeste? – exclamou o marido, fazendo ambos os pés atrás, e tressuando novos repuxos de aflito suor. – Tu mentes, Ângela! Dizes isso para livrar a criada, não é verdade?
 – A verdade é que Victorina está inocente. Castiga-me, se queres, que os brilhantes foram vendidos por minha ordem, – tornou ela com admirável serenidade.
 – Que fizeste ao dinheiro, tu? - ululou Fialho, sopesando com as mãos o arquejar do abdômen.
 – Gastei-o.
 – Em quê? Não tinhas o que te era necessário?!
 – Tinha; mas... gastei o dinheiro...

³²⁵ BRANCO, Camilo Castelo. *O Bem e o Mal*. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946, p. 183.

³²⁶ *Ibidem*, p. 199.

- Com quem? Com quem? – torno a perguntar com dez milhões de diabos, com quem gastaste um conto e seiscentos e...
- Não foi em coisas que me desonrassem, nem a ti...
- Então diz em que foi?
- Não posso.
- Não podes? Raios!... pois não podes? Então quem é que pode?
- Não posso.³²⁷

Ângela, após intenso sofrimento nascido de um casamento imposto pelo pai, encontra a felicidade ao lado de Francisco Costa. O caso de Ângela pode deixar dúvidas em relação ao quesito moral, pelo fato de ela e o médico não terem sido punidos, como ocorreu com Albertina e Assucena. De modo geral, as quatro personagens quebram paradigmas sociais numa época em que a sociedade era extremamente conservadora. Afinal, a submissão a uma sociedade aristocrática foi rompida. Assim, Ângela, Cristina, Assucena e Albertina representam mulheres que deixaram de submeter-se às regras impostas pela sociedade patriarcal, mesmo à custa de sofrimento e morte, como no caso das duas últimas personagens.

Além de colocá-las como mulheres não convencionais, a atitude dessas personagens representa a importância do romance moderno no sentido de romper e denunciar estruturas sociais que vinham se perpetuando há séculos e introduz novas concepções de pensamento, como a possibilidade de uma sociedade matriarcal em que é possível também, em termos de igualdade masculina, gerenciar um núcleo social ou familiar, mas, acima de tudo, ter voz e poder de decisão sobre os destinos da própria vida.

A *Corista*, de Luiz de Magalhães, de 1890, conta a história de Carolina e Daniel, que, após o casamento, trabalharam juntos para construir uma vida digna e honrada. Publicado num período em que o Realismo em Portugal estava em voga, o romance apresenta um tom narrativo menos subjetivo do que o estilo romântico presente nas páginas dos romances de Pinheiro Chagas e Camilo Castelo Branco e mostra as incoerências do ser humano como reflexo das relações sociais nas quais está inserido.

Carolina era uma mulher dotada de princípios familiares e honrava o casamento. Porém, diante da doença do marido e das misérias e mazelas que perturbavam a vida do casal, foi obrigada a trabalhar numa companhia de teatro, emprego considerado por ela indigno de mulher casada e de família, principalmente porque as artistas eram alvo de homens influentes à procura de “carne fresca”.³²⁸ O desfecho da trama sugere que Carolina, contra os seus princípios e influenciada pelo meio sucumbiu aos apelos mundanos, cedendo à degeneração e

³²⁷ BRANCO, Camilo Castelo. **Os Brilhantes do Brasileiro**. 9. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1922, p.13-14.

³²⁸ MAGALÃES, Luiz de. *A Corista*. **A Província do Pará**, Belém, 18 jan. 1890, Folhetim, p. 1.

reforça as teorias científicas que embasavam os romances realistas, pois romancistas influenciados por Hypolite Taine e sua *Filosofia de arte*, tornam-se adeptos do *determinismo*, segundo o qual a obra de arte seria determinada por três fatores: o meio, o momento e a raça, como se depreende da conclusão da narrativa.

Que fora? Que houvera? Que se passara nesse ano que eu não voltara ao teatro? Que epílogo teria tido o drama [...]. Não o indaguei, não o quis mesmo saber. Só com espanto e [...] reparei que o seu costume era novo, que o seu *maillot* era agora de seda – e que nos lóbulos rosados das suas orelhas dois grandes solitários ardiam, cambiando os seus fogos bisados...³²⁹

A leitura do romance dialoga com a filosofia de Jean-Jacques Rousseau, que idealiza o homem em seu estado natural, considerado o bom selvagem, até ser contaminado e transformado pela sociedade em que vive.³³⁰

O século XIX foi um período de profundas transformações socioculturais no âmbito europeu, em decorrência, fundamentalmente, das Revoluções Industrial e Francesa, na Inglaterra e na França, respectivamente. Ambas as revoluções, ocorridas em meados do século XVIII, deflagraram a decadência do mundo antigo, levando de roldão seus valores aristocráticos e sua arte cortesã, e determinaram, em definitivo, o surgimento do mundo capitalista burguês moderno. Com efeito, a dupla revolução, com a consequente ascensão da burguesia, modifica radicalmente a estrutura medieval até então vigente, dando início ao longo século XIX.³³¹ O surgimento do mundo moderno está presente nas páginas dos romancistas portugueses por meio de suas personagens e faz com que essas narrativas recebam o *status* não apenas de histórias de amor, mas façam parte de um universo ficcional que mostra a seriedade como elemento fundamental na construção das narrativas portuguesas de ficção publicadas nas páginas dos jornais oitocentistas.

Numa primeira leitura, esses romances recebem o estatuto de estórias de entretenimento porque “são os episódios em que não ocorre algo relevante, e de que, terminada a leitura, mal se recorda. Coisas técnicas, que à primeira vista não promete muito”³³². Era justamente dessa forma que os romances-folhetins eram percebidos pela crítica literária da época. Esse preconceito, resquício do mundo antigo, que tentou sufocar o gênero

³²⁹ MAGALHÃES, Luiz de. A Corista. **A Província do Pará**, Belém, 26 jan. 1890, Folhetim, p. 1.

³³⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Clássicos Filosofia.

³³¹ Cf. MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

³³² *Ibidem*, p. 823.

por meio dos detratores do romance³³³, foi responsável por emitir esse tipo de juízo de valor que deixou grande parte dessa arte de fora das histórias literárias.

Assim sendo, a moralidade foi critério basilar estabelecido pela crítica literária no Oitocentos, conforme relata Márcia Abreu, ao ponderar questões sobre os inconvenientes das leituras frívolas e lascivas.

Embora fonte de inconvenientes físicos, há leituras que valem a pena, enquanto outras são unicamente perniciosas. Dentre estes, muitos incluem a leitura dos romances, tida como perigosa, pois faz com que se perca tempo precioso, corrompe o gosto e apresenta situações moralmente condenáveis.³³⁴

No entanto, vários pesquisadores como Márcia Abreu, Germana Sales, Yasmin Nadaf, Socorro Pacífico Barbosa e outros já mencionados neste estudo debruçaram-se sobre o tema da arte que emergiu da relação entre a imprensa e a literatura e, de modo particular, o romance-folhetim, objeto desta tese, para mostrar que, por trás das aparentes amenidades inseridas nos romances, está a “seriedade” proposta por Franco Moretti. Para este estudioso, “o estilo burguês e sério do século XIX”.³³⁵

à primeira vista não prometem muito, mas são coisas em cujo labor subterrâneo depois tomam forma alguns grandes valores do século XIX: a impossibilidade, a precisão, a conduta de vida regular e metódica, certo distanciamento emotivo, em uma palavra (uma palavra que sempre voltará), “a seriedade”. Aliás, digamos de maneira abrangente, a seriedade burguesa: na França, na Grã-Betânia e na Alemanha.³³⁶

Em *A Cultura do Romance*, Franco Moretti afirma que a “narração” vai ser elemento substancial para o desenvolvimento dos enredos folhetinescos que, à primeira vista, não têm muita promessa literária. É ela que, segundo o estudioso, vai fazer a diferença na circulação dos romances do século XIX, que o distinguirão da arte pictórica, caracterizada pela descrição de cenas ou do mundo observado.

Narração: mas do cotidiano. São esses os procedimentos. Narração, porque também há sempre uma incerteza (como Elizabeth reagirá às palavras de Darcy?, e este, este aceitará passear com os Gardiner?); mas a incerteza continua a ser *local*, circunscrita, sem “consequência para o procedimento da história”. Os

³³³ Cf. ABREU, Márcia. **Os caminhos dos Livros**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.

³³⁴ ABREU, Márcia. **Os caminhos dos Livros**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.

³³⁵ Expressão usada por Franco Moretti para se referir ao gênero romance-folhetim do século XIX. Cf. MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 824.

³³⁶ MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

preenchimentos, por assim dizer, conservam o conto no interior do *caráter ordinário* da vida. Sente-se aqui a sua profunda afinidade com aquela civilidade das boas maneiras tão importantes no mundo de Austen; e é lógico, as boas maneiras servem justamente para conferir certa regularidade, certa forma a existência. Graças a ela, a vida cotidiana se mostra elevada, estilizada: era em parte uma comédia, e se enche de dignidade. Como os quadros de Vermeer com respeito à pintura “de gênero” holandesa: alguém olha para elas, e se dá conta de que ali ninguém mais ri, no máximo um sorriso, mas este também raramente, porque via de regra os seus personagens têm o semblante educado e composto da mulher de azul: sério. Sério, como na fórmula mágica – “imitação séria do cotidiano” – com a qual Auerbach define o realismo (e já para os Goncourt, no prefácio a *Germinie Lacerteux*, o romance era “a grande forma séria”). Sério: “Alheio a superficialidade e às frivolidades” (Batalha)...³³⁷

A “narração do cotidiano” mencionada por Franco Moretti é um elemento fundamental para a constituição da narrativa moderna, como se observa nos romances portugueses em que os ficcionistas conseguem, a partir de cenas ordinárias, transformar com habilidade o ato narrativo literário numa “atividade que se pode prescindir, um entretenimento, seguramente elevado e útil para cultivar a sensibilidade e as boas maneiras [...] indispensáveis da luta pela vida”³³⁸.

O conjunto de romances-folhetins portugueses, associados à vida burguesa, com enredos centrados na crítica comportamental, foi bem recebido pelos leitores paraenses, que aderiram com entusiasmo à novidade estampada nas páginas dos jornais da província do Pará. É a representação do “século sério” de Franco Moretti³³⁹ que ganha destaque junto à crítica literária.

³³⁷ MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify. 2009, p. 827-828.

³³⁸ LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.19.

³³⁹ MORETTI, Franco. O século sério. In: MORETTI, Franco (Org.) **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify. 2009. P. 823-863.

CONCLUSÃO

Este trabalho, que teve como objetivo recuperar os romances-folhetins portugueses na Belém oitocentista, comprovou, mais uma vez, a contribuição dos lusitanos para a formação da cultura letrada em Belém do Pará na segunda metade do século XIX.

Tal contribuição se deu por meio dos livreiros que aqui se instalaram, de um gabinete de leitura, posteriormente chamado de Grêmio Literário Português, e, conseqüentemente, a circulação de livros e a veiculação das obras em jornais, que compõem parte deste trabalho.

A circulação de livros e obras veiculadas em folhas noticiosas assinadas por portugueses como Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, J. J. Mendes Cavaleiro, Luiz de Magalhães, Joaquim M. Pinheiro Chagas, Almeida Garrett, Rebelo da Silva, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e José Victorino da Silva de Azevedo, por exemplo, evidenciam a presença de textos portugueses nas páginas dos periódicos paraenses que chegavam ao país via rotas marítimas entre Portugal e Belém do Pará.

Considerando o conjunto de descobertas literárias inseridas nos periódicos oitocentistas e, de modo particular, os romances-folhetins portugueses, é importante reconhecer a influência da cultura literária lusitana na Província do Pará. Mesmo depois de o país ter se tornado independente econômica e politicamente de Portugal, o vínculo cultural permaneceu intenso durante o século XIX, principalmente a partir da década de setenta, quando os imigrantes e, em especial, os portugueses, atraídos pela promessa de melhores condições de vida e prosperidade proporcionada pelo ciclo da borracha, vieram para o norte do Brasil. Maria Lucilena Costa, que desenvolve pesquisas sobre a cultura literária portuguesa no Pará oitocentista, confirma o vínculo cultural estabelecido entre Portugal e Brasil:

Vemos que Portugal, apesar da autonomia política do Brasil, continua a manter o domínio cultural na nova nação ao assegurar que “É necessário convencer-mos d’uma cousa, e é: convem, é da mais instante necessidade, exige a amizade fraterna, que essas léguas de quase infindo mar, que nos distanciam das praias brasileiras, não sejam interpostas senão fisicamente”. É sabido que a autonomia de uma nação não é alcançada somente com sua independência política, mas principalmente com sua autonomia cultural, desta feita, os lusitanos insistiam em manter atados os laços entre as duas nações.³⁴⁰

Há de se considerar que a presença dos portugueses na Província do Pará foi marcante não apenas pela circulação dos romances-folhetins nos periódicos paraenses, mas também em

³⁴⁰ COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **A (re)construção dos laços luso-brasileiros em jornais paraenses do século XIX**. In: XIV Encontro da ABRALIC, 2014, Belém - PA. Anais do XIV Encontro da ABRALIC - Fluxos e Correntes Literárias, 2014.

decorrência da facilidade de acesso aos romances disponibilizados para o público leitor nos gabinetes de leitura e postos à venda nas livrarias da cidade, como confirmam os inúmeros anúncios publicados nos jornais.

Outra informação relevante percebida por este estudo foi que os romances-folhetins assinados por Camilo Castelo Branco tiveram ampla divulgação nas páginas da imprensa paraense da segunda metade do século XIX. O destaque dado às obras do escritor, se comparado a outros autores portugueses, foi percebido por Germana Sales:

O anúncio de obras portuguesas durante o Oitocentos foi presente, também, em Belém, PA, quando os jornais noticiavam, com frequência, a venda de títulos de autoria portuguesa. Nos jornais *Diário de Belém*, *A Província do Pará* e *A Regeneração* foram identificados 33 (trinta e três) escritores portugueses anunciados, entre os quais se destacam Julio Diniz, Ramalho Ortigão, Almeida Garrett, Rebello da Silva, Eça de Queiroz, Faustino Xavier de Novais, Joaquim M. Pinheiro Chagas, A. M. da Cunha e Sá e **Camilo Castelo Branco, o mais presente nas folhas volantes, com 14 (quatorze) obras postas à venda.**³⁴¹ (grifo nosso)

As pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em História Literária (GEHIL) apontam que Camilo Castelo Branco tem romances publicados no *nO Liberal do Pará*, (1871-1883), no *Diário de Belém* (1868-1892), *Diário do Gram-Pará* (1876-1890) e na *Província do Pará* (1876-1890), fato que faz dele o escritor português que mais circulou nas páginas da imprensa paraense capaz de competir com o francês Ponson du Terrail, autor de inúmeros títulos de romances traduzidos que circularam em diversos periódicos da capital paraense na segunda metade do século XIX.

Entre os jornais em que aparecem os romances-folhetins de Camilo Castelo Branco, o *Diário do Gram-Pará* (1853-1892) foi o que mais publicou textos do escritor português, talvez pelo fato de os proprietários do jornal terem sido portugueses. No periódico, circularam romances-folhetins que agradaram os leitores da província do Pará: *Coisas Espantosas* (1863), *A Neta do Arcediogo* (1863), *A Gratidão* (1863), *O Arrependimento* (1863), *O Bem e o Mal* (1864) e *A Filha do Doutor Negro* (1864).

A boa recepção de Camilo Castelo Branco pela imprensa paraense oitocentista pode ser percebida, por exemplo, na nota divulgada pelo periódico *A Arena*³⁴², datado de 24 abril de 1887, que, ao denominá-lo como “o português mais português do Portugal

³⁴¹ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 204-205.

³⁴² *A Arena*, Belém, 24 abr. 1887, p. 15.

contemporâneo”, o qualifica como ilustre, venerado, talentoso em relação aos trabalhos do escritor que circulam na província.

A quantidade de anúncios sobre as obras de Camilo nas páginas dos jornais e o expressivo número de romances-folhetins publicados na coluna folhetim atestam a popularidade dos escritos junto aos leitores da Província do Pará, principalmente por tratar nos enredos dos romances de temáticas que ultrapassavam os limites de histórias do amor como a cobiça humana, o patriarcalismo, a luta entre o bem e o mal, dentro do viés da moral, conforme critério estabelecido pela crítica literária do século XIX. A importância do escritor foi tamanha que fez com que o Grêmio Literário Português criasse as Camilianas, um lugar específico para guardar apenas as obras do escritor português.

As percepções reunidas ao longo deste trabalho ratificam a ideia de a recepção do romance-folhetim não ter sido uma particularidade da sua matriz francesa, mas sim um fenômeno que teve aceitação entre o público do jornal oitocentista entre diversas nações, como se vê entre os luso-brasileiros. Afinal, as histórias de *Tristezas à Beira Mar* (1880), *A Corista* (1890), *Os Brilhantes do Brasileiro* (1871), *Coisas Espantosas* (1863), *A Neta do Arcediago* (1863), *A Gratidão* (1863), *O Arrependimento* (1863), *O Bem e o Mal* (1864) e *A Filha do Doutor Negro* são testemunhas dessa popularidade do gênero entre países diferentes.

A presença dos romances portugueses nas páginas dos jornais paraenses leva-nos a inferir que esses textos estavam entre o gosto popular em decorrência das temáticas, associadas às questões que faziam parte do mundo social dos leitores. À primeira vista, pode parecer que as histórias narradas por esses romances pertenciam ao estilo água com açúcar e, por isso, eram tratadas como amenidades. No entanto, percebemos que, por trás da aparente frivolidade das histórias de amor, ódio, vingança, perdão e fugas, está a seriedade proposta por Franco Moretti em *O século sério*.³⁴³ Os temas abordados estabeleciam relação com as ações cotidianas da vida humana, como se constata nas atitudes de Carlota e Manuel de Castro, em contraposição às de Gregório e Rosa, personagens do romance *Coisas espantosas*, representantes de virtudes e anti-virtudes, ou em Roberto, em *O Arrependimento*, cuja mudança de comportamento ilustra a capacidade de regeneração humana. Essa percepção corrobora a ideia de que o leitor de textos literários tem a possibilidade de se ver nas páginas da literatura, observar suas atitudes, sentimentos e emoções, instigando-os repensar os seus comportamentos e atitudes refletidas nas páginas do romance. Assim, a arte literária, além da

³⁴³ Sobre o século, cf. MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify. 2009, p. 823-863.

sua função estética, adquire também uma dimensão ética, capaz de conduzir à reflexão, ao questionamento e ao aprimoramento pessoal.

Enfim, este trabalho conduziu a uma conclusão mais específica: a recuperação dos romances-folhetins portugueses na Belém oitocentista que chegaram em terras paraenses por meio da imigração portuguesa no século XIX aponta que o gênero foi de fundamental importância para o desenvolvimento cultural da região ao disponibilizar textos que, além de desconhecidos aos leitores da época, contribuíram para o desenvolvimento do hábito da leitura e para formação de um público leitor.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Problema de História Literária e interpretação de romances**. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7364/5035>>. Acesso em: 8 dez. 2018. p. 42.
- ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (Org.). **História da literatura: discurso fundador**. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.
- _____. **Os caminhos dos livros**. Campinas. SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.
- AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Disponível em: <https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesquisa_bibliografica.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de (Orgs.). **Literatura Brasileira: Região, Nação, Globalização**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013.
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. Folha de São Paulo, São Paulo, 1 maio 1987, p. XX-XX.
- BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Compendio das Eras da Província do Pará**. Belém: Typographia de Santos e Santos menor, 1838.
- BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará: obras reunidas**. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf>. Acesso em 02 dez. 2018.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRANCO, Camilo Castelo. **A Filha do Doutor Negro**. 2 ed. Lisboa: Livrarias de Campos Junior, 1870.
- _____. BRANCO, Camilo Castelo. **A Gratidão**. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b34988592.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- _____. **Coisas Espantosas**. 6. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1917.
- _____. BRANCO, Camilo Castelo. **O Arrependimento**. MVB E-Books. Disponível em: <<http://library.umac.mo/ebooks/b17590437.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

_____. **O Bem e o Mal**. 11. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1946.

_____. **Os Brilhantes do Brasileiro**. 9. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1922.

BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: UNESP, 2017.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos, 1750-1880. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 25.

CAVALCANTE, Brenda de Cássia Farias. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2004.

CHAGAS, Manoel Pinheiro. **Tristezas à Beira Mar**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

COELHO, Geraldo Mártires. **Letras & Baionetas**: novos documentos para a história da imprensa no Pará. Belém: CEJUP, 1989.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Limitadas, 1999.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo. Ática. 1987, p. 5-6.

FERREIRA, Sara Vasconcelos. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; CNPq; UFPA. Relatório Técnico Científico. 2012, p. 11.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.) **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2003.

HOBSBAWN, Cleonice. Pela mão do narrador. In: **Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos**. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas. 1994.

HOHLFELDT Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900**. Tese de doutorado, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Neila Mendonça Garcês. **As narrativas camilianas no espaço folhetim do diário do Gram-Pará na década de 1860**. 2014. 101f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em letras, Belém, 2014.

LLOSA, Mário Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MAGALÃES, Luiz de. **A Província do Pará**, Belém, 17 jan. 1890, p. 1.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. **Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista**. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/440/405>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

OLIVEIRA, Raimunda Iolanda Sousa de. **Manifestações literárias femininas no jornal A Folha do Norte: romances-folhetins na última década do século XIX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2006.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa**: Abordagem teórico-prática. 16. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010, p. 68.

ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.

RODRIGUES, Almir Pantoja. Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870). 2008. 114f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém. 2008.

_____. **Prosa de ficção nas páginas do Diário de Belém (1860-1900)**. In: XIV Congresso internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Anais da ABRALIC. Belém: UFPA, 2015. p. 02. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/?p=2&ano=2015>>. Acesso em: ?.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Clássicos Filosofia.

SALES, Germana Maria Araújo. **Colunas Literárias**: Variedades, Miscellaneas, Litteratura, Folhetins. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/GermanaMaria.htm>. Acesso em: 08 mai. 2016.

_____. Colunas Literárias: Variedades, Miscellaneas, Litteratura, Folhetins. In: 15º COLE – Congresso de Leitura do Brasil: Pensem nas crianças mudas telepáticas, 2006, Campinas. 15º COLE – Congresso de Leitura do Brasil: Pensem nas crianças mudas telepáticas, 2006, v. 1, p. 1-5.

_____. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelaces**. Fortaleza – Ceará. Ano I – nº 1, p. 01-13, ago. 2007.

_____. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelaces**. Fortaleza – Ceará. Ano I – nº 1, p. 01-13, ago. 2007. Disponível em: <www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>. Acesso em 12/10/2016.

_____. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto – leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

_____; SILVA, Alan Victor Flor da. **A relação entre periódicos e a história da literatura: a prosa de ficção de autoria portuguesa n'A Província do Pará em foco**. Raído, v. 10, p. 10-20, 2016.

_____. O romance-folhetim por entre as terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana. AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre o centro e a periferia**. Chapecó: Argos, 2013.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará**. Belém: CEJUP, 1992, p. 69.

SANTOS, Vanessa Suzane Gonçalves dos. **Ideias preliminares sobre o romance: uma leitura dos prefácios camilianos**. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 16. ed. Lisboa: Porto, 1989.

SARGES, Maria de Nazaré. A Cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza (Org.). **Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia Contemporânea (séc. XX)**. Vol. II. Belém: Coleção Contando a História do Pará, 2003.

_____. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. **Antologia do romance-folhetim (1839-1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SILVA, Ozangela de Arruda. **Pelas rotas dos livros: Circulação de Romances e Conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

SOMMER, Doris. Pelo amor e pela pátria: romances, leitores e cidadãos na América Latina. In: MORETTI, Franco (org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 309-310.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)**. 2007. 215 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007.

_____. **Letras e Livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Scortecci, 2016.

TAVARES, Anndrea Caroliny da Costa. **A imigração portuguesa nos inventários post mortem: vivências e lucros em uma capital amazônica (Belém, 1850-1920)**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis –SC.

TAVARES, Maria Lucilena Gonzaga Costa. **Gazeta Oficial: Periódico Paraense Noticioso e Literário do Século XIX**. 2008. f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Bélem, 2008.

_____. **A (re)construção dos laços luso-brasileiros em jornais paraenses do século XIX. XIV ABRALIC**. In: XIV Encontro da ABRALIC, 2014, Belém. Anais do XIV Encontro da ABRALIC – Fluxos e Correntes Literárias, 2014.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)**. São Paulo: Duas cidades, 1994.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

APÊNDICE I – JORNAIS QUE SURGIRAM NA DÉCADA DE 1870

A Esperança (1870), *A Inquisição* (1870-1871), *A Tribuna* (1870-1876), *O Dira-Dentes* (1871), *A Boa Nova* (1871-1883), *A Lanterna* (1871-1879), *A Luz da Verdade* (1871-1877), *O Máscara* (1871-1872), *O Santo Offício* (1871-1876), *A Situação* (1872), *O Pelicano* (1872-1874), *O Prenúncio* (1872), *O Diário do Commercio* (1872), *O Futuro* (1872), *O Morcego* (1872), *O Mosquito* (1872), *A Patria* (1872), *O Pyrilampo* (1872), *O Telegrapho* (1872-1873), *A União Católica* (1872), *A Constituição* (1873-1886), *A regeneração* (1873-1877), *República das Letras* (1873), *O Campeão* (1873-1874), *O Conservador* (1873), *O Filho da Viúva* (1873), *A Flamigera: Revista Maçônica* (1873), *Jornal do Commercio* (1873), *O Tacape* (1873), *A América do Sul* (1874), *O Arqueiro* (1874), *O Brasil* (1874), *O Crepúsculo* (1874), *Ensaio Escholares* (1874), *A Opinião Pública* (1874), *A Ordem* (1874), *Le Peitt Rol* (1874), *A Trombeta* (1874), *O Óculos Mágico* (1875), *A Aurora* (1875-1878), *Pium* (1875), *A Província do Pará* (1876-1908), *O Cosmopolita* (1876), *Álbum Literário* (1876), *O Democrata* (1876), *A Esperança* (1876), *O Vergalho* (1876-1877), *A Voz do Amazonas* (1876-1877), *O Espectador* (1877), *O Estímulo* (1877), *O Guttenberg* (1877), *Jornal do Povo* (1877), *A Justiça* (1877), *O Norte* (1877-1880), *O Nortista* (1877), *A Phalena* (1877), *Postilhão* (1877), *Trinta Diabos* (1877), *A América* (1878-1879), *A Puraque* (1878), *O Estafeta* (1879), *O Arlequim* (1879), *O Equador* (1879), *O Estandarte* (1879), *Gazeta do Norte* (1879), *Gazeta Mechanica* (1879) e *Gazeta Militar* (1879).

APÊNDICE II – JORNAIS QUE SURGIRAM NA DÉCADA DE 1880

Estrela D'Alva (1880), *Diário de Notícias* (1880-1898), *Hahnemann* (1880-1884), *A Revolução* (1880), *Gazeta de Notícias* (1881), *Jornal da tarde* (1881-1884), *A Liberdade* (1881-1884), *O Zé Pereira* (1882), *O Cacete* (1882), *Revista Lyrica* (1882), *O Papagaio* (1882), *A Seta* (1882-1883), *O Abolicionista* (1882), *O Club dos Vinte* (1882), *Correio do Norte* (1882-1884), *15 de Agosto* (1882), *Revista Familiar* (1883), *Revista Amazônia* (1883-1884), *A Vida Paraense* (1883-1884), *O Abolicionista Paraense* (1883-1884), *Correio das Verdades* (1883), *Diário da Tarde* (1883), *O Sorriso* (1883), *O Democrata* (1884), *Gazeta Ilustrada* (1884), *A Jangada* (1884), *A Nova Idea* (1884), *Vinte e Cinco de Março* (1884), *A Voz do Jangadeiro* (1884), *O Cosmopolita* (1885-1889), *O Agrário* (1885-1887), *A Colônia Portuguesa* (1885), *Jornal do Commercio* (1885), *A Semana Catholica* (1885), *Victor Hugo* (1885), *A República* (1886-1887), *A Amazonia* (1886), *O Echo Juvenil* (1886), *Gazeta Literária* (1886), *Iris Literário* (1886), *A Voz da Mocidade* (1886), *A Borboleta* (1887), *A Arena* (1887), *A Chrysalida* (1887), *A Semana Illustrada* (1887), *Os Bohemios* (1887), *O Commercio do Pará* (1887-1890), *A Faísca* (1887), *O Mosquito* (1887), *Novidades* (1887), *A Phalena* (1887), *Portugal* (1887), *A Semana* (1887-1889), *O Zé Povinho* (1887), *O Porvir* (1888-1889), *Jornal das Novidades* (1888), *Confederação Artística* (188-1889), *O Postigo da Lua* (1888), *Amazonia* (1888), *O Arauto* (1888), *O Aventureiro do Norte* (1888), *O Cacete* (1888), *O clarim* (1888), *Commentarios* (1888), *A Liga da Imprensa Paraense* (1888), *O Pharol* (1888), *O Timoneiro* (1888), *A Voz do Século* (1888), *O Evoluir* (1889), *O Bilontra* (1889), *A Alvorada* (1889), *Gazeta Postal* (1889), *Gazeta da Tarde* (1889), *A Troça* (1889-1890), *Revista Paraense* (1889), *O Papagaio* (1889), *Gazeta de Notícias* (1889-1890), *A Nova América* (1889), *A República* (1889), *O Intransigente* (1889), *O Caixeiro* (1888), *O Colibri* (1889), *O Estado do Pará* (1889-1895), *O Estado Federal do Pará* (1889), *A Feiticeira* (1889), *O Gavroche* (1889), *O Popular* (1889-1890), *O 15 de Agosto* (1889), *Semanario Religioso do Pará* (1889-1890), *Sílvio Romero* (1889-1890), *O Trabalho* (1889-1890), *Tribuna do Povo* (1889), *O Tributo da Colonia Portuguesa* (1889) e *31 de Agosto* (1889).

APÊNDICE III – JORNAIS QUE SURGIRAM NA DÉCADA DE 1890

O Apologista Chistão Brasileiro (1890-1908), *O Radical* (1890), *O Gladio* (1890), *Sae Cinza* (1890), *A Voz do Caixeiro* (1890-1892), *A República* (1890-1897), *O Regenerador* (1890-1891), *O Jornal do Povo* (1890), *Gazeta Musical* (1890-1892), *O Aprendiz* (1890), *Revista de Educação e Ensino* (1890-1895), *O Anão* (1890), *Correio da Tarde* (1890), *O Crepúsculo* (1890), *O Democrata* (1890-1895), *O Echo Portuguez* (1890), *Gazeta da Manhã* (1890), *Iracema* (1890), *Lágrimas* (1890), *A Mocidade* (1890), *Paulino de Brito* (1890), *O Progresso* (1890), *O Sportiman* (1890-1891), *O Pimpão* (1891-1900), *Diário Oficial do Estado do Pará* (1891-1908), *O Século* (1891), *O Atheneu* (1891), *Tribuna Operária* (1891), *Diário Popular* (1891), *O Echo* (1891), *O Echo Cearense* (1891), *O Pará* (1891), *Salão Musical* (1891), *La Voz de Espasa* (1891), *Correio Paraense* (1892-1894), *A Escola* (1892), *O Arlequim* (1892), *O Brazil* (1892), *O Christovão Colombo* (1892), *Onze de junho* (1892), *O Telephonista* (1893), *A Bandarilha* (1893), *Caridade* (1893), *O Federalista* (1893), *O Paraense* (1893-1894), *A Pátria Paraense* (1894), *Revista da Sociedade de Estudos Paraenses* (1894-1895), *O Athleta* (1894-1895), *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia* (1902) e *Boletim do Museu Goelde de História e Ethnographia* (1894-1898), *O Combate* (1894), *Estado do Gram-Pará* (1894), *Paes de Carvalho* (1894), *A Perola* (1894-1895), *A Taba* (1894-1897), *O Vigilante* (1894), *Boletim* (1895), *O Mosquito* (1895), *A Província Ilustrada* (1894), *A Palavra* (1895-1896), *O Zig-Zag* (1895-1896), *A Borboleta* (1895), *O Combate* (1895), *O Comercial* (1895), *A Época* (1895), *A Exposição* (1895), *A Lucta* (1895), *O Nacional* (1895-1898), *O Protesto* (1895-1896), *O Tim-Tim* (1895), *O Binóculo* (1896-1908), *Folha do Norte* (1896-1908), *A Risota* (1896), *A Luz* (1896), *O Carteiro* (1896-1897), *O Amigo do Povo* (1896-1897), *Ordem e Progresso* (1896-1897), *A Avenida* (1896), *A Plateia* (1896), *O Cyclista* (1896), *O Gymnasta* (1896), *O Nacional* (1896-1898), *Sal e Pimenta* (1896-1898), *A Pressa* (1897), *A Alvorada* (1897), *O Condor* (1897), *O Holophote* (1897), *Belém* (1897), *A Kermesse* (1897), *O Pará* (1897-1900), *Clube Euterpe* (1897), *O Constitucional* (1897), *Jornal Político* (1897), *A Thesoira* (1897), *O Timão* (1897-1899), *O Empregador do Commercio* (1899), *Echo Juvenil* (1899), *A Tourada* (1899), *O Aprendiz* (1899), *O Artísta* (1899) e *O Labaro* (1899-1900).

APÊNDICE IV– CATALOGAÇÃO DE TEXTOS NAS DÉCADAS DE 1860, 1870 E 1880 NO DIÁRIO DE BELÉM

TÍTULO	AUTOR	JORNAL	ANO	COLUNA	GÊNERO
<i>Conveniências</i>	Pietro Castellamare	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Prosa literária
<i>Enterrada viva</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Texto informativo
<i>Baralho de Cartas</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Conto
<i>Thesouro de Sultão</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Texto informativo
<i>Seus olhos</i>	Pietro Castelgandolfo	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>A laranjeira</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Advogado de bigode</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Crônica
<i>Contos bohemios</i>	C. Labouloye	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Maria ou o Lenço azul</i>	E. Bequet	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Prosa literária
<i>Um amor de mulher</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Henriqueta Maurel</i>	Luis de Bivar	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>O beijo</i>	Teixeira de Vasconcelos	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Crônica
<i>Carlos I, rei da Inglaterra</i>	François Vascoller	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Novela
<i>A Mulher Imortal</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Romance
<i>O pagem anão</i>	Francisco Xavier Moraes	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>O amor materno</i>	Quartely	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>O nome de Maria</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica religiosa
<i>O dever</i>	Trad. Pelletan	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>A infância</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica..
<i>A morte de Sansão</i>	Francisco Bernardino de Sousa	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa religiosa
<i>O pão duro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica humorística
<i>A segunda</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de</i>	1869	Folhetim	Romance

<i> mocidade de Henrique IV</i>		<i> Belém</i>			
<i> Folhetim do Diário de Belém (sem título)</i>	Zebedeu	<i> Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i> O cobre novo</i>	A. de C.	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> Dependência mútua dos entes</i>	Sem identificação de autoria	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> O novo defunto</i>	Sem identificação de autoria	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Lenda
<i> Folhetim do Diário de Belém</i>	Zebedeu	<i> Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i> Probidade de um sacristão</i>	Victoria Collona	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto moral
<i> Folhetim do Diário de Belém</i>	Zebedeu	<i> Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i> Modas</i>	Sem identificação de autoria	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> Roma</i>	Sem identificação de autoria	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Texto informativo
<i> Cogruação Fraterna</i>	Mendes Leal	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Poesia
<i> O infortúnio e a oração</i>	Trad. Clocher	<i> Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Conto
<i> O amor feminil</i>	Alexandre Herculano	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> Revista de modas</i>	Marie Duval	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa
<i> Mephistaphetina</i>	Guim Júnior	<i> Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto
<i> O que são as mulheres</i>	José Victorino da Silva	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> Quem não gosta de dinheiro?</i>	José Victorino da Silva	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> Phases da Vida</i>	João Ferreira Pacheco	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto m...
<i> Vingança por Vingança</i>	Mello Moraes Filho	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> A mulher</i>	Sem identificação de autoria	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i> O nariz d'ella</i>	Mephistopheles	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i> Os irmãos siamezes</i>	Sem identificação de autoria	<i> Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Texto informativo
<i> Folhetim do Diário de Belém</i>	Timbyrre	<i> Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i> Cartas a Leonor</i>	Extraído Do Diário do Rio	<i> Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Novela

<i>O aguadeiro e o leiteiro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Hymno ao Papelão</i>	Extraído	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Prosa
<i>Magros gordos</i>	Mephistopheles	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Mãe</i>	V.C.	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Litteratura	Crônica
<i>Meditação</i>	Polydoro Moraes	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>O amor</i>	Malta de Araújo	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Os primos</i>	Mephistopheles	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Prosa
<i>Folhetim</i>	Maria Quer'd Maricota	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Três papagaios</i>	J.C.N.	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Prosa literária
<i>Jullêta e Romeu</i>	Carvalho César	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Novela
<i>A mais bella roza do mundo</i>	Traduzida do dinarmaquez por H	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Conto
<i>Varietas dialectal</i>	Burtto	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>O somno como molestia</i>	Ernesto Duplesis	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Conto moral
<i>O luxo é uma questão de moralidade</i>	Joel Silvestre Ribeiro	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Folhetim</i>	Vicentelykoff	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>O suicida</i>	Extraído Do Diário do Rio de Janeiro	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Conto
<i>Fim das mulheres feias</i>	L. Guimarães Júnior	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Murmúrios d' alma</i>	Por D.	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Poesia
<i>Folhetim</i>	Anselmo	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>A moral do interesse</i>	Extraído	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Cartas de Maurício à Rachel</i>	J. Guimarães	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Litteratura	Prosa Literária
<i>Passeio por alguns lugares</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Crônica de viagem
<i>Folhetim</i>	Anselmo	<i>Diário Belém</i>	<i>de</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Uma noite de</i>	Sem identificação	<i>Diário</i>	<i>de</i>	1869	Variedade	Conto

<i>Gettschalk</i>	de autoria	<i>Belém</i>				
<i>Folhetim</i>	Aramista	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica	
<i>Cametá</i>	Saus Sauri	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica de viagem	
<i>A vida e a morte</i>	Firmino de Figueiredo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Prosa literária	
<i>A mulher no sentido burlesco</i>	Firmino Figueiredo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica	
<i>Folhetim</i>	Valfriddisa	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica	
<i>De que serve uma viagem de recreio a um mancebo passador</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Conto	
<i>Folhetim</i>	Aramista	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica	
<i>A história de uma improdência</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto	
<i>A mulher e a instrução pública</i>	Por C.L.	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica	
<i>O homem que ri</i>	Victor Hugo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto	
<i>Gilbert</i>	C.H. de S. Helena Magno	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto	
<i>Therapeutica Philarmonica</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto	
<i>A medicina</i>	Justino de Mattos	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica	
<i>O borburinho da vida</i>	Justiniano de Mattos	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica	
<i>Sylvia</i>	Ferreira Leal	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto	
<i>Sim</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica	
<i>Minha alma e eu</i>	Vaffridysa	<i>Diário de Belém</i>	1870	Folhetim	Conto	
<i>O algodão</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Prosa literária	
<i>Orlando</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto	
<i>O duello</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto	
<i>Lazaro e o jogador</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Crônica religiosa	
<i>Esquecimento dos deveres parochiaes</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Litteratura	Crônica religiosa	
<i>A excm. Sra.</i>	Sem identificação	<i>Diário de Belém</i>	1870	Folhetim	Carta literária	

<i>Adelina de São Paulo</i>	de autoria	<i>Belém</i>			
<i>Os irmãos Gondoff</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto
<i>Ao illm. Sr. Fernando de S.</i>	Julio Cezar	<i>Diário de Belém</i>	1870	Folhetim	Carta literária
<i>A mulher</i>	Julio Cezar	<i>Diário de Belém</i>	1870	Litteratura	Crônica
<i>O amor</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Crônica
<i>Um brado em prol do cristianismo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Litteratura	Crônica religiosa
<i>História de um casamento</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto
<i>O pagem de Luiz XVI</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de Belém</i>	1871	Folhetim	Novela
<i>O Parasita</i>	I. Guimarães Jr.	<i>Diário de Belém</i>	1871	Variedade	Crônica
<i>Cousas do arco da velha</i>	O Camarão de Alcântara	<i>Diário de Belém</i>	1871	Variedade	Crônica
<i>Noivado de Morte</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1871	Litteratura	Prosa literária
<i>Crônica de Teatro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1871	Folhetim	Prosa literária <small>Culta</small>
<i>Salms IX - Imitação</i>	V. Alves	<i>Diário de Belém</i>	1871	Litteratura	Prosa religiosa
<i>Os brilhantes de um brasileiro</i>	Camilo Castelo Branco	<i>Diário de Belém</i>	1871	Folhetim	Romance
<i>A linguagem dos namorados</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1871	Variedade	Crônica humorística
<i>Paizagens</i>	Bulhão Pato	<i>Diário de Belém</i>	1872	Folhetim	Conto
<i>A parasita azul</i>	Para Goyaz	<i>Diário de Belém</i>	1872	Variedade	Novela
<i>Delyrios</i>	Silvia Rego Jr.	<i>Diário de Belém</i>	1872	Litteratura	Poema
<i>Gastão</i>	Augusto O.	<i>Diário de Belém</i>	1872	Folhetim	Novela
<i>O romance do escravo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1872	Litteratura	Crônica
<i>Sciencia da Linguagem</i>	L. M. Kleein	<i>Diário de Belém</i>	1872	Litteratura	Crônica
<i>O amor livre</i>	L. A. Palmeirim	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica
<i>Que melhoria</i>	Extraído Do Diário de Pernambuco	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica
<i>Um drama de sangue no mar</i>	Extraído Do Jornal das Alagoas	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Conto

<i>Nelumbia</i>	Narciza Amalia	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Crônica noticiosa
<i>O sentimento do belo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Folhetim	Crônica
<i>Semelhanças da Mulher com a natureza</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Crônica
<i>O plano do general Mariones</i>	Extraído do Diário de Pernambuco	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Conto
<i>O Dedo de Deus</i>	P. da Luz	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Crônica religiosa
<i>Antigos festejos reaes</i>	D. Marinho de Castelo Branco	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Prosa religiosa
<i>O monge</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Romance
<i>O provérbio chinês</i>	Brandão Pinheiro	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Crônica
<i>Evangelina</i>	F. A da Silva	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Novela
<i>A revolta dos Anjos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Prosa religiosa
<i>Meditações</i>	Conselheiro Bastos	<i>Diário de Belém</i>	de 1873	Variedade	Prosa religiosa
<i>O testamento do historiador</i>	J. Michelet	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Variedade	Crônica
<i>Saudosa recordação</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Variedade	Carta
<i>Costumes dos Laponios</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Variedade	Crônica
<i>O travesseiro da menina</i>	Theophilo Gautier	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Variedade	Conto
<i>O berço do Messias</i>	Padre Enrique Perez Escrih	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Folhetim	Crônica religiosa
<i>A torre dos Crancos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Folhetim	Novela
<i>Vaz, teles & C. Remissão de pécados</i>	Paulo de Alencastro	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Folhetim	Crônica
<i>24 de Maio</i>	Lopo de Castro	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Folhetim	Crônica
<i>Mourakkich</i>	Le Clerc	<i>Diário de Belém</i>	de 1874	Variedade	Conto Árabe
<i>O noivado do ar</i>	Extraído do Jornal do Comércio	<i>Diário de Belém</i>	de 1876	Folhetim	Novela
<i>O canhão Macombar</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	de 1877	Variedade	Prosa noticiosa
<i>Um duello de Morte</i>	Charles Monselet	<i>Diário de Belém</i>	de 1877	Variedade	Conto

APÊNDICE V - TABELA DE ROMANCES-FOLHETINS PORTUGUESES PUBLICADOS NOS JORNAIS *DIÁRIO DO GRAM-PARÁ*, *DIÁRIO DE BELÉM* E A *PROVÍNCIA DO PARÁ*

Autor	Título do texto	Jornal	Período de publicação	Ano	Seção
Pinheiro Chagas	Tristezas à beira mar	<i>A Província do Pará</i>	20 de julho a 02 de setembro	1880	Folhetim
Luiz Magalhães	A corista	<i>A Província do Pará</i>	17 a 26 de janeiro	1890	Folhetim
Camilo castelo Branco	Os Brilhantes do Brasileiro	<i>Diário de Belém</i>	a partir de 14 de março	1871	Folhetim
Camilo Castelo Branco	Coisas Espantosas	<i>Diário do Gram-Pará</i>	04 a 12 de setembro	1863	Folhetim
Camilo castelo Branco	A Neta do Arcediogo	<i>Diário do Gram-Pará</i>	18 de setembro a 10 de outubro	1863	Folhetim
Camilo castelo Branco	A gratidão	<i>Diário do Gram-Pará</i>	24 e 28 de novembro	1863	Folhetim
Camilo castelo Branco	O Arrependimento	<i>Diário do Gram-Pará</i>	20 de novembro	1863	Folhetim
Camilo castelo Branco	O Bem e o Mal	<i>Diário do Gram-Pará</i>	29 de abril a 25 de maio	1864	Folhetim
Camilo castelo Branco	A Filha do Doutor Negro	<i>Diário do Gram-Pará</i>	12 de julho a 14 de agosto	1864	Folhetim

APÊNDICE VI – NOTAS SOBRE OS JORNAIS PARAENSES OITOCENTISTA

Década de 20

O Paraense – O número de estreia de *O Paraense*, primeiro jornal impresso no Pará, editado por Felipe Patroni, data de uma quarta-feira, 22 de maio de 1822. Uma leitura do periódico permite inferir que a linha editorial do jornal foi marcada por ideias de liberdade, além da luta pela Independência do Brasil. Vale ressaltar que a luta pela independência nas páginas de *O Paraense* intensificou-se quando o cônego Batista Campos assumiu a direção do jornal e fez oposição ferrenha ao sistema colonial ao qual o Pará encontrava-se submetido.

O Luso Paraense – foi o segundo jornal impresso no Pará: *O Luso paraense*. O principal objetivo do periódico foi contrapor-se aos ideais expressos pel’*O Paraense* e defender os interesses administrativos da colônia, sob o comando da Coroa Portuguesa.

A Voz das/do Amazonas – circulou entre 1827 e 1828, era um órgão do governo administrado pelo cônego Silvestre Antunes Pereira de Sena e sua periodicidade era bissemanal. Seu primeiro número circulou em 3 de fevereiro de 1827. A grande *Enciclopédia da Amazônia* e o *Catálogo de Jornais Paraenses* citam esse título como sendo *A Voz do Amazonas*.

Década de 30

O Sagitário – circulou em Belém e pertencia ao órgão dos liberais moderados. Era redigido por Luiz José Lazier, antigo tipógrafo que pertencia à equipe do Jornal *O Paraense* e redator d’*O Luso paraense*, e apoiava a linha política dos liberais modernos. Seu primeiro número foi publicado em 8 de outubro de 1829 e saiu de circulação em 29 de dezembro de 1830, com o exemplar de número 76. Inicialmente, sua publicação era semanal, mas depois passou a circular duas vezes por semana.

O Correio do Amazonas – circulou em Belém entre 1831 e 1834. Era um periódico semanário e sua redação ficava sob a responsabilidade de José Ribeiro Guimarães, seguidor do Partido da Ordem Constitucional.

O Orfeu Paraense – circulou em Belém entre março e agosto de 1831. Jornal efêmero, de vida curta, muito influenciou na já tão agitada política paraense que antecedeu à explosão da Cabanagem. A redação ficava sob a responsabilidade de Batista Campos, e era um órgão que pertencia à Câmara Municipal e porta-voz das ideias nacionalistas de seu redator e dos padres Jerônimo Pimentel e Gaspar de Sequeira Queiroz. O fim do *Orpheu Paraense* se deu com a

venda da tipografia do jornal a Batista Campos, que criou outros dois jornais, *O Publicador Amazonense* e o *Paraguassu*.

O Publicador Amazonense e o Paraguassu – circularam em Belém entre agosto de 1832 e setembro de 1834. Ambos tinham publicações semanais e contavam com a colaboração redacional do cônego Silvestre Pereira da Serra.

A Sentinela Maranhense na Guarita do Pará – circulou em Belém na década de 30 do Oitocentos e substituiu o jornal *O Publicador Amazonense*, mas sua numeração é sequência do jornal *Sentinela Maranhense*, publicado no Maranhão por Lavor Papagaio. Nesse período, era comum alterar-se o nome dos jornais e dar continuidade à numeração das publicações, fato decorrente das acirradas brigas políticas. O periódico pertencia a Batista Campos, tinha publicação semanal, estava sob a responsabilidade de Camilo José Moreira Jacarecanga e era redigido por Vicente Ferreira Labor Papagaio, panfletário maranhense.

A Folha Comercial do Pará – circulou em Belém entre os anos de 1837 e 1840. Periódico semanário, era redigido por Honório José dos Santos, que foi também dono de outro jornal de curta duração denominado de *Folha*, que finalizou a circulação em 1840. Esse periódico não se encontra disponível em microfilme no Setor de Microfilmagem da FCPTN.

Década de 40

O Treze de Maio – teve circulação entre 1840 e 1862 e é considerado pelos historiadores como o primeiro jornal do período imperial em Belém que teve longa vida. Suas primeiras publicações eram bissemanais e depois passaram ser trissemanais. A partir de outubro 1855, o jornal tornou-se diário. Inicialmente, tinha o formato pequeno, dividido em duas colunas; posteriormente ganhou formato maior, com três colunas. Fundado por Honório José dos Santos, substituiu o jornal *Folha Comercial do Pará*. De acordo com o Catálogo de Jornais do Setor de Microfilmagens da FCPTN, seu título fazia alusão ao dia em que Soares de Andréa desembarcou em Belém, pondo fim ao Movimento Cabano. Sua primeira publicação data de 13 de maio de 1840, e o periódico saiu de circulação em 31 de outubro de 1862, sendo substituído pelo periódico *Jornal do Pará*.

O Publicador Paraense – circulou de 17 de março de 1841 a 10 de dezembro de 1853. Bissemanário, circulou de 17 de março de 1841 a 10 de dezembro de 1853 e teve como proprietário Jusino Henriques da Silva.

O Sinópsis Eclesiástica – circulou em Belém de 1848 a 1849. Jornal religioso, seu primeiro número de publicação data de 20 de setembro de 1848 e em 15 de agosto de 1849 saiu de circulação.

Téo-Téo – órgão crítico e humorístico que circulou no município de Cametá entre os anos de 1848 e 1849. Seu primeiro número data de 19 de fevereiro de 1848.

Década de 50

O Beija Flor – circulou no período compreendido entre 1850 e 1851. É um jornal literário e foi responsável por estreitar a relação entre jornal e literatura na segunda metade do século XIX na Belém oitocentista. Era um jornal de publicação semanal, editado na Typografia de Mendonça & Baena e Typografia de Baena e Irmão. Sua primeira edição circulou em 14 de julho de 1850 e saiu de circulação em seu 36º número, no dia 23 de março de 1851.

O Incentivo – circulou em 1851, no município de Cametá. Foi um semanário recreativo e de instrução.

O Colono de Nossa Senhora do Ó – circulou entre 1855 e 1858. Era um periódico religioso de publicação quinzenal que abordava assuntos diversos, destacando agricultura, artes e navegação. Inicialmente, era impresso em uma tipografia situada no Largo do Carmo, em Belém. Posteriormente, a impressão passou a ser feita na Colônia e Povoação Agrícola e Industrial de Nossa Senhora do Ó, na Ilha das Onças, conforme relatam as informações do Catálogo de Jornais Paroaras. Sua primeira publicação foi em 15 de outubro de 1855 e saiu de circulação em 31 de dezembro de 1858.

O Adejo Litterario – Revista literária semanal, instrutivo, circulou entre 1855 e 1858 e publicava poemas, lyra e charadas. Sua impressão era feita na Typografia Commercial de A. J. R. Guimarães.

O Diário do Gram-Pará – circulou em Belém entre 1853 e 1892, foi o primeiro jornal a sair diariamente no Pará. Teve como fundadores os senhores Joaquim Mendes Cavalleiro, principal redator, e Antônio José Rabelo Guimarães, ambos portugueses. De acordo com Carlos Rocque, foi um jornal de vida longa, pois “atravessou o restante do período imperial, entrando no período republicano” e trazia em suas páginas crônicas diárias, humorísticas, políticas etc. Inicialmente, seus primeiros números tinham folhas pequenas que variavam entre duas ou três colunas, depois seu formato ampliou-se para 3 ou 4 colunas e quando saiu de circulação tinha entre 6 e 7 colunas. Era um jornal político que serviu para divulgar os ideais do Partido Conservador e se opunha às ideias do Partido Liberal, cujas ideias eram veiculadas pel’*O Liberal do Pará*. Seu último exemplar publicado no dia 15 de março de 1892 informava que “eram obrigados suspender ou interromper a publicação desse Diário”, conforme informação contida no catálogo de jornais do Setor de Microfilmes da FCP. Seu primeiro número circulou em 10 de abril de 1853.

O Director – era uma folha política, comercial, literária e jurídica que circulou em Belém entre 1856 e 1857. Sua impressão era feita na Typografia da sociedade denominada “Propagadora dos Conhecimentos Úteis”. Encontra-se disponível em microfimes apenas o periódico que circulou em 28 de janeiro de 1857.

Gazeta Oficial – circulou em Belém do Pará entre 1858 a 1866, era diário e teve como fundador o português Antonio José Rabelo Guimarães que foi proprietário de um outro importante periódico que circulou no Império, o *Diário do Gram-Pará*. Seu desaparecimento ocorreu quando o seu proprietário e também redator foi deportado do país por questões políticas. Era um jornal estruturado em quatro páginas divididas em quatro colunas. Na parte superior da página principal, aparecia o título do jornal, centralizado em caixa alta. Acima desse título, havia informações referentes à data de circulação: dia da semana, mês e ano. Abaixo, havia a seguinte informação: “A Gazeta Oficial é propriedade de A. José Rabello Guimarães”. À esquerda, havia os planos de assinaturas para a capital e, à direita, as mesmas informações destinadas ao público leitor residente no interior. Seu desaparecimento ocorreu depois da deportação de seu dono e redator.

Diario do Commercio – circulou em Belém entre 1854 e 1859. Era comercial, político e religioso.

A Época – foi uma folha política e comercial que teve suas publicações em 1853. No entanto, não há informações sobre o fim de sua circulação. Pelos registros do catálogo dos jornais paraenses, sabe-se que, em 1859, esse periódico ainda estava em circulação, pois é de 23 de janeiro de 1859 o único número disponível em microfilme. Inicialmente, suas publicações eram bissemanais e depois passaram a ser diárias. Seu primeiro número é datado de 10 de março de 1859.

Década de 60

A Estrela do Norte – circulou em Belém entre 1863 e 1869, seu conteúdo era voltado para abordagens religiosas e doutrinárias. Nela, eram publicados artigos que contém suas ideologias cristãs, principalmente. Carlos Rocque, historiador paraense, relata que nos seis anos de sua existência enfrentou ferrenha luta contra os maçons. Sua impressão era feita nas Typografias do *Jornal do Amazonas* e d’*A Estrela do Norte* e patrocinada pelo bispo D. Antônio de Macêdo Costa, que também era o editor e dirigente da folha.

Jornal do Pará – substituiu o *Treze de Maio*, era diário e começou a circular em 4 de novembro de 1862. Em 13 de novembro de 1866 transformou-se em órgão oficial do governo. Sua redação e direção era de responsabilidade de Cypriano José Santos, filho de Honório José

dos Santos. Era um jornal político, comercial, literário e noticioso, órgão do Partido Liberal do Pará. Cypriano José dos Santos era seu redator principal, que trinta anos depois foi um dos fundadores da *Folha do Norte* e, posteriormente, seu exclusivo proprietário. O último número circulou em 10 de novembro de 1878.

Diário de Belém – circulou na capital paraense a partir de 3 de agosto de 1868, ainda no período Imperial, como folha política, noticiosa e comercial. Posteriormente, transformou-se em Órgão Especial do Comércio. Tinha como proprietário e fundador Antônio Francisco Pinheiro e como impressor Mathias Leite da Silva. Era um jornal diário e a impressão era feita em uma tipografia localizada na rua Nova Sant'Anna, atual Manoel Barata. Seu desaparecimento aconteceu nos primeiros anos do período republicano, em 1892. Circulava na capital e interior do estado.

Colombo – era um jornal de publicação diária. Sua primeira edição circulou em 25 de abril de 1869. Não há informação sobre o fim de sua circulação. Sua impressão era feita na Typografia do *Jornal do Amazonas* e está disponível somente em microfilme.

O Liberal do Pará – foi um jornal que circulou em Belém a partir de 10 de janeiro de 1869 no lugar do *Jornal do Amazonas* e foi considerado pelo historiador Carlos Rocque como um dos mais importantes órgãos da imprensa de Belém. Porta-voz dos ideais políticos do Partido Liberal, tornou-se principal opositor do jornal *Diário do Gram-Pará*, com o qual manteve acirrada polêmica até o fim do Império. Saiu de circulação em 1890. Pertencia aos gêneros político, comercial e noticioso, como grande parte dos demais.

Década de 70³⁴⁴

O Baixo Amazonas – circulou entre 1872 e 1896, em Santarém/PA. Durante o Império, foi órgão do Partido Conservador e, após esse período, numa segunda fase, passou a ser órgão do Partido Republicano. Suas publicações eram semanais e sua impressão era feita na Typografia do Baixo Amazonas.

O Futuro – circulou em Belém e teve como redator, fundador e proprietário o senhor Joaquim José de Assis, mesmo proprietário d'*O Pelicano*. Começou circular em 1872 e o catálogo de jornais paraenses não apresenta informações a respeito do fim de circulação; apenas informa que saiu de circulação com o exemplar número 10. Carlos Rocque relata que o Dr. Assis advogava a causa republicana. Proeminente membro do Partido Liberal, sua

³⁴⁴ Os periódicos *Diário de Belém*, *Jornal do Pará*, *O Liberal do Pará*, por pertencerem também às décadas de sessenta e setenta, já foram descritos anteriormente e, por isso, iniciaremos a identificação e descrição da década de setenta pelo *Baixo Amazonas*.

guinada à nova ideologia causou um certo impacto. Porém, só publicou 10 números, mais um suplemento. Achou melhor reintegrar-se ao monarquismo. De acordo com as informações do Setor de Microfilmes, há apenas um exemplar disponível desse periódico, datado de 20 de abril de 1872.

O Pelicano – circulou em Belém entre 1872 e 1874, foi um jornal que defendia as ideias maçônicas e promovia o estudo e a discussão de assuntos científicos, literários, artísticos, industriais e noticiosos. Seu principal redator foi Joaquim José de Assis. De publicação bissemanal, era impresso na tipografia da Travessa dos Ferreiros, atual Travessa Alenquer, esquina com a Rua Espírito Santo.

Relatório da Companhia Urbana da Estrada de ferro Paraense – é um periódico que teve apenas um número que circulou em 25 de janeiro de 1872, momento que foi apresentado à Assembleia Geral dos acionistas em 25 de janeiro de 1872 pela Directoria da Companhia de Belém. Considerado como periódico de curta duração, sua impressão foi feita na *TYP. Commercial*, de Francisco da Costa Junior, e está disponível somente em microfilmes.

O Santo Ofício – foi um semanário que teve sua circulação iniciada em 1871 e não tem informações a respeito do fim do período circulação. No entanto, o Setor de Microfilmagem Da FCPTN registra que até 22 de novembro de 1880 o jornal ainda estava em circulação. Anticlerical, ia de encontro às ideias do periódico *A Boa Nova*, que divulgava as ideologias religiosas dos bispos. De publicação semanal, foi um periódico crítico, recreativo e contrário às ideias do clero católico. Tinha como redator e proprietário o Senhor Arthur Costa.

Boletim de Notícias – circulou em Belém em 1º de setembro de 1873 e se encontra disponível somente em microfilme, na categoria de Jornais Diversos. Sua impressão era feita na Typ. *Futuro*.

A Flamígera: Revista Maçônica – foi um órgão maçônico, circulou em Belém no ano de 1873 e não tem informações sobre o fim de sua circulação. Há o registro em microfilme de apenas um número datado de 16 de outubro de 1873 e incluído na categoria Jornais Diversos.

O Filho Da Viúva: Hebdomadário dedicado à causa Maçônica – foi um periódico humorístico que tinha por objetivo defender a maçonaria contra as críticas do clero intolerante. Circulou em Belém em 1873 e, assim como outros periódicos de curta duração, não tem informações sobre o fim de sua circulação. Sua disponibilidade é somente em microfilme e está reunido na categoria de Jornais diversos, segundo informações do Catálogo de Jornais Paraenses.

O Jasmin – circulou entre 1873 e 1877 no município de Cametá. Era uma folha noticiosa, religiosa e crítica. Também está disponível somente em microfilme. Esse periódico está reunido na categoria de Jornais Diversos.

A Luz da Verdade – circulou em Belém entre 1871 e 1877, era redigido por seu proprietário Antonio Rodrigues da Luz. De cunho político e noticioso, tinha publicação semanal. A impressão era feita na Typ. d'A Luz da Verdade, do próprio jornal. De disponibilidade somente em microfilme, está reunido na categoria Jornais Diversos e apenas o período compreendido entre 23 e 27 de janeiro de 1873 encontra-se microfilmado. Sua impressão era feita na Travessa S. Matheus, atual Travessa Padre Eutíquio.

A Regeneração – circulou em Belém entre 1873 e 1877. Foi um periódico semanal, político, comercial, noticioso e literário. Tinha como proprietário e redator o Senhor Wallace MacDowell. Seu primeiro número circulou em 1º de maio de 1873 e saiu de circulação em 22 de abril de 1887. Sua impressão era feita em tipografia própria nomeada por Typ. d'A Regeneração.

O Crepúsculo – foi um jornal de publicação semanal, que circulou em Belém somente aos domingos. Tinha como proprietário João Augusto d'Andrade Ayres Carneiro. Suas publicações abordavam temas ligados a ciências, agriculturas, indústrias e notícias. Reunido junto aos Jornais Diversos e disponível somente em microfilme, há apenas um exemplar disponível para consulta, datado de 19 de abril de 1874.

A Constituição – circulou em Belém entre 1874 e 1886, de publicação vespertina, era um órgão do Partido Conservador. Seu primeiro número circulou em 3 de fevereiro de 1874 e sua impressão era feita na typ. d'A Constituição, do próprio periódico.

A Tribuna – circulou em Belém entre 1870 e 1876. Era um jornal popular, com periodicidade semanal. Sua disponibilidade é somente em microfilme e tem apenas um exemplar disponível para consulta, datado de 7 de dezembro de 1876.

A Província do Pará – teve como fundador José Joaquim de Assis, auxiliado por Francisco Cerqueira e Antônio José de Lemos. Surgiu em 25 de março de 1876, e sua circulação era diária. Inicialmente era um jornal pequeno e, de forma discreta, apoiava o Partido Liberal. Posteriormente, tornou-se independente e imparcial politicamente, transformando-se em uma empresa comercial, conforme constata Carlos Rocque. *A Província do Pará* transformou-se no melhor jornal de Belém. Tratava-se de um periódico que teve sua origem num contexto de disputas políticas. Seu prédio localizava-se no cruzamento da Travessa do Passarinho com a Rua Formosa. Com a morte de Francisco de Sousa Cerqueira e José de Assis, em 1880 e 1889, respectivamente, o jornal ficou sob a responsabilidade de Antônio José de Lemos. No

ano de 1887, Lemos associou-se ao Grupo Chermont representado por Antônio e Pedro Chermont. A partir desse período, *A Província do Pará* mudou-se de prédio e sua sede passou para a rua Campos Sales. Em 1920, o jornal parou de circular durante seis meses e, em 1º de maio de 1901, voltou a circular de segunda a sábado com oito páginas e aos domingos com oito páginas. Em 1907, *A Província do Pará* mudou-se de prédio novamente para a esquina da Praça da República com a Serzedelo Corrêa, onde funciona atualmente o IEP (Instituto de Educação do Pará). Em 1912, o jornal perde o seu prédio durante um incêndio e, nesse período, o seu proprietário, não suportando as lutas políticas, vai embora para o Rio de Janeiro e morre em 1913. Em 6 de julho de 1920, *A Província do Pará* volta a circular tendo como novo proprietário Pedro Chermont de Miranda e o novo prédio localizava-se na rua 13 de Maio, nº 62. Em 25 de março de 1926, *A Província do Pará* comemorou meio século de existência e circulou com uma edição de 20 páginas. Em 27 de julho de 1926, parou de circular por dificuldades financeiras. Em 1967, o periódico voltou a circular, mas pertencia ao grupo dos “Diários Associados, criado por Assis Chateaubriand”. [PAREI AQUI]

A Boa Nova – circulou em Belém entre 1871 e 1883. De gênero religioso, suas publicações ocorriam semanal e bissemanalmente. Suas impressões foram feitas em duas tipografias, inicialmente na Typ. d’*Estrella do Norte* e depois na Typ. d’*A Boa Nova*, pertencente ao próprio jornal. Saiu de circulação em 20 de maio de 1883.

O Estímulo – circulou em Belém em 1977. Não há informações sobre o fim de sua circulação. Era um periódico literário e democrático, impresso na tipografia Aurora. Inserido juntos aos Jornais Diversos, sua disponibilidade é somente em microfilme e apenas o exemplar que circulou em 10 de junho de 1887 encontra-se disponível para consulta.

Almanach do Diário de Belém – circulou em Belém. Era um informativo redigido pelo Sr. Antônio Francisco Pinheiro, administrador do mesmo *Diário de Belém*. Sua impressão era feita na Typ. Comercio do Pará, situada na Travessa das Mercez, nº 42. Está também disponível em microfilme reunido na categoria dos Jornais Diversos.

A América – foi um semanário de revista, crítica e propaganda pela democracia Artes e Letras. Circulou em Belém entre 1878 e 1879. Está reunido na categoria de Jornais Diversos e somente o exemplar que circulou em 26 de janeiro de 1879 está disponível em microfilme.

O Equador – circulou em Belém. Começou a circular em 1879, mas não tem registro a respeito do fim de sua circulação. Foi um semanário de revista, crítica e propaganda. Apenas o exemplar de 9 de março de 1879 está disponível em microfilme.

O Espelho – circulou no município de Vigia. Começou a circular em 1878 e não tem informações sobre o fim de circulação. Tinha como diretores os Senhores Manoel

Epaminondas de Vasconcellos Palheta e Augusto Ramos Pinheiro. Sua impressão era feita na Typ. d'O Liberal da Vigia e somente o número que circulou em 19 de janeiro de 1879 encontra-se disponível em microfilme.

Década de 80

Estrela D' Alva –circulou em Belém no ano de 1880 e não tem informações sobre o fim de circulação. Foi um jornal de curta duração, de publicação semanal, órgão da Socieda de União Literária.

O Norte – circulou em Belém entre 1877 e 1880. Era um periódico crítico e noticioso. Há apenas o número que circulou em 23 de agosto de 1880 disponível em microfilme e está reunido na categoria de Jornais Diversos.

O Diário de Notícias – circulou em Belém entre 1880 e 1898. De 1896 a 1897 apareceu com o subtítulo “Órgão do Partido Republicano Democrata”. Seu primeiro número data de 26 de fevereiro de 1880. Sua impressão era feita na tipografia do *Diário de Notícias*, pertencente ao próprio jornal.

O Jornal da Tarde – circulou em Belém entre 1881 e 1884. Era de publicação diária e circulava sempre no turno vespertino e tinha como proprietário o Senhor Antônio Frutuoso da Costa e Cia. e seus redatores eram o bacharel Domingos Olympio e o Senhor Vicente Carmino Leal. De acordo com o Catálogo de Jornais do Setor de Microfilme da FCPTN, esse periódico cessou sua publicação em julho de 1884, informando que iria passar a ser publicado pela manhã com o título de *Gazeta de Notícias*.

O Gazeta de Notícias – circulou no ano de 1881 e teve como proprietário os Senhores José Galdino Silva e Francisco da Costa Júnior. Foi um jornal diário, comercial e noticioso. Teve publicação encerrada em 29 de novembro de 1881 e voltou a ser publicado em 1884, substituindo o *Jornal da Tarde*.

A Juventude – é um periódico que reforça a circulação da imprensa no interior na segunda metade do século XIX. Editado em Santarém, foi um periódico literário e recreativo. Circulou em 1881 e não tem informação sobre o fim de circulação e está disponível somente em microfilme.

Correio do Norte – circulou em Belém no período compreendido entre 1882 e 1884 e tinha como proprietário e redator o Senhor João Francisco da Cruz. Foi um jornal de circulação diária e pertencia ao Órgão do Partido Liberal. Suas impressões eram feitas na tipografia de Francisco da Costa Júnior, tipografia *Do Correio do Norte* e tipografia de C. Wiegandt.

O Liberal da Vigia – circulou entre 1877 e 1889 no município de Vigia. De publicação semanal, era um órgão do Partido Liberal e substituiu o *Jornal Liberal* do mesmo município. Sua impressão era feita na tipografia d’*O Liberal da Vigia*, pertencente ao próprio jornal.

O Abolicionista Paraense – circulou em Belém entre 1883 e 1884. Seu primeiro número é datado de 3 de julho de 1883. Era um jornal de publicação semanal e defendia a causa da extinção da escravatura. Sua impressão era feita na tipografia d’*A Província do Pará*.

Almanak Paraense de Administração – foi um periódico que se destinava a divulgar ações relacionadas ao comércio, à indústria e à estatística referentes à administração paraense. Sua circulação ocorreu em 1883 e está disponível somente em microfilme.

A Liberdade – circulou entre os anos de 1881 e 1884. Jornal de ideias republicanas, dizia-se verdadeiro paladino das ideias do futuro e combatente dos privilégios e da intolerância, tanto política quanto religiosa, conforme ilustram as informações do Catálogo de jornais paroaras e as informações contidas no próprio jornal. Sua publicação era semanal e a impressão era feita na tipografia da Rua da Trindade, nº 90.

Revista Amazônica – circulou em Belém entre 1863 e 1864, era editada mensalmente e dirigida por José Veríssimo. Segundo Rocque (2001, p. 69), a revista foi “No campo cultural, a mais importante publicação periódica [...]”. Somente os meses compreendidos entre março e agosto de 1883 e janeiro e abril de 1884 encontram-se disponíveis em microfilme.

A Revista Familiar – circulou no ano de 1883, era um periódico semanal dedicado às famílias que dava destaque às Ciências, à Literatura, à Indústria, à Educação, à Economia, à Agricultura etc. Porém, dava maior importância à seção comercial, informa o catálogo de jornais paroaras. Era redigido por Geraldo Barbosa de Lima e Mucio Jayrot. Saiu de circulação em 10 de junho de 1883.

A Vida Paraense – circulou entre 1883 e 1884. Jornal crítico, literário, científico e artístico, tinha publicação trimestral. Deixou de circular em 15 de abril de 1884, no seu número 33. Era ilustrado por desenhos feitos pelo Senhor João Afonso e litografado na oficina de C. Wiegandt.

O Abaeteense – circulou em Abaetetuba entre 1884 e 1892, de propriedade do Capitão Manoel João Pinheiro. De publicação semanal, era redigido por Hygino A. C. Amanajás e, posteriormente, por Messias Lobato. Periódico imparcial nas lutas partidárias, foi o primeiro jornal que surgiu no município. Sua impressão era feita em tipografia localizada na praça 25 de março.

O Agrário – circulou entre 1885 e 1888. Era um jornal de publicação quinzenal, órgão da Sociedade Agrícola Paraense, regido pelos Senhores Antônio Gonçalves Nunes – na época,

Barão de Igarapé-Miry –, Dr. Borjana, J. A. Lobo e Major Baena. Sua impressão era feita na Typ. d'O Agrário, pertencente ao próprio Jornal e sua disponibilidade é somente em microfilme.

Cidade de Bragança – circulou em Bragança entre 1894 e 1899 e tinha como proprietário o Senhor José Caetano Pinheiro. Jornal de publicação semanal, era um órgão político, noticioso, comercial e literário.

A Colonia Portugueza – começou a circular em 13 de setembro de 1885. No entanto, não tem registro a respeito do fim de sua circulação, está reunido na categoria de Jornais Diversos e está disponível somente em microfilme.

O Cosmopolita – circulou entre 1885 e 1889, foi um jornal semanal e tinha como editor o Senhor Octávio Pinto. Segundo informações do Catálogo dos Jornais Paroaras, *O Cosmopolita* foi um dos mais audazes que existiu na antiga província; encontra-se disponível na categoria Jornais Diversos e disponível somente em microfilme.

Gazeta de Alenquer – órgão do Partido Republicano, foi fundado e redigido por Fulgêncio Simões, com periodicidade semanal. Sua circulação ocorreu entre 1885 e 1908 e foi o primeiro jornal editado nesta cidade.

O Monte Alegrense – circulou entre os anos de 1884 e 1887 no município de Monte Alegre. Sua circulação confirma que, na segunda metade dos Oitocentos, a imprensa também se fazia presente no interior. Órgão do Partido Republicano, federativo, redigido por Eliezer Mendes.

A República – circulou em Belém entre 1886 e 1887 e tinha como presidente o Senhor José Paes de Carvalho. Órgão do Partido Republicano, era um jornal diário. Em 24 de abril de 1887, suspendeu sua publicação e, em maio do mesmo ano, encerrou definitivamente suas publicações. Em 24 de novembro de 1889, voltou a ser publicado diariamente pela Typ. e Lith. A. Campbell. Em 1890, voltou a ser publicado pelo Partido Republicano diariamente, sob a responsabilidade de Raymundo Martins, Manoel Barata e outros. Segundo informações de Carlos Rocque (2001, p. 69), esse periódico editou 185 números. No entanto, somente 106 exemplares encontram-se catalogados e microfilmados na FCPTN.

A Arena – periódico de curta duração, circulou em Belém no ano de 1887. De publicação semanal, literária, artística e científica, era redigida por Paulino de Brito, Heliodoro de Brito e Marques de Carvalho. Seu primeiro número circulou em 17 de abril 1887 e saiu de circulação em 4 de setembro de 1887, com o exemplar número 12.

O Comércio do Pará – foi um jornal de publicação diária, redigido pelo seu próprio proprietário Marques de Carvalho, sob a direção do Senhor Euclides Faria. A partir de 1º de agosto de 1889, Samuel Mac-Dowell tornou-se o novo proprietário, transformando o jornal

em órgão do Partido Conservador, tendo como diretor político o Major Gama da Costa, que era senador do estado na época. Sua publicação cessou em 19 de novembro de 1889.

Amazônia – circulou em Belém no ano de 1888. Era um jornal diário, mas não circulava às segundas e aos dias santificados. Pertencia ao Senhor Serra Arruda e Cia. Está disponível apenas em microfilme. Há apenas o período compreendido entre março e maio.

O Caeteense – é outro jornal interiorano que circulou em Bragança entre 1887 e 1892. Publicado sob a redação do Cônego Ulysses Pennafort, está disponível somente em microfilme.

Colégio Sales – circulou em 1888 em Belém. Há registro em microfilme de apenas um número datado de 1888.

A Confederação Artística – circulou entre 1888 e 1889. Jornal diário, foi um órgão da classe operária. Propriedade de Carneiro e Coutinho, seu objetivo principal era defender os interesses das classes artísticas confederadas.

Equador: Revista de Interesse Público – circulou em 1879. Era um semanário de revista, crítica, propaganda pela democracia, artes e letras. Há registro somente em microfilme de apenas um número datado de 17 de novembro de 1888.

Jornal das Novidades – circulou em Belém em 1888. Segundo as informações contidas no catálogo de jornais da FCPTN, era uma folha noticiosa de publicação diária e vespertina. Há registro somente em microfilme de dois exemplares que circularam em 1º de junho e 14 de agosto de 1888.

A Liga da Imprensa Paraense – é uma edição dedicada ao festival realizado em homenagem à abolição de escravatura. Circulou em 11 junho de 1888 e sua impressão era feita na Tip. do Diário de Notícias e tem disponibilidade somente em microfilme.

O Caixeiro – circulou em Belém em 1889. Era um jornal semanal, literário e noticioso. Seu primeiro número circulou em 15 de dezembro de 1888 e saiu de circulação em 22 de dezembro do mesmo ano com o seu 2º número.

O Evoluir – foi um jornal de curta duração, circulou em Belém em 1889. Era um órgão de publicações literárias e seu único número data de 15 de janeiro de 1889.

O Porvir – circulou em Belém entre 1889. Órgão do Atheneu Paraense, tinha publicação semanal, literária e recreativa. Suspendeu sua publicação em data desconhecida, reiniciando-a em 17 de fevereiro de 1889.

A Reação – circulou no município de Cametá, de publicação semanal, teve três subtítulos durante o período de existência: Órgão do Partido Liberal, Período Democrata e Órgão do Partido Constitucional.

O Trabalho – circulou em Belém entre 1889 e 1890, era um jornal literário, com publicação quinzenal. De acordo com o catálogo de jornais paraenses, o periódico era propriedade de uma associação e tinha como diretor o Sr. M. Vasques e seus redatores foram A. Bahia e A. Lima.

O 31 de Agosto – circulou em Belém em 31 de agosto de 1889. Número único, o periódico foi uma edição especial elaborada em homenagem da Colônia Vigieense, residente nesta capital, ao memorável 31 de agosto de 1823, data em que Vigia aderiu à Independência do Brasil.

Década de 90

Alenquerense – foi um periódico que circulou no município de Alenquer, localizado no Baixo Amazonas. Jornal de publicação semanal, iniciou sua circulação em 1888. No entanto, não há informação sobre o fim de sua circulação. Apenas estão disponíveis em microfilme os exemplares de 14 de dezembro de 1890, 5 de julho de 1891 e 25 de setembro de 1891.

O Anão – foi um periódico de curta duração publicado em Belém. Iniciou sua circulação em 1990 e não há informações a respeito do término de sua circulação. De acordo com o Catálogo de Jornais Paraenses há o registro de um exemplar que circulou em 25 de agosto de 1890.

O Apologista Christão Brasileiro – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Jornal noticioso e religioso tinha inicialmente publicação semanal e depois mensal. Seu público-alvo eram as famílias evangélicas. Esse periódico tinha o objetivo de propagar a verdade evangélica e a boa moral; era um órgão da Igreja Methodista Episcopal no Brasil (AMSTB). De acordo com os registros do Catálogo de Jornais Paraenses, “em 14 de dezembro de 1892, o redator desse periódico foi condenado a três meses e meio de prisão, por ultraje à Religião Católica, manifestado em dois artigos desrespeitosos”. Sua publicação foi suspensa em dezembro de 1910, reiniciando-se em outubro de 1925. Também não há informações registradas sobre o fim de sua circulação.

O Aprendiz – circulou em Belém em 1880. Jornal de curta duração, impresso na Typ. da Livraria do Povo, tem apenas um número registrado na data de 14 de dezembro de 1890.

O Cidadão – circulou no município de Bragança entre 1889 e 1892. Jornal de publicação semanal, foi um órgão noticioso, comercial, literário, industrial e independente. Era propriedade do Senhor Cezar Pinheiro, que também foi o redator. Apenas o número datado de 20 de março de 1890 está disponível em microfilme.

Cidade da Vigia – circulou no município de Vigia entre os anos de 1890 e 1896. Foi um jornal de publicação semanal; órgão político, noticioso, comercial e literário; tinha como proprietário o Senhor Caetano Pinheiro.

A Conciliação – circulou em Santarém entre 1889 e 1890. Órgão do Partido Republicano de Santarém, pertencia ao Senhor José Caetano Corrêa, na época Barão do Tapajós. Sua redação era de responsabilidade do Senhor Turiano Lins Meira.

O Democrata – circulou em Belém entre 1890 e 1895. Jornal de publicação diária e órgão do Partido Republicano Democrático, surgiu em continuação do jornal *O Liberal do Pará*. Saiu de circulação em 31 de dezembro de 1895.

O Estado do Pará – circulou em Belém entre 1889 e 1895. Era um jornal diário, redigido por Agostinho dos Reis. Há apenas um número disponível em microfilme datado de 17 de fevereiro de 1890.

Gazeta da Tarde – circulou em Belém entre os anos de 1889 e 1890. Jornal noticioso, de publicação diária e vespertina, divulgava ideias republicanas e democráticas. Foi fundado pelo Senhor Campbell & Cia. e foi o substituto do Jornal *Gazeta da Manhã*.

O Gládio – circulou em Belém em 1880. Jornal de publicação semanal, noticiosa, crítica e literária, saiu de circulação em 17 de fevereiro de 1880. Disponível em microfilmes, há apenas dois números disponíveis datados de 2 e 17 de fevereiro de 1890.

A Pátria – circulou em Belém em 1890. Tinha como proprietário e redator o senhor Argemiro Pinto. Era um órgão da classe estudantil.

Revista Estudantina – circulou em Belém na década de 1890. Jornal de curta duração, tinha publicação semanal e denominava-se como um periódico crítico, artístico e literário. Não há informação sobre o fim de sua circulação. Há apenas disponível um número datado de 20 de julho de 1890.

Sílvio Romero – circulou em Belém entre 1889 e 1890. Foi um periódico de circulação semanal com um viés crítico e noticioso. Tinha como Diretor o Senhor Olympio Lima e era um órgão do Grêmio Literário Sylvio Romero. Teve circulação interrompida em período não identificado e reiniciou suas publicações em 6 de julho de 1890. Seu primeiro número data de 14 de janeiro de 1889. Somente os números 6 e 28 de julho de 1890 estão disponíveis no Setor de Microfilmes da FCPTN.

A Voz do caixeiro – circulou em Belém entre 1890 e 1892. Jornal de publicação semanal denominado como uma folha literária, comercial e noticiosa, teve seu primeiro número datado de 9 de fevereiro de 1890. Era órgão dos empregados do comércio, impresso na tipografia de

A. F. da Costa. Segundo informações do Catálogo de Jornais Paroaras, era Republicano, mas não partidário. Saiu de circulação em 14 de março de 1892.

O Comercial – circulou em Cametá entre 1882 e 1901. Órgão do Partido Republicano do Tocantins, saiu de circulação em março de 1901.

O Artista – circulou em Cametá em 1891. Jornal de publicação semanal, era órgão da classe operária. Seu primeiro número data de 7 de julho de 1891 e saiu de circulação em 29 de dezembro de 1891.

Diário Popular – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Sua circulação iniciou em 1891 e não tem informações a respeito do fim de sua publicação. Tinha como redator e proprietário o Senhor Bento Figueiredo Tenreiro Aranha. Apenas o número que circulou em 6 de fevereiro de 1891 está disponível em microfilme.

Gazeta Postal – circulou em Belém entre os anos de 1889 e 1894. Era um jornal de publicação quinzenal, dirigido pelo Senhor Acriso Mota, Guilherme de Miranda, Raul de Azevedo e Licínio Silva. Órgão dedicado aos interesses postais, divulgava os regulamentos e esclarecia esse ramo de serviço público.

O Pimpão – circulou em Belém entre 1891 e 1900. Jornal semanal, ilustrado e humorístico, era um órgão de interesse geral. Seu primeiro número data de 2 de março de 1891.

A Reação – circulou em Cametá entre 1886 e 1894. Jornal de publicação semanal, teve três subtítulos no decorrer de sua existência: Órgão do Partido liberal, Periódico Democrata e Órgão do Partido Constitucional, conforme informa o Catálogo dos Jornais Paroaras. Seu primeiro número circulou em 12 de dezembro de 1886.

O Século – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Jornal diário, era considerado independente e “neutro em política”. Seu proprietário e redator foi o Senhor Antônio Firmo Dias Cardoso Júnior. Não há registro a respeito do fim de circulação. Apenas o número de 20 de julho de 1891 está disponível.

O Tocantino – circulou em Mocajuba/ PA entre os anos de 1889 e 1908. Jornal de publicação semanal, era um órgão do interesse do Partido Republicano. Teve como diretores os Senhores João Caetano Ribeiro, José Narciso Dias Estumano e Manoel R. Gonzaga da Igreja.

O Brasil – circulou em Belém em 1892. Jornal literário, era redigido por Feliciano Martins, Antônio Miranda, Domingos Nunes, João Baena e Carlos Rêgo.

Correio Paraense – circulou em Belém entre 1892 e 1894. Jornal diário, noticioso, comercial e literário, tinha como proprietário e redator o Senhor Bento Aranha. Deixou de circular em 21 de junho de 1894.

A Escola: órgão dos alunos da escola normal – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Com publicações eram quinzenais, tinha como redatores as Senhoras Maria Valmont, Anna Oliveira, Emilia Pimentel, José Pinto, Fábio Silva, Amoras Nunes e Fabiliano Lobato. Não há informação a respeito do fim de circulação. Apenas o número que circulou em 3 de agosto de 1982 está disponível em microfilme.

Tribuna Operária – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Era um órgão do Partido Operário. O Catálogo de Jornais Paraenses não informa o início e o fim de sua circulação. Apenas há registro de circulação nos anos de 1892, 1893 e 1894, disponíveis em microfilme.

Caridade – circulou em Belém em 1893 como uma edição especial editada pela corporação artística das oficinas de Tavares Cardoso & Cia. Conforme o Catálogo dos Jornais Paraenses, a venda desse jornal seria em benefício do “Orfelinato Paraense”.

A Pátria Paraense – circulou em Belém nos anos noventa dos Oitocentos. Jornal diário, noticioso, comercial, literário e imparcial em política, era propriedade de uma Associação Anônima. Seu primeiro número data de 24 de junho de 1894.

O Autonomista – circulou em Ponta de Pedras entre 1872 e 1892. Apenas alguns números que circularam em março, junho e novembro de 1895 estão disponíveis em microfilme.

O Bragantino – circulou em Bragança/PA em 1895 como órgão comercial e noticioso. Apenas o número datado de 10 de março de 1895 encontra-se disponível em microfilme.

A Época – circulou em Belém no ano de 1895. Era uma revista Militar dirigida por T. H. Ribas. Apenas o número datado de 16 de junho de 1895 está disponível em microfilme.

Estado do Pará, recebedoria de rendas públicas – circulou em 1895 e foi um boletim mensal do movimento de entrada, exportação, rendas públicas etc. Apenas o número datado de 14 de agosto de 1895 encontra-se disponível em microfilme.

A Palavra – Revista Militar e Literária que circulou em 1895. Apenas os números datados de 15 de setembro de 1885 e 17 de dezembro de 1885 estão disponíveis em microfilme.

Pinsonia – circulou em Macapá em 1895. Periódico redigido por Mendonça Júnior, foi um órgão dos interesses do extremo Norte do Brasil. Apenas os números compreendidos entre 15 de novembro e 20 de dezembro de 1895 estão disponíveis em microfilmes.

O Carteiro – circulou em Belém entre os anos de 1896 e 1897. Periódico quinzenal de curta duração, era noticioso, comercial, literário, industrial e independente. Tinha como proprietário e redator o Senhor Cezar Pinheiro.

Ordem e Progresso – circulou em Belém em 1896 e 1897. Jornal de publicação bimensal, era um órgão da sociedade Ordem e Progresso, redigido pelo Senhor Raymundo C. da Silveira.

Folha do Norte – circulou em Belém entre 1896 e 1974. Teve como fundadores os Senhores Eneas Martins e Cipriano Santos, que combatiam a política de Antônio Lemos, proprietário de *A Província do Pará*, que defendia o Partido Republicano chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho. Paulo Mendes Maranhão assumiu de 1917 a 1966, depois adquirido por Rômulo Maiorana em 1973, que circulou por mais um ano, depois saiu de circulação.

O Binóculo – circulou em Belém entre 1896 e 1908. Jornal de publicação semanal, era um órgão político, noticioso e literário. Teve como diretor o senhor Brazilino Perdigão.

O Condor – circulou em Belém em 1897. Periódico de publicação quinzenal, literário e noticioso, teve como diretores os Senhores Maximiano Barbosa e Arthur Pacheco. Seus redatores foram os Senhores A. Correa Pinto, Antônio Bentes, Joaquim Barbosa e Medeiros Lima. Deixou de circular em 12 de dezembro de 1897, na edição de número 11.

O Holophote – circulou na década de 90 dos Oitocentos. Periódico de publicação bissemanal, noticiosa, crítica, literária e comercial. Tinha como impressor o Senhor Emílio José de Melo. Seu primeiro número circulou em 25 de fevereiro de 1897 e não tem informação a respeito do fim de circulação. Apenas os números datados de 25 de abril de 1897 e 23 de maio de 1897 encontram-se disponível em microfilme.

O Nacional – circulou em Belém entre os anos de 1895 e 1898. Jornal de publicação semanal, órgão do Partido Nativista, teve curta duração. Somente os números de 31 de outubro de 1897 e 21 de novembro de 1897 estão disponíveis em microfilme.

O Pará – circulou em Belém entre 1897 e 1900. Jornal diário e vespertino, era um órgão político, comercial, literário e noticioso e pertencia a uma Associação que tinha orientação do partido republicano. Sua redação ficava sob a responsabilidade dos Senhores Fulgêncio Simões e Ovídio Filho. Seu primeiro número data de 12 dezembro de 1897.

O Anjo do Lar – circulou em Belém em 1898. Revista mensal internacional dirigida e redigida pelo Senhor Laulino de Brito, era órgão auxiliar dos Asylos Internacionais protetores da infância sob a proteção dos Exmos. Senhores Dr. José Paes de Carvalho, Senador Antônio José de Lemos e Bispo diocesano D. Antônio Brandão. Somente o número datado de 1º de setembro de 1898 está disponível em microfilme.

O Dever – circulou no município de Maracanã/PA entre 1898 e 1901. Foi um jornal de publicação semanal, noticioso, literário e destinado a publicações relacionadas aos interesses dos municípios.

O 17 de dezembro – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Órgão do Clube União e Perseverança, era editado anualmente na data da passagem de aniversário do seu

patrono, o Senhor Senador Antônio José de Lemos. Não há informação sobre a data referente ao fim de circulação do periódico.

O Empregado do Comércio – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Foi um jornal de circulação mensal, órgão da associação dos Empregados do Comércio do Pará. Não há informação sobre a data referente ao fim de circulação do periódico. Somente o número de 15 de agosto de 1898 encontra-se disponível em microfilme.

L'eco Del Pará – circulou em Belém entre 1898 e 1900. Jornal de publicação semanal, foi escrito no idioma italiano, pois era órgão do interesse do Pará na Itália e dos italianos no Pará. Somente o número datado de 29 de maio de 1898 encontra-se disponível em microfilme.

O Cearense – circulou em Belém entre 1898 e 1899. Jornal de publicação semanal, era um órgão da colônia cearense que vivia em Belém no fim do século XIX e era propriedade de uma associação que propunha manter a colônia informada sobre os acontecimentos ocorridos no Ceará. Somente os números datados de 23 de julho de 1899 e 27 de agosto de 1899 estão disponíveis em microfilme.

Eco Juvenil – circulou em Belém na década de 90 dos Oitocentos. Jornal literário, crítico e noticioso e de curta duração. Não há informação sobre a data referente ao fim de circulação do periódico. Somente o número de 20 de agosto de 1899 encontra-se disponível em microfilme.

Oficina Litteraria – circulou entre 1899 e 1900. Órgão da Agremiação Officina Literária, tinha publicação quinzenal e saiu de circulação em 30 de setembro de 1900, com a publicação do exemplar de número 20.